

história de

**SANTO ANTÔNIO DE
PÁDUA**

Pelo R. P. Servais Dirks



HISTÓRIA
de Santo
ANTÔNIO DE PÁDUA

PELO

R. P. Servais Dirks, Frade Menor Récollet

Da província de S. José, na Bélgica.

Traduzido do flamengo para o francês por ***

Sob o título: *Histoire de Saint Antoine de Padoue*

Publicado em

Gand, Bélgica, em 1854.

Se pedis milagres: a morte, o erro, as calamidades, o demônio, a lepra desaparecem; os doentes se levantam curados.

S. Boaventura

À sua Grandeza

LOUIS-JOSEPH DELEBECQUE,

XXI Bispo de Gand,

Prelado doméstico de sua Santidade, assistente do
Trono Pontifical, Condado Romano.

Em

Testemunho de veneração e de reconhecimento.

O autor.

HISTÓRIA DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

Tradução do francês: Maria Leonor Loureiro

Revisão: T. Colle

Capa e diagramação: T. Colle

Tradução patrocinada pelo Sr. Adriano Colle

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA EM EBOOK

ipeak.net

revistaespirita.net

geak.com.br

Contatos:

contato@ipeak.net

contato@revistaespirita.net

ttcolle@icloud.com

Curitiba - Pr

Ano 2022

ÍNDICE

CAPÍTULO I

A sociedade cristã no começo do século treze. – Objetivo da fundação da ordem dos Frades Menores. – Nascimento e infância de Santo Antônio.

CAPÍTULO II

Antônio decide deixar o mundo. – Comunidade dos Cônegos Regulares da Santa Cruz. – Antônio torna-se membro dela. – Sua vida santa no convento. – Sua partida para Coimbra.

CAPÍTULO III

Antônio entrega-se aos estudos. – Deus honra-o com vários prodígios. – Presença de Frades Menores em Coimbra. – Estima de Antônio por esses religiosos.

CAPÍTULO IV

Narração do martírio de cinco frades menores em Marrocos. – Chegada de seus restos mortais a Coimbra. – Antônio toma a resolução de se tornar frade menor.

CAPÍTULO V

Conduta da divina Providência para com Antônio. – Ele toma o hábito dos frades menores. – Põe-se a caminho de Marrocos e adoece em Ceuta. – Embarca para retornar à pátria, mas um vento contrário o repele até às costas da Sicília. – Ele vai a Assis.

CAPÍTULO VI

Capítulo geral dos frades menores. – Chegada de Antônio a Assis. – Sua partida para Bolonha. – Antônio no eremitério do monte São Paulo. – Sua vida oculta e austera.

CAPÍTULO VII

Antônio prega diante de uma assembleia de frades menores e de dominicanos. – Ele torna-se padre e recebe ordem de ir para Vercelli estudar. – As ciências teológicas durante a primeira metade do século treze. – Testemunho do abade de Vercelli sobre Antônio. – São Francisco encarrega Antônio do ensino das sagradas Escrituras. – Antônio parte para a França.

CAPÍTULO VIII

Heresias do século treze. – Qualidades que Antônio exige no orador cristão. – Antônio prega na França. – Seu sermão no capítulo provincial de Arles.

CAPÍTULO IX

Antônio em luta contra os heréticos. – Ele confirma por um milagre a presença real de Jesus Cristo no Sacramento do altar. – Prodigios ocorridos em Montpellier, em Bourges e em Limoges. – Consideração sobre os milagres de Santo Antônio.

CAPÍTULO X

Os guelfos e os gibelinos na Itália. – Usura e corrupção dos costumes. – Influência dos pregadores populares na Idade Média. – Objetivo da proteção com a qual os papas favorecem as ordens religiosas.

CAPÍTULO XI

Antônio vai para a Itália. – Os albigenses e os pregadores no Sul da França. – Uma tempestade obriga Antônio a aportar uma segunda vez na Sicília. – Situação moral desse país. – Antônio funda três conventos. – Um milagre confirma sua santidade. – Carta circular do vigário-geral a todos os frades menores. – Morte de São Francisco.

CAPÍTULO XII

A autoridade do papa e a política dos imperadores alemães. – Honório III e Frederico II. – Gregório IX. – Antônio prega em Roma. – Uma cruzada malsucedida. – Os sarracenos nos estados do papa; fuga do Soberano Pontífice de Roma.

CAPÍTULO XIII

Capítulo Geral dos frades menores. – Helias de Cortona. – Antônio é nomeado superior de um convento na França.

CAPÍTULO XIV

Ezzelino III, tirano de Verona. – Antônio, defensor de seus concidadãos. – Influência das ideias religiosas sobre o espírito do povo na Idade Média. – Ezzelino põe à prova a santidade de Antônio. – Morte de Ezzelino.

CAPÍTULO XV

Fim da guerra contra os albigenses. – Situação do Languedoc; trabalhos apostólicos de Antônio nessa província. – Realização de duas profecias do Santo. – Fundação de dois conventos na França. – Antônio é nomeado Ministro-Provincial, e parte para a Itália. – Fundação do convento de Glémone; milagre operado nessa circunstância. – Cura milagrosa de uma criança.

CAPÍTULO XVI

Revolta em Roma. – Canonização de São Francisco.

CAPÍTULO XVII

Reflexões sobre a vida interior dos santos. – Antônio julgado como superior. – Pádua no século treze. – Antônio em Pádua. – A bem-aventurada Helena Enselmini. – Antônio converte um bando de salteadores.

CAPÍTULO XVIII

Antônio em Rimini. – Ele prega diante dos peixes. – atentado à vida do Santo.

CAPÍTULO XIX

Antônio salva duas vezes seu pai, Martin de Bulhões, de um perigo iminente. – Dois milagres de Antônio. – Origem dos flagelantes.

CAPÍTULO XX

Translação do corpo de São Francisco de Assis. – Capítulo Geral dos frades menores. – Frei Helias descontenta a ordem. – Antônio e Adam de Marisco são perseguidos; eles fogem. – Antônio e Helias comparecem perante o papa. – Helias é deposto. – Antônio demite-

se de seu cargo e vai para o monte Della Verna.

CAPÍTULO XXI

O monte Della Verna. – Antônio escolhe uma cela. – Considerações sobre os efeitos da vida interior. – Do gosto dos escritores da Idade Média. – Antônio considerado como pregador e como escritor.

CAPÍTULO XXII

Antônio prega uma última vez em Pádua. – Ele parte para Campo San Pietro. – Última doença e morte de Antônio. – Ele aparece ao abade de Vercelli. – Discórdia civil em Pádua. – Sepultamento do corpo de Santo Antônio. – Peregrinações a seu túmulo.

CAPÍTULO XXIII

Canonização de Santo Antônio. – Milagres que serviram para estabelecer sua santidade. – Publicação da bula de sua canonização.

CAPÍTULO XXIV

Santo Antônio liberta Pádua da tirania de Ezzelino. – Primeira translação dos restos mortais do Santo. – Estado de perfeita conservação de sua língua. – Segunda translação. – Il Santo.

CAPÍTULO XXV

Antônio, o Santo bem-amado pelos povos.

Itália

Portugal e Espanha

Bélgica

CAPÍTULO XXVI

Hinos em honra de Santo Antônio de Pádua.

Hino das alegrias de Santo Antônio.

ORAÇÃO

Aprovações

INTRODUÇÃO

Se é verdadeiro dizer, em geral, que o ensino instrui, mas que o exemplo arrebatava, não se poderia, sem dúvida, recomendar aos fiéis melhor leitura do que a da vida de um Santo. Poder-se-á falar ou escrever com muito talento sobre as virtudes evangélicas, mas nunca se fará, nem um nem outro, com mais eficácia, a não ser mostrando essas mesmas virtudes realizadas na conduta de um homem cuja natureza não é superior à nossa; mas que se distingue de seus semelhantes, por uma cooperação mais corajosa e mais fiel à graça. Como a vida de um Santo é um esboço das diversas operações da graça divina, deve-se encontrar aí certos atos que são, segundo a expressão consagrada, mais para admirar do que imitar¹; mas o próprio conhecimento desses atos se torna útil ao cristão: ele o fará ver, nos prodígios que Deus opera nos santos, a conduta infinitamente sábia de sua divina providência que, no interesse da sociedade, concede às vezes a fracas criaturas um poder que pertence apenas à sua onipotência; ele lhe explicará também como as mais admiráveis ações dos santos tendem frequentemente

¹ O Espiritismo ensina que a só admiração do bem não é o bem, e que todos os homens trazem em si faculdades imensas, em gérmen, que podem desenvolver com uma vontade ativa.

apenas à vantagem e à felicidade daqueles mesmos que os admiram, sem preocupar-se com o objetivo a que Deus se propõe na realização desses prodígios.

Estas reflexões aplicam-se de uma maneira muito especial à vida de Santo Antônio de Pádua. Basta ler sua biografia para ficar convencido de que, negligenciando por assim dizer seus próprios interesses, ele pareceu esquecer-se de si mesmo para se ocupar apenas com a felicidade de outrem. Com efeito, não encontramos aí nem o modesto relato das particularidades da vida privada, nem o quadro dessas virtudes interiores que são de aplicação diária e habitual nas relações do homem com Deus e nas do homem com seu semelhante; mas encontra-se aí uma multidão de grandes ações que tinham por única finalidade a felicidade da sociedade: a imolação de si mesmo para propagar a glória do Senhor no interesse de todos seus irmãos, tal é o traço característico que resume quase toda a vida de Santo Antônio.

Pode-se concluir, do que precede, com que cuidado minucioso esse Santo ocultava aos olhares do mundo os preciosos tesouros de sua alma: cuidado admirável que constitui uma virtude notável e bem rara. Dos seus gloriosos atos decorrem as virtudes que lhes serviram de causa e de princípio; acrescentai aí os dados biográficos que seus escritos fornecem, pois é nos escritos de um autor que se descobrem o fundo e os traços salientes de seu caráter; por fim, reforçai esses

dados com algumas particularidades recolhidas aqui e ali em sua admirável vida, e podereis fazer uma ideia, senão completa, ao menos exata e suficiente do caráter desse homem maravilhoso.

Deseja-se há muito tempo uma vida detalhada de nosso Santo. Pois simples informações, e relatos circunstanciados de alguns milagres, não satisfazem senão incompletamente a piedosa curiosidade dos fiéis, aos quais não ensinam nada da influência moral do Santo a respeito de seus contemporâneos, visto que não se pôde aí pôr suas obras em relação com os costumes e os acontecimentos do seu século. Não se segue daí, aliás, nenhuma ordem cronológica, de maneira a oferecer ao leitor apenas uma série de fatos desprovidos de encadeamento lógico.

Pareceu-nos possível agrupar convenientemente todos os acontecimentos da vida de Santo Antônio num plano simples mas bem coordenado. Deixamos ao leitor julgar o sucesso de nossa obra. Seguimos a cronologia de Wadding, que consignou, em seus anais dos frades menores, ano a ano, os fatos e os empreendimentos do Santo com outros acontecimentos; aproveitamos também as douradas e laboriosas pesquisas dos

Bollandistas²; e fizemos uso das crônicas de Marcos de Lisboa e de alguns outros; mas os cronistas não nos forneceram senão fatos isolados, visto que negligenciam toda ordem cronológica. Para os acontecimentos dos quais o próprio Wadding não indica a época precisa, nós lhes damos, em nossa história, o lugar que conjeturas fundamentadas lhes atribuem; de resto, o período do qual os anais apenas mencionam os fatos, compreende no máximo três anos.

Era menos fácil não confundir nesta história a verdade com o erro, sobretudo se for verdade, como muitos pretendem, que a vida de Santo Antônio não é mais do que um tecido de fatos inventados e de lendas populares engendradas pela credulidade da Idade Média. Não hesitamos em reconhecê-lo: esses pretensos séculos de trevas eram séculos de fé, ou seja, séculos em que o respeito pela religião e por seus ministros era sem limites; em que se admitia, sem muito exame, o conjunto das verdades católicas; as próprias heresias provam as tendências religiosas daqueles

² Membros de uma sociedade douta fundada pelo jesuíta Jean Bolland, que trabalhou na publicação crítica dos textos hagiográficos. (Dic. francês baseado no TLFi, Trésor de la Langue Française, informatizado.) (N.da R.)

tempos.³ Essas tendências tinham com frequências os mais salutareos efeitos para o estado e para a igreja; que lembremos somente o poder moral dos Papas, mesmo nos assuntos temporais. Onde estaríamos nós entretanto se um profundo sentimento religioso não tivesse animado os povos sob o governo de um príncipe tal como Frederico II, que, ultrapassando sua época, professava já essa culpada indiferença em matéria de religião, grande heresia dos séculos dezoito e dezenove?

– Mas então, diz-se, o povo era demasiado apressado para crer nos fatos sobrenaturais, e as lendas dos santos eram com frequência cheias das fábulas mais ridículas. – Tal é com efeito a acusação que se faz contra a Idade Média, e não desconhecemos que uma crítica sensata demonstrou suficientemente que ela é fundada para certos acontecimentos. Quando a crítica é prudente e judiciosa e se baseia no julgamento da Igreja, ela deve com frequência contentar-se com simples conjeturas, e se não for sobre a natureza dos fatos, que seja ao menos sobre seu valor histórico.

³ Vários heréticos pretendiam justificar seus erros pelo desregramento do clero e pela magnificência e pompa que se exibiam nas cerimônias religiosas; queriam, com efeito, diziam eles, reformar a igreja e introduzir nela a pobreza evangélica em todo o seu rigor.

Ao dizer que não admitimos outra crítica a não ser aquela que se baseia no julgamento da Igreja, queremos dizer, em outras palavras, que nos sustentamos apenas no exame dos milagres, e devemos levar em conta o ensinamento da Igreja a esse respeito; considerar no milagre um efeito sobrenatural que só a onipotência divina pode produzir; por fim, lembrar-nos da doutrina do papa Bento XIV, segundo a qual um milagre deve ter resultados práticos e constantes, operar-se por meios piedosos e honestos, e ter um objetivo útil que seja fácil de ser apreendido pela sã razão.

Devemos evitar também rejeitar um milagre, porque acreditamos poder encará-lo como fato natural.⁴ Um milagre que se explicaria naturalmente, não seria menos um fato sobrenatural quando ele teria, de mais a mais, todos os seus outros caracteres. Pois um milagre não é um ponto em oposição com a natureza, mas antes uma operação extraordinária da natureza produzida pela onipotência do Criador. “Como seria possível, pergunta Santo Agostinho, que o que acontece pela vontade de

⁴ Tal foi o erro, em tempos recuados, de Vanini, de Cardano, de Bombast von Hohenheim, mais conhecido sob o nome de Paracelso; nos tempos modernos, de Wolfart, Kiezer etc., na Alemanha; de Ricard, de Aubin Gauthier, de Charpignon e de outros, na França. Esses espíritos falsos não se limitavam a levantar arbitrárias pretensões contra os milagres dos santos: eles pretendiam mesmo explicar todos os milagres do antigo e do novo Testamento por causas puramente naturais.

Deus seja contrário à natureza, visto que toda natureza obedece ao Criador de todas as coisas?”⁵ “Qualificam-se às vezes, diz ele em outra parte, os milagres como antinaturais, não porque combatem a natureza, mas porque eles ultrapassam suas operações tais como nós as concebemos.”⁶

Excelentes escritores católicos tentaram apresentar as operações extraordinárias da graça conforme essa teoria; mas ninguém, parece-nos, teve mais êxito do que o célebre Goerres, cuja obra tão bem pensada quanto bem escrita nunca é demais recomendar, à qual remetemos o leitor para o desenvolvimento dos fatos milagrosos.⁷

Creemos não dever omitir fatos cuja falsidade não estaria suficientemente provada, porque nossa intenção não é reportar todos os milagres operados pela intercessão de Santo Antônio depois de sua morte. Relataremos apenas aqueles que serviram ao estabelecimento de seus títulos para a canonização; faremos menção aos outros num capítulo especial onde falaremos das honras concedidas a Santo Antônio em diferentes países da Europa.

⁵ Civ. Dei, XXI, 8. n. 2.

⁶ Adv. Faust. XXIX, 2.

⁷ Die Christliche Mystik.

Nota da revisora: a ciência espírita trouxe luz à questão dos milagres, cujas explicações podem ser lidas na obra de Allan Kardec intitulada *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, especialmente no cap. XII - Caracteres dos milagres. Nesse capítulo são tratados: "Os milagres no sentido teológico"; "O Espiritismo não faz milagres"; "Faz Deus milagres?"

HISTÓRIA

DE

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA



CAPÍTULO I

*A sociedade cristã no começo do século treze. –
Objetivo da fundação da ordem dos Frades Menores. –
Nascimento e infância de Santo Antônio.*

É sobretudo quando a Igreja está cercada de mil perigos que o Senhor faz brilhar sua solícitude providencial para com ela. Com efeito, quando a impiedade parece chegar a seu cúmulo e que toda força humana é impotente para vencê-la, é que o poder divino, agindo de maneira despercebida, mas infalível, traz uma reviravolta de circunstâncias tão imprevista, e por meios tão pequenos, que a sabedoria humana fica muda de surpresa e de admiração.

A segunda metade do século doze tinha decorrido no seio das maiores desordens; e o começo do treze,

anunciando-se sob maus auspícios, não deixava entrever melhores tempos: a Itália foi violentamente esfaqueada pela mais sangrenta das guerras civis. A Roma mesma gemeu várias vezes sob a cruel tirania de ambiciosos demagogos, que ameaçavam a sede pontifícia. A França foi infestada por toda parte por incontáveis tropas de bandidos, que foram os horrorosos precursores dos valdenses e dos albigenses, vistos, alguns anos mais tarde, a pôr suas mais belas províncias em fogo e em sangue. Espanha e Portugal foram muito tempo agitados pelas guerras internas dos indígenas contra os mouros, que disputavam com eles o solo natal, e a situação dos outros povos da Europa era igualmente muito crítica. Assim, era preciso a coragem e a prudência de um Inocêncio III para não sucumbir ao peso do papado, no seio de tantas calamidades e males. No entanto, esse grande Papa precisou de cooperadores para a sua penosa missão: Deus proveu sua Igreja de ilustres personagens para secundar os empreendimentos de seu representante visível na Terra. Estes se esforçaram para cativar o espírito dos povos, e para fazer triunfar em toda a parte a religião, ao passo que o papa trabalhava para restabelecer a união entre os príncipes cristãos.

O homem eminente entre esses corajosos apóstolos era, incontestavelmente, São Francisco de Assis. Ele compreendeu admiravelmente quais eram os maiores flagelos do cristianismo. Viu a devoção se

enfraquecendo em toda a parte, o espírito de vingança sucedendo à caridade fraterna, o apreço desordenado pelas honras e riquezas dividindo os povos, e por fim, a libertinagem propagada em todos os níveis da sociedade e ameaçando asfixiar todo sentimento de fé religiosa. Movido por uma ardente caridade, ele suplicou ao Senhor que lhe mostrasse Sua vontade. Sua prece foi ouvida, pois logo depois vemos São Francisco fundar a ordem dos Frades Menores destinada pelo Céu a combater os vícios desses desgraçados tempos, pela prática das virtudes que lhes são diretamente opostas: pela pobreza evangélica, pela mais perfeita castidade, pela obediência cega à Santa Sé e aos superiores e, por fim, pela pregação incessante das verdades divinas.

Na longa série de Santos que essa ordem deu à Igreja, distingue-se acima dos outros, Santo Antônio de Pádua, homem ilustre que operou os maiores prodígios durante sua curta carreira, e que, ainda hoje, enche a Igreja com o rumor de seus milagres. Não se poderia duvidar de que esse Santo fosse para o seu século um instrumento de misericórdia, um presente inestimável da divina providência. Como ele continua a proteger o mundo e a devoção dos povos a seu glorioso culto cresce a cada dia, acreditamos oportuno e útil oferecer à piedosa atenção dos fiéis um relato detalhado de sua maravilhosa vida.

Em 1196, havia em Lisboa, perto da catedral, uma casa que os habitantes consideravam como um asilo da

virtude e do heroísmo. Ela era habitada por Martin de Bulhon,⁸ homem valoroso que combateu valentemente como general, sob dois príncipes diferentes, pela liberdade política de Portugal. Ele fazia parte desses nobres de nascença que acreditavam cumprir o primeiro dos deveres apoiando o trono por uma constante fidelidade e por uma virtude sólida, edificando seus subordinados pelo cumprimento de seus deveres civis e religiosos. Foi na época que acabamos de indicar que sua esposa, a nobre Marie Tevera,⁹ deu à luz um filho, que o ilustre capitão destinou, sem nenhuma dúvida, a realçar um dia a glória de sua família, pois Martin não se preocupava com outros interesses que não os do tempo. Mas a divina providência decidira de outra forma: aquela criança era não só chamada a ilustrar uma casa; mas Portugal inteiro devia um dia vangloriar-se de tê-lo dotado ao mundo católico, e a duas ordens florescentes, estimar-se feliz por tê-lo possuído, seja ainda rapaz, seja já homem maduro.

8 Marcos de Lisboa e alguns outros cronistas pretendem que Martin de Bulhon descendia da casa de Godefroid de Bouillon, primeiro chefe dos cruzados. Essa opinião, por mais fundada que seja, não estabelece nada certo a esse respeito, por causa de numerosas lacunas que se encontram nos quadros genealógicos da família de Bouillon. Vede Cornegius, Chron. Seraph. lib. 3, cap. 9 et seq.

9 Paciecus e Marcos de Lisboa chamam-na *Tereza*.

Foi na catedral de Lisboa que teve lugar a cerimônia religiosa de batismo dessa criança bendita. Recebeu aí o nome de *Hernandez* ou Ferdinand (Fernando). Seus pais sonhavam dar-lhe um dia uma educação brilhante. Já viam nele um ilustre capitão, um hábil estadista, que seguiria os gloriosos passos do pai, e que chegaria facilmente, por seu fiel devotamento ao rei e à pátria, a abrir caminho para as mais altas funções do reino. Essas sedutoras previsões estavam longe de parecer irrealizáveis, visto que naquele tempo a família Bulhon gozava de grande prestígio junto ao rei Sancho I.

É justo e sábio confiar a primeira educação à solicitude materna. Na idade em que se mostram na criança as primeiras luzes da razão, não há senão a mãe que possa encontrar acesso em seu coração para aí depositar as sementes de religião e de virtude: sementes preciosas, santas lições que recebidas no colo materno, se gravam profundamente na memória e aí renascem mais tarde, vívidas e impressionantes, para causar inefáveis prazeres ou amargas aflições. Marie Tevera era demasiado virtuosa para não compreender toda a extensão de seu dever. Era animada por um terno amor a Deus e sua santa Mãe. Assim aplicou-se com zelo a estimular e desenvolver os sentimentos de devoção no jovem coração de seu querido Fernando.

Tão logo ele pôde dispensar os cuidados de sua mãe, puseram-no na escola dos cônegos da Catedral. Naqueles séculos pouco civilizados em que os nobres e

os burgueses se vangloriavam de ser iletrados e em que os servos não tinham tempo nem ocasião para se entregar ao estudo das letras, o ensino público era unicamente dado pelo clero. Desde o oitavo século, Teodulfo, bispo de Orleães, faz menção a duas espécies de escolas: umas eram mantidas pelos curas das diversas paróquias e unicamente destinadas às crianças: estas se reuniam a cada dia na sacristia, após a santa Missa, para aprender aí a doutrina cristã e os primeiros elementos da língua latina. As outras serviam para a instrução dos clérigos ou jovens eclesiásticos: ensinava-se aí gramática latina, aritmética, filosofia e teologia. Esse vasto ensino era comumente dado por um cônego da catedral, que tinha o nome de *Écolâtre*, ou pelos religiosos das grandes abadias.¹⁰

Fernando frequentou a escola dos cônegos de Santa Marie: essa circunstância faria crer que, desde então, seus pais o destinavam ao sacerdócio, visto que lhe fizeram dar uma educação clerical. Ora, a misericórdia divina tinha efetivamente favorecido sua infância com as mais doces bênçãos celestes: ele

10 Thomassin, IV, 607. – No concílio de Roma, ocorrido em 826, Eugênio II exprimiu-se nestes termos: “Ficamos sabendo que em vários lugares têm falta de professores e que o ensino é aí negligenciado. É por isso que recomendamos a todos os bispos e a todos os curas de suas dioceses para nomear professores zelosos que possam instruir a juventude na leitura, nas belas-artes e na doutrina cristã.” Ibid. 627.

amava a solidão e a prece. Sua maior felicidade consistia em poder assistir aos ofícios divinos, na catedral, como menino de coro; empregava suas horas de recreio a visitar as igrejas e os conventos. Diz-se mesmo que se levantou muitas vezes, à noite, para ir às matinas¹¹ dos cônegos. Não se via nada nele que se relacionasse à infância. Sua angélica modéstia impunha respeito e admiração, e seu ar circunspecto fazia adivinhar uma sabedoria tão precoce, que parecia manifesto a todos que o céu lhe preparava grandes destinos.

Seus pais convenceram-se desde então que o Fernando deles não era chamado a ilustrar-se na carreira militar, pois haviam compreendido que Deus lhes pedia seu sacrifício, e, verdadeiros cristãos, não teriam querido por nada no mundo se opor à sua divina vontade.

Fernando fez rápidos progressos nos estudos, e longe de sua piedade constituir -se em obstáculo, ele prova, como tantos outros, quanto é verdadeiro dizer com São Paulo que ela serve para tudo. Com efeito, a verdadeira piedade jamais prejudica o desenvolvimento do espírito; ela lhe é útil, ao contrário, pois ensina a reger o tempo, modera os movimentos de vivacidade,

¹¹ Matina (matin do fr. adaptação do latim eclesiástico *matutinæ vigiliæ* (vigília matinal). Catol. Ofício noturno, a mais importante e a primeira das horas canônicas, entre a meia-noite e o nascer do dia. (Petit Robert).

detém o ímpeto das paixões desordenadas e torna assim o homem mais apto a se entregar com constância aos estudos sérios.

CAPÍTULO II

Antônio decide deixar o mundo. – Comunidade dos Cônegos Regulares da Santa Cruz. – Antônio torna-se membro dela. – Sua vida santa no convento. – Sua partida para Coimbra.

A Sabedoria eterna premuniu paternalmente o rapaz contra os inumeráveis perigos que ameaçam a inocência de sua idade: *Meu filho, diz ela, quando entrardes ao serviço de Deus, permanecei firme na justiça e na devoção, e preparai vossa alma contra a tentação.*¹² Com efeito, é sobretudo na época da juventude que se experimenta que a vida do homem é um combate. Mil inimigos assaltam os jovens à sua entrada no mundo. Este os impele às suas desordens pela sedução e o sofisma; o espírito de orgulho esforça-se por lhe colocar uma venda nos olhos que lhe esconde seus maiores defeitos; os prazeres fascinantes dos sentidos mostram-se a eles sob aparências sedutoras e honestas ao mesmo tempo: ignorando ainda os

¹² Eccli. II, 1.

perniciosos efeitos do mal, os jovens se deixam facilmente arrastar por seus perigosos atrativos. Acrescentai a isso que não tardam muito a serem atormentados por essa luta interior da concupiscência contra o espírito, pela revolta encarniçada da carne, contra a qual o homem imprudente não resiste senão por um momento, para cair em seguida no abismo dos prazeres culpados.

Tal foi também a luta, tal foi também a revolta que Fernando teve que enfrentar na flor de seus anos. Mas o Deus de amor e de bondade, que velara com tanta solicitude por sua piedosa infância, não o abandonou nos dias críticos e difíceis. Fernando foi dócil à voz da sabedoria, que lhe gritava: *Humilhai vosso coração e sede constante, dai ouvidos à razão¹³ e recebei seus conselhos. Tende confiança em Deus e ele vos libertará. Tornai vosso caminho reto, e esperai nele.¹⁴ Pois se invocardes a sabedoria, e submeterdes o vosso coração à prudência, então compreenderéis o temor do Senhor e encontrareis a ciência de Deus.¹⁵*

Fernando obedeceu com zelo aos movimentos interiores da graça. Recuou com terror diante do abismo que estava aberto a seus pés e determinou-se, sem

¹³ Eccli. II, 2.

¹⁴ Ibid. 4.

¹⁵ Prov. II, 3, 5.

mais atraso, a pôr sua inocência em segurança contra o contágio do século: Deus o chamou a viver na solidão entre seus fervorosos servidores e ele seguiu nobremente essa sublime vocação. Seus virtuosos pais não se opuseram à sua heroica determinação, pois não queriam disputar de alguma forma com o Senhor, essa criança abençoada, esse anjo de virtude e de inocência. Fernando foi então, com o pleno consentimento deles, à residência dos cônegos de São Vicente, situada fora das portas de Lisboa, onde recebeu – a seu pedido premente e reiterado – o santo hábito monástico.

Os membros dessa comunidade pertenciam ao instituto da Santa Cruz, estabelecido em Coimbra. Esse instituto religioso reconhecia por fundador o virtuoso Tello, arqui-diácono, que conseguiu com nove outras pessoas dedicadas do bem, fundar naquela cidade, em 1131, um convento do qual dependeram, na sequência, todos aqueles que os Cônegos Regulares possuíram em Portugal. Esses religiosos levavam uma vida muito austera. Seguiam, além da regra de Santo Agostinho, os estatutos da ordem de São Rufus, sobre o qual o erudito Dom Martène nos dá os detalhes seguintes: “Antes de admitir os noviços no convento, preveniam-nos de que a pobreza de sua casa é grande e suas incomodidades numerosas, que a disciplina é severa e de todos os instantes, que ela não tolera nem relaxamento nem isenção, que se punem severamente as infrações ao regulamento claustral. É preciso que seu ar modesto

desperte neles uma profunda humildade, que eles mantenham constantemente a cabeça e o olhar abaixados, e que se lembrem sempre desse pecador que, não ousando erguer os olhos ao céu, batia no peito, repetindo: *Senhor, sede misericordioso comigo, miserável pecador que sou.*"¹⁶ Prescreviam-lhes, além disso, jejuar frequentemente, salmodiar longos ofícios e perseverar sem interrupção na prece mental.

Fernando atingia enfim o objetivo que estava impaciente por alcançar: pertencia por inteiro àquele que escolhera desde a idade da razão para ser o objeto de todo o seu amor. Agora ele podia, no santo exercício da prece, conversar sem interrupção com o bem-amado de sua alma; também, longe de esquecer Deus nas suas relações com seus confrades, ele sabia alimentar, por piedosas conversas, o fogo celeste de sua ardente piedade.

Persuadido de que a perfeição religiosa depende do cumprimento perfeito dos menores deveres, ele se aplicava com zelo a preencher pontualmente todos aqueles que lhe prescrevia sua regra. Jamais rompeu o silêncio sem motivo suficiente; sua caridade e sua humildade eram tão grandes que, não obstante o inefável prazer que saboreava ao assistir à santa Missa e aos ofícios, ele soube sempre sacrificá-lo, seja para

¹⁶ Edm. Martene de antiq. rit. Eccles. III, p. 99.

prestar serviço a um de seus confrades, seja para se encarregar de alguma ocupação comum.

Fernando refletira maduramente sobre estas palavras do Espírito Santo: *Aquele que despreza as pequenas faltas, cairá insensivelmente nas grandes.* E com efeito, de onde provêm às vezes esses deploráveis relaxamentos que vemos introduzir-se nas comunidades religiosas? Esses lamentáveis escândalos por parte das pessoas que deveriam esclarecer e edificar? Não é a negligência das santas obrigações monásticas que produz esses males e que faz decair a perfeição evangélica? Ninguém se torna vicioso num dia: começa-se por infringir a lei do silêncio, a dar-se cuidados supérfluos ao corpo, a murmurar contra os superiores, a permitir-se contestações pouco caridosas com seus confrades, a formar ligações demasiado naturais e, quando por uma conduta semelhante, fica-se desarmado contra o espírito das trevas, não custa muito a este último arrastar o imprudente para as maiores desordens.

Bem diferente é a vida do religioso que cumpre com felicidade todas as obrigações sagradas de seu santo estado! Seu zelo é infatigável; ele pratica alegremente a virtude de expiação cristã, e dir-se-ia que, não contente de andar no caminho da perfeição evangélica, ele se deu asas para percorrê-lo com uma rapidez maravilhosa. E, como explicar esses admiráveis progressos nas vias do Senhor? É que animado pela

vida do próprio Jesus Cristo, ele ama o silêncio e o recolhimento: essas duas virtudes trazem-lhe o espírito de prece, a constante vigilância sobre os movimentos de seu coração, e a fidelidade à graça, que nunca o toca em vão, visto que ele se encontra habitualmente nas disposições requeridas para escutar e compreender suas salutares inspirações. Sim, é assim: a fidelidade aos menores deveres é um sinal certo de uma sólida e profunda devoção, e é o mais poderoso meio para cumpri-los perfeitamente.

Ora, foi assim que Fernando se preparou para fazer seus votos solenes; foi assim que viveu após tê-los pronunciado com os sentimentos da mais profunda piedade. No entanto, ele logo percebeu que não podia encontrar em Lisboa o recolhimento que buscava com santo ardor; as visitas demasiado frequentes dos pais e da família tinham-se tornado um fardo; estas despertavam em seu coração um apego demasiado natural que o impediam de se desprender completamente do mundo, e assim de viver desconhecido e esquecido por todos, numa santa intimidade com Deus. Impelido pela graça, foi até seu superior, expôs-lhe seus pesares e pediu-lhe instantemente a permissão para ir para Coimbra, para o convento da Santa Cruz. Dom Gonçalo Mendes, cura da casa, surpreso e aflito com uma atitude tão inesperada de sua parte, tentou desviar o jovem desse projeto pondo-lhe vividamente sob as vistas as tristes

consequências da inconstância. Mas Fernando, intimamente convencido da pureza de suas intenções, motivou tão sabiamente seu pedido que o superior, homem de grande prudência, vendo claramente que o Espírito Santo falava por sua boca, não lhe objetou mais nada e concedeu-lhe finalmente a permissão tão desejada.

Fernando despediu-se de seus confrades aflitos, deixou corajosamente sua cidade natal, e foi recebido de braços abertos por seus novos irmãos de Coimbra, que há muito tempo o conheciam por sua espantosa virtude.

CAPÍTULO III

Antônio entrega-se aos estudos. – Deus honra-o com vários prodígios. – Presença de Frades Menores em Coimbra. – Estima de Antônio por esses religiosos.

Não tardaram a convencer-se de que a partida de Fernando nada tivera de irrefletido e que não fora o gosto pela mudança que o determinara: sua vida santa foi, em Coimbra como em Lisboa, um eloquente ensinamento de virtude para todos os que aspiravam sinceramente a adquirir a perfeição religiosa. Ele tinha, é verdade, ardentemente desejado a solidão e a

tranquilidade; mas bem longe de buscar nelas um abrandamento dos rigores da vida monástica, ele não viu nem procurou aí senão um meio de aperfeiçoar-se na prece do coração no meio de ocupações corriqueiras e de estudos bem regrados. Chamado por Deus às sublimes funções do sacerdócio e aos deveres sagrados do apostolado, ele se acreditava estritamente obrigado a preparar-se para essa grande vocação pelo estudo aprofundado das ciências eclesiásticas. É por isso que se entregou com zelo à leitura das Escrituras Sagradas e dos comentários que delas nos deram os santos Padres.

Ele compreendeu tão admiravelmente umas e outros que se tornou mais tarde um verdadeiro prodígio de ciência sagrada.

Fernando provou com seu ardor pelo estudo das santas letras, que era animado pelo espírito divino, visto que Deus quer que o padre junte a ciência à virtude. E com efeito, como duvidar de que aquele que tem a gloriosa missão de defender e ampliar o reino de Deus, deva buscar num estudo vasto e sólido armas para combater a heresia, a qual se serve astuciosamente da ciência para combater a fé e espalhar por toda parte erros criminosos?

Raciocinando como religioso zeloso, Fernando devotou-se aos santos estudos de sua posição. Ele não estudava, demais a mais, senão para cumprir a vontade divina a seu respeito. Deus recompensou esse nobre

motivo de sua aplicação às santas Escrituras, desvelando-lhe os mistérios de seu amor, e animando-o com essa ardente piedade, que penetra o sentido místico dos oráculos divinos, e inflama o homem de amor por seu Criador, no meio mesmo de estudos profundos e árduos. Os santos encontram essas preciosas vantagens no estudo porque o transformam numa prece: a ciência não os incha de orgulho, e não seduz sua inteligência, pois eles têm constantemente a atenção fixada nas verdades eternas, admiram em tudo a providência divina e reconhecem humildemente seu nada. Doces e salutarens eram essas horas rápidas que Fernando passava ao pé de seu crucifixo mergulhado na meditação das santas Escrituras! Doces e salutarens eram também as que ele empregava nos mais humildes trabalhos para se apagar diante dos homens! Mas a Deus agradava elevá-lo tanto mais alto quanto mais ele se abaixava.

Aconteceu-lhe com frequência ser encarregado por seu superior de uma ou outra ocupação, enquanto a comunidade assistia aos santos ofícios. Embora lhe fosse muito penoso não poder assistir à santa Missa, ele gostava de glorificar a vontade divina pela privação dessa felicidade continuando a orar com uma grande serenidade de alma. No momento em que o soar do sino anunciava a consagração, ele se ajoelhava, em qualquer lugar onde seu dever o retivesse, para se aniquilar diante de Deus cuja divina presença adorava em toda a parte.

E, ó prodígio! as paredes do convento pareciam abrir-se diante dele, e seu olhar seráfico mergulhava até o santuário onde ele contemplava Jesus Cristo, embora não se encontrasse na igreja.¹⁷

Deus fazia resplandecer por esse milagre a santidade de seu jovem servidor. Sua alma pura e inocente parecia ser um trono onde o Altíssimo gostava de sentar-se. Assim não será de espantar que os Espíritos infernais temessem o poder de Fernando.

Seu superior encarregou-o um dia de tratar de um irmão doente. Fernando, que via Jesus Cristo em todos os homens doentes ou infelizes, cumpriu esse dever com uma solicitude e uma caridade sem limites. Ora, ele notou logo que seu confrade era violentamente tentado pelo demônio. A essa visão, ergueu seu coração a Deus numa prece curta mas fervorosa, e impelido pelo espírito de força que produz milagres, ao mesmo tempo que animado por uma confiança ilimitada em Deus, pôs seu escapulário sobre os membros doentes do pobre irmão, e a tentação cessou na hora.¹⁸

Fernando passou vários anos no gozo de uma doce solidão. Ele era tão feliz quanto pode ser aqui embaixo o homem cujos desejos se realizam todos, pois ele não desejava outra coisa senão agradar a Deus.

¹⁷ Corneg. Chron. cit.

¹⁸ Corneg. Chron. cit.

Não acreditemos no entanto que o gosto de Fernando pelo recolhimento devesse afastá-lo de seus confrades. Ele gostava, ao contrário, de inflamá-los de amor por Deus, em agradáveis e devotas conversas. Pois convencido de que não se podia confundir o monge com o eremita, evitou querer subtrair-se à amizade de seus correligionários: mas percorria com eles o caminho do Céu a fim de que por uma troca recíproca de consolações e de serviços, pudesse mais facilmente transpor os obstáculos que separam o religioso de seu feliz termo. Gostava também de conversar com os frades menores que vinham pedir esmola aos cônegos da Santa Cruz. Esses fervorosos religiosos, que tinham uma residência em Coimbra perto da capela consagrada ao santo abade Antônio, experimentavam um verdadeiro prazer em escutar os sábios discursos do jovem cônego, o qual deixavam sempre edificadas e felizes. Ele falava-lhes com uma calorosa eloquência do amor de Deus e pintava-lhes, nas cores mais vivas, os benefícios de nosso divino Salvador, as inarráveis delícias do Céu, e a inestimável felicidade de uma consciência pura. Seus olhos se inflamavam do fogo celeste que abrasava sua alma quando lhes provava com um sentimento de profundo desprezo, a perfídia do mundo e o nada de todos os seus bens. Assim não se podia ouvi-lo sem sentir alguma coisa do amor sobrenatural que o consumia de felicidade.

Fernando sentia-se atraído cada vez mais para a ordem de São Francisco: admirava esse grande desapego das coisas do mundo que os frades menores manifestavam publicamente pela rusticidade de sua vestimenta e austeridade de sua vida. Ele também queria percorrer a Europa para conquistar almas para Jesus Cristo; ele também queria como São Francisco, ir para o meio dos infiéis para pregar o verdadeiro Deus e obter a palma do martírio. Ainda não eram senão ardentes desejos; mas um acontecimento bem extraordinário, que regozijou Portugal inteiro e chegou ao conhecimento de Fernando, determinou-o inabalavelmente a trocar o hábito de cônego pelo burel dos filhos de São Francisco. Contava-se que cinco corajosos frades menores tinham sido gloriosamente martirizados em Marrocos e que seus restos mortais iam ser transportados para Portugal. Como as particularidades desse memorável martírio exerceram uma influência decisiva sobre o destino de Fernando, faremos uma narração detalhada disso no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

Narração do martírio de cinco frades menores em Marrocos. – Chegada de seus restos mortais a Coimbra. – Antônio toma a resolução de se tornar frade menor.

Era perto do fim do ano de 1219: D. Pedro, infante de Portugal, estava de pé numa vasta sala de seu palácio de Marrocos onde o retinha um diferendo com seu irmão, o rei Afonso II; ele prestava uma grande atenção ao discurso de um frade menor, que vinha com quatro missionários anunciar a fé católica aos mouros. Bérard di Carbio falava em nome dessa corajosa companhia que o escolhera para seu chefe. Esta se compunha do padre Otho, do diácono Pierre de San Giminiano e de dois irmãos leigos, Accursius e Adjutus. O príncipe observava atentamente e em profundo silêncio esses dignos personagens que já haviam combatido heroicamente pela fé, em Sevilha. Sua grosseira vestimenta, suas faces cavas, seus olhos afundados, seus traços pálidos e emagrecidos, sua cabeça curvada sob o fardo da penitência, como sob o de um penoso labor, tudo neles contrastava estranhamente com a alegria celeste que parecia irradiar uma luz misteriosa sobre seus rostos sofredores mas serenos. Suas palavras respiravam apenas o zelo pela glória de Deus e o desprezo pela morte. Assim o príncipe compreendeu que eles iam começar a

execução de seu nobre projeto evangelizando a cidade onde se encontravam.

D. Pedro não aprovou esse plano: temia um levante entre os mouros, e em semelhante caso os portugueses que o tinham seguido a Marrocos não seriam em número suficiente para colocá-lo ao abrigo do furor deles. Ele se esforçou portanto para determinar esses homens evangélicos a não o deixar e a retornar com ele para a Europa ao invés de expor os dias deles e os dos portugueses que moravam em Marrocos. Mas os frades menores, cheios de confiança em Deus e de desprezo pelos maiores perigos, despediram-se polidamente do príncipe em vez de tentar a refutação de seu premente raciocínio.

Eles foram do palácio à praça pública onde Bérard, anunciando o Evangelho em língua árabe, descobriu as imposturas de Maomé. Os mouros que tinham acorrido em multidão a esse espetáculo estranho, tomaram-nos de início por insensatos e dirigiram-lhes as mais grosseiras injúrias, desafiando-os. No entanto, Bérard conseguiu impor-lhes silêncio e perguntou onde residia o emir.¹⁹ Os mouros responderam-lhe que ele estava em viagem para visitar os túmulos de seus ancestrais e indicaram-lhe ao mesmo tempo a estrada que ele pegaria em seu retorno.

¹⁹ Emir-Al-Moslym, príncipe de crentes, título adotado pelos reis de Marrocos.

Bérard foi ao seu encontro seguido pelos mouros que estavam curiosos de saber o resultado de sua entrevista com o emir.

Os cinco missionários caminhavam num profundo recolhimento, pois dirigiam fervorosas preces ao Céu pela conversão dos infiéis. De repente, distinguiu-se ao longe um cavaleiro ricamente vestido e escoltado por uma numerosa tropa de mouros: era Youssouf II,²⁰ emir de Marrocos, que retornava a seu palácio acompanhado por seu séquito. Bérard lançou-se sobre uma carroça que viu perto de si, e no momento em que o príncipe ia passar, ele levantou corajosamente a voz, do alto desse púlpito improvisado, para pregar a doutrina de Jesus Cristo e combater os erros dos maometanos. Youssouf, que era muçulmano ardente, ficou estupefato pela audácia desses singulares estrangeiros; no entanto, como ele os tomou também por insensatos, contentou-se em mandar expulsá-los da cidade, e convidou o Infante de Portugal a conduzi-los a Ceuta, a fim de embarcarem de lá para a Europa.

²⁰ Youssouf II começou a reinar numa idade muito pouco avançada, o que demonstra suficientemente sua estranha conduta para com os Frades menores. Ele sucedera a Mohammed-el-Naser, que foi vencido pelos espanhóis na batalha de Tolosas de las Navas. Essa derrota enfraqueceu e descontentou o país; ela provocou vários levantes por parte dos berberes e suscitou grandes obstáculos à manutenção da tranquilidade pública.

D. Pedro atendeu esse desejo; mas no caminho os cinco servidores de Deus conseguiram escapar das mãos de seus condutores para voltar a Marrocos e aí anunciar Jesus Cristo. Quando o emir soube do retorno deles à sua capital, entrou numa grande cólera e ordenou que os detivessem e que os deixassem morrer de fome na prisão.

Reconfortados pelas consolações interiores daquele que conserva a vida de suas criaturas sem a ajuda dos alimentos materiais, eles viveram ali vinte dias sem tomar nenhum alimento. Ao mesmo tempo em que o Céu protegia seus servidores de uma maneira milagrosa, ele fez sentir os efeitos de sua justa cólera aos que os perseguiram: um calor excessivo secou tudo; homens e animais asfixiavam de sede e morriam nos mais atrozes sofrimentos. Esse terrível flagelo despertou-lhes a consciência; o povo foi em massa até o emir, para lhe suplicar que soltasse os amigos do profeta Jesus, a fim de que, diziam eles, o Deus deles não fizesse perecer o país inteiro. Youssouf mandou trazer os cinco cativos ao pé de seu trono; quando viu que nem a fome nem a sede lhes tinham podido alterar a saúde, sentiu-se vivamente perturbado e perguntou-lhes quem os alimentara durante o tempo de seu encarceramento. O magnânimo Bérard deu-lhe esta prudente resposta: “Se quiserdes, ó príncipe! abraçar a verdadeira religião, podereis também experimentar o maravilhoso poder de Deus, que alimenta seus

servidores com uma comida imaterial até que eles se tenham tornado maduros para as volúpias celestes.”

Ele ia prosseguir seu discurso, quando Youssouf, que pensava em tudo menos em se tornar cristão, o interrompeu para dizer-lhe que os devolveria à liberdade sob a condição formal de não reaparecerem mais na cidade como missionários. Quando D. Pedro foi informado da soltura dos frades menores, mandou alguns portugueses buscá-los para encerrá-los numa casa onde pudessem aguardar, com toda a segurança, a ocasião de embarcarem para Ceuta. Mas esses homens apostólicos enganando uma segunda vez a vigilância de seus guardiões, recomeçaram a evangelizar os habitantes da cidade.

A evasão deles inquietou vivamente o Infante da Espanha: pois o fanatismo dos mouros e sua cega crença na voluptuosa doutrina de Maomé, faziam-no temer uma sedição. Para antecipar-se, ordenou uma nova detenção dos cinco religiosos. Esta fez-se à mão armada pelos seus portugueses que os conduziram ao palácio do príncipe onde eles permaneceram encerrados.

Nesse momento os berberes ou mouros nômades fizeram uma invasão no reino de Marrocos: sua passagem foi marcada por incríveis crueldades; as cidades e os povoados foram reduzidos a cinzas; colunas de fogo e de fumaça levantavam-se até às

nuvens com os gritos dilacerantes dos desgraçados que se fazia morrer indistintamente e as sanguinárias vociferações desses bárbaros devastadores. A cidade de Marrocos podia também tornar-se de um dia para o outro teatro das mesmas atrocidades. O tempo premia para pô-la em estado de segurança; é por isso que Youssouf pôs imediatamente de pé um formidável exército ao qual se juntou D. Pedro com seus portugueses.

Os inimigos foram vencidos e Youssouf apressou-se a fazer sua entrada triunfal em Marrocos: mas no retorno o exército aventurou-se num vasto deserto onde não se pôde descobrir o menor fio d'água. Ora, como não se munira de bebidas, teve de lutar contra uma sede devoradora, sob um céu abrasador. Horrenda posição! os mouros jogam-se rosto contra a terra, e colando os lábios na areia ardente, dir-se-ia que esperam daí tirar algum fresco para suas entranhas ressecadas. Seus cavalos esgotados de cansaço e arfando de sede desmoronam sob o peso do cavaleiro. Sem esperança de escapar a uma morte cruel e comum, os soldados estendem-se tristes e abatidos sobre um solo escaldante e mortífero.

Graças ao tumulto que excitou em Marrocos esse funesto acontecimento, Bérard e seus companheiros de cativo conseguiram evadir-se da prisão e chegaram inopinadamente junto do exército. À vista desse grande

desastre, Bérard vai ao meio do campo e grita com uma voz retumbante:

- “Bravos guerreiros! se quiserdes abraçar a doutrina de Jesus Cristo e receber o santo batismo, eu vos prometo, em nome do Deus todo-poderoso, que tereis água em abundância.”

Os desgraçados muçulmanos pareceram acolher bem essas palavras, às quais o emir respondeu com uma cólera mal dissimulada:

- “Eu acreditaria antes que este flagelo é um castigo de Deus, que ele nos inflige porque nós não vingamos nosso profeta das blasfêmias com as quais estes pregadores vagabundos não cessam de nos insultar.”

Bérard não se comoveu com essas palavras; mas após ter elevado seu coração ao Deus dos exércitos, pegou uma vara com a qual cavou um pequeno poço na areia: viu-se jorrar daí imediatamente uma fonte de água pura que saciou a sede dos homens e dos cavalos.

Esse milagre não abriu os olhos a Youssouf, pois de volta a Marrocos renovou aos frades menores a proibição formal de pregar aí; mas não foi obedecido. Nada podia intimidar esses heroicos confessores da fé, nem fazê-los renunciar à sua santa empresa: seu zelo tornou-os fortes contra as súplicas do Infante, contra as brutalidades dos mouros e contra as ameaças do Cadi

que os mandara comparecer perante ele: assim sendo, logo foram vistos novamente anunciando publicamente a doutrina de Jesus Cristo.

O Emir enfureceu-se com a audácia apostólica deles e resolveu castigá-los: chamou-os em juízo e manifestou-lhes sua firme determinação de acabar com eles.

O Infante não duvidando que o último dia deles chegara, pediu ao Cadi²¹ para não entregar os corpos às profanações dos mouros, mas permitir mandá-los transportar ao bairro português, o que obteve sem dificuldade.

Os cinco confessores não tardaram a ser levados perante o tirano: estavam aniquilados pelo sofrimento mas cheios de energia e magnanimidade. Assim aguardavam com firmeza e sangue frio sua sentença de morte. Youssouf não parecia no entanto irritado com eles; dirigiu-lhes a palavra com ar calmo:

- “Eu vos fiz de novo comparecer perante mim, para saber se vos obstinais em permanecer meus inimigos e assim a sofrer os mais cruéis tormentos, ou então se quereis tornar-vos os amigos do rei e obter dele, nessa qualidade, os maiores benefícios?”

²¹ Nome dado pelos muçulmanos aos magistrados civis.

Bérard, tomando a palavra em nome de seus irmãos, respondeu nestes termos:

- “Vós podeis, príncipe, nos considerar todos como vossos verdadeiros amigos, visto que é por amor por vós e por todos os vossos súditos, que após termos deixado nossa pátria, viemos vos indicar o único caminho da salvação e vos salvar, vós, e vosso povo, da condenação às penas eternas!”

Esse discurso comoveu profundamente o príncipe; tendo-se retirado para outro aposento para esconder sua emoção e melhor deliberar sobre o que lhe restava fazer, deixou os religiosos sozinhos em presença dos grandes de sua corte.

Durante sua ausência começou uma viva controvérsia entre o padre Otho e um bei,²² que tentou provar-lhe a verdade do maometismo. O missionário refutou de maneira tão calorosa e tão peremptória todos os argumentos do muçulmano, que este, ao qual a circunstância do lugar proibia o uso das armas, lhe aplicou uma violenta bofetada.

Apresentando-lhe com calma a outra face, Otho lhe disse, com grande doçura:

²² Governador de província árabe; título do soberano da Tunísia.

(*Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora* - Edição do Kindle.) (N.R.)

- “Que Deus vos perdoe! Irmão, eis que vos apresento a outra face, batei, se vos apraz, pois sinto-me pronto a sofrer tudo por meu Deus que tanto sofreu por mim.”

Essa sublime resposta desconcertou os mouros que responderam a ela por um respeitoso silêncio que ainda durava quando o emir reapareceu no meio deles. Este parecia calmo e notava-se em seus traços uma certa expressão de bondade. Sentado de novo em seu trono, fez novos esforços diante desses Heróis para vencer a constância deles por sedutoras palavras e brilhantes promessas. Mas foi em vão que quis fazê-los abraçar o maometismo: eles desdenharam os primeiros empregos do reino e desviaram os olhares de cinco moças que deviam servir de recompensa à sua apostasia. Quando o emir viu a impotência de todos os seus esforços para arrancar esses intrépidos cativos à fé de seus pais, deu livre curso a todo o seu furor:

- “Eu mesmo, gritou ele, eu mesmo, com minha própria mão, vingarei a honra do profeta.”

A essas palavras, os mártires agradecem a Deus, e ajoelham-se intrepidamente diante de seu carrasco. Este, espumando de raiva rachou-lhes a cabeça e mandou jogar seus cadáveres para fora do palácio.

Essa gloriosa morte dos cinco Frades menores ocorreu em 6 de janeiro do ano de 1220.

Alguns meses mais tarde, soube-se em Coimbra que D. Pedro mandara transportar os corpos dos mártires, da África para Portugal, para os fazer desembarcar naquela cidade. Essa notícia foi aí um assunto de regozijo público, e fizeram-se logo grandes preparativos para receber esse precioso tesouro com a maior pompa possível. Este não tardou muito a chegar. O venerável D. Mateus, bispo de Coimbra, foi à frente de seu clero ao encontro do cortejo que precedia os gloriosos despojos. O rei Afonso, acompanhado de sua esposa e seguido pela nobreza e toda a corte, caminhavam ao lado da mula que carregava esses veneráveis restos, e se dirigiam entre duas alas de povo para a catedral. Mas Deus fê-los mudar de direção: fizeram-se inúteis esforços para obrigar o animal a se dirigir para a igreja, onde se queria depositar os corpos dos santos mártires. A mão do Senhor conduzindo-a ela própria, ela tomou o caminho do convento dos cônegos da Santa Cruz, penetrou em seu santuário, e dobrando os joelhos diante do altar-mor, permaneceu nessa posição até que depositassem seu precioso fardo ao pé do tabernáculo.

Esse milagre convenceu todos de que Deus queria que essas santas relíquias permanecessem na igreja da Santa Cruz, e não se pensou mais então em transferi-las para a catedral. Os cônegos estavam mais do que felizes de possuí-las. Fernando, sobretudo, manifestava grande alegria por isso; não podia afastar-

se dessas santas ossadas. Ajoelhado perto do relicário, não cessava de enviar fervorosas preces ao Céu para obter, pela intercessão dos cinco mártires, que pudesse entrar na ordem dos frades menores e morrer pela fé: duplo objeto de seus mais ardentes desejos. Numa efusão de amor por Deus, São Francisco de Assis, que ainda vivia, apareceu-lhe milagrosamente e ordenou-lhe entrar sem delongas em sua ordem, acrescentando que assim todos os seus votos se realizariam. Essa aparição dissipou as últimas dúvidas de Antônio, o qual anunciou ao superior, imediatamente depois, que estava decidido a tornar-se frade menor.

CAPÍTULO V

Conduta da divina Providência para com Antônio. – Ele toma o hábito dos frades menores. – Põe-se a caminho de Marrocos e adoece em Ceuta. – Embarca para retornar à pátria, mas um vento contrário o repele até às costas da Sicília. – Ele vai a Assis.

Às vezes é por vias bem extraordinárias que Deus conduz seus servidores na carreira que lhes destinou. Os meios de que ele se serve para esse efeito parecem frequentemente muito diferentes daqueles que a prudência cristã poderia prescrever; mas quando os

examinamos de perto, somos forçados a reconhecer que eles são marcados pelo cunho da sabedoria divina.

A inconstância é um dos mais perigosos obstáculos para a verdadeira virtude. Ora, não acontece que aquele que escolheu um santo estado de vida, após madura reflexão e deliberações sensatas, possa prudentemente deixar este para abraçar outro, por mais perfeito que seja. Isso é sobretudo verdadeiro para a vida religiosa, visto que se supõe sempre uma vocação divina naquele que a vive. No entanto, encontram-se também notáveis exceções a essa regra geral. Isso porque Deus pode chamar um religioso de uma ordem perfeita a uma ordem mais perfeita; mas, em semelhante caso, ele manifesta tão claramente sua divina vontade às pessoas encarregadas do exame das vocações, que o erro se torna quase impossível.

Ora, foi o que aconteceu ao filho de Martin de Bulhon. Destinado a dissipar um dia, pelo esplendor de seu saber, as trevas do mal, e a trazer de volta, por seu zelo apostólico, uma multidão de ovelhas desgarradas ao aprisco de Jesus Cristo, era preciso que ele se exercitasse na prática das maiores virtudes, a fim de que, profundamente virtuoso, ele pudesse trabalhar na salvação dos outros com tanta dignidade quanto sucesso. É por isso que Deus o conduziu a uma comunidade cujo primeiro fervor ainda não esfriara; e onde, isento de toda preocupação, ele pudesse ocupar-se exclusivamente de Deus e de sua própria

santificação, até que, tornado apto a dirigir as consciências, lograsse fazer que os outros pudessem gozar dos tesouros espirituais dos quais suas ardentes preces haviam enriquecido sua alma.

Depois de se ter esforçado para adquirir essa aptidão, ele se apressou a obedecer ao Senhor que o chamava à pobreza evangélica; dirigiu-se, sem mais tardar, até seus superiores, para lhes revelar humildemente seu ardente desejo de poder, como frade menor, ir ter com os mouros para merecer ali a coroa do martírio. Ele lhes suplicou em seguida para não lhe recusarem o consentimento que lhe era necessário para a execução de seu desígnio.

Pode-se imaginar sem dificuldade o espanto que essa magnânima resolução do jovem cônego deve ter causado em todos os seus superiores; mas ela estava definitivamente tomada, e nada teria sido capaz de abalá-la. Podia-se, devia-se mesmo assegurar-se se ela lhe era inspirada por Deus; mas uma vez sua vocação solidamente provada, não se tinha mais o direito de lhe recusar a permissão que ele pedia. Logo sua partida foi consentida, pois sua vocação tinha todos os caracteres de uma inspiração divina. Seus superiores evitaram então opor-se a isso e abriram-lhe a contragosto as portas de uma casa religiosa que ele edificara durante o período de dez anos.

O dia em que ele deixou a comunidade dos cônegos da Santa Cruz foi para ela um verdadeiro dia de luto, pois ali se vira nele um anjo enviado do céu para exortá-los pelo seu exemplo a perseverar corajosamente no caminho da perfeição cristã. O encanto de sua presença e a franqueza de sua amizade, às quais sua grande modéstia dava um novo valor, tinham-lhe conquistado todos os corações. Um dos cônegos, não podendo dominar o descontentamento que sentia por vê-lo partir, disse-lhe em tom um pouco irônico: – “Vai, logo te canonizarão!” – Fernando deu-lhe esta sábia resposta: – “Meu Pai, se receberdes um dia essa boa notícia, não deixareis de agradecer a Deus por isso.”

Ele saiu pouco depois da cidade de Coimbra e ficou feliz de chegar à solidão de Santo António dos Olivais, onde os frades menores o receberam com uma indizível alegria. Apressou-se a tomar o grosseiro hábito dos filhos do humilde São Francisco de Assis e, para melhor escapar às buscas de seus pais e de seus amigos e impedir que seu nome de família permitisse que ele fosse descoberto em seu retiro, trocou-o e tomou o de Antônio. Pensa-se que escolheu esse último nome porque o convento era dedicado a Santo Antônio e que este parecia ter tomado o jovem noviço sob sua proteção especial.

Apesar de sua santa impaciência para passar à Mauritânia e lá colher a palma do martírio, ele teve que se resignar a permanecer na Europa durante o tempo

necessário para instruir-se a fundo sobre os deveres de seu novo estado. Ele soube retirar grandes vantagens do atraso posto na realização tão desejada desse generoso projeto; isso porque sua mudança de posição que teria provavelmente perturbado a serenidade de espírito de homens menos perfeitos do que ele, em nada alterou sua paz interior. Como de hábito, dividiu seu tempo entre o canto dos ofícios, o estudo das ciências religiosas e a prece mental; esta o consolava e o reconfortava ao mesmo tempo que o inflamava desse amor divino, que, fazendo-o suportar tudo pacientemente pela glória de seu soberano Mestre, inundava sua alma de inefáveis consolações no seio das maiores austeridades.

Chegou, enfim, o dia de sua admissão solene na ordem. Após ter renovado os três grandes votos, permitiram-lhe ir a Marrocos para ali pregar a doutrina do Cristo.

Cheio de alegria e de reconhecimento para com Deus, Antônio vai ao porto para embarcar e, provavelmente depois de uma feliz travessia, abordou Ceuta, cidade da Mauritânia. Chegava então ao termo de seus desejos e sorria de felicidade à perspectiva do martírio, mas o céu lhe reservava outro destino. Mal desembarcou na Mauritânia que uma violenta febre o condenou a ficar de cama. Ele se persuadiu primeiro de que sua doença seria de curta duração e não viu aí senão um benefício de Deus que queria prepará-lo por esse contratempo às lutas de todo gênero que teria de

sustentar com os infiéis. Todavia, em breve precisou desenganar-se, pois a febre fê-lo ficar de cama durante todo o inverno; acredita-se, não sem motivo, que sua cura foi retardada pelas privações que suportou em casa de pessoas estrangeiras, para as quais era um desconhecido e não inspirava nenhum interesse. No entanto, ao invés de abandonar seu projeto favorito, dispôs tudo de maneira a poder partir para Marrocos tão logo estivesse curado. Mas quanto mais se consolidava em seu nobre desígnio, mais sua doença se agravava. Deus esclareceu-o enfim sobre sua verdadeira missão: declarou-lhe, enquanto ele estava em oração, que Sua vontade era que ele não fosse para junto dos infiéis, mas que o destinava a um outro gênero de martírio que ele deveria merecer, não entre os mouros, mas entre os povos cristãos.

Antônio, sempre submisso à vontade divina, recebeu essa revelação com alegria, e resolveu regressar à Europa. A partir desse momento, sua cura fez rápidos progressos. Pôde em pouco tempo voltar a embarcar para Portugal onde ficaria pronto a fazer tudo o que a divina Providência pudesse exigir dele.

O navio, que tinha a bordo o santo rapaz, pôs-se à vela com tempo favorável, mas mal chegou a alto mar levantou-se um vento contrário que o forçou a mudar de direção. Fizeram-se vãos esforços para chegar às costas da Espanha; não se podia manobrar o leme e o navio, empurrado violentamente para o Oeste, entrou de velas

desfraldadas no Mediterrâneo. Após vários dias de navegação forçada nesse mar, viu-se surgir uma costa ao longe: pensou-se reconhecer as costas da Sicília, e não se enganaram, pois entraram no mesmo dia no porto de Messina.

Ao entrar nessa cidade, Antônio ficou encantado ao saber que os frades menores possuíam um convento nos arredores. Assim, foi para lá na mesma noite, para não ter de alojar-se em casa de um laico. Quatro frades leigos formavam então todo o pessoal: os outros religiosos tinham-no deixado momentaneamente para ir a Assis, onde São Francisco presidia um Capítulo geral²³ ou reunião de todos os frades de sua ordem. Antônio aproveitou essa feliz circunstância para ir ver e admirar aquele grande homem do qual lhe tinham contado tantas maravilhas. Foi por isso que decidiu partir, depois de uma noite de repouso, para aquela cidade. Com efeito, no dia seguinte, após ter recebido a bênção do frade que administrava o convento durante a ausência do superior, pôs-se de novo a caminho, apesar de sua extrema fraqueza, acompanhado por um jovem frade leigo chamado Philippino, que obtivera a permissão de segui-lo a Assis.

²³ Do fr. *Chapitre*, procedente do lat. *capitulum*, diminutivo de *caput* "cabeça" (chefe). Significa "lugar onde se reúnem os cônegos de uma catedral", "assembleia desses cônegos". (*Le Robert - Dictionnaire Historique de la Langue Française.*)

CAPÍTULO VI

Capítulo geral dos frades menores. – Chegada de Antônio a Assis. – Sua partida para Bolonha. – Antônio no eremitério do monte São Paulo. – Sua vida oculta e austera.

Naquele tempo um capítulo geral dos frades menores era um nobre e belo espetáculo. O convento de Nossa Senhora dos Anjos não era suficientemente vasto para alojar a multidão de religiosos que afluíam de todas as partes. Estes eram obrigados a morar em barracas numa imensa planície, perto de Assis. Esses novos soldados de Cristo acamparam aí na maior ordem. Hinos sagrados subiam ao céu sete vezes por dia de cada uma das divisões do campo: à meia-noite, na hora em que a natureza silenciosa parece enterrada num profundo repouso, os religiosos deixavam sua rude cama para saudar a aurora do dia com o canto das matinas. Salvo nas horas de ofício e de capítulo, o silêncio reinava profundo e solene.

Quando Antônio e seu companheiro de viagem chegaram a Assis, o capítulo se aproximava do fim.

Eles assistiram apenas à última sessão em que lhes foi dado admirar esse homem maravilhoso que enchia a Europa inteira do rumor de seu renome, esse humilde Francisco, tão simples e tão pequeno aos olhos

do mundo, e que se via tratar com os grandes da terra apoiado numa confiante intimidade. Ele deu aí uma prova notável de sua sublime humildade: recusou de novo o generalato que todos os seus irmãos lhe suplicaram vivamente para aceitar; esse fardo lhe parecia pesado demais: ele desejava, aliás, passar o resto de seus dias na santa obediência a seus superiores e na inefável contemplação do amor infinito de Deus que, unicamente, era tudo para ele.

Depois que o capítulo foi dissolvido, os frades despediram-se de seu santo Fundador e do novo superior, frade Helias, e fizeram os preparativos para a partida. Dividiram-se em pequenos grupos e partiram sob a condução de seu provincial respectivo; Antônio não soube a qual se reunir: seu ar doente e simples havia-o feito passar despercebido de todos. Ele dirigiu-se então ao provincial da Romanha, frade Gratiani, e pediu-lhe que aceitasse admiti-lo entre os religiosos dessa província, acrescentando que desejava vivamente que o instruissem, como aos outros noviços, no conhecimento das regras e das práticas da ordem.

Gratiani, impressionado pela sua modéstia e seu fervor, consentiu em seu pedido; levou-o com o frade Philippino à Bolonha, de onde enviou Antônio ao monte São Paulo, situado perto dessa cidade, para aí preencher num dos eremitérios dos frades menores, o humilde emprego de cozinheiro. Antônio aceitou-o com alegria e reconhecimento, pois, persuadido por sua

extrema humildade de que era um fardo para a comunidade, ele se alegrava vivamente por ter sido considerado bom para alguma coisa.

Antônio ficou profundamente impressionado pela calma que reinava na amável solidão do monte São Paulo. Em sua santa alegria, acreditou estar de alguma forma no vestíbulo da morada celeste: teria gostado de fazer daí um lugar de repouso e aí acabar seus dias a serviço de seus irmãos e na meditação das verdades eternas.

Pode-se julgar, segundo os escritos de São Francisco, quão severa era a vida que se levava nos eremitérios do gênero daquele do monte São Paulo. O pessoal podia compor-se apenas de quatro religiosos: estes deviam sucessivamente e, a seu turno, entregar-se dois a dois, ao exercício da prece e aos trabalhos manuais. O mais profundo silêncio era indispensável. Exceto durante o tempo dos ofícios divinos que se salmodiavam em comum, toda comunicação oral com qualquer outro, que não o superior, era severamente proibida, e este devia proibir toda conversação entre os religiosos e as pessoas estranhas. Eis por quais nobres palavras São Francisco termina os diferentes artigos do regulamento desses eremitérios: feliz aquele para o qual tudo é insípido, fora a palavra de Deus e que se serve desta para aumentar e acender nos corações o amor divino! Infeliz o solitário que se compraz nas conversas inúteis e frívolas e leva assim os outros à frivolidade,

pois este, longe de edificar o próximo, escandaliza-o e arrasta-o à mesma falta!

Antônio notara nessa montanha uma cela escavada na rocha pelo frade que a habitava. Ela era um pouco isolada das outras celas e destacava-se pelas incomodidades de sua posição, pois não era muito abrigada contra as intempéries do ar, e sofria-se ali dos ardores do sol, dos frios picantes do inverno e da umidade das chuvas torrenciais.

Ora, como esse santo homem estava desejoso de toda sorte de mortificações e de tudo o que contraria o orgulho e as inclinações sensuais, suplicou ao devoto habitante dessa incômoda cela que lhe cedesse, o que obteve imediatamente.

Desde sua entrada nesse eremitério, Antônio redobrou de ardor nos seus combates espirituais. O amor de Deus fazia-o odiar seu corpo que considerava como o maior inimigo de sua alma. Aproveitava com felicidade as menores ocasiões de se mortificar; assim, jamais se queixava do tempo, por pior que fosse. Castigava seu corpo fraco pela disciplina e o cilício; esgotava suas forças por um jejum rigoroso e contínuo; mal comia o necessário para conservar a vida, e quando a natureza, desfalecendo, lhe ordenava algum repouso, ele estendia seus membros fatigados no chão nu e frio de sua gruta e dormitava até à meia-noite; passada essa

hora, levantava-se prontamente para assistir com seus irmãos ao canto das matinas.

Não se poderia fazer uma ideia das consolações divinas de que ele gozava naquela feliz solidão.

Aos santos êxtases de sua alma, que o inundavam de inefáveis delícias, sucedia para ele uma doce contemplação da natureza onde ele via novos testemunhos do amor paterno de Deus pelo homem. Por vezes abaixava os olhos sobre o vale que se estendia risonho e florido do sopé da montanha até os muros de Bolonha, semelhante a um magnífico jardim cujo terreno é felizmente acidentado, e onde tranquilos riachos e impetuosas torrentes entrecruzam as fitas prateadas de suas águas puras e se jogam num majestoso meandro; em seguida, transferia sua admiração desse quadro encantador para o do monte São Paulo, cujo cimo coroadado de um musgo luxuriante e espessos bosquezinhos, resplandecia das magnificências de uma natureza rica e variada. Oh! então seu coração inebriava-se de celestes emoções, e seus acentos de amor e de reconhecimento misturavam-se ao canto dos pássaros para abençoar o Senhor que faz ressoar sua glória nas maravilhas da criação.

Mais nada neste mundo excitava os desejos de Antônio; Deus constituía toda a sua felicidade, pois encontrava nele tudo o que pode tornar o homem feliz. O mundo tinha de alguma forma desaparecido a seus

olhos e ele não pensava nos homens senão para rezar pelos pecadores e recomendar seus confrades à bondade divina. Mas, podia ele enterrar seus talentos? E não devia ele temer que Deus lhe censurasse um dia tê-los deixado estéreis para a salvação do próximo? Antônio não teve esse temor: esclarecido pelas luzes sobrenaturais com as quais Deus o favorecia em suas fervorosas preces, ele sabia que os talentos expõem a grandes perigos, no teatro do mundo, e que as melhores intenções nem sempre preservam aí das mais deploráveis faltas. Não se poderia efetivamente trabalhar com sucesso na salvação das almas sem ter recebido essa missão do Senhor. É unicamente de Deus que o homem deve receber sua regra de conduta; ele não pode desejar nada, nem mesmo fazer o bem, se não for essa a vontade divina. E para seguir a esta, o religioso não tem outro meio que não a obediência a seus superiores.

Os desígnios providenciais para com Antônio não eram sepultá-lo de alguma forma no esquecimento dos homens, pois ele devia em breve iluminar o mundo com o esplendor deslumbrante de sua virtude e de suas luzes.

Nosso jovem frade menor continuava a fazer rápidos progressos nas vias da perfeição religiosa; seu zelo ardente fazia-o empreender tudo e tudo suportar. Ele parecia insensível aos interesses de sua saúde. Assim, logo tornou-se de uma fraqueza extrema; o jejum

habitual, muitos outros exercícios de penitência e uma tensão de cabeça ininterrupta, tinham-no enfraquecido a tal ponto, que não lhe era possível permanecer de pé quando assistia às conferências com seus irmãos. Acreditava-se a todo momento vê-lo cair bruscamente.

“Foi assim, diz um piedoso cronista,²⁴ que esse homem de elite e de tão grande sabedoria viveu muito tempo como um humilde frade sem nenhum saber. Ele não ousava tentar mais nada grande para a glória de Deus e a salvação das almas, desde que vira fracassar seu heroico projeto a esse respeito. Confiou-se inteiramente às mãos do Senhor e renunciou completamente a toda vontade própria. Semelhante conduta torna feliz e agradável a Deus que se serve em tempo oportuno desses homens ignorados pelo mundo como se serviu de Seu servidor Antônio.”

²⁴ Marcos de Lisboa, p. 1, l. 5, c. 3.

CAPÍTULO VII

Antônio prega diante de uma assembleia de frades menores e de dominicanos. – Ele torna-se padre e recebe ordem de ir para Vercelli estudar. – As ciências teológicas durante a primeira metade do século treze. – Testemunho do abade de Vercelli sobre Antônio. – São Francisco encarrega Antônio do ensino das sagradas Escrituras. – Antônio parte para a França.

Antônio estava nos seus vinte e sete anos, quando seus superiores o enviaram a Forli com alguns outros religiosos para aí receber o sacerdócio. Embora custasse a esse humilde solitário deixar sua incômoda mas tranquila gruta, ele foi prontamente aonde o chamava a obediência religiosa. Os frades menores encontraram em Forli alguns jovens dominicanos que vinham, como eles, receber as santas ordens. O amor fraterno que nunca deixara de existir entre os filhos da São Francisco e os de São Domingos, levou uns e outros a formar apenas uma única comunidade durante sua estadia em Forli.

Uma noite, depois da hora do jantar, os religiosos das duas ordens discorrendo juntos sobre um assunto religioso foram bruscamente interrompidos pelo Guardião ou superior dos frades menores, aquele mesmo que acompanhara seus jovens religiosos: ele

propôs aos dominicanos que um deles aceitasse fazer uma piedosa alocução. Todos se desculparam, pretextando a falta de preparação e pretendendo, aliás, que essa honra cabia aos frades menores. Estes opuseram desculpa a desculpa, e essa luta pacífica de deferência recíproca ainda durava quando o Guardião mudou de ideia. Diante da unanimidade dessa recusa, ele voltou o olhar para Antônio que estava modestamente à sua frente sem proferir uma palavra.

Depois, tomando a palavra, disse: – “se não há ninguém entre vós que queira nos anunciar a palavra de Deus, Antônio aceitará fazê-la ouvir.”

Essa ordem perturbou Antônio, que objetou ao Guardião sua incapacidade de falar convenientemente diante daquela assembleia apoiando-se na sua qualidade de cozinheiro, e pediu-lhe instantemente para não o obrigar a pregar.

Sua objeção foi aprovada, pois se tinha apenas uma diminuta ideia dos talentos de Antônio. Este, para melhor ocultar sua ciência, tinha-se constantemente absterido de falar latim, assim mal o tinham julgado capaz de celebrar a santa Missa.

Mas o Guardião renovou sua ordem e Antônio precisou obedecer.

– “Falai, meu filho, disse-lhe ele, e dissei-nos o que o Espírito Santo vos inspirar.”

Antônio levantou-se e começou com uma voz trêmula um discurso coerente sobre a dignidade do sacerdócio. Sua fala inicialmente simples e embaraçada se aqueceu pouco a pouco no fogo da sabedoria divina e tornou-se majestosa e fluente: espantou seu auditório por uma feliz escolha de textos sagrados dos quais revelou os mais profundos mistérios. Sua eloquência tinha ao mesmo tempo algo de amável e de penetrante que comovia e arrebatava o coração, e parecia acrescentar ao seu caráter de padre o de profeta.

O sermão de Antônio ultrapassou o que os religiosos já haviam ouvido de mais eloquente. Eles ficaram tanto mais maravilhados quanto estavam longe de supor tanta eloquência num homem tão simples em seus discursos, e que se aflagira vivamente por ter sido de alguma maneira forçado, por uma circunstância imprevista, a fazer brilhar seu saber e sua grande capacidade.

O superior de Bolonha apressou-se a contar esse acontecimento a São Francisco de Assis. Este, conhecendo Antônio a fundo, e admirando sua profunda humildade, encarregou-o, apesar de sua juventude, de anunciar a palavra divina. Exigiu somente, que antes de começar suas prédicas, ele estudasse algum tempo sob a direção do abade de Vercelli, mestre dos estudos superiores.

Antônio acabava de dizer sua primeira missa na igreja da Anunciação em Bolonha.²⁵ Após essa grande ação que ele ofereceu ao Senhor como as primícias de seu apostolado, apressou-se a ir para Vercelli a fim de retomar os estudos nos quais se distinguiu mais tarde, a tal ponto, que foi julgado capaz de ensinar as santas letras e a teologia.

Faz-se geralmente uma falsa ideia do estado das ciências na Idade Média. Se é verdade que as artes e as ciências não eram muito cultivadas entre os leigos, não é menos verdade que se encontravam entre os eclesiásticos, dedicados aos estudos superiores, homens do mais raro gênio que penetravam os mais profundos mistérios das Escrituras Sagradas. Eles esclareciam o mundo por discursos e escritos apropriados às necessidades de sua época, e serviam de conselheiros aos príncipes os quais instruía e ajudavam na arte de governar os povos pelas sábias lições de uma política inspirada e ditada pelas leis divinas.

A teologia era o objeto especial dos estudos naquele tempo. Concentravam-se nela todas as outras ciências porque Deus é o ponto central para o qual devem convergir todos os esforços da inteligência humana. Assim, os mais ilustres teólogos reuniam o estudo à prática das boas obras. Seguiam assim a

²⁵ Leandre in Hist. Bonon.

máxima geralmente conhecida: *Quanto mais amamos Deus, melhor o conhecemos*. Eles se esforçavam por uma vida santa e se regozijavam por aproveitar as descobertas da fé e da razão, e assim se tornarem dignos dos mais sublimes conhecimentos. Procuravam por um exercício metódico do espírito, aperfeiçoar suas concepções, premunir-se contra as falsas teorias e estabelecer uma espécie de harmonia entre todos os seus conhecimentos. Em uma palavra, eles estudavam ao mesmo tempo a teologia escolástica ou especulativa, e a teologia mística, que tinha por objetivo a santificação do homem.²⁶ A causa principal dessa tendência geral dos espíritos para as ciências teológicas, era a leitura e a meditação dos profundos escritos de Denis, Areopagita verdadeiro ou suposto. Estes encerram os mais sublimes pensamentos sobre a divindade e um admirável método para saborear, por uma vida inteiramente espiritual, inefáveis doçuras na ciência e na contemplação dos mistérios divinos. E era nisto que consistia propriamente o que se chamava *sapientia*, do verbo latino *sapere*, saborear, como explica São Boaventura em seu tratado sobre os sete dons do Espírito Santo.

A grande celebridade e a alta estima de que gozavam em toda parte as obras de São Denis, faziam com que fossem lidas e comentadas nas escolas públicas. O célebre Thomas Gallus, abade dos

²⁶ Ver Alzog. História universal da Igreja Católica.

benedictinos em Vercelli, era um de seus mais hábeis comentadores. Antônio foi enviado a essa última cidade para assistir a seus notáveis e edificantes comentários que deviam fazê-lo avançar simultaneamente na ciência e no amor de Deus.

Concebem-se facilmente as preciosas vantagens que um tão santo religioso pôde extrair de semelhantes lições. Como não teria ele feito rápidos e prodigiosos progressos sob a condução de tal mestre, ele que já era versado na teologia mística, que gozara dos tesouros ocultos das volúpias divinas, e que buscava apenas amar a Deus e mortificar todos os seus sentidos? Escutemos a esse respeito o testemunho do próprio Thomas Gallus, que nos seus esclarecimentos sobre os escritos de São Denis fala de Antônio nestes termos:

“O amor com frequência penetra mistérios que os conhecimentos humanos são incapazes de apreender e que em vão tentarão explicar. Lemos que vários bispos, desprovidos de grandes conhecimentos humanos, mas cheios de zelo pelo estudo teológico, atingiram tão alto grau de ciência divina – ciência infinitamente superior a qualquer outra – que sua inteligência, elevando-se acima das mais altas regiões terrestres, ia reunir-se aos coros dos anjos para se inclinar diante da adorável Trindade. Vi o mesmo prodígio na pessoa de Antônio de Pádua, frade menor: esse santo, que era pouco versado nas ciências profanas, aplicou-se com tão santo ardor à teologia mística – teologia pouco acessível ao espírito humano –

e fez aí progressos tão notáveis pela sua pureza de alma e seu amor a Deus, que posso dizer dele o que o Evangelho nos diz de São João, o Precursor: que ele era uma tocha ofuscante de claridade. Pois, o amor divino o consumia, e seus belos exemplos pareciam espalhar ao redor dele uma luz sobrenatural.²⁷

Os frades menores, impressionados pelos progressos extraordinários de Antônio nas ciências sagradas, convidaram-no a aceitar ensinar-lhes as santas letras e a teologia. Esse homem humilde e modesto, que fugia de todos os gêneros de honraria, encontrou um meio de não ceder a esse convite, mas a comunidade o reiterou por diversas vezes. Então ele julgou dever recorrer aos conselhos de São Francisco para saber o que lhe restava fazer. O Fundador apoiou o pedido de seus confrades e escreveu-lhe a seguinte carta:

"Irmão Francisco a seu irmão Antônio, saudação e bênção.

Agrada-me que expliqueis a vossos confrades os escritos sagrados, mas de maneira, – e este é meu desejo formal – que esse ensino não enfraqueça, nem em vós, nem nos outros, o espírito de prece; conformai-vos nisso às santas regras que nós seguimos. Adeus."

²⁷ Paraphr. in Dyon. ap. II. Willot in Athenis de Antonio.

Antônio aceitou prontamente a função de doutor. Há muito tempo ele estava convencido de que era bem importante formar padres instruídos e aptos ao ministério evangélico, sobretudo numa época em que a heresia e a libertinagem não cessavam de causar as maiores desordens em toda a Itália.

Ele ensinou primeiro a teologia em Montpellier na França, e em seguida na escola de Bolonha, reaberta com o consentimento de São Francisco de Assis, após ter sido fechada para mortificar a ambição e punir a desobediência de um provincial. Em seguida, nosso jovem doutor ensinou em Pádua, em Toulouse e em várias outras cidades onde juntava a pregação às fadigas do ensino. Antônio foi verdadeiramente admirável pela sua eloquência apostólica. É por isso que o estudaremos como pregador, depois de ter esboçado a situação religiosa e moral de seu século, para melhor apreciar sua missão na sociedade.

CAPÍTULO VIII

Heresias do século treze. – Qualidades que Antônio exige no orador cristão. -

Antônio prega na França. – Seu sermão no capítulo provincial de Arles.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, a Igreja foi dilacerada por uma seita que tirava seus principais erros da religião dos persas. Um cristão, chamado Manes, que fora escravo na Pérsia, não podia conciliar a existência do mal com a bondade infinita de Deus. Ora, como ele professava princípios panteístas, segundo os quais todos os seres procedem imediatamente da substância divina, ele acreditou ter encontrado a solução dessa contradição aparente na doutrina de Zoroastro, que supõe dois princípios ou dois deuses, um autor do bem, outro autor da matéria ou do mal, e este era, segundo o ensinamento de Manes, o Deus do Antigo Testamento. Esse heresiarca misturava a esses erros grosseiros algumas verdades cristãs. O conjunto de uns e outras constituiu seu sistema religioso, que ele introduziu mais tarde na Europa onde foi recebido em muitos lugares.

Seus partidários foram chamados maniqueístas, do próprio nome do escravo persa. Toda a Europa civilizada foi logo inundada por esses novos sectários, cuja propaganda era tanto mais difícil de combater quanto eles sabiam habilmente ocultar seus erros sob um véu enganador de ortodoxia.

Assim, os doutores católicos não tiveram êxito em extirpar completamente essa heresia, mal maior do que a peste: foi em vão que o poder civil deu ajuda à Igreja, para deter por meios vigorosos os progressos do maniqueísmo. Essa heresia conservou-se na sombra,

como o fogo sob a cinza, até meados do século onze aproximadamente, quando reapareceu no mundo em uma nova forma. A Bulgária, já separada da Igreja, abraçou com entusiasmo a doutrina dos sectários de Manes, é por isso que estes foram designados na sequência pelo nome de búlgaros. O maniqueísmo teve em breve seus bispos e seus doutores, que resolveram confiar a missionários a propagação de seu ensinamento heterodoxo. Uma multidão inumerável de apóstolos maniqueístas disseminou-se por todos os pontos da Europa. Os países limítrofes, a Lombardia, a Toscana, os estados da Santa Sé, a França e sobretudo o Languedoc, tão ávido das novidades religiosas do Oriente, tais foram as primeiras conquistas da propaganda maniqueísta. Tal doutrina se estendeu em seguida na Alemanha e nos Países Baixos onde o maniqueísmo encontrou uma multidão de aderentes.

Ora, esses novos maniqueístas tiveram cuidado, como os maniqueístas primitivos, de ocultar seu nome e sua origem. Reformadores visionários espalharam-se por várias regiões para aí pregar loucas e absurdas crenças, e fundar igrejas particulares, das quais cada uma tinha uma denominação diferente. Assim viu-se surgir sucessivamente as heresias dos Paulicianos, dos Cátaros, dos Patarinos, dos Valdenses, dos albigenses etc., que pareciam ter por base comum o duplo princípio, o do bem e o do mal, e não diferiam umas das outras senão por certas doutrinas particulares. Mais

tarde elas reprovaram todos os dogmas da santa Igreja: rejeitaram por conseguinte a autoridade da Santa Sé, a existência do purgatório, o mistério eucarístico, a invocação dos santos etc.; o espírito de erro e de mentira levou-os até a sustentar que o batismo consistia unicamente na imposição das mãos, que não era outra coisa senão um princípio de consolação ou de força que o Espírito Santo vinha ele próprio depositar na alma daqueles que se batizavam assim.

Uma longa experiência demonstrara que o poder temporal não podia impedir o progresso das heresias, e que estas tinham mesmo sido às vezes favorecidas e apoiadas pelos príncipes. É por isso que os Soberanos Pontífices mudaram de tática em seus combates contra a propaganda dos heréticos: não recusaram entretanto o apoio das cabeças coroadas, mas puseram sua principal esperança no zelo apostólico de pregadores cheios de devoção e de saber, cuja vida edificante tanto quanto os eruditos e untuosos sermões, instruíam os ignorantes, reanimariam os mornos e levariam de volta ao seio da Igreja todas as almas desgarradas pela heresia.

Encontra-se nos discursos de Santo Antônio de Pádua uma admirável explicação das qualidades requeridas de um pregador que quer dirigir seu zelo de acordo com as necessidades de seu século.

“Um bom pregador, diz ele, é o filho de Zacarias, ou seja, do pensamento do Senhor; ele deve gravar em

seu coração a lembrança dos sofrimentos de Jesus Cristo; ele deve adormecer com essa lembrança na noite da adversidade, e despertar com ela com a aurora da prosperidade. Então ele sentirá descer em sua alma a palavra de Deus, essa palavra de paz e de vida, de graça e de verdade. Ó palavra divina, que perturba e que transtornais a alma, mas que não a quebrais! Ó palavra de doçura, que temperais os sofrimentos da alma pelo bálsamo da mais santa esperança! Ó palavra refrescante para os corações secos e áridos!”²⁸

Em outra parte, nosso Santo estabelece uma comparação entre Elias e o pregador: “um bom pregador, diz ele, é Elias, subindo o monte Carmelo até seu cimo, isto é, até o da perfeição, onde ele aprende a despojar-se, por uma misteriosa circuncisão, de toda coisa vã ou supérflua. Oprimido de vergonha e de confusão à vista de todas as suas misérias, ele se prosterna humildemente, inclina a fronte até o chão em sinal da profunda dor pelas iniquidades de sua vida passada. Elias diz a seu servidor: *Vai e contempla o mar*. Esse servidor é o corpo do pregador que não poderia ter o coração bastante puro, visto que ele deve de alguma forma manter os olhos fixados sobre a corrupção do mundo para combatê-la por seus sermões. Ele deve olhar sete vezes, ou seja, deve meditar sem cessar os sete pontos fundamentais de nossa fé, a saber: a

²⁸ Sermones S. Ant. Pat. Parisiis 1641, p. 105.

encarnação de Jesus Cristo, o batismo, a paixão, a ressurreição, a descida do Espírito Santo e o Juízo Final, em que os condenados serão precipitados às chamas eternas.

Ora, na sétima consideração, o pregador verá subir, dos abismos do mar, uma leve nuvem, e da alma do pecador, suspiros de contrição e de arrependimento. Esse germe da misericórdia divina desenvolver-se-á no coração dos homens e tornar-se-á uma espessa nuvem cuja sombra cobrirá como um véu impenetrável todas as coisas terrestres: então soprará o vento da confissão que desenraiza o pecado, e ele cessará de soprar apenas quando a satisfação, como um benéfico aguaceiro, tiver refrescado e feito frutificar uma terra árida e estéril. Tal é a conduta do bom pregador...

Mas desgraçado daquele cuja palavra é frívola e orgulhosa, pois não colherá senão a vergonha de suas fadigas e seus trabalhos!”²⁹

No ano de 1224 confiou-se a Antônio o encargo de ensinar e de pregar. A França foi a primeira, entre as nações europeias, a ouvir seus eloquentes sermões e gozar de seus admiráveis efeitos. Ele pregava com uma santa e corajosa liberdade; dizia a verdade a todos, aos grandes como aos pequenos, e sem exceção de ninguém. Numa linguagem enérgica e ao alcance de

²⁹ Serm. S. Ant. p. 335, 336.

todos, ele convencia os incrédulos, fortalecia a fé dos fiéis e confundia os ímpios. Impaciente por esvaziar o cálice das dores e dos sofrimentos, ele não podia temer a morte; assim, muitas vezes fez uma corajosa e legítima oposição aos maus príncipes, repreendendo-os como o comum dos homens. Censurou mesmo os atos de alguns altos personagens com tanta coragem, que vários pregadores célebres que assistiam às suas eloquentes prédicas se assustaram, e reconheceram que tanta liberdade apostólica não era de um homem comum.³⁰

Não poderíamos então espantar-nos com o bem imenso que Antônio fez entre o povo. Pois o pregador, que não poupa mais os poderosos do que os fracos, apodera-se insensivelmente dos espíritos e ganha a confiança de todos. É assim que, tornado realmente pregador do povo, exerce sobre este uma influência espantosa. Não se pode ler, sem um vivo espanto, a narrativa desses levantes políticos que oradores populares excitaram em diversos estados, por discursos sediciosos, mas arrebatadores; entretanto, cessa o espanto quando, de história na mão, se comprova o imenso poder que adquire sobre a multidão todo orador eloquente que tudo afronta e não se intimida com nada. O povo procura instintivamente enfraquecer os poderosos e é por isso que se apega àqueles que

³⁰ Wadding ad an. 1224.

ousam erguer contra eles uma frente audaciosa. Ora, se essa verdade é de uma aplicação geral, não deve aplicar-se de uma maneira toda especial aos sucessos oratórios de um santo pregador tal como Antônio, cuja eloquência não se inspirava na energia de suas paixões, mas extraía todo o seu poder da graça divina; isso porque esse homem impressionante esquecia-se de si próprio para ocupar-se apenas da felicidade dos outros e dava o exemplo das virtudes que pregava. Longe portanto de se parecer com os pregadores dos quais São Bernardo diz que não são senão os canais pelos quais a palavra divina chega até o homem, ele carregava em seu coração o tesouro das verdades eternas de onde extraía como de uma nascente, viva e inesgotável, os preciosos ensinamentos com os quais enriquecia o coração dos fiéis.

Deus fez frequentemente resplandecer a unção e a energia dos sermões de Antônio que comoviam profundamente os corações mais diversamente dispostos.

Estando ele um dia em Arles, onde pregava no Capítulo provincial, desenvolveu diante de seus irmãos o sentido da inscrição que se lê na Cruz. De repente, um santo religioso chamado Monald, percebe à porta da sala do capítulo, o santo padre Francisco, suspenso no ar e estendendo os braços para abençoar a

assembleia.³¹ Todos ficaram cheios de uma alegria celeste durante o tempo da aparição, e não duvidaram da presença milagrosa de seu santo fundador, o que lhes foi confirmado mais tarde pelo testemunho do próprio São Francisco.³² Deus fez ver, por esse milagre, quanto os sermões de Antônio Ihe eram agradáveis, e quanto o espírito que aí dominava era conforme ao de São Francisco que acabava de Ihe dar, como a um de seus filhos queridos, um testemunho brilhante da alegria que ele Ihe causava por seu zelo apostólico.

CAPÍTULO IX

Antônio em luta contra os heréticos. – Ele confirma por um milagre a presença real de Jesus Cristo no Sacramento do altar. – Prodígios ocorridos em Montpellier, em Bourges e em Limoges. – Consideração sobre os milagres de Santo Antônio.

Um acontecimento que ocorreu no ano seguinte tornou o nome de Antônio célebre em toda a França. Leitor em Montpellier, ele era frequentemente convidado a pregar nas cidades vizinhas. Ora, como ele não se

³¹ Veja-se: A Gênese - Os milagres segundo o Espiritismo, cap. XIV - Os fluidos - II - Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais - Aparições - Transfigurações.

³² Wadding ad an. 1224.

poupava nem dificuldade, nem fadiga, e não buscava senão a glória do Senhor e a salvação dos povos, aceitava sempre esses convites para ir a qualquer lugar aonde o chamava assim a voz de Deus. O sul da França oferecia-se a ele como uma rica terra a semear. Essa bela região contava milhares de heréticos; a corrupção era aí quase geral, circunstância benéfica para a heresia que se enraizava cada dia mais. Antônio teve então uma dupla tarefa a cumprir: devia confundir a heresia e secar a fonte dos vícios. Ele não deu nem repouso nem trégua aos heréticos; perseguiu-os em toda a parte, e convenceu-os do erro por raciocínios e milagres. Aqueles que se achavam detentores de muito saber e de eloquência, procuravam o santo doutor para lhe contestar a verdade de sua doutrina; ele no entanto jamais deixava de confundi-los, e quanto mais seus sucessos na controvérsia religiosa se multiplicavam, mais ele era e devia ser considerado e venerado pelo povo.

Bourges³³ foi um dia testemunha de um prodigioso triunfo de Antônio sobre a heresia: enquanto ele pregava nessa cidade, um herético de origem judia que contava aí com muitos partidários, propôs-lhe uma controvérsia sobre o mistério do santo Sacramento dos Altares. O santo homem aceitou a proposta e combinaram o lugar e o dia para essa luta teológica. Guiald, - era o nome do herético, - apresentou-se diante de Antônio e a discussão começou: ela foi curta, pois o raciocínio vigoroso e irrefutável de Antônio convenceu logo seu adversário: este fez vãos esforços para lhe opor alguma objeção embaraçosa e imprevista, mas foi vencido, de alguma forma abatido, pela irresistível eloquência do santo Frade Menor. Ora, como ele não pôde fazer ceder seu orgulho sob o peso humilhante de uma derrota sofrida diante de uma multidão, procurou um expediente para exercer suas represálias.

- “Deixemos de discursos, disse ele, e vamos aos fatos. Se demonstrardes por um prodígio a presença real

³³ É assim que o conta Pierre Rosset num pequeno poema latino. Segundo Marcos de Lisboa esse milagre aconteceu em Rimini, segundo outros em Toulouse. Nós adotamos, com Wadding, a narração que dele faz o poeta parisiense, visto que ele pôde saber dele nos próprios lugares em que ocorreu e numa época pouco afastada daquela em que viveu nosso santo. Os cronistas são aliás quase unânimes em ver como muito verossímil que a França fosse o teatro desse milagroso acontecimento.

de Jesus Cristo no Sacramento do Altar, não hesito em me tornar católico.”

O Santo respondeu-lhe:

– “Tenho plena confiança em meu Salvador Jesus Cristo, que me concederá o que me pedis para a salvação de todos vós.”

– “Pois bem, retrucou o herético, eu esfomearei um animal de carga por um jejum de três dias; depois disso, levando-o diante do povo, eu lhe apresentarei alimentos; vós, de vosso lado, apresentar-vos-eis no mesmo lugar que eu, levando o corpo do Senhor, como vós o chamais: se o animal em vez de saciar sua devoradora fome, se prosternar para adorar o santo Sacramento, eu abraço a religião católica.”

Antônio consentiu na prova sem hesitar, pois sentia em si o poder do Altíssimo e confiava-se inteiramente à assistência divina.

Uma multidão imensa se deslocara até a praça central para ser testemunha do prodígio. Antônio e Guiald já ali estavam. O primeiro fora acompanhado por alguns fervorosos católicos, e o segundo por um grande número de heréticos, no meio dos quais avançava uma mula.

Nosso Santo foi a um oratório vizinho para aí dizer a santa Missa. Quando a tinha dito, retornou para o meio do povo, com a santa Hóstia na mão, seguido por uma

multidão de fiéis. Em seguida trouxeram perante ele a mula, à qual apresentaram um cocho de forragem; Antônio, erguendo então o santo cibório, apostrofou o animal nestes termos:

“Em nome e pela onipotência de teu Criador, que eu tenho aqui nas mãos, apesar de minha extrema indignidade, eu te ordeno para te aproximares e testemunhares, àquele que te criou, o profundo respeito que lhe é devido, a fim de que esses homens perdidos sejam convencidos de que toda criatura está submetida ao divino Criador, que desce sobre nossos altares, à voz do padre.”

Mal nosso Santo cessou de falar que o animal, afastando-se da manjedoura, se aproxima dele, curva a cabeça, e ajoelha-se respeitosa e diante das santas espécies eucarísticas.

Os católicos lançaram um grito de alegria; os heréticos, confundidos por essa derrota, tiveram pressa de se retirar.

Guiald manteve a palavra: fez-se batizar e trouxe toda a sua família para o seio da Igreja.³⁴ Algum tempo depois, ele fez erigir uma igreja em honra de São Pedro.

³⁴ Petrus Rosset. ap. Wadding ad a. 1225.

- Sacris tandem se fontibus ipsum,
Et natos jubet et pariter cum conjuge natas,
Lustrari, totamque domum servire tonanti.

Seus netos, herdeiros de seu zelo pela glória do Senhor, construíram também uma igreja onde se esculpiu na parede da fachada o milagre que acabamos de contar.³⁵ Este foi seguido por novos milagres dos quais aqui estão alguns:

Antônio pregava na catedral de Montpellier, em uma das principais festas do mesmo ano (1225). De repente ele se lembra, no momento em que fala, de uma ordem que lhe fora dada pelo superior do convento para que cantasse, junto a um de seus irmãos, durante a missa, tarefa para a qual não havia deixado um substituto. Era usual em nossas casas que, nas maiores festas do ano, dois religiosos dos mais considerados e dos mais recomendáveis, cantassem a *Aleluia*, no meio do coro, durante a missa solene; ora, estando Antônio encarregado dessa função, temeu que ninguém o tivesse substituído. Profundamente aflito pela omissão que lhe causava esse temor, ele cobre o rosto com seu capuz e, inclinando-se sobre a borda do púlpito,

³⁵ Sumptibus immensis Petro sublimia templa
Condidit, aethereas tangunt quae vertice nubes.
Non procul hinc templum exiguum posuere nepotes
Et celso statuere loco spirantia signa.
In foribus stat equus, supplex ante ora dicati
Corporis effigies cultus monumenta verendi :
Illi spreta fero calathis portatur avena, etc.

permaneceu imóvel e como fora de si.³⁶ Um prodígio acabava de operar-se: ele assistira à missa solene e cantara a *Aleluia* com um outro religioso. Voltando a si, após ter cumprido esse dever, sem deixar o lugar onde estava, ele continuou e terminou tranquilamente seu sermão.³⁷

Um dia em que ele pregava em Bourges ocorreu tal multidão, para ouvi-lo, que nenhuma praça da cidade foi grande o suficiente para contê-la. Os cônegos da catedral ordenaram que se colocasse um púlpito numa vasta planície situada às portas da cidade, para onde todos seguiram o admirável pregador. Era um magnífico dia de verão. Mas, assim que Antônio começara seu sermão o céu escureceu e apresentou os sinais precursores de uma grande tempestade.

O Santo falava com calma em meio ao estrondo do raio e dos relâmpagos ofuscantes que jorravam das

³⁶ Veja-se: O Livro dos Médiuns, cap. VII - Da bicorporeidade e da transfiguração - Homens duplos - Santo Afonso de Ligouri e Santo Antônio de Pádua.

³⁷ Ver J. Goerres, em sua *Die christliche Mystik*, 2a parte, p. 564 e p. 584, em que esse milagre serve de prova à sua tese. Ver também o belo opúsculo do professor Ubaghs, *Du Dynamisme considéré en lui-même et dans ses rapports avec la Sainte Eucharistie* [Do Dinamismo considerado em si próprio e nas suas relações com a Santa Eucaristia], página 111 nota 1, onde o douto escritor prova cientificamente a possibilidade da bilocação.

nuvens incendiadas, enquanto a multidão consternada se preparava para buscar um refúgio contra a chuva torrencial que a ameaçava. Vendo isso, o Santo se recolhe por um instante, depois exclama com voz retumbante:

– “Cristãos! Não temais, permaneçei todos em vosso lugar e eu vos prometo, em nome do Senhor, que nem uma gota de chuva vos molhará.”

Essas palavras tranquilizaram o imenso auditório. Ninguém se moveu de seu lugar: dir-se-ia que a fé viva de Antônio acabava de passar à alma de seus ouvintes.³⁸ Pois, vede: a chuva cai em torrentes, o granizo devasta os campos, e o céu permanece sereno acima deles. Estes vivamente comovidos por esse prodígio, rendem unânimes ações de graças ao Senhor e testemunham ao Apóstolo da Provença sentimentos da mais profunda veneração.

Algum tempo antes fora admitido no convento de Montpellier um rapaz que parecia ter um futuro promissor. Todavia, ele logo se aborreceu da vida

³⁸ "A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não na tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta." (Vede: A fé: mãe da esperança e da caridade, O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX - A fé transporta montanhas.)

monástica e resolveu renunciar a ela. Esse inconstante noviço provou, pelo seu exemplo, que o homem que não repele as primeiras sugestões do demônio, deixa-se pouco a pouco arrastar ao mal. Não contente de deixar furtivamente uma comunidade que ficara feliz de admiti-lo em seu seio, ele pagou com a mais negra ingratidão os benefícios que recebera dela. Ele partiu, com efeito, durante a noite, levando consigo um livro de salmos que roubara de seu mestre Antônio.

Todos sabem o valor dos livros na Idade Média, e o cuidado minucioso que se punha a escrevê-los. Também não se ignora que às vezes formavam a principal riqueza de um convento. O volume de que falamos era ainda mais precioso, porque Antônio tendo se servido dele para a explicação dos salmos, enriquecera-o com notas marginais. Compreende-se então quão grande foi a perda para o santo doutor; mas sua confiança em Deus veio de novo em sua ajuda nessa penosa ocorrência.

Tão logo ficou sabendo do roubo de um livro do qual só dificilmente podia abrir mão, jogou-se diante de seu crucifixo e rogou a Deus que permitisse a sua devolução. O céu não tardou a atender sua prece, pois no momento em que o jovem ladrão ia atravessar uma ponte, viu levantar-se diante dele um pavoroso monstro, brandindo um machado sobre sua cabeça para atingi-lo, se ele não se apressasse a devolver ao convento o objeto roubado. O culpado rapaz, mais morto do que

vivo de pavor, e impelido interiormente pela graça divina, voa até o convento, joga-se soluçando aos pés do Santo e suplica-lhe instantemente para o fazer admitir de novo na comunidade. Antônio aceitou seu arrependimento e obteve-lhe a realização de seu ardente desejo.

É à confiança filial em Deus, que Antônio mostrou nessa circunstância, que se deve atribuir o poder de sua intercessão para que, todos aqueles que o invocam com fé, possam recuperar os objetos perdidos ou extraviados. Ela é tão grande para obter um semelhante favor do céu que a dos maiores Santos nunca a ultrapassou; nota-se mesmo que as pessoas que não acreditam muito nos outros milagres, concordam com a opinião geral para admitir aqueles do gênero deste que acabamos de contar.

Durante um percurso apostólico que ele fazia no Limousin, alojou-se um dia em casa de um homem muito virtuoso. Ora, como este conhecia seu gosto pela solidão, deu-lhe o aposento mais retirado da casa. O anfitrião de Antônio levantou-se à meia-noite para ver se o célebre pregador passava a noite a dormir. Aproximou-se então de seu quarto, o mais tranquilamente possível, e um prodígio impressionou seu olhar: viu, através de uma fenda da porta, que o quarto estava iluminado por uma luz doce e penetrante, e que Santo Antônio acariciava ternamente uma graciosa criancinha. Ele notou o inexprimível espanto de Antônio com o aparecimento miraculoso dessa divina criança, e seus

transportes de amor, depois de ter reconhecido nela seu amável e adorável Jesus. Antes de tudo, ele se anulava diante de sua majestade, depois cobria-o de respeitadas carícias e dirigia-lhe com uma alegria seráfica as ternas palavras que lhe ditava o amor divino que lhe aquecia o coração. O piedoso indiscreto, depois de ter adorado Deus que acabava de visitar seu lar, regressou ao seu quarto com a alma inundada de felicidade por ter podido dar alojamento ao nosso Santo. Mas, no dia seguinte, Santo Antônio mandou chamá-lo, pois tendo sabido pelo Menino Jesus que fora piamente espionado por ele, pediu instantemente a seu hospedeiro para não divulgar o que acabava de testemunhar. Recebeu deste a promessa formal, que foi fielmente mantida.

É uma verdade reconhecida que os santos sempre tiveram o cuidado de ocultar ao mundo seus tesouros de virtude e de santidade. Com efeito, desejam apenas ser conhecidos e julgados por Deus; consideram indigno de um cristão procurar a aprovação dos homens que, de ordinário, julgam apenas segundo as aparências. Ademais, conhecendo-se a si mesmos, eles confessam suas fraquezas e suas misérias, e quanto mais se examinam, mais descobrem motivos de reconhecimento para com Deus. Preservam-se facilmente de todo amor-próprio desregrado e amam ardentemente aquele do qual receberam tudo, porque sabem apreciar em seu justo valor e discernir, com santa imparcialidade, os efeitos da misericórdia divina da

imperfeição das próprias obras. E, como nada é tão agradável aos olhos do Senhor quanto um homem humilde e pequeno a seus próprios olhos, ele favorece-os com seu amor divino, enche-os de toda sorte de graças e de ordinário os escolhe para se tornarem instrumentos de salvação para o mundo.

É com semelhantes traços que São Boaventura nos retrata o Santo cuja vida contamos: “Antônio, diz ele, era pequeno por sua humildade e, como amava ardentemente a Deus, era também por ele ternamente amado.”³⁹

Assim sendo, por que nos espantar por Deus ter honrado Antônio com tantos milagres? Espantemo-nos antes com a profunda humildade dos santos em meio aos testemunhos lisonjeiros de estima e de veneração que lhes prodigalizavam de todos os lados. Antônio era o homem providencial de seu século, pois com a fé viva da Idade Média, contrastando estranhamente com a corrupção dos costumes, o povo precisava de um exemplo impressionante de uma devoção prática desenvolvendo-se pela inspiração da graça divina, e produzindo prodígios e milagres por efeito de um ardente amor a Deus.

Semelhante exemplo produzia nos corações frutos abundantes de salvação e de penitência, pois os

³⁹ Serm. I de B. Ant. de Pad.

milagres de um santo missionário excitavam o povo ao arrependimento. Naqueles tempos evitava-se pronunciar-se como juiz competente sobre a veracidade dos milagres e rejeitar indistintamente os verdadeiros e os falsos; mas acreditava-se piamente em tudo o que podia edificar, em vez de pretender de alguma forma estabelecer limites ao poder do Senhor; assim, acreditava-se firmemente que Deus faz resplandecer seu poder no interesse do homem e o comunica às vezes a seus santos. E não se diga que a fé ou a credulidade da Idade Média multiplicava os milagres à vontade e enchia as lendas de um santo qualquer de narrativas, umas mais maravilhosas que as outras; diga-se antes que a fé produzia milagres. Em nossos dias negligencia-se recorrer a Deus e a seus santos nas circunstâncias críticas e infelizes; e é por isso que o mundo é tão infeliz, pois o Senhor não concede habitualmente seu auxílio senão àqueles que o pedem; outrora, ao contrário, o povo implorava humildemente aos santos para obter forças e consolações, e de ordinário suas fervorosas preces eram atendidas.

Os anais da nossa ordem relatam ainda outros diferentes milagres com os quais Deus favoreceu seu venerável servidor, nas cidades de Montpellier, onde ele ensinava, e de Limoges, onde ele desempenhava o

cargo de Guardiã. ⁴⁰ Eis alguns: ele devolveu a razão a um louco tocando-o com seu cinto enquanto pregava; uma mã deveu a seus mritos a conservaã de uma crianinha que caía num caldeirão de água fervente, enquanto ela assistia ao sermão do Santo. Um dia, os frades do convento de Limoges percebe, de noite, alguns homens devastando a plantaã de um de seus benfeitores. Eles não viram providência melhor senão

⁴⁰ Lê-se nas diversas notas biográficas de nosso santo que ele foi sucessivamente Guardiã em Limoges, em Brioude e em Saint Junien. Ora, como sua primeira estadia na França foi de apenas cerca de três anos, não é possível que ele tenha podido em tão pouco tempo juntar três vezes as funções de Guardiã às de Leitor. Mas é verossímil que depois de ter fundado os conventos de Brioude e de Saint Junien, ele tenha por algum tempo governado estes últimos para introduzir aí os hábitos monásticos, permanecendo Guardiã do convento de Limoges.

No que se refere ao exercício de seu cargo de Leitor, conciliava-se sem dificuldade com o de Superior, quando se nota que naqueles tempos os estudos em nossa ordem ainda não eram organizados da maneira como o são em nossos dias. Também não é de espantar que Antônio tenha ensinado em tantos lugares diversos, pois não se pode inferir desse fato que preenchesse aí o cargo de Leitor. Quando um teólogo eminente se detinha algum tempo num convento, de ordinário convidavam-no a aceitar dar algumas conferências teológicas ou sobre as Escrituras. Concebe-se então que Antônio tenha podido, durante os dez anos em que viveu na nossa ordem, ensinar, governar e pregar, em Montpellier, Toulouse, Bolonha e Pádua.

informar Antônio sobre esse malfeito, pedindo-lhe para transmitir a triste notícia ao proprietário, a fim de que este envie seu pessoal para pôr fim à devastação. Mas o Santo tranquilizou seus irmãos dizendo-lhes:

– Caros irmãos, retornai em paz: esses malfeitores não são outros senão espíritos de trevas que procuram tirar-vos a paz da alma, e distrair-vos em vossas preces.

Os religiosos acreditaram nessas palavras e ficaram felizes ao ver, no dia seguinte, que a plantação do vizinho não sofrera dano algum.

Antônio demitiu-se, no mesmo ano, de sua função de superior e dispôs-se a retornar à Itália, onde se abria um vasto campo ao seu zelo apostólico. Não o seguiremos a esse país a não ser depois de ter exposto sua situação política e moral no momento em que ele foi para lá.

CAPÍTULO X

Os guelfos e os gibelinos na Itália. – Usura e corrupção dos costumes. – Influência dos pregadores populares na Idade Média. – Objetivo da proteção com a qual os papas favorecem as ordens religiosas.

As belas regiões da Itália eram todas agitadas por uma funesta luta entre dois partidos poderosos; luta que se prolongou até aos tempos atuais sob outras denominações. Por volta de meados do século doze, época do estabelecimento das comunas, viu-se surgir na Itália a famosa querela dos guelfos e dos gibelinos⁴¹ que nascera na Alemanha. O imperador da Alemanha que acreditava ser, segundo um antigo direito, o chefe temporal da cristandade, pretendia usar seus direitos feudais sobre a Itália; mas os italianos recusaram submeter-se a uma potência estrangeira e as cidades declararam-se livres e comunas independentes. Os partidários do imperador receberam o nome de gibelinos, e os defensores da independência nacional o de guelfos.

Estes últimos são geralmente vistos como os partidários dos papas, mas erradamente, pois estes não procuravam recuar os limites de seus estados; ainda menos, aspiravam a exercer um poder absoluto sobre toda a Itália; e a autoridade, ou melhor, o controle que o direito público da Idade Média lhes permitia exercer sobre a conduta dos príncipes, era-lhes reconhecido

⁴¹ Os guelfos tiram seu nome de Guelf d'Altorf, descendente da casa de Este na Toscana; os príncipes da casa dos Hohenstauffen, duques de Suábia, foram chamados gibelinos devido ao nome do castelo de Waiblingen, berço de sua família. Essas duas casas disputaram por muito tempo o trono da Alemanha.

pelos gibelinos como pelos guelfos.⁴² Pôde-se, aliás, notar em nosso tempo, como os guelfos entendiam seu devotamento ao papa; para se esclarecer a esse respeito, bastará ler as linhas seguintes, tiradas de Villani, historiador guelfo:

“O partido guelfo, diz esse autor, é a base e a mais sólida muralha da liberdade italiana; ele combate tão energicamente a tirania que declara gibelino todo rei déspota; e seu horror ao despotismo é demonstrado por um grande número de fatos.”⁴³

Ora, os papas sofreram várias vezes a aplicação desses princípios de liberdade feita pelos guelfos, e particularmente pelos próprios romanos. Acontecimentos recentes justificam essa asserção. Os habitantes de Roma sempre sonharam com uma república semelhante àquela dos tempos antigos; acolhiam favoravelmente tribunos que se diziam os sucessores de Brutus, secundando assim as culposas empresas que realizaram Arnould de Brescia e Cola de Rienzi nos estados da Santa Sé, e para dizer tudo numa palavra, os romanos pareceram esquecer, ou antes desconhecer, que os papas lhes deram outrora a

⁴² Vide Gosselin, Pouvoir du Pape au Moyen-âge [Poder do papa na Idade Média]. Tomo II, p. 106, 107, edit. de Louvain.

⁴³ M. Villani Stor. IV.

existência política e a independência nacional.⁴⁴ É no entanto verdadeiro acrescentar – e isto pode explicar por que os guelfos são vistos como os partidários do papado – que os soberanos pontífices sempre favoreceram os guelfos, consolidaram as liberdades políticas e opuseram-se com vigor às pretensões exageradas das potências alemãs.

Essa luta intestina engendrou grandes males, pois as cidades faziam guerra entre si, ao mesmo tempo que sofriam no próprio interior a divisão desses dois partidos, os quais, vexando um ao outro, levavam seu ódio recíproco até manifestá-lo publicamente pela diversidade de roupas e de hábitos domésticos. Não se ousava sair de casa sem armas, pois não se passava um dia em que não se recolhessem nas ruas vários cadáveres de cidadãos assassinados. Não se falava senão de conspirações secretas; o partido vencido, impaciente por reparar sua derrota, esforçava-se para encurralar o partido vencedor, seja pela força, seja pela traição. Penetrando o espírito de ódio e de discórdia até

⁴⁴ Ver Scharpff Vorlesungen ueber die neueste Kirchengeschichte. 2 B. p. 4

o seio das famílias, viam-se pais e filhos provocar uns aos outros à luta.⁴⁵

E, como se todas as calamidades devessem abater-se ao mesmo tempo sobre o povo, a usura veio de alguma forma ajudar as animosidades políticas para consumir sua perda. Pode-se avaliar o número de usurários que arruinavam a Itália naquele tempo, pelo rigor dos castigos que lhes infligia a Igreja.

A mulher do usurário tinha o direito de exigir contra ele a separação de corpos. Os bispos mandavam fazer uma busca minuciosa dos usurários; e se estes, após três avisos da parte daqueles, não renunciavam à usura, eram excomungados. Os usurários não gozavam do direito de fazer testamento, mesmo que fosse a favor dos conventos. Não se podia enterrar em terra benta aqueles dentre eles que morriam praticando a usura. Eram designados comumente sob o nome de Cahorsins ou Lombards. O povo qualificava-os de traficantes de lágrimas.⁴⁶

⁴⁵ Eis como Dante se exprime a esse respeito: “A guerra desola sempre os infelizes habitantes: aqueles dentre eles que as mesmas muralhas e os mesmos fossos defendem, entredilaceram-se uns aos outros. Desgraçada Itália! Mostra-me, se poderes, mostra-me no teu interior ou nas tuas costas, um cidadão feliz! – PURG. C. VI.

⁴⁶ Hurter. Hist. des Institutions du Moyen-âge [História das instituições da Idade Média]. Tom. 3, cap. XXXI.

É verdadeiro dizer que na ausência das casas de penhores, instituições desconhecidas naqueles tempos, uma multidão de devedores não tinha por último e único refúgio senão os usurários, homens sem compaixão, na maioria, que arrancavam dos pobres artesãos seu último centavo e engordavam assim com as lágrimas dos desgraçados.

Pode-se facilmente inferir do que precede a triste situação moral da Itália. O ódio, a inveja e a cupidez do ouro dominavam em toda parte: eram os vícios principais da época. As guerras contínuas favoreciam a libertinagem. Infames heresias corrompiam os costumes; o contato habitual, assim como os perniciosos exemplos dos homens depravados, sobretudo dos maus padres, espalhavam a imoralidade até entre os fiéis.

Compreende-se os vastos trabalhos que esse estado de coisas oferecia em perspectiva ao zelo dos homens apostólicos. Era preciso reconciliar poderosas famílias entre si, abafar o ódio surgido do espírito de partido, desmascarar os usurários e refrear a dissolução dos costumes. Essa nobre tarefa era sobretudo atribuída aos Frades menores e aos dominicanos, duas ordens religiosas cujo fervor primitivo o tempo ainda não arrefecera. Eles gozavam de igual estima por parte do papa, do povo e dos príncipes. Seus atos concordavam com suas palavras, pois eles combatiam com um mesmo ardor os vícios de sua época e suas próprias inclinações desregradas. Privavam-se voluntariamente

de todas as comodidades da vida e abraçavam com simplicidade e amor todas as penas e as preocupações do apostolado. Podiam fulminar contra o pecado, visto que tinham o coração puro; podiam condenar livremente e sem temor a má conduta do povo, porque não poupavam a dos grandes; estes os respeitavam porque nada de mundano se percebia neles; porque eles acreditavam no poder divino, e porque o espírito de Deus, esse espírito de sabedoria que asfixia o orgulho, falava visivelmente pela boca deles.

Assim, não há nada mais maravilhoso do que os prodígios e os sucessos inesperados que a história daqueles tempos nos relata das pregações de vários missionários. Para falar apenas de Antônio, eis o que os cronistas nos contam: quando esse homem de Deus pregava numa cidade ou noutra, atraía tal afluxo de gente, que as lojas permaneciam fechadas e o trânsito momentaneamente suspenso. Os próprios habitantes dos lugares vizinhos afluíam aí para ouvi-lo. Diz-se que o Santo às vezes contava até trinta mil pessoas em seu auditório. Ora, como não havia igreja suficientemente grande para conter semelhante multidão, Antônio era com frequência obrigado a anunciar as verdades eternas nas praças públicas. Os gemidos das almas arrependidas cortavam-lhe muitas vezes a palavra. Suas vivas admoestações operavam as conversões mais extraordinárias; abafavam os sentimentos de ódio e de vingança nos corações amargurados e ulcerados, e

levavam frequentemente inimigos mortais a darem-se o abraço da paz sob seus olhos e sob os de seus inúmeros ouvintes. Ele chegou mesmo a fazer cessar a usura e viram-se grandes culpados, arrependendo-se sinceramente de suas iniquidades, tornarem-se, sob sua paterna direção, cristãos piedosos e fervorosos.

Encontram-se muitos fatos semelhantes na história da Idade Média, cujos salutares efeitos não foram muito duradouros visto que não eram sentidos senão por um número restrito de pessoas arrependidas e convertidas. Aliás, algumas conversões parciais, por mais brilhantes que fossem, eram incapazes de extirpar do seio das nações o mal que lá se enraizara profundamente. O espírito de partido, do qual a Itália tanto sofreu, nasceu de um sentimento exagerado de dignidade pessoal e de liberdade nacional. Esta podia apenas se estabelecer e se desenvolver lentamente, pela união duradoura dos estados italianos, que não tinham outro meio de fazer frente aos alemães senão a comunhão de esforços e de sentimentos patrióticos. Ora, essa união jamais foi completa na Itália; sua existência sempre foi precária, pois no momento em que parecia prestes a estabelecer-se, alguma nova discórdia entre famílias poderosas vinha entravá-la e destruí-la.

No entanto, que imensos serviços os pregadores prestaram à sociedade! Não opuseram efetivamente um forte represamento à torrente do mal, reconciliando as famílias cuja desunião retardava os progressos da

liberdade, melhorando os costumes públicos e, por fim, protegendo as classes pobres contra a cupidez dos usurários? Pois uma nação, quando é moral e religiosa, encontra-se nas melhores condições possíveis para salvaguardar seus interesses políticos. Preocupada em prover, de acordo com os seus meios, as necessidades das classes pobres, ela torna a sedução e o contrato raros e difíceis; consolida assim a base da tranquilidade pública.

Todavia, não se pode concluir do que precede que os papas, em vez de cooperar pessoalmente para a civilização dos povos, se desincumbissem desse cuidado colocando-o sobre os ombros de zelosos missionários. Honório III, regulando sua conduta segundo os grandes desígnios de Gregório VII e de Inocêncio III, aplicou-se a fazer o crescimento de sua influência sobre os príncipes, aos interesses espirituais e temporais do rebanho confiado à sua solicitude apostólica. Ele adotou decididamente o projeto de uma nova cruzada. Assim, não cessou de pressionar o imperador Frederico II a empreender, de acordo com sua promessa, uma expedição contra os sarracenos. No entanto a situação da Europa não era menos perigosa e menos ameaçadora do que a da Síria. Os heréticos devastavam, pela violência e astúcia, a vinha do Senhor. Assim, o papa precisou aceitar com frequência o socorro do imperador contra esses rebeldes obstinados, que minavam ao mesmo tempo o trono e o altar.

Com efeito, vemos que em 1220 Frederico II promulgou, imediatamente após sua coroação, uma lei muito severa contra os heréticos, que recebeu um novo caráter de severidade quando, em 1224, ele acrescentou aí a pena de morte contra os heréticos com a difamação contra seus descendentes; essa lei foi seguida por um decreto que condenava os patarinos às chamas e, por fim, mais tarde pôs de novo em vigor o quarto *cânone* do concílio de Latrão em que o banimento substituía a excomunhão. Foi por ocasião dessas vigorosas medidas de repressão contra a heresia que esse príncipe tomou sob sua alta proteção os frades menores e os dominicanos que perseguiam os heréticos em nome do Soberano Pontífice.⁴⁷

Villani⁴⁸ atesta que os papas opunham os religiosos como uma sólida muralha contra os ataques furibundos dos heréticos, e acrescenta que, ajudados por seus irmãos de Florença, de Milão etc., eles conseguiram em toda parte extirpar os mais perniciosos erros.

Desde a segunda metade do século doze, o estado religioso se oferece ao mundo com um caráter novo. Até essa época, as regras das diversas ordens

⁴⁷ Petrus de Vineis. lib. I, epist. 23, 26 et 27. Ver os textos dessas leis em Rohrbacher, Hist. Univ. de l'Église Catholique, tom.17, p. 594, ou no Corpus juris civilis, in fine.

⁴⁸ Stor. I. 4, c. 28.

prescreviam apenas a vida solitária, a prece e o ensino privado das ciências. As numerosas comunidades religiosas ocupavam-se em copiar os manuscritos, instruir a juventude e preparar escritos sobre a religião e sobre a vida interior. Alguns santos personagens deixaram entretanto o convento, seja para anunciar a fé aos infiéis, como fizeram os monges de Fulda e Corbie, seja para defender a Igreja, como São Bernardo. Mas essas foram vocações excepcionais, porque então ainda não existia fundação religiosa cujo objetivo essencial fosse formar zelosos missionários, hábeis pregadores.

Mas tornava-se cada vez mais necessário fundar ordens que dependessem unicamente do Soberano Pontífice; que se devotassem por inteiro à defesa dos interesses da Igreja e à reforma dos costumes públicos. Isso porque os heréticos inundavam de alguma forma a Europa, e os imperadores alemães se arrogavam pretensos direitos, em particular o da *Investidura*, impunham bispos, mais guerreiros do que apóstolos, frequentemente devotados de coração e alma à causa das potências seculares. Ora, foi essa necessidade que fez emancipar algumas ordens religiosas do poder episcopal.

Viu-se então estabelecerem-se sob Inocêncio III vários institutos monásticos cuja missão principal era consagrar-se de todas as maneiras ao serviço do próximo, mas sobretudo pela pregação evangélica. Os cônegos de *Prémontré* se esforçaram por combater o

erro nas regiões do Norte e assim civilizá-las, enquanto os dominicanos, os frades menores e os carmelitas perseguiram o mesmo objetivo nas regiões do Sul. Estes logo se fixaram em todos os países do mundo e multiplicaram-se com uma rapidez espantosa.

Se se quiser compreender a utilidade dessas instituições religiosas que se examine, sem prevenção, de um lado seu objetivo e as circunstâncias que as fizeram nascer; de outro lado, suas inapreciáveis vantagens para a sociedade, de que já assinalamos algumas nos capítulos precedentes.

Mas voltemos ao nosso Santo e sigamo-lo em seus percursos apostólicos na Itália.

CAPÍTULO XI

Antônio vai para a Itália. – Os albigenses e os pregadores no Sul da França. – Uma tempestade obriga Antônio a aportar uma segunda vez na Sicília. – Situação moral desse país. – Antônio funda três conventos. – Um milagre confirma sua santidade. – Carta circular do vigário-geral a todos os frades menores. – Morte de São Francisco.

Antônio, tendo recebido a ordem do ministro-geral para que retornasse à Itália, fez seus adeuses a

seus irmãos de Limoges, depois do que se pôs a caminho, com um companheiro. Ora, como viajava apenas a pé – ele não usava, com efeito, cavalo ou carro a não ser em caso de necessidade – o caminho que o separava do porto no qual ia embarcar, ter-lhe-ia parecido bem longo assim, como ao seu companheiro de viagem, se suas edificantes conversas entrecortadas pelas preces não tivessem feito transcórrer, doces e rápidas, as horas que levaram a percorrê-lo. Apesar de suas graves preocupações e de seus numerosos cuidados, nosso Santo permanecia intimamente unido a Deus. Ele caminhava constantemente sob o olhar de Deus, para não tropeçar no caminho áspero da vida e evitar assim funestas quedas. Ele aprendera, em suas ternas comunicações com seu amável Jesus, que o padre não se santifica tanto cooperando para a salvação dos outros, quanto se esforçando ele próprio para se tornar perfeito, e, conseqüentemente, mais capaz de trabalhar com sucesso na vinha do Senhor. Um padre que não vive em união com Deus, e cuja alma não arde do fogo celeste, com efeito não é, segundo o pensamento de São Paulo, senão um bronze que retine; ele se afasta de Deus, ao passo que aí conduz os outros, e permanece ele próprio pobre e enfermo, enquanto distribui aos homens os tesouros da santa Igreja.

Como Antônio estava profundamente penetrado por essas verdades, armava-se de alguma forma de

prudência e de circunspeção quando o dever o chamava em meio ao mundo. Assim sendo, tinha o hábito de rezar ao viajar; e, se a condescendência ou a polidez o obrigava a interromper sua prece para conversar um momento com seu companheiro de viagem, falava-lhe de Deus e das verdades eternas, para alimentar por esses piedosos discursos o fogo sobrenatural que inflamava sua alma e para acendê-lo na de seu irmão.

Nossos dois viajantes, andando sob a condução de Deus, aproximavam-se do porto onde deviam embarcar e que foi provavelmente no de Aigues-Mortes.⁴⁹ Nenhum encontro mau entravara sua caminhada, embora então os caminhos públicos fossem muito pouco seguros no Languedoc; o conde Raymond de Toulouse esquecera a promessa formal e reiterada que fizera à Santa Sé, de conter os albigenses e, se possível, expulsá-los insensivelmente da região; no entanto, se não os protegia abertamente, ao menos parecia favorecê-los secretamente. O esquecimento aparente dessa promessa encorajou os albigenses que, levantando de novo a cabeça, juntaram-se em várias regiões para recomeçar suas pilhagens. A desgraçada Provence lançou um longo grito de aflição; os católicos, curvados de novo sob o gládio dos perseguidores,

⁴⁹ Aigues-Mortes tinha naquele tempo um excelente porto; que agora se acha afastado de cerca de duas milhas, em consequência de vários recuos do mar.

imploraram o socorro dos príncipes e denunciaram ao papa a culpada conduta de Raymond. Honório III e as outras potências católicas indignaram-se vivamente contra o conde à notícia dessas desgraças que viam como os funestos efeitos de seu perjúrio.

Ora, eles não se enganavam. É por isso que o papa, convencido doravante da insensibilidade de Raymond a todas as suas admoestações, fez apelo contra ele a Luís VIII, rei da França; este fez, sem demora, preparativos de guerra e propôs anunciar, num próximo concílio nacional, uma cruzada contra os albigenses. Isto ocorreu, com efeito, no mês de janeiro do ano seguinte.

Nesse momento, os frades de São Domingos e de São Francisco entregavam-se a imensos trabalhos no Sul da França, onde possuíam então vários conventos. Sua qualidade de pregadores e seu comprometimento sagrado de combater sem descanso a heresia, obrigavam-nos nas circunstâncias mais perigosas, a arriscarem-se para salvar os fiéis. Deviam consolar e encorajar as vítimas da perseguição, e por vezes mesmo se resolverem de boa vontade a se erguer no púlpito contra heréticos armados que nada respeitavam, e com sucesso massacravam todos os católicos que caíam em seu poder; faziam isso sem nenhuma distinção de sexo nem de posição, e atacavam sobretudo os monges e os padres. Esses santos missionários jamais falharam ao seu dever: bem longe de temer uma morte tão preciosa

aos olhos de Deus, ardiam por poder derramar seu sangue pela Sua glória e pela salvação de seus irmãos, nos gloriosos combates que travavam pela defesa da santa Igreja.

Antônio teria ficado feliz de poder reunir seus esforços aos de seus irmãos para deter os progressos da heresia, mas a vontade de seus superiores pressionava-o a abandonar esse projeto. Ele consolou-se desse penoso sacrifício porque o realizava para obedecer a Deus; apressou-se a fazer o que a santa obediência lhe prescrevia, pois estava convencido que é somente de Deus que o homem pode esperar a recompensa de suas boas obras, e que por conseguinte seria uma grande temeridade empreender uma coisa, por mais excelente que ela seja, que não estivesse de acordo com os desígnios da divina Providência.

Tendo chegado ao Mediterrâneo, os frades menores se lançaram ao mar com um tempo favorável. No entanto, Antônio não pôde aportar em sua província tão cedo quanto desejava. Isso porque no momento em que ele distingue as costas da Itália, as ondas agitam-se tumultuosamente, e pouco tempo depois levanta-se um vento contrário que obriga o navio a rumar para o alto mar. A tempestade durou vários dias; tornou toda manobra impossível, de maneira que foi apenas depois de uma navegação incerta e perigosa, na direção do Sul, que ele aportou enfim na Sicília.

Antônio agradeceu ao céu por tê-lo salvado do naufrágio, adorou seus sábios decretos e embrenhou-se a pé numa região desconhecida para procurar aí um convento de frades menores. Os cronistas não mencionam a comunidade onde ele fez sua primeira estadia. Mas não é menos certo que seus irmãos da Sicília o receberam com a mais viva alegria, como um enviado de Deus para os ajudar poderosamente a estender sua província recém-formada e a reformar os costumes do povo.

A situação moral da Sicília era das mais tristes naquela época. Esse país, outrora tão florescente, mas não há muito tempo devastado e esgotado por uma longa e atroz luta entre dois partidos encarniçados um contra o outro e disputando a coroa, acabava enfim de gozar de algum descanso sob o reinado de Frederico. Mas o retorno de dias tranquilos e felizes foi aí logo marcado pelos novos e assustadores progressos do vício e da corrupção pública. A Sicília era de abordagem segura e cômoda para os mouros da África, que encontravam no jovem rei que a governava um espírito eminentemente poético e apaixonado pelas aventuras cavalheirescas. Também ele gostava dos árabes por causa da delicadeza de seus sentimentos e da vivacidade de sua imaginação. Os mouros puderam então, sem o menor obstáculo, estabelecer-se no seu reino, aliar-se às famílias indígenas e gozar mesmo de seus maiores favores. Os bosques e as colinas da Sicília

em pouco tempo ressoaram voluptuosas canções eróticas que, traduzidas na língua nacional, tiveram em toda parte ecos fiéis nos salões dos grandes como na choupana dos lavradores; assim, logo se tornaram a verdadeira expressão dos sentimentos e dos costumes dos frívolos sicilianos.

O tempo não mudou nada nesse perigoso estado de coisas. Quando o rei Frederico se tornou também imperador escolheu muitas vezes esse país, onde nascera, para lugar de sua residência. Estabeleceu sua corte na voluptuosa cidade de Messina, e exibiu aí um luxo oriental; com efeito, poder-se-ia tomá-la por uma corte de sultão. Ele ali saboreou, na companhia de literatos árabes, os prazeres amolentadores de uma natureza risonha e de um céu sempre sereno. Não se poderia medir a extensão do mal que sua vida escandalosa deve ter produzido entre seus súditos; basta ler o que os historiógrafos contam de suas opiniões e de seus costumes para fazer uma ideia do triste destino de seu reino.

Ora, foi no meio dessas diversas circunstâncias que Antônio aportou na ilha da Sicília.

Nosso Santo não se fez rogar para partir com os fiéis o pão da palavra divina, pois era fortemente levado a isso por seu zelo pela salvação das almas. Aqui, como alhures, sua palavra foi poderosa sobre todos os corações. Ele não só diminuiu de maneira surpreendente a corrupção dos costumes, como chegou mesmo a

fundar vários conventos para seus irmãos. Fundou primeiro um em Cefala, onde plantou um cipreste que florescia ainda depois de trezentos anos; em seguida plantou um segundo em Noto. Além disso, obteve para seus irmãos uma residência em Leontina, da qual o papa Alexandre IV fez, no ano de 1255, um vasto convento.

Enquanto os maravilhosos efeitos dos sermões de Antônio lhe obtinham, em Patti, a estima e a amizade do bispo, ele se tornava objeto de ódio para esses homens cujo mau comportamento não suporta uma conduta regrada e virtuosa. Um destes, desejoso de pôr à prova a santidade do homem de Deus, e, presumindo talvez descobrir nele algo que fosse digno de censura, convidou-o, um dia, a jantar em sua casa. Ora, mandou servir-lhe apenas aves, dizendo-lhe que se ele fazia questão de praticar a virtude evangélica devia comer tudo o que lhe oferecessem.⁵⁰

Esse era um grosseiro sofisma, pois essa ordem que Jesus Cristo dá aos apóstolos, no Evangelho, de se alimentarem dos pratos que lhes são apresentados – ordem transmitida por São Francisco aos seus religiosos – tem uma significação totalmente diferente.

Essa ordem, ou melhor dizendo, essa permissão, diz São Boaventura, não é evidentemente dada para infringir mais livremente a lei da temperança cristã, nem para se alimentar delicadamente; é unicamente para não causar embaraço às pessoas que oferecem a

⁵⁰ Luc. X, 8.

hospitalidade, pedindo-lhes iguarias particulares para si; ora, essa ordem assim entendida encontra-se em perfeita harmonia com nosso voto de pobreza, pois visto que nada possuímos e não podemos receber dinheiro, seria difícil para nós, para não dizer impossível, escolher nossos pratos segundo nossos gostos particulares. É por isso que nos é permitido aceitar os alimentos que nos são dados, o que significa que nos dias de jejum podemos comer de tudo o que não é proibido pela abstinência cristã; nos outros dias, de todos os pratos cujo uso não é proibido ao comum dos fiéis.⁵¹

Embora Antônio interpretasse da mesma maneira a prescrição evangélica que seu hospedeiro lhe objetara, determinou-se no entanto a comer aves, seja porque sua fraqueza corporal o autorizasse a comer carne nos dias de abstinência, seja porque tivesse recebido ordem de seus superiores de fazer uso de uma alimentação muito substancial.

Seu hospedeiro, regozijando-se por ter encontrado a ocasião de comprovar a hipocrisia de Antônio, apressou-se, imediatamente após sua partida, a ir mostrar ao bispo os restos da ave para provar a este que aquele frade menor estava longe de ser tão santo quanto se acreditava, visto que ele próprio se isentava das observâncias prescritas pela santa Igreja.

Essa alegação era evidentemente uma negra calúnia. Como se podia supor que Antônio não tivesse

⁵¹ S. Boav. in cap. 3 reg. S. Franc.

instruído seu hospedeiro do motivo que o fazia comer carne branca num dia de abstinência? Ele que estava tão convencido da enormidade do pecado de escândalo que teria antes omitido uma boa ação do que fazê-la em circunstâncias tais, que devesse ter as aparências do mal?

Assim, Deus fez um milagre para vingar a honra ultrajada de seu servidor e cobrir o caluniador de vergonha e de confusão: quando este apresentou ao bispo os restos de ave, mostrou apenas espinhas de peixe.⁵²

Imagina-se facilmente o embaraço do acusador bem como a alegria do bispo, que, gostando ternamente de Antônio, abençoava o céu por ter tão admiravelmente vingado sua virtude! A notícia desse prodígio, que se espalhou ao longe com grande rapidez, fez crescer ainda muito mais a confiança do povo em nosso Santo, multiplicou os preciosos efeitos de seu zelo para a reforma dos costumes, e aumentou a celebridade de seu nome.

A Sicília ia ver-se privada da presença de Antônio, porque o provincial desse país tinha de regular em Roma certos negócios importantes. Ora, como ninguém lhe parecia mais próprio do que Antônio para preencher esse cargo, ele lhe ordenou que cessasse suas pregações e partisse imediatamente para Roma.

⁵² Wadding. ad. an. 1225, p. 334.

Antônio havia permanecido na Sicília até 1227. Os anais da ordem não nos informam nada sobre suas outras ações nesse reino, mas nesse entremeio grandes acontecimentos ocorreram entre os frades menores.

No fim do ano de 1226, frei Helias, Geral, enviou uma circular à Sicília pela qual noticiou a todos os frades menores a morte de São Francisco, seu Pai bem-amado.

“Este, dizia ele na carta, que foi amado por Deus e pelos homens, que ensinou a Jacó a lei de vida e os preceitos da moral, e que conseguiu para Israel uma aliança de paz, acaba de ser levado daqui de baixo para entrar na residência da luz divina. Devemos nos regozijar por ele, e afligir-nos por nós que sua ausência deixa nas trevas no seio das sombras da morte. Essa desgraça que nos é comum a todos, é sobretudo grande para mim, visto que me entregando à minha própria fraqueza, ela me tira todo apoio, enquanto mil ocupações diversas me encham de preocupações e o peso de meus encargos me oprime pesadamente. Gemei portanto comigo, meus irmãos! Minha dor é imensa; eu vos lamento, também eu, pois como eu vós vos tornastes órfãos, e como eu, acabais de perder a luz de vossos olhos! Sim, a presença de Francisco, que foi ao mesmo tempo nosso irmão e nosso pai, era verdadeiramente uma luz para nós que vivíamos com ele, e para um grande número de pessoas que são diferentes de nós por sua vocação e seu gênero de vida. Ele era uma luz irradiada pela verdadeira luz, que devia iluminar aqueles

que caminhavam à sombra da morte para guiar seus passos até o caminho da paz. Ora, ele cumpriu essa missão, pois o verdadeiro Sol dardejando sobre ele seus mais ardentes raios do alto dos céus, inundava sua alma com sua luz e inflamava sua vontade no amor divino. Ele anunciava o reino de Deus, restabelecia a paz entre os pais e os filhos, tornava a sabedoria do justo amável aos olhos do homem perdido ou perverso, e formava assim, pelo mundo inteiro, um novo povo para o Senhor. Seu nome espalhou-se nas ilhas mais longínquas, e todas as nações admiraram seus prodígios.

“Exorto-vos portanto, meus filhos e meus irmãos, a moderar vossa dor, pois o pai dos órfãos, o Deus amável e bom ajudar-nos-á e apoiar-nos-á com suas poderosas e doces consolações. Se gemerdes, que seja sobre vós próprios, e não sobre ele, pois ele acaba de trocar a morte pela vida, ao passo que nós estamos cercados pela morte no seio da vida. Regozijai-vos antes, pois, como um outro Jacó, ele abençoou de seu leito de morte todos os seus queridos filhos e perdoou todos aqueles dentre eles que podem tê-lo ofendido, seja por desejo, seja por ação.

“E eis o relato de um novo prodígio que não poderia deixar de vos regozijar. Jamais se ouviu nada semelhante, a não ser do filho de Deus, de Jesus Cristo, que é também Deus. Algum tempo antes da morte de nosso irmão e nosso pai, ter-se-ia dito que ele fora crucificado: seu corpo apresentava cinco chagas que o

próprio Jesus Cristo fizera; distinguíam-se sem dificuldade os pregos negros que atravessavam suas mãos e seus pés; seu lado esquerdo parecia aberto por um golpe de lança e ficava frequentemente úmido do sangue que daí escorria. Seu corpo estava extenuado e esgotado, e ele sofrera em cada um de seus membros, que a contração prolongada dos nervos enrijecera como os de um corpo morto. No entanto, seu rosto pareceu amável e risonho após a morte; era de um branco brilhante e encantava a todos por sua beleza. Seus membros, de início tão rígidos, tinham amolecido a tal ponto que se podia dobrá-los em todos os sentidos como os de uma criancinha.

“Agradecei então, caros irmãos! ao Deus do céu, e exaltai-o diante do mundo inteiro, pois sua misericórdia favoreceu-vos com grandes benefícios. Lembrai-vos de nosso pai e nosso irmão Francisco, para louvar e glorificar aquele que o honrou diante dos homens e diante dos anjos. Rezai por ele, pois ele pediu nossas preces; pedi-lhe que obtenha para nós a graça de Deus que o santificou. Assim seja.

“Foi no domingo, quatro de outubro, à uma hora da noite que nosso pai e irmão Francisco acabou a vida do tempo para começar a da eternidade. Vós, então, irmãos bem-amados, que recebereis e lereis esta circular, imitai o povo de Israel, que deplorou amargamente a perda de seus chefes, Moisés e Aarão; dai livre curso às vossas lágrimas, visto que estamos

privados da doce e consoladora presença de nosso pai. Pois, se é bom nos regozijarmos com Francisco, é-o igualmente afligirmo-nos com a sua morte. Na verdade, temos todos os motivos para felicitar Francisco, pois não é morrer entrar na morada da felicidade celeste, levando consigo sua recompensa... É justo chorar a perda de Francisco, que nos torna órfãos porque a morte nos leva, em sua pessoa, um outro Aarão que, vivendo em fraternidade conosco, compartilhava seus tesouros antigos e novos e nos consolava em todas as nossas dores. Mas já que está escrito: *O pobre vos é confiado, vós sereis o consolador do órfão*, rezai e suplicai ao céu, caros irmãos! Pedi ao Senhor para que, após ter quebrado o vaso terrestre no vale de Adão, se digne a conceder-nos um homem segundo seu coração para dirigir nossa comunidade e preceder-nos no combate, como um outro Macabeu. E como é sempre útil rezar pelos defuntos, vós rezareis pela alma de vosso pai: os padres dirão três missas, os clérigos recitarão os salmos, e os irmãos leigos dirão cinco Pater; os clérigos cantarão, além dos salmos, o ofício dos mortos. Assim seja.

FREI HELIAS, PECADOR

Foi grande a aflição dos frades menores quando souberam da morte de seu pai bem-amado; grande foi sua consternação a essa lamentável notícia, pois

embora tivessem previsto essa perda há muito tempo, e o próprio Francisco lhes tivesse dito que seu fim estava próximo, ainda não podiam crer que esse homem de Deus os tivesse deixado. Mas, infelizmente! a morte de Francisco era certa: ele acabava de morrer gloriosamente da morte dos justos; sua carreira estava acabada; ele cumprira todos os desígnios do Senhor que lhe diziam respeito; e, depois de ter posto os interesses de sua ordem nas mãos de Deus, fora receber junto de seu Salvador a coroa de glória que ele concede àquele que sustentou valentemente os combates da justiça.

Poucos dias antes de sua morte, que se aproximava rapidamente, ele mandou chamar para junto de si todos os irmãos do convento para lhes dar a cada um em particular sua última bênção. Os religiosos derramavam-se em lágrimas em volta de seu miserável grabato. O Santo moribundo pousou então a mão direita sobre a cabeça do vigário-geral, ajoelhado diante dele, e perguntou-lhe quem ele era, pois seus olhos moribundos não o distinguiam mais. Quando lhe disseram que era o irmão Helias, Francisco falou:

- “Bem, é sobre vós que minha mão deve repousar. Meu filho, abençoo-vos entre todos e acima de todos, e abençoo em vós os irmãos que o Altíssimo multiplicou sob a vossa direção. Que Deus, o Rei de todos, vos abençoe no céu e na terra! Eu vos abençoo segundo o meu poder e além; que Aquele que tudo

pode se digne a conceder-vos o que minha impotência não poderia dar-vos! Que Deus se recorde de vossas fadigas e de vossos trabalhos e vos dê por isso o salário na recompensa dos justos! Que possais obter todas as graças que desejardes! Que possais ver cumprirem-se os desejos que formardes, desde que sejam conformes à vontade de Deus!”

Deus sancionou essa bênção. Helias realizou os votos que nosso santo formulou no leito de morte para a felicidade de um homem que, mais tarde, é verdade, teria uma deplorável queda. Entretanto, graças a essa mesma bênção recebida do melhor dos pais, ele seria salvo da morte dos reprovados.

Em quatro de outubro, um sábado, Francisco chamou de novo seus caros irmãos para junto de si para lhes dar seus últimos adeuses. Exortou-os à estrita observância da pobreza evangélica que lhes ensinara e deu-lhes, em forma de Testamento, suas últimas instruções, que o irmão Angelus escreveu como sob seu ditado. Em seguida ele quis que o mencionado irmão entoasse, junto com o irmão Leo, o *Hino ao sol*, que ele próprio compusera; após esse canto, abençoou ainda uma vez seus irmãos dirigindo-lhes estas palavras:

- “Vivei felizes, meus filhos, vivei felizes no temor do Senhor e permaneci firmes no seu serviço! Felizes aqueles que prosseguirem generosamente sua missão em meio das provações e das aflições que em breve vão

suportar! Quanto a mim, tenho pressa de ir a Deus, e recomendo-vos todos à sua divina graça.

Quando Francisco acabou de falar, mandou ler o começo da paixão segundo o Evangelho de São João; depois de ter cantado em seguida, numa santa alegria, o salmo cento e quarenta e um, adormeceu pacificamente no Senhor, no quadragésimo quinto ano de sua vida, dezoito anos após a fundação de sua ordem.

Imediatamente após a morte de São Francisco, o irmão Helias precisou, em sua qualidade de vigário-geral, encarregar-se da administração da ordem até o próximo Capítulo Geral, que foi marcado nos dias de Pentecostes do ano seguinte, 1227.

CAPÍTULO XII

A autoridade do papa e a política dos imperadores alemães. – Honório III e Frederico II. – Gregório IX. – Antônio prega em Roma. – Uma cruzada malsucedida. – Os sarracenos nos estados do papa; fuga do Soberano Pontífice de Roma.

Raramente se vira a Igreja numa posição tão crítica quanto aquela em que se encontrava naquele tempo. Ela lutava há muito tempo contra os reis da Alemanha, cujo título de imperadores romanos os

deixava impacientes por dominar as potências superiores ou rivais. Eles não cessavam de aspirar a esse poder absoluto dos Césares pagãos, que os investia da dupla supremacia temporal e religiosa; era o objeto ideal de todos os seus votos; por conseguinte, consideravam-se os suseranos naturais dos outros príncipes e procuravam restringir, tanto quanto possível, a autoridade religiosa em seus estados.

A Santa Sé não podia tolerar semelhante conduta; pois, se por um lado os papas deviam manter intacta a autoridade espiritual da Igreja, por outro lado, a opinião universal assim como o direito dos povos daquela época, permitiam-lhes, na qualidade de pais e de protetores da cristandade, exercer uma certa vigilância a favor dos interesses temporais dos reinos cristãos. Era assim que o poder dos Soberanos Pontífices podia servir de contraponto às pretensões ilegítimas dos imperadores. Assim, a começar por Gregório VII, os papas defenderam com zelo apostólico os direitos da Igreja, jamais cedendo à vontade usurpadora dos tiranos. No entanto, talvez jamais tivessem tido de lutar contra um inimigo tão perigoso quanto Frederico II. Este príncipe, discípulo de Inocêncio III e elevado ao trono por sua intervenção, provou que diferia de seus predecessores apenas por uma conduta mais astuciosa e mais hipócrita. Ele reunia a perfídia grega à bravura selvagem e brutal de seu antepassado Frederico Barba

Roxa, e seus costumes não eram menos licenciosos do que os de seus aliados árabes.

Tal era o adversário de Honório III. A grandeza de alma dos sucessores de Pedro não lhe faltou. Honório, embora naturalmente dócil e conciliador, opôs-se com uma constância inabalável aos pérfidos desígnios de Frederico. Retardou sua coroação por vários anos e não consentiu nela a não ser com a dupla condição de que ele tomasse parte nas cruzadas e perseguisse os heréticos em seus estados. Frederico prometeu tudo com prontidão, mas com a intenção bem decidida de não cumprir nenhuma de suas promessas. Nós vimos, é verdade, que ele fez algumas leis contra os heréticos, mas contentou-se em promulgá-las; preocupava-se demasiado pouco com os interesses espirituais de seus súditos para assegurar-lhes a execução.

Honório morreu em 18 de março do ano de 1227, após ter reconciliado o imperador com as cidades da Lombardia e com seu sogro, o rei de Jerusalém. No dia seguinte à sua morte, deram-lhe por sucessor o cardeal-bispo de Óstia, Ugolino de Segni, sobrinho de Inocêncio III: o venerável octogenário, que tomou o nome de Gregório IX. Frederico vangloriava-se de poder agir como bem entendesse com esse novo papa que parecia debilitado pelos anos. Mas iludiu-se estranhamente a esse respeito porque Gregório, tendo na velhice a força de alma de um homem no vigor da idade, mostrou-se

muito menos condescendente com o imperador do que o papa ao qual sucedera.

Para julgar o caráter particular desse papa, basta notar que ele foi sempre o amigo íntimo de São Francisco, que gostava dele ternamente no tempo em que era apenas cardeal. Ugolino amava, como o ilustre Santo, a prece interior, a contemplação de Deus nas maravilhas da natureza e os inefáveis encantos da solidão. Seu gosto pela poesia não o atraiu, como a Frederico, para os objetos carnavais; ao contrário, fê-lo desejar essas conversas íntimas com Deus das quais a teologia mística é apenas um eloquente eco. Embora de uma natureza doce e sensível ele era de uma vontade inflexível e de uma constância inabalável, quando se tratava de manter seus direitos ou de defender a causa da Igreja. Homem de ciência, político experiente e profundo canonista, não lhe foi difícil evitar as armadilhas que lhe armava habilmente o astuto Frederico.

Gregório, depois de ter participado da gestão dos negócios públicos sob Inocêncio III e Honório III, tornara-se muito apto a prosseguir a sábia política desses dois papas. Assim, não teve ele outra intenção aceitando a tiara senão realizar os desígnios tão sensatamente concebidos por seus predecessores. Seu primeiro cuidado foi forçar o imperador a cumprir sua promessa de partir para a Terra Santa, enquanto ele

mesmo exortaria seu povo a segui-lo nessa gloriosa expedição.

Foi nesse momento que o provincial da Sicília enviou Antônio a Roma para aí aplinar no próximo Capítulo certos assuntos relativos à província siciliana. O papa, outrora o amigo de São Francisco, e agora o protetor zeloso dos frades menores, conhecia naturalmente todos os membros dessa Ordem e sobretudo Antônio, cujo renome estava espalhado em toda a Itália. Assim sendo, aproveitou a estada deste em Roma para ordenar-lhe que pregasse aí, aos estrangeiros acorridos de toda a parte, para que merecessem as indulgências concedidas aos fiéis durante os dias de Páscoa. Não era inverossímil que o papa se servisse de um pregador tão eloquente quanto Antônio para pregar a cruzada e que, a exemplo de seus predecessores, empregasse a indulgência como meio de sucesso. A afluência de gente a Roma, para merecer indulgências, num tempo em que a Igreja as dava com mão menos liberal do que em nossos dias, tornava-se uma circunstância apropriada para aumentar o número de cruzados.

Gregório assistiu com seus cardeais aos sermões do santo frade menor; ele desejava ser testemunha dos prodígios que produzia em toda parte o zelo apostólico desse novo Francisco. Ora, seu desejo foi realizado além de toda expectativa.

Antônio explicou com tanta lucidez e sublime eloquência o sentido misterioso do texto sagrado, que o papa exclamou, num transporte de admiração: *Esse homem é verdadeiramente a Arca do Testamento!* Esse homem de Deus, diz Wadding, tinha de particular o fato de que dava a seus sermões o caráter e a importância requeridos pela verdade que o assunto exigia; usava para com seus ouvintes a doçura ou a severidade, segundo a necessidade das circunstâncias; assim, ele enchia sucessivamente a alma de temor ou de amor. Os homens letrados admiravam nele uma rara perspicácia, uma grande eloquência e, acima de tudo, uma aptidão pouco comum para escolher e pesar com prudência e discernimento todas as suas expressões. As pessoas de posição elevada notavam com espanto a solicitude com a qual *ele comunicava as coisas espirituais aos espirituais*;⁵³ os pobres maravilhavam-se com o talento com o qual ele indicava as causas e as ocasiões do vício, prescrevia os remédios a opor-se a isso e exortava aos bons costumes. Em uma palavra, todos os seus ouvintes, qualquer que fosse sua idade ou condição, encontravam em seus sermões um ensinamento sólido posto ao alcance de todos. Foi com toda a razão que o papa o chamou de *Arca do Testamento*, pois ter-se-ia dito que ele sabia toda a Bíblia de cor de tal sorte que, se ela viesse a perder-se ou ser destruída, ele teria podido, como Esdras, reescrevê-la de memória. Tais são

⁵³ I Cor. II, 13.

as maravilhas que contam de Antônio aqueles que o conheceram por relações diárias e íntimas.

Talvez tenha sido também nessa época que o Senhor renovou, a favor de Antônio, o milagre com o qual glorificara outrora os apóstolos na solenidade do Pentecostes; isso porque inúmeros testemunhos atestam⁵⁴ que homens de diferente língua entendiam na deles os sermões que Antônio fazia em italiano.⁵⁵

Gregório IX pôde se regozijar de ter encarregado nosso Santo de anunciar a palavra divina, pois seus esforços para organizar e provocar uma cruzada foram coroados de êxito em Roma. Outros países mostravam-se dispostos a secundar esse nobre desígnio, que permanecia inexecutável enquanto o imperador recusasse assumir o comando dos cruzados. Ora, não havia muita esperança de que ele quisesse encarregar-se de semelhante fardo. Frederico encontrava sempre algum pretexto para adiar a cruzada na qual prometera muitas vezes tomar parte. Os interesses de sua política, aos quais deviam ceder os da religião, o desviavam de uma guerra contra os muçulmanos. Com efeito, ele desejava viver em paz com os infiéis para ter direito ao auxílio deles em caso de necessidade, particularmente nas contestações que poderiam levantar-se a respeito

⁵⁴ Consultar a obra já citada de Goerres, *Die Christliche Mystik*, em que esse autor estabelece a possibilidade desse prodígio.

⁵⁵ Wadding, ad a. 1227, p. 370.

da Itália meridional ou da Sicília. Por isso ele era fortemente suspeito de ser tão apegado aos erros do Maometismo quanto à doutrina de Jesus Cristo. Seja qual for a verdade a esse respeito, o que é incontestável é que sua má conduta pública e sua confiança num personagem, tal como Pierre Des Vignes, deviam fazer duvidar da ortodoxia de seus princípios religiosos.⁵⁶

O papa, sabendo que Frederico, não obstante sua impiedade, temia as penas eclesiásticas porque elas enfraqueciam o apego do povo pelos príncipes aos quais a Igreja as infligia, resolveu recorrer a elas como a um meio extremo para interessá-lo pelo sucesso da cruzada. Ordenou então ao imperador para estar pronto, antes do fim do mês de agosto do ano corrente, a pôr-se ao mar com uma frota; acrescentou que, se ele diferisse além dessa época cumprir seus compromissos para com a Santa Sé, devia esperar a excomunhão sem mais tardar.

Tendo Frederico prometido obedecer, convocou uma armada, que devia se encontrar em Brindisi pela festa da Assunção. Um grande número de príncipes foi para lá a seu convite; distingue-se dentre os cavaleiros alemães que se cruzaram então, Luís de Turíngia,

⁵⁶ Parece que é um erro atribuir a Frederico II ou a seu secretário Desvignes a obra ímpia: *De Tribus Impostoribus, Moze, Jesu et Mahumeto*; os eruditos duvidam mesmo que semelhante obra tenha existido algum dia. Consultar a esse respeito a opinião de Leibniz em seus *Pensamentos*, publicados por Emery.

esposo de Santa Elisabeth da Hungria, príncipe jovem e piedoso que não devia voltar a ver sua esposa querida após sua partida para o Oriente, e cuja morte prematura expôs esta às cruéis perseguições de seus parentes próximos.

A frota de Frederico não tardou a levantar âncora, que saiu do golfo Adriático costeando a Itália. Mas, após um trajeto de alguns dias o imperador, por causa ou sob pretexto de doença, desembarcou em Otranto, onde muitos cruzados o deixaram. O papa, que penetrou imediatamente os desígnios ocultos de Frederico, convocou em 29 de setembro seus cardeais e fulminou diante deles a sentença de excomunhão contra ele, e proibiu ao mesmo tempo a celebração dos santos mistérios em todos os lugares aos quais fosse esse desgraçado perjuro.

Então Frederico arrancou a máscara e, tendo a guerra eclodido entre ele e o papa, suas tropas acrescidas daquelas dos infiéis, doravante seus aliados, invadiram os estados pontificais. No ano seguinte ele ousou, desprezando o anátema pronunciado contra ele, partir para a Ásia, onde o seguiram dois frades menores, na qualidade de legados da Santa Sé, para informar o patriarca de Jerusalém que Frederico cessara de fazer parte da comunidade dos fiéis. Este último não levou absolutamente em conta o motivo que trazia esses religiosos à Terra Santa. Usurpou o trono de Jerusalém às expensas de Jean de Brienne, seu sogro, e

proclamou-se ele próprio rei; e em vez de combater os sarracenos, concluiu uma paz vergonhosa com Meleddin, sultão do Egito, e declarou guerra aos templários e aos hospitalários, que lhe haviam recusado obediência por ordem do papa.

Enquanto isso, o papa precisara deixar, naquele mesmo ano, a cidade de Roma, porque os gibelinos, excitados por Frederico e comandados pelos Frangipani, família poderosa de Roma, voltando a levantar a cabeça, constrangeram-no, por ameaças e maus tratos reiterados, a procurar um asilo fora de sua capital.

Acabamos aqui esses detalhes históricos e, retomando a história de nosso Santo, vamos contar o que aconteceu no Capítulo dos frades menores, que tinha sido fixado nas festas de Páscoa do ano de 1227.

CAPÍTULO XIII

Capítulo Geral dos frades menores. – Helias de Cortona.

– Antônio é nomeado superior de um convento na França.

Gregório IX, ainda cardeal e bispo de Óstia, cedendo ao desejo de São Francisco, aceitara o cargo de protetor dos frades menores. O ilustre Fundador procurara pôr sua Ordem sob a dependência imediata do papa porque previa que se os religiosos

dependessem diretamente dos bispos, teriam muito que sofrer da parte daqueles que não vivessem em boa inteligência com a corte de Roma. Os acontecimentos justificaram essa sábia previsão, pois desde o ano de 1225 Honório tinha tido que defender os frades menores contra vários bispos franceses, que lhes contestavam os privilégios com os quais ele os favorecera.

Mas era impossível que o papa continuasse sempre a se encarregar da proteção e da defesa imediatas da ordem dos frades menores. Por conseguinte, São Francisco, convencido dessa impossibilidade, ordenara em suas regras e estabelecera o costume de pedir ao santo Padre para designar um de seus cardeais para substituí-lo nas funções desse duplo cargo; ainda hoje os frades menores, fiéis a essa ordem, conservam esse sábio costume.

Ora, para isso, ninguém podia substituir melhor o papa do que o cardeal Ugolino de Segni. Com efeito, ele gostava da ordem de São Francisco, como se ele próprio tivesse sido seu fundador, e encarava os frades menores como seus filhos bem-amados. Assim, foi a ele que estes foram devedores senão de seu rápido crescimento, ao menos da estima e da alta consideração de que sua ordem nascente gozava junto à Santa Sé.

Elevado à dignidade pontifícia, ele continuou sua proteção imediata aos religiosos de São Francisco, durante o primeiro ano de seu pontificado. Não a delegou senão no mês de dezembro de 1227, ao seu

sobrinho Rinaldo de Segni, ao qual recomendou vivamente velar com solicitude pelos interesses dos frades menores.

Gregório IX fez saber, durante os primeiros dias de seu reinado, que queria, na sua qualidade de protetor da ordem de São Francisco, presidir o Capítulo Geral e tomar parte ativa na eleição de um novo Geral. Dirigiu-se então, na antevéspera da festa de Páscoa, ao convento dos frades menores em Roma; como encontrou aí reunidos todos os provinciais da ordem, abriu imediatamente a sessão. Os superiores reunidos estavam longe da unanimidade sobre o candidato a promover ao generalato; a maioria no entanto destinava seu voto ao irmão Helias, embora este tivesse muitas vezes dado pretexto aos bons religiosos de fazer queixas contra ele.

Helias de Cortona era recomendável por uma capacidade rara, por uma habilidade prudente para dirigir seus subordinados e pelas qualidades que asseguram aos superiores o amor de todos os que estão sob seu comando. Profundo erudito e amigo das belas-artes, lançava mão de tudo para fortalecer e estender os estudos eclesiásticos em todas as comunidades de sua ordem. Suas maneiras eram cheias de nobreza e de gravidade; era cheio de zelo pela pureza dos costumes e infatigável na defesa dos direitos da Igreja. Essas belas qualidades teriam feito dele um personagem venerável, se a humildade religiosa tivesse realçado seu brilho.

Porém, ele parecia levar mais a peito distinguir-se pelos encantos exteriores da virtude, do que adquirir o espírito interior que forma os Santos. Seu desejo excessivo de merecer a estima do mundo para si e para sua ordem, fez sua gravidade degenerar em fausto. Ele levou tão longe o amor às ciências que de tanto exortar seus religiosos ao estudo, logo asfixiou neles os sentimentos de piedade e de humildade. Ele considerava, aliás, a regra de São Francisco como o ideal de uma perfeição para a qual os frades menores deviam tender, é verdade, para a ela conformar tanto quanto possível todas as suas ações; todavia, exigia uma virtude tão perfeita, um desprendimento tão completo de todas as coisas, que não era conciliável com a fraqueza humana. Assim, não cessou de importunar a corte de Roma para dela obter privilégios e abrandamentos à vida monástica, ainda que contrários aos estatutos de sua regra.

Semelhante conduta estava em oposição direta com as últimas vontades do santo Fundador que declarou solenemente, alguns instantes antes de sua morte, que exigia, da maneira mais formal, que se conformassem ao texto de suas regras, proibindo a seus irmãos, sob pena de desobediência, de solicitar ao papa algum favor ou privilégio que não estivesse de acordo com a regra.

Que não nos acusem de severidade demasiada para com frei Helias, pois não queremos incriminar suas intenções: só Deus pode julgá-las; apenas lamentamos

que um homem, dotado de tão grandes talentos, se tenha mostrado tão apegado a suas próprias opiniões que preferiu sempre seu julgamento ao julgamento dos outros, mesmo ao dos mais santos personagens; e, que ele quase tenha, por essa temerária confiança em si mesmo, comprometido a existência da congregação nascente que fora confiada à sua solicitude.⁵⁷

São Francisco escolhera frei Helias para superior geral dos irmãos, embora soubesse, por revelação, que ele deixaria um dia sua ordem. O santo Fundador estava certo de que, enquanto vivesse, nenhum esforço humano podia colocar obstáculo à estrita observância de sua regra; que, aliás, a luta entre o fervor e o relaxamento oferece mais vantagens que desvantagens a uma ordem recém estabelecida, visto que ela põe à

⁵⁷ Podemos espantar-nos com razão de que autores modernos, aliás estimáveis, se tenham encarregado da defesa de frei Helias e tenham acusado os cronistas de parcialidade para com ele. Pode-se com efeito imputar erroneamente a estes últimos o ter tomado partido por seu fundador contra um homem que procurou, desde o princípio, relaxar a disciplina e a favor do qual pode-se alegar apenas sua sabedoria humana e seu amor pelas belas-artes que, tendo em vista seu estado, era excessivo e censurável? Quando nos dedicamos à restauração da história, importa para alcançar esse nobre objetivo, não esquecer que não se pode conjecturar quanto a fatos verificados e incontestados, nem interpretar estes de maneira a adaptá-los de alguma forma a sentimentos e a convicções pessoais; deve-se deixar guiar por uma crítica prudente e judiciousa.

prova e fortalece a virtude dos bons, e torna o triunfo do bem, que a segue comumente, mais resplandecente e mais decisivo.

Pensava-se então seriamente em reeleger frei Helias. Ora, como o padre Francisco não estava mais ali para prevenir as faltas que ele poderia cometer no exercício de suas altas funções, grande número de excelentes religiosos estava resolvido a se opor, pelo voto, à sua reeleição. Frei Helias procurou ele próprio desincumbir-se do generalato, apoiando-se em sua saúde frágil que o teria feito sucumbir sob o peso desse encargo.

Todos ficaram surpresos com essa determinação do vigário-geral. Ela abalou tanto mais a resolução dos frades que tinham o propósito de votar contra ele, quanto esperavam grandes serviços de suas raras capacidades; e seus numerosos admiradores, edificando-se com isso como um efeito de sua grande modéstia, insistiram mais do que nunca para que ele aceitasse a função de Geral.

Disseram-lhe, para este fim, que a regra da ordem não exigia o impossível; que o religioso dispensado de certas obrigações no interesse de sua saúde, ou por um motivo qualquer bem fundado, podia tão bem satisfazer a regra quanto aquele que cumpre todas as suas prescrições; que era preferível, se suas enfermidades o exigiam, que ele se alimentasse de ouro e se servisse de

um cavalo em vez de não administrar mais a ordem dos frades menores.

Frei Helias não persistiu em recusar o cargo de Geral, mas aceitou-o no momento em que o papa apoiou com seus incentivos as vivas instâncias dos frades, e lhe concedeu as dispensas que estes reclamavam para ele.

Após a eleição, os frades menores pediram ao papa que aceitasse passar à canonização de seu santo Fundador, motivando seu pedido com os incontáveis milagres que ocorriam a cada dia, pela poderosa intercessão deste junto a Deus. Gregório decidira, já há algum tempo, ocupar-se da canonização de São Francisco de Assis. Assim sendo, prometeu com solícitude começar sem demora o procedimento canônico e marcou a solenidade para o ano seguinte.

Nessa mesma assembleia, Santo Antônio foi nomeado guardião do convento de Puy, situado no sul da França. O papa, vendo nele um segundo Francisco de Assis, tê-lo-ia de bom grado mantido consigo, mas sua solícitude para com toda a cristandade, tanto quanto a triste situação dos assuntos religiosos na França, determinaram-no a enviá-lo para esse país, como sendo o homem mais próprio a fazer ali muito bem. Com efeito, Antônio era aí conhecido e profundamente estimado; viam-no como o flagelo dos heréticos e o terror dos tiranos, ao passo que suas ternas admoestações tocavam os corações menos sensíveis. Não se podia

duvidar de que ele trabalhasse com o maior sucesso nessa vinha do Senhor, já tão devastada.

Antônio, sempre submisso a seus superiores, não hesitou em aceitar esse novo encargo. Todavia, não partiu para a França a não ser depois de ter terminado uma missão na Itália, que o fez abençoado pelo povo e que fará brilhar eternamente seu nome, mesmo na história profana, como se verá no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XIV

Ezzelino III, tirano de Verona. – Antônio, defensor de seus concidadãos. – Influência das ideias religiosas sobre o espírito do povo na Idade Média. – Ezzelino põe à prova a santidade de Antônio. – Morte de Ezzelino.

Encontramos na história da Idade Média um duplo elemento: a santidade e a barbárie. Se de um lado, naqueles tempos a Igreja oferecia muitos exemplos de uma virtude brilhante, porque então se tendia facilmente para as opiniões extremas e se ignoravam ainda esses raciocínios sutis com a ajuda dos quais se tentava, até na vida espiritual, conciliar a sensualidade e o amor-próprio com a perfeição cristã; por outro lado a sociedade encerrava em seu seio muitos monstros de crueldades, porque a religião ainda não conseguira civilizar o mundo a ponto de corrigir e suavizar em toda parte os costumes grosseiros e cruéis.

Nota-se, entre os celerados coroados que se tornaram famosos naqueles tempos, por suas crueldades e suas violências, um homem feroz, um tirano execrável que ultrapassou em ferocidade os maiores déspotas e cujo nome está escrito em letras de sangue nos anais históricos da Itália. O nome de Ezzelino de Romano jamais cairá no esquecimento, mas não se falará desse homem desprezível senão para lhe censurar os gritos dilacerantes das inumeráveis vítimas de seu humor sanguinário; para manchar sua memória em todas as nações e para eternizar seus atos da mais incrível barbárie.

Ezzelino III, senhor de Onara e de Romano, descendia de uma família alemã que se estabeleceu na Itália, sob o imperador Conrado, por volta do ano de 1137, e que adquiriu sucessivamente muitas vastas propriedades na Marche de Trévis. Seu pai Ezzelino II, apelidado o *Monge*, deu-lhe os principados de Bassano e de Marostica, assim como os castelos de sua família que estavam situados no meio das montanhas Enganéennes. Seu irmão Alberico, mais jovem do que ele, recebeu algumas propriedades na Marche de Trévis. Quando Ezzelino II fez essa partilha, retirou-se para a solidão e transmitiu, pouco depois, o governo de todos os seus estados a seu filho mais velho.

Ezzelino III achou os domínios de seu pai pequenos demais, pois ambicionava um poder mais extenso do que o que acabava de herdar. Ainda que

imbuído de princípios democráticos e mais próprio a comandar como tribuno do que como príncipe, ele abraçara há muito tempo a causa dos imperadores e pusera-se à frente dos gibelinos, na Itália. Não decidiremos se foi por convicção ou por ódio ao clero e para reforçar sua autoridade, que ele tomou abertamente partido contra os guelfos. Diremos somente que ele se mostrou mais tarde tão indiferente aos interesses do povo quanto aos dos padres e dos nobres; que a ambição de se elevar em honrarias e em poder foi, por assim dizer, o único e constante móvel de toda a sua conduta.

Desejoso de obter a soberania sobre toda a Itália do norte, ele usou de tudo, em 1225, para se fazer nomear podestade⁵⁸ de Verona, esperando que esse cargo lhe servisse de encaminhamento ao poder absoluto. O sucesso de seus ambiciosos esforços parecia duvidoso: três opiniões inimigas dividiam os habitantes de Verona em três partidos dos quais cada um favorecia um candidato diferente para essa alta magistratura. Os nobres pronunciavam-se pelo margrave de Este, cuja família vivia em uma profunda inimizade com a de Romano; os burgueses independentes

⁵⁸ Nas cidades livres da Itália o podestade reunia em sua pessoa a dignidade de cônsul da comuna e de presidente da corte superior. Este era habitualmente nobre ou de país estrangeiro, e sua administração não podia prolongar-se além de um ano. – Ver C. Cantu, Stor. Univ. lib. XII, c.1.

apoiavam com ardor a candidatura dos Salinguerra e os homens de negócio e de tráfico eram devotados à de Ezzelino.

Este último reuniu a toda a pressa suas tropas, entrou em campanha contra seus competidores e derrotou-os. Os partidários de Ezzelino, encorajados por sua vitória, levaram-no para o interior de suas muralhas para o impor ao povo como podestade. Quanto aos nobres, entrincheiraram-se em suas fortalezas. Porém, Ezzelino ainda não tinha alcançado seu objetivo: como o povo lhe fora anteriormente hostil, ele temia que, segundo o hábito das cidades italianas, escolhesse em breve um chefe, *capitaneus populi*,⁵⁹ cuja função era manter o poder do podestade dentro de certos limites. Ele acreditou então que tudo ou quase tudo lhe restava por fazer enquanto não estivesse investido desse segundo encargo. Ora, seu raciocínio a esse respeito era cheio de justiça e de habilidade.

Ezzelino juntava a muitos vícios raras qualidades, e em particular as que fazem o grande capitão. Ele era ardente e de uma ousadia que diferia pouco da temeridade. Além disso, era de tal tenacidade a perseguir um projeto que ele o executava apesar dos obstáculos e dos revezes. Soube avaliar com sangue frio suas chances de sucesso e prever, com uma espantosa

⁵⁹ O chefe do povo (*capitaneus populi*) é nomeado para defender a liberdade do povo e para manter a união entre os burgueses. – Estatutos de Lucques, ap. Cantu. loc. cit.

perspicácia, as circunstâncias que podiam favorecer seu desígnio. Uma vontade de ferro, que não enfraquecia diante de nenhuma dificuldade, fazia-o exercer uma influência irresistível sobre seus subordinados; assim, seus soldados o seguiam em meio aos maiores perigos que ele os fazia enfrentar por seu próprio exemplo.

Foi por essas diversas qualidades de um bom general, assim como por sua hábil e astuciosa hipocrisia, que ele obteve logo a confiança dos burgueses que o aclamaram chefe do povo, alguns dias após sua elevação a podestade.

Uma vez chegado ao seu objetivo, Ezzelino fez irromper seu furor contra os nobres, seus inimigos mortais; ele os perseguiu durante trinta e quatro anos. E, não obstante as considerações que ele deveu a vários personagens marcantes até o ano de 1236, visto que seu poder absoluto foi consolidado apenas nessa época, ele se serviu de pretextos mais ou menos especiosos para livrar-se de seus adversários.

Ezzelino não pôs mais limites à sua crueldade quando, em 1227, o imperador Frederico veio à Itália onde a antiga querela entre os guelfos e os gibelinos se reavivava. Não contente em comprazer-se com a efusão do sangue dos estrangeiros, ele derramava a cada dia o de muitos nobres e burgueses de seus próprios estados que um simples ato de imprudência condenava à morte. Os grandes talentos logo fizeram sombra ao tirano que achava sempre algum expediente para fazer legitimar,

aos seus próprios olhos ao menos, as vexações com as quais ele os perseguia.

Gritos de maldição erguiam-se de todo lado contra o feroz Ezzelino; mas toda resistência era inútil, pois a proteção do imperador assegurava-lhe a vitória sobre todos aqueles que ousassem atacá-lo; somente a religião era capaz de socorrer seus desgraçados súditos.

Antônio estava a caminho da França, quando soube dos atos inauditos de violência e de opressão do senhor de Romano. Mal ficou sabendo deles que resolveu ir a Verona.⁶⁰ Seus superiores permitiram-lhe prontamente executar essa resolução, porque sabiam que esse santo jamais agia precipitadamente, mas sempre após madura reflexão e sob a inspiração do espírito divino.

Quanto mais Antônio se aproximava de Verona, mais as cenas de ruína e de morte se ofereciam numerosas a seus olhares entristecidos. Os cruéis satélites de Ezzelino, semelhantes a um furacão impetuoso que desenraiza tudo à sua passagem, não poupavam em suas corridas selvagens nem a inocência

⁶⁰ Os Bolandistas pretendem que esses fatos ocorreram em Pádua, apoiando-se na autoridade da velha lenda conhecida sob o título de *Liber miraculorum*; no entanto, parece manifesto, segundo a obra *Storia degl'Eccelini*, que Pádua caiu apenas em 1257 sob a dominação do tirano. Vide Simonde de Sismondi, *Biographie Universelle*, 1 art. Romano, e Cantu. *Stor. Univ.*

da idade, nem sua decrepitude, nem o sexo, nem a posição; tudo o que lhes fazia oposição caía sob seu gládio homicida. Assim, viam-se aqueles que procuravam escapar a isso por lágrimas e preces, sofrer o destino daqueles que resistiam às suas sanguinárias violências.

Verona ofereceu a Antônio o mais aflitivo espetáculo. Um profundo e lúgubre silêncio reinava naquela cidade outrora tão rica, tão florescente e tão animada. Todo comércio cessara e a indústria perecia; os nobres e os grandes comerciantes que Ezzelino não imolara à sua cupidez, tinham-se refugiado em cidades estrangeiras. Os burgueses, aterrorizados, não ousavam mostrar-se na cidade; passavam aí de cabeça baixa, para não se exporem, por aparências inocentemente suspeitas, a serem acusados injustamente junto ao tirano por seus espiões. Somente os cúmplices de Ezzelino, seus fiéis companheiros, andavam de frente erguida e altaneira nas ruas desertas, imaginando estar investidos de toda autoridade nessa cidade, sobre a qual parecia pesar a maldição divina.

Porém, uma coragem verdadeiramente cristã sabe afrontar todos os perigos, quando se trata da glória de Deus e da salvação de suas criaturas.

Antônio foi tomado pelos sentimentos da mais profunda compaixão e da mais viva indignação, à vista desse desolador espetáculo. Não podia conceber que um príncipe, que deve ser aqui embaixo o representante

do Deus justo e misericordioso, pudesse abusar do poder que deriva da onipotência divina, até se tornar o opressor de seu povo e o carrasco de homens inocentes, criados à imagem de Deus e possuindo direitos à sua justiça e ao seu amor.

O santo homem refletiu seriamente sobre o objeto de sua missão. Ele devia ao mesmo tempo repreender os pobres e os indigentes, e mesmo assustá-los pela lembrança dos julgamentos de Deus, e fazer ressoar sua voz severa e corajosa aos ouvidos dos ricos; estes deviam ficar sabendo pela sua boca que, não sendo senão simples mortais como o resto do gênero humano, compareceriam um dia ao lado do último de seus subordinados, diante do tribunal de Deus para aí prestar contas do mal que fizeram e do bem que omitiram.

Antônio, absorto nessas graves reflexões, encaminhou-se para o palácio do príncipe ao qual mandou pedir audiência. Obteve-a sem grande dificuldade, pois esse tirano recebendo a toda hora seus espiões para deles receber informações secretas, não podia prever que um pobre frade menor viesse falar-lhe com um fim totalmente diferente. Guardas armados introduziram Antônio na sala de audiências. Via-se aí diante da porta de entrada um homenzinho magro, sentado num trono resplandecente de riqueza e cercado pelos principais oficiais de sua corte; suas roupas eram simples, mas ele inspirava temor e terror por uma fisionomia dura e severa e por uma atitude orgulhosa e

altiva. Semelhante a um tigre que espreita com olhos cintilantes a presa que quer devorar, ele lançava à sua volta olhares ofuscantes como o relâmpago. Era Ezzelino, tirano de Verona.

Antônio não se deixou intimidar, e aproximando-se dele, com uma audácia cheia de naturalidade, ousou dirigir-lhe esta fulminante apóstrofe:

– “Cruel tirano! Tigre sanguinário! Até quando desprezareis vós a longanimidade do Senhor? Quando poreis fim às vossas gritantes iniquidades?

“Assassino de tantos inocentes! Não ouvís a voz do sangue injustamente derramado, que grita ao céu por vingança contra vós? Não ouvís os gemidos das viúvas e dos órfãos, que tocam profundamente o coração do Deus misericordioso, mas justo, e que chamam sobre vossa culpada cabeça as mais terríveis maldições?

“E não tremeis? Esperais gozar ainda de algum repouso, enquanto o Senhor se prepara para pedir-vos contas da morte de tantas vítimas inocentes? Desgraçado! Vede a mão do Senhor erguida sobre vós: o gládio de sua justiça está suspenso sobre vossa cabeça, e a cólera divina está prestes a irromper sobre vós.... E vós não tremeis!”

E no entanto Ezzelino tremia. Uma linguagem tão corajosa jamais fora ouvida no palácio da família dos Romano. Os guardas pasmados e consternados, esperavam o sinal de seu senhor para fazer o audacioso orador em pedaços. Porém, uma mudança súbita

acabava de se operar em Ezzelino; tomado de temor e perturbação, desce, num passo vacilante, os degraus de seu trono, enrola seu cinto no pescoço e, jogando-se aos pés do santo, diz-lhe numa voz trêmula:

– “Padre! sou um miserável celerado que mereci mil vezes os castigos do Senhor! Rezai por mim, a fim de que o Todo-Poderoso me preserve de sua justa cólera. Eu vos prometo firmemente expiar meus pecados e reparar todo o mal que fiz!”

Antônio reergueu com bondade o príncipe humilhado e arrependido, inspirou-lhe coragem, e prometeu-lhe deter-se alguns dias em Verona a seu favor.

Em seguida o Santo despediu-se de Ezzelino. Os companheiros de armas do príncipe não sabiam como explicar esse acontecimento, mas este disse-lhes: não vos espanteis tanto com o que acaba de acontecer. No meu lugar, teríeis agido como eu, pois enquanto esse santo homem me falava, uma luz celeste parecia irradiar de sua face e penetrava até à medula de meus ossos e me gelava de pavor.

Eis um fato que comprova o poder da fé na Idade Média. Sem pois querer diminuir a ação da graça, devemos levar em conta a disposição habitual do espírito do homem, uma vez que esta favorece ora a graça, e ora o contrário.

Cessamos de nos espantar que um Henrique IV, um Frederico II, embora muito indiferentes em matéria

de religião, tremessem à simples ideia da pena de excomunhão, quando nos recordamos que naqueles tempos, o príncipe separado da Igreja não podia mais contar com a fidelidade de seus súditos. Ele devia portanto respeitar a Igreja, senão por motivo de obediência, ao menos por interesse pessoal. A excomunhão não produz mais esse efeito nos tempos modernos, porque o espírito de fé não anima mais os povos. De onde provém então o enfraquecimento atual da fé? De onde provinha sua vivacidade em nossos ancestrais, cujos costumes não eram melhores do que os nossos?

Escritores de tempos posteriores pretenderam que o homem, engajado no domínio das ciências especulativas, pelo desenvolvimento do espírito que a imprensa provocou, perdeu toda a fé no ensino de outrem, se apoiando apenas na sua própria razão. Outros veem aí a causa da imoralidade que desonra os tempos modernos. Entretanto, supondo verdadeira essa ideia, como explicar o desregramento dos povos na Idade Média?

Não hesitamos em negar que o desenvolvimento do espírito do homem seja para ele um princípio de incredulidade. Reconhecemos por um lado – pois é um fato que se realiza sob nossos olhos na propagação rápida das pretensas reformas modernas – que a imprensa ajuda poderosamente o mal a se propagar entre os povos; mas por outro lado, sustentamos que o

verdadeiro saber não conduziu ninguém ao ateísmo: todos conhecem, efetivamente, a bela máxima do chanceler Bacon a esse respeito. Também não admitimos que a libertinagem provenha da liberdade de opinião. É fácil constatar o contrário na sociedade moderna: o que acontece nela efetivamente? Solta-se as rédeas das paixões, deixa-se arrastar pela torrente do mal, e quando o vício se tornou hábito, procuram-se na ciência sofismas para combater a fé, que condena o erro, e para asfixiar os remorsos da consciência que perturbam o pecador.

Tal foi também a doutrina que nosso divino Salvador ensinou a Nicodemos, quando lhe explicou a incredulidade dos judeus: *A luz, disse-lhe ele, veio ao mundo, e os homens gostaram mais das trevas do que da luz, pois suas obras eram más. Aquele que faz o mal odeia a luz, de medo que suas obras sejam conhecidas.*⁶¹

O abuso dos talentos não podia tornar-se geral na Idade Média. Pois a civilização estava demasiado pouco avançada para dar ao povo o gosto pelos raciocínios científicos; ademais, não se podiam espalhar na sociedade os escritos irreligiosos, por falta de um meio único e de emprego fácil para todos, como foi a imprensa. Assim sendo, os povos se limitavam ao conhecimento das verdades religiosas que a educação lhes inculcara na alma. Não podiam abster-se das

⁶¹ João. III, 19, 20.

práticas exteriores de religião, ainda que fossem apenas devotos, pois sua devoção exterior servia de freio às suas inclinações desregradas. De resto, eles juntavam algumas crenças supersticiosas a noções exatas de religião. Assim, viu-se a astrologia cultivada e estimada por homens de muito gênio. Por conseguinte, os bispos e os missionários sempre se aplicaram a dar ao povo uma instrução sólida e livre de toda superstição.

Esse concurso de circunstâncias secundou sobretudo a influência dos pregadores. Bastava-lhes estabelecer a oposição que existia entre os costumes públicos e os sentimentos de uma verdadeira piedade, e pôr sob os olhos imagens terríveis ou consoladoras da religião para convencer e para provocar a emenda dos pecadores convencidos.

Encontram-se homens, entregues às mais absurdas superstições, que negam por sua má conduta as verdades reveladas de nossa santa religião. Tal era Ezzelino. Esse tirano, esse inimigo declarado da igreja de Jesus Cristo, punha toda a sua confiança nos astrólogos, que eram quatro a acompanhá-lo a toda a parte; ele não empreendia nada de importante sem ter consultado esses homens velhacos e enganadores.⁶²

⁶² Simonde de Sismondi *Biographie Univ.* art. Romano. Conta-se um fato semelhante de Frederico II: esse príncipe ímpio nunca quis pôr o pé em Florença, porque um astrólogo advertira-o para não entrar numa cidade cujo nome deriva do de uma flor; ele morreu em Florentino. – *Cantu*, lib. XII, c. 7.

Assim, seria difícil saber se a mudança que acabava de se operar subitamente nele, era efeito de uma graça extraordinária ou então o de uma imaginação excessivamente exaltada pelo fanatismo. Temos razões para crer que ela teve essa dupla causa, visto que a graça pega frequentemente o homem pelo seu lado fraco, e às vezes faz seus erros e seus desvarios, servir à sua verdadeira conversão, ao seu retorno à verdade. Pois faltava muito para que Ezzelino fosse um incrédulo: ele acreditava na santidade e sabia perfeitamente em que ela consiste; ver-se-á a prova disso no que se segue.

Ezzelino conhecia há muito tempo Santo Antônio. Ouvira muitas vezes falar dos prodígios que ele operava, e ainda recentemente sentira a maravilhosa influência da eloquente fala desse zeloso frade menor. Ezzelino, como esses homens perversos que, sem negar completamente a santidade, apenas dificilmente a admitem numa pessoa conhecida, quis, também ele, pôr a de Antônio à prova.

Para isso, ele enviou alguns de seus cortesãos até Antônio com um magnífico presente, e ordenou que oferecessem a ele de sua parte, pedindo-lhe para aceitá-lo como um fraco testemunho de sua sincera amizade. Acrescentou a essa ordem a de massacrar o santo se ele aceitasse o presente e deixá-lo com ele se ele o recusasse.

Vê-se que Ezzelino escolhera o bom meio de pôr à prova a virtude de nosso Santo, visto que o desapego deve ser uma das qualidades notáveis do pregador católico.

Antônio acolheu os deputados com sua benevolência ordinária, mas assim que compreendeu o motivo da tal visita, recuou de indignação.

– “Retirai-vos de minha presença, disse-lhes ele, não tenho o que fazer dos presentes de Ezzelino! Não desejo senão que ele se emende. Dizei ao vosso senhor que ele deve procurar aplacar o Senhor oferecendo-lhe o dom de um coração contrito e sinceramente arrependido. Que, se ele se recusar a fazê-lo, a ira do Altíssimo irromperá sobre sua culpada cabeça!”

Inútil dizer que os deputados de Ezzelino não tinham contado com essa magnânima e veemente apóstrofe. A santidade de Antônio impressionou-os tão vivamente que eles se jogaram a seus pés cobertos de vergonha e de confusão. Confessaram-lhe o verdadeiro objetivo de sua visita e lhe imploraram que aceitasse rezar por eles. Antônio, mantendo um admirável sangue frio, dirigiu-lhes algumas palavras de encorajamento, antes de os deixar partir.

As palavras de graça que Antônio fizera penetrar no coração de Ezzelino tinham caído numa terra estéril. Esse tirano dissimulou seu despotismo durante o tempo que Antônio permaneceu em Verona; mas, após a sua partida dessa cidade, ele retomou seus antigos hábitos e

não pôs mais limites à sua crueldade. Não sendo nossa intenção escrever a história desse homem, vamos apenas acrescentar ao que já dissemos, que morreu desesperado. Sua tirania, que durou trinta e quatro anos, foi sempre crescendo até sua morte.

Em 1259 ele foi ferido e feito prisioneiro em Bérghamo. Trataram suas feridas e deram-lhe todos os cuidados necessários; no entanto, ele arrancou o curativo de suas feridas e morreu amaldiçoado pela Igreja e desprezado tanto pelos gibelinos quanto pelos guelfos.

CAPÍTULO XV

Fim da guerra contra os albigenses. – Situação do Languedoc; trabalhos apostólicos de Antônio nessa província. – Realização de duas profecias do Santo. – Fundação de dois conventos na França. – Antônio é nomeado Ministro-Provincial, e parte para a Itália. – Fundação do convento de Glémone; milagre operado nessa circunstância. – Cura milagrosa de uma criança.

Creemos dever lançar um golpe de vista sobre os acontecimentos ocorridos no Languedoc enquanto Antônio permanecia na Itália, visto que devemos segui-lo em sua segunda viagem à França. Vimos num capítulo anterior que o bom Luís VIII, justamente irritado contra o perjuro Raymond, resolveu e prometeu no começo do

ano de 1226 retomar a cruzada contra os albigenses. Na primavera do mesmo ano, Luís foi a Bourges, para aí encontrar seu exército e marchou sobre Avignon seguindo o curso do Rhône. A maior parte das cidades e das comunas alistaram-se sob sua bandeira: só Avignon lhe fechou as portas. O cerco dessa cidade durou dois meses. A França perdeu ali muitos homens, tanto pelas doenças quanto pelas frequentes saídas dos sitiados que, também eles, tinham de lutar contra a epidemia que grassava no interior das muralhas.

Foi por volta da festa da Assunção da Santa Virgem que a cidade de Avignon se rendeu a Luís. Ele mandou demolir as fortificações e nomeou ali um bispo; depois disso, penetrando mais fundo no Languedoc, avançou até quatro milhas de Toulouse. Não havia mais muitas cidades ou fortalezas que não tivessem caído em seu poder. Somente a capital de Raymond e algumas fortalezas obstinavam-se em resistir-lhe. Mas o Altíssimo deteve aqui o curso de suas vitórias, cujos frutos não colheria: forçado a regressar imediatamente a seus estados, Luís foi vítima na Auvergne de uma doença perigosa, que o pôs no túmulo em muito poucos dias. Morreu em Montpensier, a oito de novembro, aos quarenta anos, e legou o trono a seu filho Luís, então com apenas onze anos, que juntou mais tarde a coroa de Santo à de rei da França.⁶³

⁶³ Trata-se de Luís IX, canonizado pela Igreja em 1297. (N.R.)

Humbert de Beaujeu prosseguiu, enquanto isso, a guerra contra os albigenses. Precisou de tempo para submeter Toulouse, pois a solidez de suas fortificações e a abundância de suas munições de guerra não permitiram ao general francês tomá-la de assalto.

Em 1227, a rainha Blanche, mãe de Luís IX e regente do reino, enviou para o exército bom número de prelados e de cavaleiros, entre os quais figurava Helias Guerin, abade de Grandselve. Este estava encarregado de concluir um tratado de paz com os toulousains. A desgraçada cidade de Toulouse estava numa situação desesperada: não se podiam introduzir víveres e as colheitas tinham sido destruídas.

Raymond viu-se portanto obrigado a ceder e entrar em negociação com os sitiantes. Os prelados resolveram reunir-se imediatamente em sessão em Meaux, cidade dependente da jurisdição do piedoso Thibaut, conde de Champagne; devia-se aí estipular as condições nas quais se faria um tratado de paz com Toulouse.

A pacificação dessa cidade não se realizou senão em 1229, depois que Raymond se reconciliou com o papa e o rei, e se pôs à mercê da assembleia dos prelados. Impuseram-lhe condições muito duras: segundo uma delas ele devia consentir em que, depois de sua morte, todos os seus estados passassem à coroa da França e que durante o resto de seus dias ele não

tivesse jurisdição sobre a província de Toulouse, a não ser a título de usufrutuário.

Assim terminou uma guerra, que datava já desde Inocêncio III e que destruíra, por assim dizer, uma das mais belas regiões da Europa. Pode-se imaginar facilmente a desgraçada posição em que se encontravam então o Languedoc e a Provence; toda guerra é funesta para o país que é seu teatro, mas talvez não haja nenhuma que tenha resultados mais desastrosos do que uma guerra de religião; pois cada soldado combate aí pela defesa da sua causa e de suas crenças pessoais: ele poupa tanto menos o inimigo quanto se trata do triunfo de sua fé e quanto é arrastado por uma animosidade, que não sente nas guerras em que não defende senão os interesses temporais do seu príncipe.

É o que a França meridional experimentou bem demais. Com efeito, uma guerra incessante, marcada por inúmeros combates e mudanças sucessivas de senhores trazidos pelas mais diversas peripécias, tinham atrasado a agricultura, destruído as plantações, arruinado o comércio e a indústria, e abatido homens que se tornaram frívolos, embora de um caráter naturalmente vivo e jovial. Estes não despertavam de seu frio torpor a não ser para se entregar aos mais insolentes excessos sob a influência excitadora dos trovadores. Os padres, sempre cercados dos maiores

perigos, não podiam muito trabalhar pela felicidade das desgraçadas ovelhas confiadas à sua solicitude pastoral.

A maior parte do Languedoc já estava sob o poder de Luís IX, quando Santo Antônio chegou à França, aonde vinha, como dissemos anteriormente, dirigir seus irmãos do convento de Puy en Velay. Ele avaliou imediatamente a importância de sua missão e compreendeu que não tinha tempo a perder para cumpri-la; que era urgente pôr mãos à obra, com seus irmãos, para reparar os males que a guerra causara em toda parte na vinha do Senhor. Seu coração sangrava à visão de uma multidão de desgraçados, expulsos pela fome de suas casas, errando por todos os lados, pobres e maltrapilhos, ou arrastando seus corpos extenuados nas ruas das cidades. Ali, como na Itália e em outras regiões, os usurários, na maioria judeus, exerciam sem entrave e com uma gritante desumanidade sua vergonhosa profissão; nesse tempo ainda não se vira surgir a aurora dos dias afortunados em que Luís IX devia pôr fim a todas as injustiças e restabelecer os direitos do homem tão ignorados.

Aguardando por isso, Antônio assumiu a defesa da humanidade oprimida. Perseguiu intrepidamente os usurários; e, desprezando os perigos que sua vida corria, ele propagou por toda parte a desconfiança nesses sórdidos enganadores. Ele ajudava de acordo com seu poder todos os desafortunados por conselhos e auxílios; fornecia aos pobres a comida e a roupa, ao

mesmo tempo em que provia a todas as suas necessidades espirituais. Ele tinha de combater, além da usura, o ódio e a impureza que reinavam em toda parte; clamava contra esse duplo vício com sua eloquência habitual, e sancionou seus discursos por milagres públicos e deslumbrantes. Assim conseguiu com o tempo melhorar consideravelmente os costumes do povo.

Havia em Puy, onde Antônio residia, um tabelião que levava uma vida escandalosa. Ele não era ímpio nem inimigo da Igreja, mas estava tão escravizado aos prazeres criminosos do mundo, que sua conversão parecia quase impossível. Ora, como ele encontrava frequentemente nas ruas o santo guardião dos frades menores, sempre que isso ocorria, este último se jogava aos seus pés, de cabeça descoberta, dando-lhe assim um sinal do maior respeito, para seu grande espanto.

Tal consideração da parte de Antônio inquietou esse homem voluptuoso, que passou a evitar, tanto quanto possível, encontrá-lo, pois bastava-lhe avistá-lo de longe para se atemorizar.

Um dia em que encontrou fortuitamente o Santo, este jogou-se de novo a seus pés: o tabelião não se conteve mais diante desse estranho espetáculo e, voltando sobre seus passos, disse-lhe com altivez:

– “Que mal vos fiz eu, para que vos aproveitásseis de todas as ocasiões para zombar de mim? Se eu não

temesse a cólera de Deus, há muito tempo já vos teria varado o peito!”

Antônio permaneceu calmo e respondeu com doçura:

– “Meu irmão, honro em vós um mártir de Jesus Cristo. É em vão que suplico há vários anos ao Altíssimo conceder-me a graça de dar minha vida por ele; quanto a vós, Deus me revelou que o confessareis publicamente, e que selareis essa confissão com vosso sangue; é por isso que vos peço que vos recordeis de mim quando tiverdes recebido a coroa do martírio.

O tabelião, tomando essa linguagem pela de um louco, continuou seu caminho rebentando de rir.

Algum tempo depois, o bispo de Puy foi à Palestina para pregar a fé aos maometanos.⁶⁴ Partiu acompanhado por vários padres e vários frades leigos; entre esses últimos encontrava-se o tabelião que,

⁶⁴ Os cronistas não dizem em que língua esse bispo e seus companheiros anunciaram a fé aos árabes; seu silêncio a esse respeito não apresenta dificuldade histórica, se se notar que no século treze a utilização das línguas provençal e árabe era mais geral do que a de qualquer outra língua, mesmo do latim. Na Catalunha e em várias regiões da Itália falava-se a língua harmoniosa dos trovadores provençais, e na França meridional a língua rica dos árabes, os quais tinham possuído outrora um florescente reino nessa vasta região. Encontravam-se mesmo muitos árabes que, em decorrência de suas frequentes relações com os franceses, falavam ou pelo menos compreendiam as línguas francesa e italiana; isto parece manifesto em alguns relatos de César d’Heisterbach.

tocado pela graça divina, empreendia essa devota viagem após ter vendido todos os seus bens.

Essa pequena companhia de missionários aportou na Síria, depois de uma travessia das mais difíceis. Apesar da diligência do bispo em visitar com seus companheiros o túmulo do divino Salvador, ele não pôde deixar as cidades que teve de atravessar, sem ter aí discussões religiosas com os árabes; ora, ele usava contra eles argumentos tão fracos e parecia tão manifestamente poupar o falso profeta Maomé, para não ofender os árabes, que descontentou profundamente o tabelião, transformado em apóstolo. Este dissimulou seu descontentamento durante dois dias, mas no terceiro cortou a palavra ao bispo, censurou-o vivamente por sua covarde condescendência, e começou desde então a pregar a fé aos infiéis. Difamou a vida de Maomé; mostrou como esse impostor enganara seus concidadãos e concluiu seu discurso, dizendo, para grande escândalo dos árabes, que sendo o profeta deles filho do demônio, expiava nos infernos a perda de muitos milhares de almas.

Os maometanos que podiam suportar tudo, exceto que blasfemassem de seu profeta, agarraram o tabelião e atormentaram-no desumanamente durante três dias. Quando no terceiro dia o conduziram à morte, ele disse a seus companheiros, que não o queriam deixar na sua derradeira hora, que Antônio, superior dos frades menores em Puy, lhe predissera o martírio. Os

pieçosos cruzados divulgaram por toda parte a realização dessa predição no seu retorno à França.

Antônio continuou nesse momento a dirigir seus irmãos com amor e prudência. A exemplo de São Francisco ele agia para com eles como um servidor para com seus senhores; embora fosse o primeiro entre eles em dignidade, era tão humilde que se acreditava o último. Era um modelo de fidelidade aos regulamentos da comunidade; não negligenciava nenhum meio de fazer reinar no convento a perfeição que era requerida como em uma escola de santidade; assim, não recomendava a realização de nenhum dever que ele próprio não cumprisse fielmente.

A administração de seu convento não o impedia de se entregar aos trabalhos apostólicos. Incansável a procurar os pecadores, estava sempre pronto a reconciliar essas ovelhas desgarradas com seu divino Pastor, pelo sacramento de arrependimento. Seu amor ao próximo não conhecia limites: comprometia de bom grado sua vida pela salvação de uma única alma, pela conversão de um único pecador. Esse zelo não deve espantar, pois ele ardia de amor pelo seu Deus crucificado. Queria aliás conformar sua vida à doutrina de seu divino Salvador, que lhe ensinara que a caridade pode elevar-se até o sacrifício de si próprio.

A grandeza de alma de Antônio dava-lhe um grande poder sobre as consciências. Seus penitentes admiravam nele acima de tudo uma maravilhosa aptidão

para fazer cessar as mais violentas tentações. Ele era severo consigo próprio e cheio de bondade para aqueles que lhe confiavam os interesses de sua alma; dirigia estes com a mais rara prudência, usando de sábias cautelas com sua fraqueza, e aplicando-se sobretudo a facilitar a vida cristã pela prática moderada e judiciosa das obras de devoção e de penitência. A severidade jamais era o móvel de sua conduta, que ele regulava segundo as circunstâncias e as pessoas; modificando sensatamente sua direção de acordo com a natureza das necessidades espirituais de cada um, sabia conquistar o pecador pouco firme no bem, por uma prudente indulgência, e às vezes mesmo por uma discreta condescendência. Ele conseguia, desse modo, fazê-lo cumprir insensivelmente os deveres de uma virtude sólida e corajosa.

Assim sendo, os habitantes do sul da França veneravam como um santo o guardião dos frades menores de Puy: recorriam a ele em todas as suas necessidades temporais e espirituais, e jamais recorreram em vão.

Uma senhora pertencente a uma das principais famílias de Puy,⁶⁵ prestes a se tornar mãe, dirigiu-se a

⁶⁵ Wadding dá o nome de *Avisium* à cidade onde esse acontecimento ocorreu; P. Vander Borgt, o de *Assisium*; no entanto, os bolandistas são da opinião de Santo Antonino, que a chama em suas crônicas *Anicium seu Podium*. Ver *Acta Sanct. Junii*, tom. II, p. 730, anot. R.

ele para obter, por suas preces, que Deus a ajudasse em semelhante ocorrência, em que ela corria sempre o maior perigo.

Antônio, que não rejeitava nenhum pedido, recolheu-se um momento diante dos altares sagrados; depois disso, assegurou-lhe que ela daria à luz um filho, com sucesso, e que ele se tornaria um dia frade menor e mártir de Jesus Cristo.

Essa predição recebeu mais tarde seu completo cumprimento. A nobre senhora pôs no mundo um filho, que na sequência se tornou frade menor. Ainda noviço, já suspirava pelo momento em que lhe seria facultado pregar a fé aos infiéis e, se a ocasião se oferecesse, colher a palma do martírio. Foi apenas depois de uma longa espera por essa felicidade que ele pôde enfim partir para Jerusalém, onde se deteve algum tempo para fazer aí novos progressos na perfeição cristã e religiosa, meditando a paixão de Jesus Cristo, nos próprios lugares que haviam sido seu teatro. Philippe, – esse era o nome desse frade menor – foi em seguida a Azoth, junto dos cristãos que habitavam aquela cidade, para os exortar à perseverança na posição crítica em que se encontravam.

Os muçulmanos não tardaram a cercar Azoth. Seus habitantes, bem resolutos a não se render a nenhum preço, defenderam valentemente seus lares.

Entretanto o cerco foi curto, pois a traição entregou a cidade aos sitiantes, e todos os cristãos

foram citados diante do sultão. Ele deixou-os escolher entre a morte e a apostasia; houve poucos apóstatas entre os cristãos de Azoth: estes decidiram quase todos derramar seu sangue pelo divino Salvador.

Philippe, conduzido com os outros cristãos diante do sultão, aproximou-se com santa intrepidez, e fez-lhe mais ou menos este discurso:

– “Sabei, príncipe, que sou padre, e que prego a lei desse Jesus que perseguis. Se os cristãos aqui presentes perante vós, são dignos de morte, mereço, eu próprio, morrer mil vezes, visto que os exortei com todo o meu poder a jamais obedecerem às vossas ordens ímpias. Se puder pedir-vos um favor, mandai-me morrer depois deles.” “E vós, prosseguiu o confessor, virando-se para os cristãos, perseverai na luta que começastes; erguei os olhos ao céu; o divino remunerador lá vos aguarda para vos dar a coroa de glória reservada àqueles que confessam a fé ao preço de seu sangue. Tomai coragem; o combate será curto e a recompensa eterna! O Todo-Poderoso revelou-me que hoje eu subirei ao céu com mais de mil mártires.”

Os cristãos aplaudiram vivamente essas encorajadoras e nobres palavras, e exclamaram a uma só voz que desejavam morrer por Jesus, e que não temiam nenhum tormento, por mais terrível que pudesse ser.

O sultão, exasperado de cólera, ordenou que agarrassem Philippe, que lhe cortassem um a um todos

os dedos, que o esfolassem vivo, e que enfim lhe arrancassem a língua. Sua ordem foi executada, mas Philippe não enfraqueceu! Não cessou de agradecer a Deus e de exortar seus irmãos à perseverança senão quando a voz lhe faltou; e, quando teve a língua arrancada rezou de coração com os olhos voltados para o céu. Depois que o sultão saciou sua feroz sede de sangue humano, pelo espetáculo desses horríveis suplícios, ele ordenou que os cristãos fossem decapitados e seus cadáveres dados para os animais selvagens comerem. Foi obedecido no mesmo instante. Philippe, seguido de todos os seus confrades, foi receber a coroa que lhe fora predita muito tempo antes, por Santo Antônio.

Pelo final do ano de 1227, Antônio fundou um convento em Brioude, a convite de um nobre chamado Quintus de Falcici, que arcou com as despesas da construção e do estabelecimento. Algum tempo mais tarde ele construiu um segundo convento, de que não existe mais vestígio, pois foi, como o primeiro, devastado e demolido até às fundações pelos huguenotes no século dezessete.

É muito provável que fosse no começo do ano seguinte (1228) que Antônio retornou à Itália, na ocasião de sua promoção à dignidade de ministro da província

de Bolonha.⁶⁶ Durante uma estadia na França, de menos de um ano, ele foi Guardião em Puy, e no relato de Wadding, Custódio⁶⁷ da província de Limoges. A Itália não podia dispensá-lo mais tempo; os patarins, secundados pela guerra, tinham-se facilmente espalhado e estabeleceram bispados em suas principais cidades. Seu poder pesava sobretudo sobre Rimini, Milão, Pádua e Verona. Nesta última cidade eles foram senão favorecidos, ao menos tolerados por Ezzelino, cujo pai, dizia-se, que vivia na solidão, era um dos aderentes e protetores mais zelosos da doutrina maniqueísta.⁶⁸

Tendo retornado à Itália, Antônio fundou um convento em Glémone, no território de Forli; os cronistas relatam, a propósito dessa fundação, um fato que nos mostra claramente o grande crédito do Santo junto a Deus e o poder de que era dotado; este pareceu tão grande quanto o do apóstolo São Pedro, quando vemos este, no nascimento do cristianismo, punir com a morte a mentira de Ananias e de Safira.

⁶⁶ Isto nos parece verossímil, porque dispensado dessa função em 1230, precisou de ao menos um ano e meio para terminar os trabalhos apostólicos que empreendeu na Itália e realizar as maravilhas que aí operou enquanto era ainda provincial.

⁶⁷ É o nome do superior de um número de conventos insuficiente para formar uma província.

⁶⁸ Simonde de Sismonde, Biogr. Univ. loc. cit.

Enquanto Antônio construía o convento de Glémone, um dia adquiriu no caminho materiais de construção. Ora, ele não podia fazê-los transportar porque não tinha cavalo nem carroça. Enquanto deliberava com seus operários para encontrar um meio de transporte, um lavrador passou, muito a propósito, com uma carroça vazia, para tirar do embaraço o arquiteto e os pedreiros. Aproximando-se do condutor, Antônio pediu-lhe polidamente para permitir, pelo amor de Deus, que carregassem sua carroça com uma pequena provisão de madeira e de pedras, visto que ela estava sem carga alguma. Como o condutor não via nenhuma vantagem em lhe conceder o pedido, respondeu, sem muita cerimônia, que não podia pôr a carroça à sua disposição porque que estava carregado com um cadáver. Ora, mentia descaradamente, pois o pretense cadáver não era outra coisa senão seu doméstico, que adormecera ali de cansaço.

Antônio não insistiu, e o lavrador prosseguiu seu caminho. Quando tinha percorrido alguma distância, quis despertar seu doméstico para lhe contar o que acabava de lhe acontecer e também para zombar um pouco de Antônio; mas ele não despertou. O lavrador diminuiu então o passo dos cavalos e levantou a voz para se fazer ouvir melhor, mas nada de resposta. Vivamente inquieto, e todo coberto de suor frio, pôs-se a sacudir o doméstico, mas este permaneceu imóvel e mudo. Fez ainda muitos outros esforços para acordá-lo,

mas foram inúteis. Então, não duvidando mais de que seu doméstico estivesse realmente morto; correu a toda a pressa até Antônio, jogou-se aos seus pés, contou-lhe o triste acontecimento, reconheceu sua mentira, e suplicou-lhe para devolver a vida ao morto.

Antônio comovido pelas lágrimas e pelo arrependimento do lavrador, deixou-se facilmente convencer; foi então para perto da carroça na qual jazia ainda o cadáver do doméstico; permaneceu um instante imóvel, erguendo os olhos e o coração para o céu. Depois, fazendo o sinal da cruz sobre a vítima da mentira do lavrador, o doméstico pareceu despertar como de um profundo sono, e pôs-se de pé como se nada tivesse acontecido.

Nosso Santo obteve do Senhor muitos outros milagres pela prática do sinal da cruz. Encontra-se um bem espantoso numa antologia de seus milagres; retornando Antônio a seu convento, após uma excursão apostólica de vários dias em diferentes regiões, encontra no seu caminho uma pobre mulher segurando nos braços um menino pequeno, disforme e raquítico de nascença. A desgraçada mãe pegou os atalhos e atravessou os campos para chegar com seu filho ao lugar onde nosso Santo acabava de passar. Tão logo ela avistou esse homem de Deus, precipitou-se para ele e, jogando-se a seus pés clamou, com olhar suplicante, que aceitasse dar a bênção a seu filho, para obter para ele a saúde e o uso de todos os seus membros.

Preocupado que esperassem um milagre de um pecador como ele, e recusando ceder a essas súplicas, Antônio quis prosseguir seu caminho. A mãe, porém, que via desvanecer-se toda a sua esperança, não quis reerguer-se, e, permanecendo a seus pés, levantou para ele olhos banhados de lágrimas e exclamou soluçando: “Meu Pai! tende compaixão de mim.”

Antônio, profundamente tocado pelo espetáculo dessa mãe desolada e pela triste sorte de seu filho inválido e doente, acedeu ao seu desejo: invocando o poder do Altíssimo, abençoou o pobre pequeno desgraçado, formando sobre ele o sinal da santa cruz. A criança ficou de pé nos braços da mãe, pois o santo acabava de lhe dar a saúde e de tornar flexíveis todos os seus membros.

Não tentemos descrever os transportes de alegria da mãe; limitemo-nos a dizer que ela se jogou, plena de felicidade e de reconhecimento, aos pés do nosso Santo; ele lhe proibiu de divulgar, enquanto ele vivesse, a cura sobrenatural de seu filho. Antônio disse, no caminho, a seu companheiro de viagem, que o milagre que ele acabava de operar era devido à confiança filial daquela mulher em Deus, e de maneira nenhuma a seus méritos pessoais. Ele imitava, usando essa humilde linguagem, o próprio divino Salvador, que não queria que se divulgassem seus prodígios, e que os atribuía ao poder de seu Pai celeste e à fé daqueles a favor dos quais ele os operava.

CAPÍTULO XVI

Revolta em Roma. – Canonização de São Francisco.

Aproximava-se a Páscoa do ano de 1228. O imperador Frederico II fazia os preparativos de sua próxima partida para a Palestina; porém, não queria pôr-se a caminho sem satisfazer sua vingança contra Gregório IX, que o anatematizara. Convocou para esse fim, no começo do mês de março, os Frangipani e outros nobres romanos do partido dos gibelinos, a fim de se entender com eles sobre as disposições a tomar para inquietar o papa até na sua capital. Decidiu-se nessa reunião de conjurados, que o imperador compraria todos os bens imóveis dos gibelinos e devolver-lhos-ia na sequência a título de feudos: querendo assim adquirir um direito positivo e permanente em Roma.

Essa decisão foi executada, e os Frangipani se comprometeram, por uma promessa formal, a agarrar a primeira ocasião de levantar o estandarte da revolta.

Esses amotinados foram fiéis a esse criminoso compromisso: aproveitaram os últimos dias da quaresma para sublevar os romanos contra seu papa, contando com o sucesso de um apelo à revolta junto a essa multidão de povos que a solenidade da Páscoa reunia em Roma. Uma certa inquietação agitava Roma

desde a segunda-feira de Páscoa, dia em que o papa foi, como de hábito, à Basílica de São Pedro, para aí cantar a missa solene. O tumulto crescia de minuto a minuto, e os murmúrios da multidão, tornados ameaçadores, foram em breve seguidos de violência e de revolta.

A igreja dos santos Apóstolos, de casa de prece agora parecia convertida em mercado público. As pessoas chocavam-se aí umas com as outras. Não se ouviam senão clamores confusos, vociferações selvagens e horríveis blasfêmias: lançaram-se mesmo gritos de morte e de pilhagem.

O papa acabou a santa Missa sem se perturbar demasiadamente, mas com lágrimas nos olhos e desolação na alma. Tão logo a cerimônia religiosa terminou, ele se dirigiu ao seu palácio onde só chegou com grandes esforços para fender a multidão tumultuosa e ameaçadora, que fazia temer que os cabelos brancos de sua venerável velhice fossem vilmente ultrajados. Gregório aprendera, com a história de alguns de seus predecessores, de que excessos era capaz a população romana. Recordava-se vivamente das sangrentas cenas em que Leão III e Gregório VII tinham sofrido os mais indignos tratamentos; assim, resolveu escapar dos perigos que o ameaçavam, a fim de poupar a seus súditos a desgraça de se tornarem culpados de novos atentados contra o chefe da Igreja católica.

O papa deixou, sob boa escolta, como vimos anteriormente, a sediciosa Roma no início do mês de abril. Dirigiu-se antes para Riéti, de onde enviou alguns frades menores ao imperador com uma carta de sua parte para tentar uma última vez amolecer a dureza de seu coração. Ele pensava seriamente, diante daquelas críticas circunstâncias, em dotar a Igreja oprimida e sofredora de um novo patrono e defensor, pela canonização de seu amigo defunto, o bem-aventurado Francisco. Partiu, para esse fim, no mês de maio para Spoleto de onde foi para Assis, depois de ter visitado o convento de São Damião e se ter recomendado às preces de Santa Clara.

Faziam-se grandes preparativos em Assis para consolar o Pai da cristandade, no meio de sua cruel aflição, por uma recepção brilhante e digna de seu augusto caráter. Os frades menores afluíam de todas as partes para assistir à entrada triunfal do Santo Padre. É muito verossímil que Santo Antônio, então na Itália, se encontrasse, nessa solene circunstância, na cidade de Assis.

Tão logo Gregório entrou em meio às aclamações dos fiéis habitantes de Assis, foi diretamente à igreja, onde repousava o corpo de Francisco, e permaneceu muito tempo de joelhos e mergulhado na prece diante daqueles santos despojos. No pavor de sua alma, meditou sobre as calamidades que já tinham afligido a Igreja e sobre aquelas que

podiam ainda derramar-se sobre ela. Assim, implorou a intercessão e a proteção de seu venerável amigo. Acabada sua oração, começou com os cardeais presentes, o exame dos milagres que se operavam cada dia pela intercessão de São Francisco. Encarregou do estudo jurídico dessa canonização esses mesmos cardeais que estavam menos dispostos a acelerá-la, depois do que foi a Perúgia para restabelecer a paz entre os habitantes dessa cidade e os de Spoleto, e para acertar diferentes pontos de seu dissentimento com o imperador.

Imediatamente após o processo de canonização, que ocorrera na devida forma, o papa retornou com toda a sua corte a Assis onde encontrou uma incrível multidão de pessoas, de todas as condições e de todas as idades, acorrida para assistir à solenidade que fora anunciada ao longe. O papa quis dar todo o esplendor possível à canonização de seu amigo, para glorificar, aos olhos do mundo inteiro, com o maior esplendor e pompa possível, aquele que neste desprezou toda honra e toda glória. Não havia lembrança de se ter visto uma canonização de tão grande magnificência. Aliás, era inaudito que o papa tivesse deixado Roma com sua corte para proceder à canonização de um Santo no próprio lugar em que este morreria. Talvez também, tenha sido a primeira vez que semelhante solenidade se fez em presença dos restos mortais do Santo a canonizar.

Gregório fez um discurso sobre as virtudes e as grandezas do santo confessor, antes de ler o decreto de canonização; o cardeal Raynerio Capoccio fez em seguida a leitura dos milagres verificados e aprovados no Conselho dos príncipes da Igreja; terminada esta, o papa levantou-se, e, erguendo os olhos e as mãos ao céu, pronunciou em uma voz alta e distinta o julgamento que declarava que Francisco era posto no número dos Santos, e fixava em 4 de outubro o dia comemorativo de sua canonização. Os cardeais entoaram então o *Te Deum laudamus*, que os chantres de ofício terminaram, enquanto o papa voltara a rezar no sepulcro abobadado onde repousava o corpo do Santo.

Decidiu-se então a mandar construir uma magnífica igreja, para onde se transportaria a ossada de São Francisco. O papa encarregou Frei Helias, Geral dos frades menores, de se entender com os magistrados da cidade para a construção desse edifício religioso. O local destinado a essa nova igreja era conhecido pelo nome de colina do inferno, *Colle d'inferno*: executavam-se aí as sentenças proferidas contra os criminosos. Ora, como São Francisco manifestara frequentemente o desejo de ser enterrado ali, realizou-se o humilde desejo desse ilustre religioso.

O papa retornou de Assis a Perúgia apenas depois de ter colocado a primeira pedra para a construção da nova igreja na colina do inferno. A partida de Gregório foi seguida pela dos frades menores

estrangeiros, que regressaram em breve aos seus conventos respectivos. Voltemos a Santo Antônio que tivemos que perder um instante de vista.

CAPÍTULO XVII

Reflexões sobre a vida interior dos santos. – Antônio julgado como superior. – Pádua no século treze. – Antônio em Pádua. – A bem-aventurada Helena Enselmini. – Antônio converte um bando de salteadores.

Se há uma perda que se deva deplorar é, incontestavelmente, a das notas circunstanciadas sobre a vida interior e claustral do Santo cuja história contamos. O mundo admirava seus atos públicos; no entanto, aquele que tivesse querido, ou podido penetrar os nobres motivos de sua conduta, teria descoberto em sua alma humilde e pura, tesouros espirituais preciosos até aos olhos de Deus. Tesouros inapreciáveis para a razão estreita do homem carnal, mas dos quais os corações virtuosos e esclarecidos extrairiam celestes delícias e salutareis lições.

Pode-se dizer que a vida interior é no fundo a mesma em todos os santos e que suas qualidades essenciais se resumem na definição seguinte: a verdadeira vida interior é a vida da alma com Jesus Cristo, em Deus. A alma, que é pequena e baixa a seus próprios olhos, atrai Deus em si por sua humildade, e

recebe dele a virtude de caridade, pela qual ela se eleva para Ele, como para a inesgotável fonte de toda caridade, na qual fica feliz de se perder, de esquecer a si mesma, de enobrecer seus pendores naturais e de extrair todos os motivos de seus atos e de seus sentimentos.

As obras dessa alma, para a felicidade do próximo, são os preciosos frutos do amor íntimo que a une a Deus, pois os santos não consideram no homem os dons naturais, mas sim a imagem de Deus, o irmão de Jesus Cristo, Filho de Deus, que tomou a natureza humana para restaurar e restabelecer no rei decaído da criação, a imagem do Ser divino e sua semelhança primitiva com ele; para devolver assim ao pecador reabilitado a dignidade de filho de Deus. É também dessa caridade sem limites, unida a uma profunda humildade, que nasce, com muitas outras virtudes, essa confiança viva e inabalável que Jesus Cristo nos recomenda em seu santo Evangelho. Como os Santos veem tudo em Deus e relacionam tudo a ele; como não se buscam e não se encontram eles próprios e o próximo senão em Deus, não têm maior interesse e outro objetivo senão a glória de Deus. E, visto que por outro lado, convencidos de seu nada, não esperam nada de si mesmos, mas tudo daquele cuja causa defendem, eles parecem partilhar a onipotência divina em seu império sobre a natureza; são vistos a fazer atos semelhantes aos de Deus, pois tais são efetivamente os

inapreciáveis favores que o divino Salvador prometeu àqueles que o servem fielmente.

Semelhantes homens são certamente benefícios do céu! É em sua misericórdia que Deus os concede ao mundo. É para a felicidade do próximo que Deus os cumula de suas divinas graças; com efeito, não são eles origens de novas graças para aqueles que sentem sua benévola e salutar influência?

Eis o que, na falta de detalhes circunstanciados, podemos afirmar com certeza a respeito da vida interior de Santo Antônio. Seguiremos o mesmo modo de apreciação para as suas virtudes monásticas e para a sua maneira de dirigir os religiosos: quanto a esta, não se encontra nenhuma particularidade dela na história de sua vida.

Já vimos que existiu uma divisão bastante grave entre os frades menores no próprio nascimento de sua ordem: o espírito de zelo e de disciplina teve de sustentar uma forte luta contra o espírito do mundo profano e de relaxamento. Ora, Santo Antônio que, desde sua entrada na ordem, se propusera a ter São Francisco de Assis por modelo da perfeição claustral, abraçou o partido dos mais fervorosos religiosos, e tomou a defesa do santo Fundador. Assim sendo, Francisco pareceu reviver em Antônio; o jovem frade menor imitou fielmente as sábias lições de seu ilustre mestre; sua profunda veneração por sua gloriosa memória e pelos seus belos exemplos fez dele, para

seus irmãos, um guia no caminho da virtude e de algum modo sua regra viva.

Bastar-nos-á aqui consultar os escritos e as lições de São Francisco de Assis; encontraremos neles regras de conduta para os superiores, que nos darão um fiel esboço das qualidades que distinguiram Santo Antônio como superior de convento.

“Eu desejo, meus irmãos; – é São Francisco que fala – que os ministros provinciais estejam sempre dispostos a escutar seus subordinados com benevolência; que tenham tanta doçura que os pecadores não possam temer dirigir-se a eles. Quero também que utilizem moderadamente a autoridade e que perdoem facilmente as faltas; que, inimigos do pecado, mas médicos dos pecadores, eles suportem os culpados ao invés de ofender seja quem for. Numa palavra: quero que eles se conduzam de tal sorte que sejam para os outros um espelho de disciplina religiosa.⁶⁹

“Um superior, diz ele alhures, deve amar a oração mental, mas de maneira a consagrar uma parte do seu tempo ao seu aperfeiçoamento na virtude, e outra ao serviço de seus subordinados.

“Que ele não faça exceção de ninguém, mas que tenha tanta solicitude para os simples e os ignorantes quanto para os eruditos e os sábios.

⁶⁹ Opusc. S. Francisci Coll. XXVII.

“Que, se ele for versado nas ciências, não deixe por isso de ter uma conduta piedosa, simples, paciente e humilde.

“Que jamais se esqueça de que deve se aperfeiçoar e aperfeiçoar os outros nas virtudes cristãs, bem mais por uma prática constante do bem do que por belos discursos, a fim de que todos os seus irmãos sejam poderosamente impelidos à virtude por seus salutarex exemplos.

“Que ele saiba, quando se trata de amolecer um coração empedernido, humilhar-se, sacrificar mesmo um pouco de seu direito para conquistar assim almas para Jesus Cristo.

“É a ele que cabe sobretudo sondar o segredo das consciências e buscar a verdade em seus recônditos.”⁷⁰

Santo Antônio seguiu esta última advertência com uma admirável perfeição: lendo de algum modo na alma de seus irmãos, descobriu aí frequentemente as tentações que os empurravam para o abismo; soube pôr-lhes fim num instante, às vezes por uma única palavra. Vários pecadores convertidos declararam que nosso Santo lhes apareceu em sonho, para exortá-los a confessar a um ou outro irmão, certos pecados que ele lhes nomeava e pelos quais eles tinham efetivamente a alma maculada.

⁷⁰ Opusc. S. Francisci Coll. XXVI passim.

Esses fatos e muitos outros do mesmo gênero explicam perfeitamente a influência que Santo Antônio, esse homem dotado de uma eloquência tão persuasiva, chegou a exercer sobre todos os seus contemporâneos. Tal influência cresceu dia a dia pelos prodígios que ele não cessava de operar; pois, se toda santidade impõe respeito a povos inteiros, qual não deve ser o império daquela que realça por milagres seu caráter de dignidade e de grandeza!

Julgamos necessário fazer as considerações que precedem, a fim de preparar o leitor ao maravilhoso destino de nosso Santo, que vamos fazer conhecer; quanto mais o herói de nossa história se aproxima do termo de sua gloriosa carreira, mais os milagres com os quais o céu o honra, se tornam numerosos e resplandecentes.⁷¹

Pádua era, no século treze, uma das cidades da Itália mais consideráveis, estava entre aquelas que rivalizavam com os reinos em poder e em riqueza; ela também resistiu energicamente aos esforços incessantes dos imperadores alemães, para submetê-la, como as outras cidades livres, a um jugo férreo; Pádua estava firmemente decidida a não sofrer a sua dominação. Ela possuía, como Bolonha, uma

⁷¹ Veja-se: A Gênese - Os milagres segundo o Espiritismo, cap. XIII - Caracteres dos milagres - Os milagres no sentido teológico; e também: Caracteres dos milagres - Faz Deus milagres?

universidade a que a juventude afluía de todas as partes para estudar direito e muitas outras ciências. Ora, as universidades eram naqueles tempos verdadeiras potências: exerciam uma influência incrível sobre os estudantes que, de volta a suas famílias, difundiam ao longe os princípios que lhes haviam inculcado. Também ocorria frequentemente que os príncipes devessem consultar os professores de renome e, em consequência de sua ignorância, se conformar à decisão deles. Os principais eruditos das universidades, e sobretudo os da universidade de Bolonha, tinham-se com frequência mostrado muito sensíveis aos favores que os imperadores alemães lhes concediam liberalmente, quando aqueles apoiavam sua política em seu ensino; o astuto Frederico II, explorando sua ambição ou sua cupidez, favoreceu-os com sua alta proteção; com numerosos privilégios e todos os testemunhos possíveis de interesse e de benevolência, a fim de vincular as universidades italianas ao seu partido. Conseguiu desse modo dar a estas um grande renome, e quanto mais elas se tornavam florescentes, mais faziam também crescer a população e a riqueza das cidades que as possuíam.

Pádua alcançou um alto grau de esplendor, mas sua prosperidade crescente fez penetrar em todas as categorias o espírito de volúpia e de insubordinação; uma reunião tão numerosa de jovens de todas as regiões devia necessariamente oferecer graves inconvenientes; e, se observarmos que os heréticos

buscavam sobretudo adeptos entre a juventude estudiosa, não será de espantar a excessiva imoralidade que reinava nessa cidade, que se tornara de alguma forma a sede das ciências humanas.

Dois frades menores vieram a atravessar Pádua, nessa época de sua glória; sua atitude modesta e suas roupas grosseiras incitavam o respeito e a compaixão dos passantes. Eles pararam numa praça onde passava uma multidão e um deles pôs-se a pregar. Suas palavras simples e sem arte penetraram, como dardos ardentes, na alma dos ouvintes; ele pintou, com cores vivas, a enormidade do pecado e o horror dos tormentos eternos do inferno; sondou os mais profundos abismos da alma do pecador e tocou-lhe o coração pela mais untuosa e mais persuasiva linguagem. O pregador falava com tanto zelo, e sua santidade espalhava sobre todos os seus traços uma luz tão viva e tão penetrante, que os habitantes de Pádua se retiraram tão maravilhados quanto profundamente comovidos. O efeito desse sermão não deve espantar, pois aquele que o fez era Santo Antônio, ele, cuja lembrança e milagres acrescentaram tanto à glória dessa cidade onde ele viria a entrar pela primeira vez.

Soube-se logo em toda a cidade de Pádua que o frade menor, que operava tantos milagres, e cujo nome estava em todas as bocas, acabava de pregar ali e pregaria ainda. Nos dias seguintes, o povo foi em multidão à igreja onde o bispo permitira ao nosso Santo

anunciar a palavra divina. Não se poderiam descrever as maravilhosas mudanças que os sermões de Antônio produziram na cidade de Pádua. Com efeito, quantos pecadores não se viu, profundamente tocados pela poderosa eloquência de Antônio, deixar seus hábitos escandalosos e tornarem-se cristãos edificantes, após terem passado os mais belos anos da vida no pecado de impureza! Quantas virgens, determinadas pelos seus elogios da castidade – virtude sobre a qual ele não se calava – devotaram sua existência a Jesus Cristo e puseram sua virtude em segurança na solidão do convento.

Encontrou-se um dia em seu auditório uma criança de doze anos, na qual a graça do Senhor operava maravilhosamente, desde essa tenra idade. Falaremos dela de maneira um pouco circunstanciada porque Santo Antônio contribuiu para seus progressos na perfeição cristã.

Os Enselmini tinham sempre feito parte das mais poderosas e mais devotas famílias de Pádua. O chefe dessa casa defendia com muita coragem as liberdades dos nobres e das comunas contra as usurpações do ambicioso imperador Frederico II; ele dava, além disso, a seus iguais e a seus inferiores, o exemplo de uma verdadeira e sólida virtude. Helena, sua filha mais velha, fez pressagiar desde muito jovem que seria posta um dia na categoria dos santos, pois o Espírito Santo ornara seu terno coração de tantos preciosos dons, que não se

notava nada da criança, até em suas menores ações; ao contrário, estas indicavam nela um grau de perfeição que teria honrado pessoas de idade muito mais avançada que a sua; ela evitava com cuidado as diversões da juventude, para melhor se premunir contra as distrações e ter mais tempo para consagrar à prece. Helena respeitava profundamente seu pai, cujas vontades cumpria pontualmente; nunca se deixou comprometer a assistir a festins ou a bailes públicos, muito menos a ir a associações onde se reúnem as pessoas dos dois sexos.

Ela ouviu, aos doze anos de idade, as pregações de Santo Antônio. Dotada de muito espírito, mas ainda sem experiência, arrepiou-se quando o pregador descreveu a malícia do pecado e os perigos do mundo; e, quando soube pela sua boca quão preciosa é a castidade aos olhos de Deus; quão doce é viver apenas para Deus, ela se decidiu imediatamente a não escolher outro esposo a não ser Jesus Cristo, e a tomar Santo Antônio por guia no caminho da perfeição cristã.

Antônio encarregou-se de boa vontade da direção da sua consciência. Cheio de amor pelos pecadores, como poderia ele ter recusado sua ajuda e seus conselhos às almas santas e desejosas de se santificar cada dia mais? Ademais, ele sabia que estas formam a parte mais interessante e mais gloriosa do rebanho de Jesus Cristo, e que é uma das obras mais meritórias de

um confessor, aplinar-lhes por atos e por conselhos a via da santidade.

Helena foi, de acordo com a opinião de Antônio e o consentimento de seu pai, ao convento das Pobres Claras, que o próprio São Francisco fundou em Pádua no ano de 1220. Seu zelo pela virtude não conhecendo mais limites, Santo Antônio, seu hábil diretor, precisou muitas vezes censurar-lhe os imprudentes desvios. Ela macerava cruelmente seu corpo fraco e delicado; bem longe de lhe conceder algum alívio, sobrecarregou-o de toda sorte de penitências, até que o Senhor, que queria fazer dela uma imagem da paixão do divino Salvador, a atingiu com uma enfermidade cruel e desconhecida. Ela foi em breve obrigada a ficar de cama, onde sofreu durante dezesseis anos os mais cruéis tormentos, com uma paciência exemplar e uma alegria verdadeiramente celeste.

Ela expirou em 4 de novembro do ano de 1242, e nesse mesmo dia as três ordens de São Francisco honraram sua memória prescrevendo para ela a missa e o ofício dos bem-aventurados.⁷²

É assim que às vezes se forma, entre santas almas, uma união, uma amizade, às quais as inclinações naturais permanecem completamente estranhas e que não têm outro fundamento, outro princípio senão o espírito do bem e o amor a Deus. Quando dois corações

⁷² Vide a história de sua vida impressa em Verona em 1648, e P. Fremaut, Palmier Céleste, XI part. Pág.59.

que ressoam ao mesmo diapasão se encontram, ardem igualmente do amor divino, eles sentem em comum as graças do Espírito Santo, partilham sua santidade e aperfeiçoam-se na virtude, pelos progressos individuais de cada um deles. Tais foram as nobres e afetuosas relações que uniram São Francisco de Sales à santa baronesa de Chantal; tal foi também o vínculo de afeição que se formara entre Santo Antônio e sua irmã de espírito, a bem-aventurada Helena.

Enquanto o zelo apostólico de nosso Santo reformava os costumes dos habitantes de Pádua, apresentou-se a ele um rapaz, que lhe pediu humildemente o hábito dos frades menores. Lucas Belludino – esse era o nome do piedoso aspirante, – oriundo de uma das principais e das mais nobres famílias de Pádua, recebera uma brilhante educação. Bem longe de seguir na universidade a conduta desregrada de seus condiscípulos, ele se separara deles e empregava suas horas de lazer em úteis e sérias ocupações. Antônio notou nele uma alma humilde e pura, junto a um espírito bem culto e solidamente instruído, e o admitiu com prazer em sua ordem; tomou-o desde então por companheiro nas inúmeras missões, que não cessaram de se dar até 1231, em Pádua, em Rimini e alhures.

O jovem Lucas fez grandes progressos na perfeição religiosa, sob a hábil direção de Santo Antônio,

cujos importantes trabalhos apostólicos continuou após a morte dele.

O zelo ardente de Antônio procurava estender-se para além dos muros de Pádua; assim, quando cumpriu sua nobre tarefa, percorreu as aldeias e os povoados das vizinhanças para exortar ao arrependimento. Era muito perigoso naqueles tempos viajar pelos campos; soldados demitidos ou desertores, espécie de aventureiros, a serviço de quem pagasse mais e de ordinário vagabundos, reuniam-se em bando, inquietavam vivamente os habitantes das planícies e das montanhas por numerosos roubos. Travestidos, durante o dia percorriam as aldeias, as vilas e mesmo as cidades, examinando a situação dos lugares, informando-se sobre os meios de defesa das pessoas ricas, a fim de poder avaliar melhor as dificuldades a vencer para a execução de seus sinistros projetos.

Um dia Santo Antônio pregava acidentalmente numa vila onde se encontravam doze bandidos, outros dizem vinte e dois. Eles não acreditavam em nada do que muitas vezes tinham ouvido dizer da eloquência e da santidade do célebre pregador; desejosos de saber por si mesmos do que se tratava, misturaram-se entre os ouvintes do Santo. Antônio pregou, como de costume, muito eloquentemente; tocou tão profundamente o coração daqueles celerados que, após seu sermão, eles foram todos juntos jogar-se a seus pés,

confessar seus pecados e pedir-lhe uma rigorosa penitência.

Antônio ergueu afetosamente esses pecadores arrependidos, ouviu sua confissão, deu a cada um deles uma exortação tocante e apropriada às suas necessidades espirituais e, por fim, impôs-lhes uma penitência. Depois disso, deixou-os partir em paz.

Alguns anos após essa espantosa conversão, frades menores encontraram, perto de Roma, um peregrino que acabava de visitar os túmulos dos Apóstolos. O tal homem, de idade bastante avançada, juntou-se àqueles religiosos aos quais contou que era um dos bandidos convertidos por Santo Antônio.

– “Nós o ouvimos, disse-lhes o ancião, dirigir-nos palavras inflamadas; vimos brilhar sua língua como uma tocha, e nossa consciência empedernida derreteu como o calor desse fogo. O celeste pregador parecia pôr a mão sobre nossos corações e atravessá-los com flechas por meio de cada uma de suas palavras. Fizemos-lhe todos uma confissão geral com uma emoção tão viva que mal podíamos falar. Não vos posso dizer com que bondade, com que ternura ele nos recebeu, com que unção nos exortou ao bem, com que profunda convicção ele nos prometeu a misericórdia de Deus e a glória eterna, se perseverássemos em nossos bons propósitos; e ainda, com que energia ele ameaçou com as penas temporais e eternas aqueles que recaíssem em suas antigas iniquidades. Alguns de nós tiveram essa

pavorosa desgraça, e eu os vi morrer no cadafalso; todos os outros morreram na paz do Senhor.

“O Santo impôs-me como penitência fazer doze vezes a viagem a Roma para visitar aí os túmulos dos santos Apóstolos; volto de lá pela última vez. Tenho o coração cheio de alegria, e espero o cumprimento da promessa do santo homem, cuja doutrina eu me esforcei para praticar.”

É assim que Santo Antônio obtinha a felicidade a toda sorte de pessoas; seu ardente amor pelo próximo estendia-se às pessoas de toda condição, toda idade e de todo sexo; ele amava todos os homens porque eles são todos criados à imagem de Deus e redimidos pelo precioso sangue de Jesus Cristo; e também porque todos podem tornar-se os filhos de Deus e os herdeiros do reino celeste.

Nessa época o Santo soube que os patarins dominavam em Rimini e faziam os católicos sofrerem muito; essa notícia determinou-o a deixar por algum tempo a cidade de Pádua e ir aonde o perigo era mais ameaçador.

CAPÍTULO XVIII

*Antônio em Rimini. – Ele prega diante dos peixes. –
Atentado à vida do Santo.*

Eram as cidades de Rimini e de Milão que, na Itália, contavam com mais heréticos, no século treze.⁷³ Os novos maniqueístas tinham-se espalhado, é verdade, em todas as partes desse reino. No entanto, seus chefes tinham fixado residência nessas duas cidades onde, a exemplo dos bispos, eles administravam os membros de sua seita. Tinham aí erigido escolas onde se formavam missionários instruídos, propagadores zelosos de seus erros.

A igreja maniqueísta era administrada em Rimini por um certo Bonviglio: era um homem que possuía em um alto grau o talento da palavra e que prejudicava muito seus concidadãos por sofismas habilmente apresentados. Ao que parece, não restava mais que um pequeno número de católicos em Rimini; era portanto mais do que tempo de prover às necessidades espirituais daquela cidade.

Quando Antônio chegou a Rimini compreendeu imediatamente que suas pregações não seriam frutuosas, se não conseguisse primeiro, e antes de tudo, converter e ligar a si o chefe dos heréticos, o obstinado Bonviglio. Essa conversão teria desarmado o erro e ter-

⁷³ Lembrai-vos que fizemos observar anteriormente que nessa ocasião dominicanos e frades menores foram, por ordem do imperador Frederico II, a essas duas cidades na qualidade de inquisidores da fé (*inquisitores fidei*.) Para o que se refere aos cargos destes, ler as interessantes cartas sobre a inquisição espanhola, de autoria do conde Joseph de Maistre. – Ver também Bernardino Corio, Hist. Médiol. p. 2, fol. 217.

se-ia visto os discípulos imitar o mestre sem temor nem hesitação. Mas como a provocar? Bonviglio era já idoso e perseverava há trinta anos em suas crenças heterodoxas. Gozava, além disso, de uma grande consideração tanto por causa de suas riquezas, quanto por causa de sua eloquência. Antônio não podia ignorar que é infinitamente mais difícil mudar a opinião do homem que se engana, do que a de um outro que conhece e que busca a verdade; que essa dificuldade é sobretudo grande quando o erro favorece as paixões. Ora, tal era o efeito da falsa doutrina dos patarins. É por isso que ele contou pouco com o sucesso de seus esforços, mas pôs toda a sua esperança no auxílio divino, e empreendeu com confiança a tarefa de converter Bonviglio.

E, coisa espantosa, o herético submeteu-se, contra toda aparência, à autoridade do Santo e retornou ao seio da Igreja, não obstante as perseguições que tinha a temer por parte de seus antigos correligionários. Esse espantoso acontecimento favoreceu muito pouco o empreendimento de Antônio. Os outros heréticos, irritados com a defecção de seu bispo e, temendo talvez também o maravilhoso império do Santo sobre as consciências, se recusaram obstinadamente assistir a seus sermões e utilizaram toda sua influência para afastar deles o povo.

Aconteceu então que Antônio, não tendo ouvintes, não pôde obter nenhuma vantagem sobre a

heresia. Porém, o Altíssimo veio em sua ajuda e operou a seu favor um prodígio que seria incrível, se não fosse atestado por uma multidão de testemunhas dignas de fé. Deixaremos falar aqui um velho cronista de linguagem simples e tocante:

“Santo Antônio saiu um dia fora das portas da cidade; dirigiu-se para o local em que o rio Matecchia se derrama no mar Adriático, e se deteve entre o mar e o rio. Então levantou a voz, e, parecendo querer pregar, ordenou aos peixes, em nome do Senhor, que se mostrassem na superfície da água. Eis suas palavras: ‘Peixes do mar e das torrentes! Escutai a palavra de Deus, visto que os pérfidos heréticos se recusam a ouvi-la!’ Foi obedecido imediatamente: os grandes e os pequenos peixes, aproximando-se da margem, puseram a cabeça fora d’água; eram em tão grande número que jamais se viram tantos naquele lugar.

Se tivésseis assistido a esse maravilhoso espetáculo, teríeis visto como os peixes grandes protegiam os pequenos, e como estes pareciam abrigar-se sob as nadadeiras daqueles. Como as diferentes espécies de peixes se classificavam separadamente, oferecendo-se aos olhos do Santo como um vasto campo embelezado pelas mais vivas cores e ornado das mais belas formas! Como as tropas dos peixes grandes se dispunham, como um exército em ordem de batalha, para ouvir bem as palavras do Santo! Como os peixes pequenos se punham em filas estreitamente apertados

uns contra os outros, e como, mantendo-se tranquilos e imóveis, pareciam agir sob a inspiração de Deus! Como todos esses peixes, semelhantes a peregrinos, que vão ganhar indulgências, se aproximavam de nosso Santo em grupos compactos, como de seu pai e de seu protetor! Dessa maneira, eles escutavam o sermão: os menores perto da margem, os de porte médio, atrás daqueles, e os maiores no lugar mais profundo do rio.

Quando todos os peixes se alinharam dessa maneira, Santo Antônio, tomando solenemente a palavra, fez-lhes o discurso seguinte:

“Peixes, meus irmãos, tendes muita razão de agradecer ao Senhor, de acordo com todo o vosso poder, por ele vos ter dado por lar um tão nobre elemento onde podeis escolher entre a água doce e a água salgada, ao sabor de vossas necessidades. Ele vos deu nesse elemento um pacífico asilo para vos abrigar contra a tormenta e contra a tempestade. Ele criou esse elemento diáfano, a fim de que aí possais melhor conhecer os caminhos e nele encontrar vosso alimento. Ele vos proveu, em superabundância, do alimento para vossa subsistência de cada dia. Nos dias da criação, Deus vos ordenou multiplicar-vos, em sinal de sua bênção. No dilúvio universal vós não experimentastes nenhum mal, ao passo que todos os animais que ficaram fora da arca, pereceram nas ondas. Ajudados por vossas nadadeiras, e unicamente por vossas forças, percorreis em todos os sentidos os mares. Tivestes o

privilégio de conservar Jonas, o profeta do Senhor e de depositá-lo são e salvo em terra firme. Fostes vós que oferecestes ao Senhor um dinheiro para satisfazer o imposto que sua pobreza não lhe permitia pagar. Por fim, fostes vós que servistes de alimento ao Rei eterno, antes e após sua ressurreição. Por conseguinte, é vosso dever louvar e abençoar o Senhor, do qual recebestes esses insignes benefícios, preferivelmente a todos os outros animais.”

Alguns peixes responderam a essas palavras por um barulho confuso; outros abriram a boca, outros inclinaram a cabeça, manifestando assim todos, segundo seu poder, um profundo respeito pelo divino Criador. A essa visão, Santo Antônio entrou num santo arrebatamento e exclamou com uma voz forte:

“Bendigamos o Deus eterno! Pois os peixes dos mares e dos rios veneram mais seu Criador do que os heréticos, e os animais irracionais são mais dóceis do que os homens que renunciavam à fé divina!”

Quanto mais o sermão de Antônio se prolongava, mais se via crescer a quantidade de peixes, dos quais nenhum se retirava. Os habitantes de Rimini, maniqueístas e católicos, que tinham ocorrido em multidão para ver esse estranho espetáculo, foram tomados de estupefação perante semelhante prodígio e, tocados interiormente pela graça divina, eles suplicaram ao Santo, ajoelhados, que consentisse em anunciar-lhes também a palavra de Deus. Então Antônio pregou com

tanto zelo e expôs com tanta eloquência os pontos fundamentais da fé católica, que teve a felicidade de converter todos os heréticos presentes e de fortalecer os católicos em suas crenças evangélicas. Seu numeroso auditório só se retirou depois de ter recebido sua bênção. Os peixes pareceram aplaudir as palavras de Antônio e pedir-lhe permissão para se retirar; viram-nos, a um simples sinal de sua parte, voltar a mergulhar na água para não mais reaparecer.”⁷⁴

Não queremos acrescentar nenhuma reflexão a esta narração tão inocente: um milagre, por mais extraordinário que seja, que tem efeitos tão felizes e do qual uma cidade inteira é testemunha, resiste facilmente a uma crítica sutil mas sem fundamento.

No entanto, a heresia ainda não estava completamente vencida. Como de ordinário acontece, alguns desgraçados se obstinavam em fechar os olhos ao sol da verdade e em resistir à graça do Espírito Santo. Faziam tão pouco caso dos milagres de Antônio quanto os judeus dos do divino Salvador. Assim resolveram submeter seu formidável adversário a uma rude prova. Reunidos na casa de um deles, deliberaram, para saber que ciladas armariam para o Santo e, se não seria mais vantajoso desfazer-se dele, por qualquer meio que fosse. Formou-se para isso um plano, que foi, como veremos adiante, absolutamente digno do caráter de seus autores.

⁷⁴ Chron. ant. M. S. ap. Bolland. tom. II junii ad diem 13.

Nesse mesmo dia, um herético convidou Santo Antônio para um jantar, no dia seguinte. Para fazê-lo aceitar o convite, disse-lhe que sealaria à mesa de coisas importantes e que se encontrariam entre os convivas várias pessoas desejosas de aproveitar seus sábios conselhos.

Santo Antônio aceitou o convite, apesar de sua pronunciada aversão pelos festins, seja porque acreditou ter importância a salvação de alguns desgraçados; seja, talvez, porque Deus lhe revelou o objetivo dos heréticos. Qualquer que fosse o verdadeiro motivo de sua conduta nessa ocorrência, o intrépido frade menor foi na hora combinada à casa de seu anfitrião e puseram-se à mesa.

Mal haviam servido os alimentos, e Antônio soube, por um sinal milagroso, aqueles que podiam ser mortais para ele, porque envenenados pelos heréticos; estes recorriam ao envenenamento, a fim de se desembaraçar dele sem se colocarem eles próprios numa posição crítica e inquietante. Para esconder melhor sua criminosa intenção, cumularam-no de gentilezas e de fingidas marcas do mais profundo respeito.

Antônio, mantendo seu sangue frio em presença do perigo que estava correndo, lançou sobre os celerados um olhar cheio de firmeza e doçura e disse-lhes:

– “Infelizes! Então que mal eu vos fiz para que procurásseis tirar-me a vida? Não temeis a cólera celeste, vós que violais de maneira tão inaudita as santas leis da hospitalidade?

Os heréticos, embora surpresos de ver seu projeto desvelado, não desesperaram de seu sucesso; e um deles, provavelmente o anfitrião, fingindo estar consternado, respondeu-lhe:

– “Não, padre! não procurávamos tirar-vos a vida; Deus nos preserve de semelhante desgraça! Nós vos estimamos demasiado para querer fazer-vos o menor mal. Ouvimos tantas maravilhas de vossa santidade, e não podendo mais duvidar dela, desde que vos vimos operar um milagre, queríamos fornecer ao povo uma nova e brilhante prova de vossa virtude e fazê-lo ver que sois um verdadeiro servidor de Deus. Jesus Cristo prometeu, a seus fiéis servidores, que eles engoliriam veneno sem detrimento para sua saúde; ora, essa fala das santas Escrituras deve se entender ao pé da letra.”

– “De maneira nenhuma, replicou Antônio. Nossa fé não deve ser sempre provada por sinais exteriores, por milagres; do fato de que Deus se serve, quando lhe apraz, e o interesse da verdade o exige, dessas provas que caem sob os sentidos exteriores, não se segue absolutamente que possamos pedir-lhe outras semelhantes para nos convencer da divindade de sua doutrina. Aliás, a verdade da nossa fé não depende da existência desses prodígios. No nascimento da Igreja, é

verdade, foram necessários milagres e Deus os fez para confirmar a doutrina de Jesus, o Cristo, mas não resulta desse fato que precisemos de milagres para crer. Assim como a árvore que lançou profundas raízes e está em pleno crescimento, não é mais tão regularmente nem tão cuidadosamente regada, quanto no tempo em que, recém-plantada, não era senão um frágil arbusto; assim também a Igreja, que está solidamente estabelecida, não precisa mais de tantos milagres quanto nos primeiros dias de sua existência para provar seu divino ensinamento.

– “O que acabais de dizer pode ser verdade, replicou o herético, No entanto, é igualmente verdade que se vós sois verdadeiramente santo, comereis destes pratos envenenados sem sentir a mais leve indisposição. Desejamos saber qual é a excelência de vossa virtude, e prometemos, todos os que aqui estamos, abraçar a fé católica, se o veneno não produzir efeito sobre vós.”

Antônio, sentindo em si o poder do Senhor, aceitou sem hesitar a proposta dos heréticos e, após ter abençoado os alimentos envenenados, comeu o suficiente para que morresse por isso, se o Todo-Poderoso não tivesse impedido seus perniciosos efeitos. Os heréticos aguardavam com impaciência e ansiedade o resultado da prova. Ora, quando viram que Antônio, sem sofrer absolutamente do veneno que acabava de tomar, continuava a expor-lhes a doutrina de Jesus Cristo, ficaram profundamente tocados; e, após terem

escutado religiosamente as palavras do Santo, declararam-lhe, por fim, que estavam prontos a abjurar o erro e a voltar todos ao seio da Igreja.

Quando Antônio pôs em ordem convenientemente os assuntos da Igreja, deixou Rimini para voltar à sua província e retomar a direção de seus irmãos.

Parece-nos verossímil que o milagre que acabamos de contar tenha ocorrido pelo começo do ano de 1229; os anais dos frades menores não mencionam nenhuma particularidade da vida que Antônio levou de 1226 até 1230. Wadding e os bolandistas relatam vários fatos sem indicação de época; acreditamos que não se poderia atribuir-lhes outra senão aquela que compreende os quatro anos que os cronistas parecem passar em silêncio.

Presumimos, além disso, que Antônio pregou a quaresma, em Pádua, em 1229; parece impossível que ele tenha podido, nesta última cidade, operar tantos prodígios e executar tantos trabalhos em tão poucos anos.

CAPÍTULO XIX

Antônio salva duas vezes seu pai, Martin de Bulhões, de um perigo iminente. – Dois milagres de Antônio. – Origem dos flagelantes.

Perdemos de vista os pais de Santo Antônio, fazendo a narração de suas ações que fornecem tão abundante material ao historiador. Ora, como todos os homens, sem exceção de um único, podiam pretender as vantagens da caridade desse grande Taumaturgo, era preciso que seus pais recebessem grandes benefícios dele e que seu amor filial desse um novo brilho ao seu nome.

Sancho I, rei de Portugal, morto em 1211, teve por sucessor seu filho Afonso II, cognominado o Gordo. Martin de Bulhões, como já vimos, gozava da amizade de Sancho, e obtivera dele as mais altas magistraturas. Manteve-as sob o governo de Afonso, que morreu em Coimbra, em 1223, e ao qual sucedeu Sancho II. Esse príncipe apressou-se, após sua coroação, a prosseguir a

guerra contra os sarracenos, que seu pai não pudera acabar em consequência de sua grave doença.⁷⁵

Afonso II, doente em Coimbra, havia confiado a Martin de Bulhões a gestão de alguns assuntos importantes; pusera, à sua livre disposição, uma quantia importante proveniente do tesouro público, pois tinha o propósito de continuar, depois de sua cura, a guerra contra os mouros.

Sancho II conservou a Bulhões o cargo que ele tinha recebido de Afonso II, seu predecessor; ele foi combater os mouros e tomou o Algarve.

O cavaleiro Bulhões era um homem de estado de um talento muito eminente e de uma probidade a toda prova; não se podia censurar-lhe senão alguma imprudência. Não podendo cumprir sozinho todos os deveres de sua importante função, delegou parte das tarefas a seus subalternos, aos quais entregou as quantias necessárias, tiradas da caixa pública. Ele não podia, é verdade, agir de outra forma, mas negligenciara

⁷⁵ Petavius *Rationarium Temporum*, p. 111, dá ao reinado de Sancho I, que acaba em 1233, uma duração de quarenta e oito anos; nós seguimos a indicação de Spondanus, tom. 1, ad a. 1211, nº VI. Ver também Southwell, *Histoire du détronement d'Alphonse VI* [História da destronização de Afonso VI], tom. I, p. 8, e Moeller, *Précis de l'histoire du Moyen-âge* [Resumo da história da Idade Média], p. 522, n. 7. – Encontra-se o relato acima em Michaël Pacheco, in Chron. Seraph. p. 49; ver por fim os Acta SS. tom. II, p. 709, n. 13, e Marcos de Lisboa *Chronache*, lib. V.

uma precaução indispensável: não exigiu recibos das quantias confiadas.

Bulhões devia, no retorno do rei, justificar suas despesas e devolver o dinheiro público que lhe restava em caixa. Mas, qual não foi sua consternação, quando após um escrupuloso exame do estado de suas finanças, se viu enganado por seus subalternos, que negavam ter recebido as quantias cujo emprego deviam justificar! Bulhões carecia de provas escritas para desmascarar esses velhacos; ademais, não lhe permitindo sua fortuna equilibrar o déficit, ele não via nenhum meio de salvar sua honra.

Já se falava na corte do rei que todos os bens da família do Sr. de Bulhões tinham sido apreendidos e seriam vendidos em benefício do tesouro público. Todavia, a divina Providência velava sobre o destino de um homem que fora vilmente enganado.

Bulhões se encontrava, no dia marcado, diante do conselho para desculpar-se dos agravos que lhe eram feitos, embora fosse inocente. Convencido da impossibilidade de provar a velhacaria dos empregados subalternos, tomara de antemão a decisão de dizer apenas a simples e pura verdade, e de suportar o julgamento com uma resignação calma e cristã.

Porém, no momento mesmo em que Bulhões parecia estar no limite das justificações, sucumbindo de certa maneira ao peso dos falsos testemunhos, seu filho

Antônio subitamente apareceu na sala do conselho, embora estivesse na Itália naquele exato momento.

– “Vós não recebestes, disse Antônio aos acusadores de Bulhões, não recebestes de meu pai, em tal dia, a tal hora, tal quantia, em tal moeda? Receai negar a verdade, pois Deus, que é o defensor da justiça puniria vossa falsidade e vossa perfídia da maneira mais terrível e mais imprevista.”

Os acusadores, transtornados por essa interpelação inesperada e intimidados pelo penetrante olhar do Santo, jogaram-se, em pleno tribunal, a seus pés, confessaram sua infidelidade e convenceram os juizes da inocência de Bulhões.

A história não dá a conhecer o castigo que se aplicou aos falsos acusadores; conta-nos apenas que o nobre Bulhões foi reintegrado nas suas funções e que lhe devolveram todos os bens que a justiça ordenara apreender.

Parece verossímil que o pai de Antônio tivesse muitos inimigos poderosos, que aproveitavam as menores ocasiões para arruinar esse homem estimável.

O rei Sancho II era pouco amigo do clero: era guerreiro corajoso e endurecido contra as fadigas de uma expedição militar, mas não possuía as qualidades que tornam o homem, e sobretudo o príncipe, caro a todo mundo.

Ele via com maus olhos crescer incessantemente a consideração do alto clero. Seguindo as pegadas de

seu pai, que fizera banir o arcebispo de Braga, usurpava frequentemente os direitos da Igreja; em breve levou a injustiça a tal ponto que foi excomungado pelo papa Inocêncio IV. O cavaleiro Bulhões, homem de honra e de virtude, não podia gozar da amizade de Sancho; devia infalivelmente combater os projetos do rei com o qual sua qualidade de funcionário civil colocava em relação direta e seguida. Aliás, ele tinha por colegas na carreira administrativa, cortesãos que, semelhantes aos de quase todas as cortes, dependiam, não do coração, mas dos menores sinais do príncipe; eles se faziam servis instrumentos de todas as paixões do rei: tais cortesãos deviam ser desfavoráveis ao íntegro cavaleiro, cuja nobre e edificante conduta era uma condenação permanente da má conduta deles. Martin de Bulhões devia estar constantemente alerta para não fazer nada que pudesse fornecer a seus inimigos algum pretexto para levantar suspeitas contra a lealdade de sua administração.

Aconteceu-lhe, porém, encontrar-se uma segunda vez numa posição muito crítica, em um verdadeiro perigo de morrer no cadafalso; e não teria escapado a isso se Santo Antônio não tivesse de novo vindo socorrê-lo.

Em Lisboa, habitavam, não longe da casa de Bulhões, dois cavaleiros das primeiras famílias de Portugal, que se tinham jurado um ódio mortal. Havia já atentado várias vezes contra a vida um do outro, mas

suas tentativas de assassinato tinham sempre fracassado.

Uma noite, voltando um desses cavaleiros sozinho para casa, foi esperado por seu inimigo e alguns cúmplices na própria rua em que morava Martin de Bulhões. Embora o infeliz se tivesse armado, estava longe de prever essa emboscada; ele temia tanto menos um ataque quanto não estava mais do que a um passo de sua residência. No entanto, no momento em que ia transpor a soleira de sua casa, bandidos jogam-se sobre ele de repente, derrubam-no e matam-no às punhaladas, sem lhe ter deixado tempo de se orientar e de chamar por socorro. Estes, para esconder seu crime, carregam o cadáver de sua vítima para o pomar de Martin de Bulhões e jogam-no lá por cima do muro. Conseguiram assim impedir que se provasse que eram os autores desse homicídio embora seu ódio, geralmente conhecido, contra a pessoa assassinada, devesse fazer nascer contra eles as mais graves suspeitas.

No dia seguinte, Lisboa foi tomada de desassossego. Os parentes do desgraçado que tinha acabado de ser assassinado fizeram as mais minuciosas buscas para descobrir seu cadáver. Encontraram-no, finalmente, no pomar de Bulhões aonde os conduziram as marcas de sangue.

Prenderam imediatamente esse homem respeitável e toda a sua família; e, como ele não fornecia provas de sua inocência, viram-no sofrer, poucos dias

depois, a condenação à morte, ele, que prestara eminentes serviços à coroa de Portugal e que fora sempre de uma conduta irrepreensível.

Antônio pregava em Pádua enquanto no tribunal de Lisboa se pronunciava a sentença de morte contra Bulhões. O Senhor revelou naquele momento ao frade menor o perigo que corria a vida de seu pai: então Antônio cobre o rosto com seu capuz, e, debruçando-se sobre a borda do púlpito, aparece em Lisboa, na sala de audiência. Nosso Santo chegou lá no momento oportuno, pois iam conduzir seu pai ao local do suplício.

A essa visão, Antônio ordena que se suspenda a execução do decreto; e virando-se para os juízes espantados, lhes diz:

– “Sabei, juízes, que meu pai é inocente. É verdade que ele não pôde fornecer provas de sua inocência, mas quereis seguir-me, e eu mesmo as fornecerei.”

Os juízes, testemunhas dessa segunda aparição de Antônio no meio deles, foram levados a seguir seus passos pelo esplendor de sua virtude que iluminava todos os seus traços: seguiram-no em corpo à catedral até o túmulo da vítima do homicídio.

Abriu-se o caixão do morto, ao qual Antônio se dirigiu com voz forte nestes termos:

– “Ordeno-vos, em nome de Deus todo-poderoso, que vos levanteis para prestar testemunho à verdade.”

O morto, obedecendo a essa ordem, levantou-se e declarou, em presença de uma multidão de gente, que Martin de Bulhões, bem longe de ser o assassino do cavaleiro, não tivera nenhum conhecimento do assassinato antes de sua detenção.

A essa declaração, os juízes pediram a Antônio que ordenasse ao ressuscitado que fizesse conhecer o assassino, mas o Santo respondeu-lhes:

– “Eu vim aqui para salvar a vida de um inocente, e de maneira alguma para assinalar o culpado.”

O cavaleiro que Antônio acabava de trazer de volta à vida jogou-se então a seus pés; suplicou-lhe que obtivesse o perdão de seus pecados e que anulasse a sentença de excomunhão que fora pronunciada contra ele. Quando o Santo realizou seu pedido, ele se estendeu de novo no seu caixão, e se entregou ao Senhor cheio de esperança de saborear um dia as volúpias celestes.

Nesse momento Antônio, que não deixara seu púlpito na igreja de Pádua, voltou a si e, dócil à inspiração de Deus, desculpou-se com seus ouvintes por ter interrompido seu sermão de uma maneira tão inesperada e tão pouco agradável para eles, fazendo-lhes a narração fiel do prodígio que acabava de realizar-se. Alguns habitantes de Pádua, não acreditando em suas palavras, escreveram para Lisboa para se assegurar de sua veracidade. Estes souberam com tanta

alegria quanto surpresa que o que Antônio lhes contara era verdade.⁷⁶

Os pais de nosso Santo deviam certamente estimar-se felizes por terem preferido outrora consagrar seu filho ao Senhor, a seguir os conselhos da ambição. Deus não acabava de recompensá-los largamente pelo sacrifício que lhe haviam feito? Eles foram efetivamente tirados da posição mais desesperadora pela milagrosa intervenção de seu filho, cuja brilhante santidade devia ser para pais tão piedosos quanto eles, o motivo da alegria mais pura e da mais doce consolação que poderiam experimentar aqui embaixo. Deus podia, é verdade, salvar a família Bulhões de muitas outras maneiras; e, para indicar apenas uma, ter-lhe-ia bastado tocar pelo arrependimento um dos assassinos e fazê-lo revelar o crime com todas as suas circunstâncias; mas, o Todo-Poderoso, ao qual não custou mais criar o mundo inteiro do que um simples átomo, e cuja potência é sem graus como sem limites, quis honrar seu servidor por prodígios que ultrapassassem toda inteligência

⁷⁶ Wadding ad a. 1231, n. 23. – Surius ap. Bolland, tom. II jun. 708, n. 12. Nosso relato difere um pouco daquele desses autores: eles contam que o Santo se encontrava no convento quando Deus lhe revelou o perigo que ameaçava seu pai, e que após ter obtido do guardião a permissão de sair, ele foi levado a Lisboa por anjos, que o conduziram no dia seguinte de volta a Pádua, de onde partira. Quanto a nós, seguimos o relato de Marcos de Lisboa. Chron. I. 5, c. 24.

humana e dar assim aos homens um testemunho deslumbrante de sua ternura paternal por ele.

Poder-se-ia talvez dizer, com um autor do século dezessete, “que se vê nesse milagre o mistério do santíssimo Sacramento do Altar, do qual Antônio foi o zeloso defensor e propagador; e que Deus, para torná-lo participante dos privilégios do Homem-Deus, no santo Sacramento, talvez tenha querido mostrar, em sua pessoa, a possibilidade de sua presença real em todos os lugares do mundo, onde se oferece o sacrifício não sangrento e divino da santa Missa.⁷⁷

Qualquer que seja a interpretação, o que é certo é que Antônio se tornara muito poderoso em Pádua por seus milagres e por suas virtudes; sua autoridade estava tão solidamente estabelecida que se apressavam a obedecer ao menor sinal de sua vontade. Seu tom de convicção persuadia os pecadores mais empedernidos: às vezes até executavam suas ordens demasiado ao pé da letra. O relato seguinte o comprovará.

Um rapaz declarara, em sua confissão ao nosso Santo, que derrubara sua mãe com um pontapé. A confissão desse grande pecado fez estremecer Antônio que disse com indignação a esse filho desnaturado:

– “Desgraçado! que seja cortado o pé que serve de instrumento para tal ato de brutalidade contra um pai ou contra uma mãe!”

⁷⁷ P. J. Van der Borcht, frade menor. Curta Narrativa do Nascimento etc. de Santo Antônio de Pádua, pág. 75.

O rapaz ficou aterrorizado com essas palavras. Porém, não duvidando de que Deus falasse pela boca do confessor, não examinou seu verdadeiro sentido; por isso, correu a toda pressa para casa e, pegando um machado, cortou um de seus pés.

A ação desse rapaz espalhou-se prontamente. Sua mãe, inconsolável, contava em toda parte a desgraça do filho. Santo Antônio não tardou a tomar conhecimento dela.

O Santo foi vivamente surpreendido pelo zelo imprudente, mas bem extraordinário, desse rapaz; e imputando a si mesmo a desgraça dele, voou à casa do sofredor para lhe dar todos os socorros possíveis. Tomado de profunda compaixão por seu penitente que via afligido pelas dores mais terríveis, ergueu as mãos e os olhos para o céu, e pediu ao Todo-Poderoso que lhe desse o poder de fazê-las cessar. Pegando em seguida o pé cortado, adaptou-o à perna ainda sangrando; e, fazendo o sinal da cruz sobre o local da junção, viu o rapaz se pôr de pé, e depois jogar-se a seus pés e inundá-los de lágrimas de alegria e reconhecimento.

Uma outra vez, um homem, vivamente tocado pelas palavras de Antônio, aproximou-se dele imediatamente após seu sermão para lhe pedir que aceitasse ouvir sua confissão. Por mais cansado que estivesse o pregador, entrou imediatamente no confessionário para aliviar o coração do penitente; ele jamais recusara escutar as confissões de uma alma

arrependida. No entanto, o pecador estava tão prostrado de dor, que lhe foi impossível confessar-se: seus soluços e seus gemidos tiravam-lhe, por assim dizer, a fala. Ora, como o Santo não podia moderar sua aflição e estava aliás com pressa, ordenou-lhe voltar para casa e não voltar para junto dele senão após ter escrito seus pecados. O penitente obedeceu, mas quando entregou ao Santo sua confissão escrita, este viu, com vivo espanto e profunda alegria, que tinha na mão apenas um pedaço de papel de uma tal brancura que não se poderia supor que se tivesse escrito ali o que quer que fosse.

O Santo teve razão de encarar esse prodígio como o feliz efeito de uma perfeita contrição; Antônio porém estava longe de ser alheio a isso, pois a conversão desse pecador foi provocada pela graça que a unção de sua palavra evangélica fazia penetrar nos corações.

Antônio pregava muitas vezes sobre o arrependimento; aproveitava todas as ocasiões favoráveis para exortar os cristãos à prática das penitências corporais. Seus inúmeros sermões sobre essa matéria não tardaram a trazer frutos. Logo não houve mais espanto ao ver nas procissões públicas, e sobretudo nas que encerravam as missões, corporações de penitentes flagelando-se com a disciplina, às vezes até sangrar. Esse estranho espetáculo deve ter excitado algum espanto no princípio, mas acabou-se por se

acostumar a ele. As insistentes exortações de nosso Santo que permitia, e mesmo aprovava altamente esses exercícios de penitência corporal, vieram insensivelmente a tornar geral o seu uso. Esses penitentes receberam o nome de *flagelantes*; poder-se-ia crer, senão que eles fizeram nascer, ao menos que serviram de predecessores aos sectários de mesmo nome, que apareceram na Alemanha lá pelo fim do século treze; mas não é nada disso, pois não tiveram em comum com eles senão sua simples denominação, e esta não é certamente um motivo para crer na filiação entre os primeiros e os segundos.⁷⁸

CAPÍTULO XX

Translação do corpo de São Francisco de Assis. – Capítulo Geral dos frades menores. – Frei Helias descontenta a ordem. – Antônio e Adam de Marisco são perseguidos; eles fogem. – Antônio e Helias comparecem perante o papa. – Helias é deposto. – Antônio demite-se de seu cargo e vai para o monte Della Verna.

⁷⁸ Chron. antiq. ap. Surium. – Wadding, ad a. 1225, n. 19. – Ver para a seita dos flagelantes Alph. de Castro; Nauclerus ad a. 1346, e Pluquet, Dictionnaire des Hérésies [Dicionário das Heresias], art. flagelantes.

Vinte e cinco de maio do ano de 1230 foi um dia de festa para os bons habitantes de Assis. Tudo anunciava nessa cidade uma solenidade extraordinária: as casas estavam enfeitadas com flores e festões; ricos tecidos cobriam a fachada dos principais edifícios; arcos de triunfo erguidos a igual distância exibiam as mais belas inscrições; os burgueses que enchiam as ruas tinham um ar alegre e contente. Via-se, fora de suas portas, um espetáculo não menos agradável e belo: cerca de dois mil frades menores estavam acampados aí em barracas; distinguiram-se, um pouco além desse estranho campo, vários grupos de peregrinos que a falta de alojamento forçara a deixar a cidade para passar a noite em pleno campo; e uma multidão de homens das cidades e das aldeias vizinhas se apressava para chegar a Assis.

Esperava-se de novo em Assis o venerável e bem-amado pontífice, Gregório IX? Absolutamente: a solenidade que devia ocorrer naquele dia tinha por objeto transladar o corpo de São Francisco da igreja de São Jorge para a bela igreja que acabava de ser construída na colina do Inferno; e ela devia ser seguida pelo Capítulo Geral anunciado desde o ano de 1229 a todos os irmãos que se encontravam na Europa.

No entanto contava-se em Assis com a presença do papa, que prometera aí comparecer, mas foi-lhe impossível manter essa promessa. Dias melhores tinham

surgido para a santa Igreja; o vento da tempestade cessara de soprar sobre ela e o horizonte oferecia-se em toda a parte calmo e sereno. No entanto, uma quantidade de assuntos da mais alta importância absorvia então a corte de Roma.

O papa anatematizara pela segunda vez o imperador Frederico II, em 20 de agosto de 1229; e como o havia, além disso, declarado despossuído de todos os seus direitos, isentou todos os seus súditos e primeiro os sicilianos, do juramento de fidelidade para com ele. O imperador avança com seu exército até às fronteiras dos Estados da Igreja, e envia ao papa nesse momento, na qualidade de plenipotenciários, o grão-mestre dos cavaleiros teutônicos, Herman de Salza, com os arcebispos de Reggio e de Bari, para negociar com ele um tratado de paz. Este só pôde ser concluído no começo de julho; entretanto, suspenderam-se as hostilidades e a desgraçada Itália respirou livremente, enquanto se discutiam as condições de paz.

O papa ainda se encontrava em Perúgia quando, no fim de janeiro de 1230, houve uma cheia do Tibre que devastou os campos vizinhos. Em primeiro de fevereiro, as águas que não paravam de subir, inundavam várias ruas de Roma e ameaçavam invadir a igreja de São Pedro.

Muitos homens e animais pereceram nessa inundação; uma grande provisão de grão e de vinho foi engolida pelas águas que, ao se retirarem, deixaram

atrás delas uma multidão de serpentes putrefatas e outras imundícies que corrompiam o ar e ameaçavam assim a cidade de Roma com uma pavorosa peste. Os romanos, tão sediciosos até então, reconheceram enfim a cólera do Senhor nas calamidades públicas; assim enviaram, sem esperar mais, uma deputação a Perúgia para suplicar ao papa que aceitasse regressar o mais cedo para o meio deles, e perdoar-lhes as ofensas para com ele. Gregório escutou seus votos e regressou prontamente a Roma onde se ocupou seriamente do projeto de pacificação. Foi essa grave ocupação não lhe permitiu então ir a Assis.

Entretanto, enviou para lá três legados com ricos presentes para a nova igreja: um grande crucifixo de ouro artisticamente trabalhado, ornado de pedras preciosas e enriquecido de uma parte considerável da verdadeira cruz do divino Salvador; vários grandes vasos de prata, tapeçarias de altar e hábitos sacerdotais bordados a ouro. Ele também lhes ordenara entregar, ao Geral, as cartas patentes onde exaltava o renome de São Francisco e relatava um milagre que acabava de ocorrer recentemente na Alemanha.⁷⁹ Fez, além disso, chegar a Assis uma grande quantia de dinheiro para a manutenção da nova igreja, que liberou da jurisdição episcopal, para pô-la sob a dependência unicamente da

⁷⁹ Ver esse Breve em Wadding. ad a. 1230, n. 1, e Regestum Vaticanum ad a. 1230, n. 18.

Santa Sé; deu em seguida a igreja de São Jorge a Santa Clara.

A solenidade ocorreu então a vinte e cinco do mês de maio, na véspera do Pentecostes. Tão logo o cortejo se pôs em marcha para a igreja de São Jorge, para buscar aí o corpo do santo Fundador, dobraram todos os sinos da cidade e seus sons graves e agudos casaram-se harmoniosamente aos gritos e às exclamações de alegria com os quais o povo fazia retinir o ar. Depois que frei Helias, Geral dos frades menores, fez a leitura ao povo, do alto do púlpito, das cartas papais, desceram a um jazigo da igreja para retirar de lá os restos mortais do Santo.

Esse precioso tesouro foi recebido na igreja ao som das trombetas e saudado pelas alegres aclamações do povo. Os três legados do papa puseram sobre os ombros o caixão contendo o corpo do Santo, e carregaram-no, não sem grande dificuldade, através de uma multidão compacta, até diante da portada, onde depuseram esse precioso fardo sobre um carro de triunfo ricamente decorado, ao qual se atrelou um boi coberto de tecidos de cor púrpura.⁸⁰

O cortejo põe-se em marcha. Os frades menores precedem-no, em uma fila dupla, tendo nas mãos ramos de palmeira e tochas acesas, cantando em coro o hino

⁸⁰ Esses tecidos tinham sido dados de presente pelo imperador dos gregos e serviram mais tarde para fazer ornamentos sacerdotais.

Proles de coelo prodiit, que o próprio Gregório IX compôs em honra de São Francisco.

Os três legados do papa, frei Helias, os bispos, o resto do clero, e por fim os frades menores, nomeados para essa circunstância vigários apostólicos, caminhavam ao lado do carro. Seguiam os magistrados da cidade assim como uma numerosa tropa de burgueses armados que impunham respeito ao povo.

O cortejo parou diante da nova igreja; e os legados iam pôr de novo o caixão sobre os ombros para colocá-lo no meio da igreja, a fim de que os frades menores presentes, e depois o povo, pudessem contemplar e venerar o corpo do Santo; mas, um incidente bem imprevisto impediu-os: os magistrados, temendo talvez que roubassem esse grande tesouro e que se privasse assim a cidade de um poderoso protetor, avançaram, apesar dos vigários apostólicos, até junto do carro, afastaram daí violentamente os legados, e carregando o caixão, levaram-no a toda pressa para a parte inferior da igreja e depositaram-no ali num jazigo conhecido apenas por eles, e que se descobriu somente muito tempo depois, sob o pontificado de Pio VII.

Esse ato de violência perturbou a cerimônia. Os frades menores estavam inconsoláveis por terem sido privados, de maneira tão inesperada, da felicidade de contemplar seu santo Fundador. Muitos deles acreditaram que o Geral era conivente com o podestade

de Assis para ocultar esses santos restos aos olhares de todos. Não se poderia provar que frei Helias tenha sido cúmplice desse brusco rapto; mas, o que está fora de dúvida é que, temendo, também ele, que no correr dos tempos se raptasse ou se destruísse esse santo corpo, mandou fazer um jazigo secreto num lugar que não era conhecido senão por ele e pelo podestade.

Os frades menores queixaram-se ao papa por intermédio dos legados. Este apressou-se a escrever aos habitantes de Assis para repreendê-los por sua insolência e ordenar-lhes para enviar a Roma alguns membros do senado para lhe prestar contas da conduta que tiveram. Escreveu também aos bispos de Perúgia e de Spoleto para recomendar-lhes a pronta execução das ordens que lhes dera em suas primeiras cartas.⁸¹

O Capítulo Geral abriu-se nesse momento. Frei Helias, notando que a maioria de seus irmãos se lhe tinha tornado hostil, presumiu com fundamento que essa mudança de disposição a seu respeito tinha sua causa no desaparecimento do corpo de São Francisco no meio da solenidade de sua translação. Esperou poder atenuar o deplorável efeito desse lamentável fato. Graças a sua habilidade, obtivera do papa certos privilégios que eram contrários ao texto de sua regra; entre outros, o de receber dinheiro como coisa particular, em certos casos determinados, por intermédio de pessoas não

⁸¹ Wadding loc. cit. n. 3.

pertencentes à ordem; ora, esse gênero de propriedade ia diretamente contra a proibição expressa da regra.⁸²

Frei Helias foi logo desiludido em sua esperança. Anunciou, na primeira sessão, a todos os membros do Capítulo, os favores que o papa acabava de lhe conceder para sua ordem; e acrescentou que, estando convencido de que era impossível fazer observar a regra, tal como ela saiu das mãos de São Francisco, a uma numerosa congregação; que, ela prescrevia, aliás, uma perfeição que não se podia razoavelmente exigir de todos os religiosos indistintamente, então ele se dirigira ao papa para obter modificações na regra que pudessem tranquilizar a consciência dos frades menores.

Os membros do Capítulo acolheram essas estranhas palavras por um murmúrio de indignação; não protestaram no entanto, e a primeira sessão terminou pacificamente. Mas, mal o Geral deixou a sala do Capítulo que os amigos zelosos da disciplina religiosa se reuniram em conselho, a fim de deliberar sobre o partido a tomar nessa penosa e difícil circunstância. Receava-se com razão a irascibilidade de Helias; pois já tinham experimentado que ele não recuava diante de nenhuma medida, por mais rigorosa que fosse, quando se tratava

⁸² Regula Fratrum Minorum. c. IV. Praecipio firmiter fratribus universis ut nullo modo denarios vel pecuniam recipiant, per se, vel per interpositam personam.

de defender sua autoridade. Por conseguinte, abstiveram-se, por enquanto, de tomar alguma decisão.

Frei Helias renovou sua proposta na sessão seguinte; mas como ele pressionava seus irmãos a subscrevê-la, Santo Antônio e Adam de Oxford, ou segundo outros de Marisco, levantaram-se espontaneamente e provaram sucessivamente ao Geral que os privilégios que ele acabava de obter não podiam tender senão à decadência da ordem, e que, por conseguinte, eles não podiam nem querer, de maneira nenhuma, aceitá-los.

A corajosa oposição desses dois veneráveis personagens foi imitada por vários outros religiosos, que ousaram, como eles, dizer a verdade ao Geral. Contam-se entre eles o respeitável Albert de Pisa e Jean Bonelli,

florentino, provincial de Arles desde 1224, época em que Antônio pregou no Capítulo daquela cidade.⁸³

Concebe-se a irritação de Helias; ela foi grande sobretudo contra os dois religiosos que lhe falaram com tanta firmeza e coragem. Seus cúmplices ripostaram vivamente aos defensores da disciplina; qualificaram-

⁸³ O historiador Hurter diz em sua excelente obra: *História das Instituições etc. da Igreja na Idade Média*, III parte, página 51, not. que os franciscanos propriamente ditos não se conformam mais ao texto da Regra que lhes proíbe possuir bens próprios; eles possuem em comum bens imobiliários, como os outros religiosos; e, que não há senão os franciscanos descalços e os capuchinhos que seguem a antiga prescrição da Regra sobre esse ponto. – Essa asserção é completamente falsa: os franciscanos propriamente ditos, que têm o nome seja de observantes, seja de reformados, seja de recoletos etc., são todos descalços e não possuem nada como coisa particular; embora essas diversas congregações difiram de nome, não deixam de seguir a mesma Regra e todas obedecem ao mesmo ministro-geral, que está na posseção do sinete de São Francisco. A ordem sempre recusou os privilégios cujo gozo era proibido pelo texto da Regra, mesmo quando lhes fossem concedidos pelo papa, o que ocorreu várias vezes. Os irmãos que aceitaram os privilégios concedidos pela Igreja separaram-se, com o consentimento de Leão X, do corpo da Ordem para formar uma nova congregação sob a direção de um Geral particular; adotaram o nome de *frades menores conventuais*. – Ver P. Marchant *Expositio Regula S. Francisci*, in cap. VIII.

nos de cismáticos e rebeldes, e fizeram com que o Geral anatematizasse Adam e Antônio e, até mesmo, que os condenasse à prisão. Os dois condenados fizeram oposição a essa sentença e apelaram ao papa; porém, não teriam escapado à prisão sem a proteção do penitenciário apostólico que lhes forneceu a ocasião de fugir.

Assim que Helias soube da fuga, expediu vários mensageiros atrás deles para os encontrar e trazê-los de volta sob boa escolta, pois temia com razão que o fossem acusar junto ao papa. Mas os dois religiosos, prevendo que os tivessem mandado perseguir, acabavam de deixar a estrada principal e assim não foram alcançados, pois chegaram a Roma por atalhos.

Entretanto, frei Helias experimentava em Assis inúmeros dissabores. Um homem de uma eminente santidade e que gozava de uma grande estima de todos os seus irmãos, o primeiro companheiro de São Francisco, Bernardo de Quintavalle, afligia-se profundamente pelos tristes desvios do Geral. Este reservara para seu uso particular uma parte considerável do dinheiro proveniente das esmolas recolhidas para a construção da igreja. Fazia suas refeições sozinho, e mandava que lhe servissem as iguarias mais apetitosas e mais bem preparadas; mantinha um cavalo e um palafrenero às custas da comunidade; seus aposentos não se pareciam em nada com a cela de um frade menor, pois via-se aí um mobiliário dos mais completos.

Esse homem acreditava poder gozar dessa vida cômoda e fácil para prevenir as doenças do corpo, e também para realçar sua autoridade aos olhos de seus irmãos.

Mas essa não era a opinião dos bons religiosos, e em particular a de Bernardo. Este se aproximava frequentemente de Helias no momento em que ele montava a cavalo, e aplaudindo com as duas mãos, como se admirasse sua montaria, dizia-lhe num tom irônico de aprovação:

– “Oh! frei Helias, como vosso cavalo é fogoso, como é vigoroso!”

Depois, batia levemente no dorso do animal e limpava-o com o pano de seu hábito como teria feito o melhor dos palafreiros.

Helias entendia o pensamento de Bernardo, mas fingia não o compreender.

Um dia Bernardo deixou o refeitório dos religiosos, e tendo numa mão um pedaço de pão seco e na outra um jarro de água, foi ao quarto do Geral e sentou-se à sua mesa sem esperar seu convite. Depois, disse-lhe:

– “Frei Helias, quero comer convosco o alimento que o Mestre supremo da natureza concede aos pobres.”

Helias devorou seu descontentamento e forçou-se a rir, a fim de fazer crer que tomava essas censuras por puras brincadeiras. Não ousava punir com severidade esse digno ancião por medo de levantar toda

a comunidade contra si. Bernardo fora-lhe recomendado de uma maneira toda especial por São Francisco, e era visto geralmente como um santo. Portanto, era prudente tratar com deferência semelhante homem que exercia tão grande influência à sua volta.

Helias temia pouco Antônio; este era ainda jovem, e seu ascendente era maior sobre os habitantes das cidades e dos campos, do que sobre os irmãos mais velhos e há mais tempo em religião do que ele, e com os quais ele tinha poucas relações.

Entretanto, chegou a Assis um mensageiro, expedido pela corte de Roma, para convocar o Geral dos frades menores com todos os membros do Capítulo. Gregório acolhera e escutara com benevolência os dois refugiados; estava profundamente aflito que uma Ordem, que ele amava tão sinceramente, tivesse de sofrer tanto da parte de seus próprios membros, desde os primeiros anos de sua existência; assim, prometeu prover sem demora as exigências da posição crítica dos frades menores.

Helias e os outros irmãos que tinham direito de votar no Capítulo chegaram, pouco depois, a Roma; onde se reuniram novamente em conselho, sob a presidência do papa.

Antônio de Pádua, provincial de Bolonha e Adam de Marisco tomaram sucessivamente a palavra para acusar o Geral. Censuraram-lhe sua vida faustosa, a manutenção cara de seu cavalo, o número de seus

domésticos e sobretudo suas diligências junto ao papa para lhe arrancar certos privilégios inconciliáveis com a estrita observância da Regra.

Quando esses corajosos acusadores cessaram de falar, frei Helias levantou-se de seu assento, e respondeu num tom calmo e natural:

– “Santo Padre, quando após a morte de nosso Fundador, quiseram escolher-me para Geral, eu me opus porque me acreditava de saúde demasiado fraca para percorrer as províncias a pé e para me conformar em tudo à vida comum; mas, persistindo os eleitores em sua escolha, permitiram-me alimentar-me de ouro e usar um cavalo, em caso de necessidade. Uma vez em função, um cavalo me foi indispensável; precisei ter um palafrenero para cuidar dele; alguns outros domésticos tornaram-se igualmente necessários para cumprir as missões das quais eu estava encarregado. Assim sendo, tive naturalmente necessidade de algum dinheiro para mantê-los. No que se refere à construção da nova igreja, eu já disse – e vossa Santidade não o ignora – que São Francisco me confiou suas últimas vontades a esse respeito. Era preciso, aliás, as quantias consideráveis que foram recolhidas em diferentes lugares, para erigir uma igreja digna de possuir as preciosas relíquias de nosso santo Fundador e de perpetuar a lembrança de suas virtudes.

Embora a necessidade e a aprovação explícita dos irmãos me autorizassem a agir dessa maneira, eu

não quis no entanto estabelecer nenhum desses atos, sem conferenciar longamente com vossa Santidade, a fim de tranquilizar todas as consciências.”

Helias falara com tanta dignidade, e parecia tão convencido do que dizia, que muitos membros do Capítulo acreditaram que ele fora falsamente acusado.

Antônio compreendeu que a hora decisiva para o futuro da ordem acabava de soar; pois, se se aprovasse a conduta de Helias, era o fim da observância rigorosa e textual da regra: preferir-se-ia a esta uma vida fácil e os privilégios acabariam por se tornar leis.

Por conseguinte, nosso Santo levantou-se para dirigir por sua vez a palavra ao santo Padre. Eis como se exprimiu:

– “Santo Padre, a permissão de se alimentar de ouro, como se diz, não o autorizava a acumular montes de ouro; era-lhe permitido usar um cavalo, mas não de cuidar dele como cavaleiro, para grande escândalo de seus irmãos; ele podia, sem dúvida, solicitar prudentemente as larguezas do rico para construir a igreja; mas era-lhe proibido arruinar a Ordem. Ademais, se ele tinha o privilégio de prover de maneira especial todas as suas necessidades físicas, não podia servir-se dele para levar uma vida de príncipe e enfraquecer assim a disciplina dentro de toda a comunidade. Ora, santíssimo Padre! tais são os graves abusos de que frei Helias se tornou culpado.”

Esse discurso fez estourar a cólera de Helias: sem respeito pela augusta pessoa que está diante dele, precipita-se furioso de seu assento e grita, dirigindo-se a Antônio:

– “Tu mentes, miserável!”

Ele quer continuar, mas o papa, indignado pela ignóbil conduta do Geral, impõe silêncio e, após um momento de reflexão, diz suspirando:

– “Rei Onipotente! Vós previstes, em vossos tabernáculos eternos, os acontecimentos que marcariam aqui embaixo as diversas épocas do mundo; revelastes muitas coisas por vir a vosso servidor Francisco, na aparição miraculosa dessa estátua da qual Ihe comunicastes algumas das admiráveis revelações. Receio que o objeto dessas misteriosas comunicações já esteja realizado; sim, receio que o ouro puro de que era formada a cabeça da estátua, perca seu brilho e mude para um vil metal. Essa cabeça que havíamos escolhido, é bem diferente do que ela foi outrora; esperávamos, ao escolhê-la, regozijar toda a Ordem, visto que Helias vivia numa estreita amizade com São Francisco. Porém, fomos enganados em nossa esperança, pois este superior é mais nocivo que útil à sua Ordem. Por conseguinte, usando nosso poder apostólico, nós o demitimos de sua função, e ordenamos que, imediatamente, se escolha um novo superior.”

Assim falou o papa, e à sua ordem os frades reunidos procederam logo à eleição de um novo Geral. Escolheu-se para essa alta dignidade o Ministro da Província de Espanha, Jean Parente ou Parens, florentino, homem de uma virtude a toda prova e de uma doçura sábia e prudente. Tal escolha foi aprovada e sancionada pelo papa. Gregório declarou em seguida que Antônio e Adam tinham sido injustamente anatematizados por Helias, e, para dar mais peso a essa declaração, extinguiu todas as penas eclesiásticas pelas quais eles podiam ter sido atingidos.

Helias pareceu aceitar sua sentença com uma humilde submissão. Renovou, pelas mãos do papa, o compromisso formal de seguir a Regra dos frades menores aprovada por Honório III, e foi em seguida para o eremitério de Cortona onde começou uma vida muito austera, com alguns outros religiosos. O papa, não duvidando que Helias tivesse renunciado a seus desvios, prodigou-lhe testemunhos de interesse; pareceu mesmo lamentar que um homem de tão grande talento quanto ele ficasse sem emprego na ordem. Foi reeleito Geral em 1236, mas em 1239 Gregório demitiu-o de novo dessa função por ele ter abusado do poder de que estava investido. Como ele se vinculou em seguida à corte de Frederico II, foi, por esse motivo, excomungado. Mais tarde, sob Inocência IV, foi, com a permissão desse papa, a Gênova onde os frades menores faziam seu Capítulo Geral, sob pretexto de fazer-lhe uma proposta

vantajosa por parte do imperador; mas na realidade era para se fazer de novo reeleger Geral. Descobriu-se seu culpado stratagem; o papa, não contente de lhe retirar seus antigos privilégios, ordenou-lhe submeter-se doravante ao Geral como o último dos irmãos.

Helias não pôde resignar-se a essa modesta posição. Deixou definitivamente a Ordem para se dedicar aos interesses do imperador. Essa conduta atraiu-lhe uma segunda excomunhão que foi seguida por uma declaração do papa pela qual foi despojado de todos os seus direitos eclesiásticos. Em 1250, após a morte do imperador, regressou a Cortona, sua cidade natal, onde se encarregou da construção de uma grande igreja para os frades menores com os quais não mantinha porém mais relações.

Helias, que contraiu perigosa doença em 1253, arrependeu-se de seus tristes desvarios. Mandou pedir ao papa que o absolvesse de todas as suas faltas, pelo amor de Deus e de São Francisco. Não descontinuou, durante oito dias, de gemer sobre seus numerosos pecados. Quando sua morte pareceu próxima, recebeu a visita do arcipreste de Cortona e de cinco outros padres, aos quais confessou com os sentimentos de uma profunda contrição, e em presença de três notários e das primeiras notabilidades da cidade, todas as suas faltas para com o papa e para com a Ordem, prometendo sob juramento ir jogar-se aos pés do santo Padre, em caso de cura. Fez em seguida sua confissão

após a qual recebeu o santo Viático das mãos de um frade menor. Antes de receber o corpo adorável de Jesus Cristo, viram-no recitar o *Miserere*, desmanchar-se em lágrimas, erguer as mãos e os olhos ao céu, esforçando-se por suspiros e gemidos para conjurar a vingança divina. Invocou, até seu último suspiro, a misericórdia do Senhor.

– “Senhor! repetia ele a suspirar, não entreis em julgamento comigo, mas concedei-me o perdão de minhas iniquidades! Ah! eu vos conjuro por vossa misericórdia infinita, pelos méritos de vosso servidor Francisco, que eu cobri de desprezo e de ingratidão, perdoai-me! perdoai-me!”

Helias morreu, como o predissera São Francisco, fora de sua Ordem, mas reconciliado com seu Deus.

O papa regozijava-se do zelo que Santo Antônio e Adam de Marisco tinham manifestado contra as funestas tendências de Helias. Sua estima por Antônio aumentava a cada dia, assim desejou mantê-lo doravante na sua corte. Nosso Santo não obteve sua demissão de ministro-provincial e de toda outra função, senão com a condição de residir em Roma e de se entregar aí à composição de sermões e à pregação evangélica para os habitantes de fora e para os de dentro.

Antônio, que não gostava do tumulto de uma capital e que sentia necessidade de um pouco de repouso; que procurava talvez também escapar dos

testemunhos de respeito que lhe davam em toda a parte, pediu ao santo Padre que lhe permitisse ir passar alguns dias na montanha Della Verna, para descansar de suas fadigas e extrair da prece novas forças a fim de anunciar em seguida, com nova coragem, a palavra de Deus. Gregório gostaria de poder recusar-lhe essa permissão, mas precisou ceder às instâncias do Santo. Este partiu então de Roma levando consigo o pleno consentimento e a bênção paterna do papa.

CAPÍTULO XXI

*O monte Della Verna. – Antônio escolhe uma cela.
– Considerações sobre os efeitos da vida interior. – Do
gosto dos escritores da Idade Média. – Antônio
considerado como pregador e como escritor.*

Quando se vai dos Estados da Igreja ao Grão-Ducado da Toscana e nos aproximamos dos Apeninos, pelo lado de Borgo di Rassina, um imenso rochedo ultrapassando em muito as montanhas vizinhas, aparece ao longe no centro das cadeias de montanhas situadas entre o Tibre e o Arno. Esse rochedo encontra-se numa montanha cujo cume se ergue a mais de seis milhas italianas acima do solo e sobe-se até lá por um caminho escarpado talhado na rocha. É propriamente esse rochedo que é conhecido pelo nome de Monte Della Verna; e, também, numa linguagem piedosa, pelo de: //

sagro monte, a montanha santa. O tempo é maravilhoso ali durante o verão e, se não se pode comparar a estadia ali a um paraíso terrestre, ao menos pode-se dizer que há poucos locais que convenham mais às pessoas que, cansadas do barulho do mundo, buscam a solidão para se entregar à prece e à contemplação de Deus nas maravilhas da natureza.

O monte Della Verna cobre-se de uma rica vegetação, embora o solo seja pedregoso. Aqui e ali, mas sobretudo sobre as pontas do rochedo, erguem-se majestosamente bosques de faias e de pinheiros, entrecortados por pequenos e graciosos relvados que sombreiam altos pinheiros decorados de alguma forma por uma verdura fresca e variada. A leste ele tem uma encosta suave onde mil pequenas nascentes brotam do solo; e estas, deslizando suas água pacíficas até a montanha inferior, vão serpentear, à sombra dos pinheiros, em risonhas pradarias. Seus outros lados são muito escarpados e rodeados de rochedos e de precipícios. Percebe-se da ponta mais avançada vista do sul, e além do convento dos frades menores, as ruínas de um velho castelo que outrora foi a fortaleza dos condes de Chiusi. Ele foi habitado no começo do século treze pelo conde Orlando Catani, cavaleiro poderoso e virtuoso, que deixou essa montanha aos frades menores por consideração por São Francisco,

seu amigo.⁸⁴ Na sequência, e até o século dezesseis, ele serviu de residência a um podestade dependente do imperador da Alemanha; Michel Ange Buonarrotti teve por pai um dos podestades que aí residiram sucessivamente; ele nasceu e foi criado nessa espécie de fortaleza⁸⁵ onde o espetáculo permanente de uma natureza grandiosa e severa lhe inspirou as vastas concepções admiráveis em todas as suas obras-primas.

Do lado do oeste, vê-se o local em que São Francisco recebeu, dois anos antes de sua morte, os estigmas das santas feridas de nosso Senhor e onde se construiu uma bela igreja. Conta-se, no espaço compreendido entre o leste e o oeste, um grande número de lugares santificados de alguma forma pela estadia que fez aí o santo da Úmbria, que são dedicados à sua memória. Descubrem-se, em toda a parte, igrejinhas, oratórios, capelas, grutas célebres seja por

⁸⁴ O conde foi sobretudo impelido a abandonar esse castelo pelo sermão que São Francisco fez em San Leo, no dia em que o conde de Monte Feltro recebeu aí a homenagem dos cavaleiros em nome do imperador. O Santo tomara por texto uma máxima muito conhecida:

*Tanto grande è il bene che aspetto,
Che ogni pena mi è diletto.*

Os bens que espero são tão grandes,
Que toda pena me parece doce.

⁸⁵ *Compendio delle Divozioni e Meraviglie del sacro Monte Della Verna*. c. I, p. 11.

um prodígio, seja por uma visão celeste, seja enfim por alguma austeridade de vida de São Francisco. Em torno desses lugares memoráveis mostram-se, a distâncias desiguais, pequenas celas construídas por piedosos frades menores, para aí conversar com Deus, e retemperar seu zelo para melhor trabalhar na vinha do Senhor, perto desses gloriosos teatros das sublimes contemplações de seu santo Fundador.

Um jovem frade menor escalava a santa montanha, em um belo dia de junho do ano de 1230; ele ia ao convento dos frades de sua Ordem situado ao sul do rochedo e perto da encosta suave de que falamos. Os religiosos reconheceram nesse rapaz de ar pobre e doente, o irmão Antônio, esse célebre português cujo renome estava espalhado nos dois reinos da Itália e da França. Regozijaram-se vivamente com sua chegada inesperada, pois queriam que ele viesse residir em seu convento para edificá-los com suas ações e seus discursos, como fizera em tantos outros lugares; mas Antônio declarou-lhes que não escalara a montanha a não ser para se ocupar exclusivamente de Deus, na mais completa solidão; por isso, pediu que lhe permitissem construir uma pequena choupana, longe da residência dos frades e um pouco abaixo da segunda cela de São Francisco. Não hesitaram em conceder-lhe essa permissão. Mais tarde, construiu-se no lugar que ele escolheu para si, uma bela e espaçosa capela que

compreende o espaço ocupado pelas celas de São Francisco e de Santo Antônio de Pádua.

Não tentaremos descrever a vida que esse fervoroso frade menor levou nessa encantadora solidão; não poderíamos, aliás, visto que nos faltam informações. Porém, como pudemos apreciar anteriormente o nobre caráter do Santo, poderemos adivinhar sem dificuldade os santos exercícios aos quais ele consagrou todo o seu tempo. Ele aspirara tanto tempo pela solidão; e, apesar de seu zelo pela salvação das almas, era-lhe necessário o motivo da obediência religiosa para regressar ao mundo; ele buscava naturalmente, e por escolha, a calma da prece interior. Sua alma, isenta de todo pesar, encontrava aí um repouso completo; saboreava os mais doces gozos, não esses gozos que deleitam os sentidos, mas os gozos celestes que engrandecem a alma, que a ensinam a conhecer e a apreciar Deus, e que é preciso experimentar para os compreender. Ora, os cuidados do corpo tornam-se penosos para a alma que goza de semelhante felicidade. As satisfações corporais enchem-na de amargura; e, como ela teria vergonha, ela, membro de Jesus Cristo, de saborear prazeres sensuais, enquanto seu chefe é coroado de espinhos, ela sobrecarrega seu corpo de trabalhos e de austeridades.

“A vida interior, diz um filósofo cristão, purifica a vida sensual dos homens;⁸⁶ é o restabelecimento do espírito em seu estado primitivo; é seu triunfo sobre a

⁸⁶ J. Goerres, *A Mística Cristã*, passim.

natureza e sobre o corpo que o curvaram para a terra após a queda original. É sobretudo a vida monástica que liberta o homem dos vínculos terrestres, pelo exercício dessas mortificações corporais que o arrancam com violência ao mundo exterior; e, como a nutrição é uma operação em que a natureza é o principal agente, é sobretudo nesse fenômeno fisiológico que se pode constatar a ação da graça sobre o homem. Depois que a alma, fortalecida pela graça, disse à natureza ávida: “Até aqui, mas não além!” dir-se-ia que os órgãos da vida animal se contraem e se fecham; a abstinência tira todo desejo de alimento corporal; as operações da natureza que se limitam à nutrição tornam-se insensivelmente menos frequentes e menos vivas, às vezes mesmo cessam de se produzir. É então que a alma não deseja mais do que o alimento espiritual; ela se perde no amor de seu Deus e começa uma nova vida; reúne todas as suas forças e concentra-as no gozo das mais sublimes volúpias celestes.”

Por que então nos espantar ainda de que Santo Antônio castigasse tão rudemente seu corpo e que lhe esgotasse, por assim dizer, as forças por um jejum quase contínuo; o amor a seu Deus o levava a se tornar semelhante ao seu modelo crucificado; ele servia de alimento à sua alma e sustentava suas forças desfalecidas de tal sorte, que ele podia dizer em toda a verdade: eu me alimento de uma comida invisível, que os homens carnis não conhecem.

Entretanto, o exercício contínuo da penitência sobrecarregou mais Antônio no monte Della Verna, do que no monte São Paulo, alguns anos antes. Neste último ele estava no auge da vida e ainda não se enfraquecera pela pregação e pela administração do sacramento da penitência; agora, ele parecia demasiado extenuado para continuar seus trabalhos apostólicos. Pode-se facilmente fazer uma ideia de tudo o que ele tivera de suportar nas diversas missões que realizara anteriormente; muito corpulento e de constituição sanguínea, não podia suportar os fortes calores e as incomodidades inseparáveis das funções de pregador.⁸⁷

Nosso Santo acabava de começar o último ano de sua vida e o espírito de Deus instava-o vivamente a ir rever uma última vez sua querida cidade de Pádua. Aproximava-se, aliás, rapidamente o inverno e ele sabia que o monte Della Verna era inabitável nessa estação do ano. Assim, deu a última mão em seus sermões, que Gregório desejava que ele escrevesse em sua solidão, a fim de poder retornar a Pádua durante os últimos dias de outono.

⁸⁷ Vede o retrato do Santo em P. Papenbroek, *Acta SS. Junii*, p. 715, onde esse erudito refuta Cardosus, e menciona um quadro pintado em Pádua, imediatamente após a morte do Santo. Esse retrato não pode ser tão antigo quanto se pretende, visto que se vê aí o *mozetta* ou capuz, tal como foi adotado mais tarde sob o generalato de São Boaventura. A maioria dos autores concordam em dizer que Santo Antônio era corpulento, e tinha um ar saudável.

No entanto, antes de segui-lo a essa cidade, lancemos um breve olhar sobre as obras que ele nos deixou e estudemo-lo mais de perto como pregador; esse estudo nos fornecerá ocasião de emitir algumas reflexões sobre a eloquência do púlpito no século treze.

Para bem julgar as produções literárias dos tempos anteriores, importa levar em conta os costumes, os hábitos, as opiniões dominantes e o grau de civilização das diversas épocas. Pois far-se-iam frequentemente falsos e injustos julgamentos, se em vez de considerar as obras literárias e artísticas do ponto de vista de seus autores, se pretendesse apreciá-las segundo concepções individuais decalcadas da civilização moderna.

– O belo, diz-se, é o esplendor do verdadeiro, e permanece invariavelmente o mesmo em todos os tempos; isto é verdade não só para o belo mas ainda para o sublime. Tudo o que não é a expressão ou a imitação fiel da bela natureza, da natureza tal como ela deve ser, é completamente alheio ao belo e ao sublime. As produções artísticas que representam a natureza tal qual ela é, ou mesmo tal qual ela deve ser, mas que a descrevem com cores e com circunstâncias que não lhe convêm, dão falsas noções do belo e do sublime e fazem desconhecer a natureza real de um e de outro. Este caráter indica até que ponto o gosto público está pervertido e corrompido, pois o belo, como parte essencial, fundamental, da literatura, é admirado e

sentido em todo tempo. Mas onde encontrar a causa da diversidade de gosto? Esta, como fato demonstrado pela história, deve ter suas razões e seu princípio. Que me seja permitido entrar a esse respeito em alguns detalhes: eles ajudarão não somente a julgar com conhecimento de causa a eloquência sagrada da Idade Média, mas nos darão também uma ideia do desenvolvimento dos espíritos e da parte mecânica das belas-letas daqueles tempos.

A arte e a literatura são a expressão da sociedade no que ela tem de mais nobre: o pensamento. Encontrar-se-á portanto em cada escritor a marca dos costumes de sua época. Ele reproduzirá em seus escritos as opiniões religiosas e políticas assim como os hábitos de seu tempo; adotará mesmo seus preconceitos. É mais do que verdadeiro que a maioria dos autores se deixa levar pelo espírito dominante de sua época, e que raros são aqueles que sabem transpor, num salto, o intervalo que os separa de vários séculos daquele em que vivem.

De tempos em tempos surgem homens que ultrapassam seus contemporâneos por uma grande superioridade de espírito; seus olhares abarcam um horizonte mais vasto e eles unem a um gosto puro um admirável talento para exprimir nobremente o belo e o sublime. Eles conhecem a necessidade de sua época e se aplicam a provê-la. É por isso que julgam sobretudo indispensável elevar-se acima das opiniões e dos preconceitos que gozam da reputação pública: assim,

ultrapassando seu século, não são muito compreendidos nem apreciados por seus contemporâneos. Esses homens servem de pontos de transição para uma época melhor, mas raramente recolhem os frutos de seus labores. Toda reforma, mesmo a das letras, se opera lentamente, e estabelece-se somente depois de ter superado os maiores obstáculos; sua origem é pouco notada, e aqueles que são levados pela torrente das ideias dominantes de seu século, imaginam-se a dar o impulso aos espíritos porque fazem ressoar alto a pretensa sabedoria de suas concepções vazias e temerárias. No entanto, a história que julga as reformas descobre seu princípio e suas causas; é então que o mérito desses homens de gênio, que prestaram verdadeiros serviços à sociedade, aparece finalmente em seu aspecto mais brilhante.

Compreende-se que falamos aqui especialmente da forma nas artes e nas letras, da maneira de expor as ideias e de torná-las sensíveis aos sentidos exteriores. Todavia, teríamos outros meios de reforma a indicar, e em primeiro lugar o da religião cristã, se quiséssemos examinar aqui a natureza das ideias e das opiniões. A Antiguidade, inspirando-se sobretudo nas impressões do mundo exterior, distinguia-se na forma, na arte de descrever a natureza material e apaixonada; o cristianismo, ao contrário, repudiando, desde sua origem, as ideias pagãs, negligenciou as belezas da forma para se entregar exclusivamente ao estudo do

belo sobrenatural e moral. Quando, mais tarde, após a destruição do Império do Oriente, as ideias cristãs se reconciliaram, de algum modo, com a beleza exterior e sensível, viu-se nascer dessa aproximação uma literatura cujas produções não permaneceram muito tempo inferiores às dos tempos antigos.

Constatado esse fato, pergunta-se a que ramo dos conhecimentos humanos cabia dar, em épocas diferentes, o sinal de uma feliz revolução no sentimento e no gosto pelo belo. Sem resolver esta questão, diremos entretanto que essa tarefa não estava entregue à eloquência sagrada. O orador cristão segue os progressos do espírito, mas não os precede. Pois se ele quisesse, como o gênio, levantar voo e elevar-se acima das concepções de seu século, depurar o gosto de seus contemporâneos, e por fim combater os preconceitos em matéria de arte e de literatura, ele enfraqueceria seu poder e prejudicaria sua verdadeira missão. Não seria compreendido pelos povos, pois ele deve pegá-los pelo seu lado fraco; deve insinuar-se em seu espírito e em seu coração para convencê-los e persuadi-los de verdades que, à primeira vista, às vezes chocam a sua razão. Ele deve portanto se conformar ao gosto deles, e pôr seu ensinamento ao alcance de suas inteligências, ser simples mesmo, mas sem banalidade nem trivialidade. Pois se pretendemos por um lado que o pregador deva adotar praticamente o gosto público; devemos exigir, por outro, que ele se mantenha à altura

do grau de civilização a que chegou seu século. É assim que ele adquire a glória, senão de igualar os progressos do gênio, ao menos a de os secundar por seus esforços e de propagar as noções do bom gosto.

O cristianismo permanecera alheio ao aperfeiçoamento do gosto artístico, até ao século treze; as artes pareciam mesmo retroceder desde a fusão dos povos do Norte com os do Sul. Mas esse movimento de recuo era apenas aparente: passava-se já a uma época melhor. As cruzadas no Oriente e as guerras contra os mouros, na Espanha, tinham posto os cristãos em contato com os árabes. Ora, esses acontecimentos deram um novo aspecto à Europa, pois mudaram-lhe as ideias assim como as tendências da arte e do gosto.

As canções em língua materna dos Troubadours e dos Trouvères da França e do Languedoc, encontravam um longo eco na Itália e na Catalunha; os menestréis alemães se despojavam na corte de Frederico II daquela rudeza de costumes que se manifesta ainda nos *Nibelungen* e nos *Kudrunerlieder*. Esse duplo fato fazia pressagiar em toda a parte uma literatura nacional e o aperfeiçoamento próximo das línguas nascentes.

E o que fez a Igreja, nesse momento? A Igreja manteve-se prudentemente fora desse movimento geral, aguardando uma época melhor para tomar parte nele: ela não podia efetivamente unir sua voz às de poetas que cantavam os altos feitos dos cismáticos e a doutrina dos heréticos, ou que, muçulmanos voluptuosos,

celebravam em seus cantos o amor sensual. As ideias católicas não apareceram senão nas obras de Dante, inicialmente, e depois nas obras de cavalaria espanhola.

Contudo, as escolas cristãs, adotando os escritos de Aristóteles, se ressentiram também da influência árabe. Em pouco tempo todas as universidades adotaram o método peripatético para o ensino da teologia. Os rápidos progressos que esse método eminentemente lógico provocou nas ciências sagradas, não impediram que produzisse alguns deploráveis resultados. O espírito de classificação reinou em todas as ciências, e foi mesmo levado ao excesso; adentrava-se cada vez mais no domínio do possível, e pretendia-se extrair ensinamentos dos lugares menos notáveis das Escrituras sagradas, até mesmo de simples nomes próprios. Encontra-se esse último defeito nos sermões escritos de Santo Antônio de Pádua, mas deve-se observar aqui que esse Santo fez seus primeiros estudos em Portugal, onde, assim como na Espanha, as numerosas relações com os judeus e os árabes estabeleceram geralmente uma espécie de *onomatologia*, ou, segundo a expressão judia, de *kabala*. Esta existia ainda na Espanha, no século dezesseis.

Compreende-se que esse método de ensino não podia servir ao progresso das letras, sobretudo porque, não contente em aplicá-lo à eloquência, conformavam-se a ele mesmo na poesia.

No que se refere à eloquência do púlpito, acreditava-se que era preciso seguir aí o mesmo método que o dos doutores, visto que o ensinamento que se dava ao povo não era outro senão o ensinamento teológico, ou a explicação do texto sagrado segundo um plano mais circunscrito. Porém, como os séculos que temos em mira eram séculos de fé em que o desenvolvimento do espírito estava bem longe de seu apogeu, não era requerido, no ensino público, expor de uma maneira aprofundada as provas das crenças católicas; e, ainda menos, penetrar nas profundezas metafísicas do cristianismo. Bastava então ensinar aos fiéis seus deveres e explicar-lhes os ensinamentos religiosos e místicos encerrados nos Evangelhos sagrados. É, com efeito, o que encontramos nas instruções que a Idade Média nos legou sob o nome de *Homilias*, pois até aqui não se tratou das controvérsias com os heréticos, nem dos sermões propriamente ditos. Falaremos em breve de umas e outros. Essas diversas qualidades caracterizam os sermões escritos, ou para nos exprimir mais exatamente, as instruções familiares de Santo Antônio de Pádua. Longe de censurar tudo nos escritos da Idade Média, como certos críticos demasiado severos; longe também de contestar, sem discernimento, os defeitos dos discursos sagrados cuja maioria não era senão *Prontuários* ou seleção de textos. Limitamo-nos a dizer que semelhantes instruções bastavam às necessidades espirituais dos povos e

encerravam uma doutrina pura e sólida, como nos prova, com outros eruditos, o doutor Hurter nas suas belas análises das cartas e dos sermões do papa Inocêncio III.⁸⁸

Com que objetivo acabamos de fazer estas diversas considerações? Será a fim de poder fazer um julgamento fundado sobre o talento dos oradores cristãos da Idade Média? Absolutamente: nossa intenção foi simplesmente provar, por um lado, que não se pode imputar-lhes sem razão o terem permanecido no nível de gosto de sua época, visto que assim o exigia a eloquência cristã,⁸⁹ e mostrar, por outro lado, o valor intrínseco e a utilidade real das instruções escritas daqueles tempos; não pudemos então, nem quisemos julgar as qualidades oratórias de pregadores cujas obras

⁸⁸ *História das instituições etc. da Igreja na Idade Média*. Tomo I, cap. 1.

⁸⁹ Muitas pessoas verão aqui algo de paradoxal; elas objetarão, talvez, o gênio de um Crisóstomo, de um Bossuet. Mas que elas aceitem notar que São Crisóstomo falava e escrevia em uma língua que, embora em decadência, era compreendida pelo povo; e que Bossuet não determinou a reforma de sua língua, mas somente a favoreceu e acelerou. Que elas se recordem, demais a mais, do que fizemos observar mais acima, que não se trata aqui senão do mecanismo da arte oratória e de particularidades que se relacionam a isso; e, de modo algum, do fundo das composições oratórias pelo qual o gênio cristão sempre se sobressaiu.

não possuímos, visto que segundo todas as aparências, eles não escreviam seus sermões.

O zelo conduzia os santos pregadores que, como Santo Antônio de Pádua, estavam convencidos, penetrados daquilo que diziam, e ardiam de amor por Deus e pelo próximo. Ora, o verdadeiro zelo é sempre eloquente. Assim, esses homens de fé faziam prodígios e não se pode medir o valor intrínseco de seus sermões, a não ser segundo os frutos de salvação que produziam nas almas. É inútil acrescentar que se deve levar em conta aqui a ação da graça divina. Notemos, além disso, que os pregadores das regiões meridionais da Europa gozavam ainda de outra vantagem: podiam dirigir-se à imaginação, com a certeza de sucesso, e enfeitar seus sermões com os encantadores quadros da natureza, como nos informa, entre outras histórias, a de São Francisco de Assis, e como podemos constatar nas instruções escritas de nosso Santo. No que se refere ao frequente emprego dos textos sagrados, de que se acusa o gosto da Idade Média, deve-se observar que as citações das Escrituras não podiam ser numerosas nos sermões de missão, visto que os pregadores do povo, e em particular os frades menores, pregavam comumente na língua materna, como muito bem provou o historiador Hurter.⁹⁰

Conviria talvez comunicar aqui aos nossos leitores alguns extratos das instruções de Santo Antônio;

⁹⁰ Ibid. t. III, p. 318, 320.

porém, como já nos estendemos bastante longamente sobre sua eloquência, contentar-nos-emos em lembrar as passagens de seus escritos que citamos no oitavo capítulo, e terminar nossas reflexões a esse respeito por uma olhada rápida nos escritos editados, sob o nome de nosso Santo, pelo Padre de la Haye.⁹¹

O erudito editor põe em segunda linha, imediatamente após seus sermões, uma explicação mística dos livros do Antigo Testamento e alguns fragmentos da do Novo; formando juntos o manuscrito que ele descobriu, na época em que foi *Visitante*, na biblioteca de um de nossos conventos da Lorraine. Essas explicações não se compõem senão de alegorias e de sentenças das Escrituras que se podem considerar como piedosas meditações, mas que não estão entretanto postas em relação com o sentido literal dos livros sagrados. Assim não são, rigorosamente, na maior parte delas, mais do que simples anotações (*notae marginales*) escritas por Santo Antônio do gênero daquelas que se liam em seu caderno de salmos, ou então notas recolhidas por seus discípulos das quais se fez mais tarde uma coletânea. O editor adota esta última suposição.

⁹¹ Jean de Trittenheim in *Catal. Script. Eccl.* e Bellarmin lib. de *Script. Eccl.* ad a. 1220, não fazem menção aos sermões do Santo para os domingos e dias feriados; mas o primeiro desses autores parece indicar ainda alguns opúsculos dos quais não terá podido tomar conhecimento.

Vem em seguida uma obra, que é muito notável, visto que, como Wadding nos assegura,⁹² Santo Antônio é seu autor. Ela tem por título: CONCORDÂNCIAS MORAIS DA BÍBLIA (*Concordantiae morales bibliorum*) e é, sem dúvida alguma, a primeira obra desse gênero que tenha vindo à luz. Compõe-se de cinco livros, que têm divisões e subdivisões. O primeiro livro trata da queda do homem e dos meios de reerguê-lo; o segundo, da conversão dos pecadores e da penitência; o terceiro, das vitórias e das derrotas do pecador convertido no combate espiritual; o quarto, da perfeição e dos obstáculos a ultrapassar para lá chegar; por fim, o quinto, dos deveres dos diversos estados e em particular daqueles do padre, do superior e do pregador. Vê-se que Santo Antônio deve ter sido um dos primeiros teólogos que conceberam e executaram um plano completo de teologia moral; ele o foi com efeito, e o que o comprova sobretudo, são os assuntos que constituem a matéria das subdivisões de cada um dos cinco livros de sua obra. Se se considerar que esse importante escrito foi para o nosso Santo um arsenal onde ele buscava armas para combater os vícios dominantes de sua época, seria fácil compreender a alta consideração de que ele gozava, assim como a santa e corajosa liberdade com a qual ele perseguia o vício em toda a parte onde este reinava, não poupando, se seu dever o

⁹² Citado pelo P. De la Haye: Opera omnia S. Ant. Pad. in praef. ad Expos. myst. S. Script.

exigia, nem bispos, nem clérigos, nem religiosos, mas dizendo a verdade a todos, sem excetuar ninguém. Poder-se-á também formar uma justa ideia de seu mérito como pregador pela leitura das regras que ele prescreve, no quinto livro, a todos os pregadores e que não tinham só a finalidade de tornar a palavra divina útil aos fiéis, mas tendiam igualmente a santificar aqueles que a anunciavam.

Que aquele então que queira estudar os costumes da Idade Média e conhecer seus abusos e vícios dominantes, leia os escritos que Santo Antônio nos deixou, sem preconceito e com indulgência pelas faltas de gosto ou de arte: achará aí, asseguramos-lhe, com o que satisfazer amplamente sua curiosidade.

CAPÍTULO XXII

Antônio prega uma última vez em Pádua. – Ele parte para Campo San Pietro. – Última doença e morte de Antônio. – Ele aparece ao abade de Vercelli. – Discórdia civil em Pádua. – Sepultamento do corpo de Santo Antônio. – Peregrinações a seu túmulo.

Um movimento inabitual animava as ruas de Pádua, no primeiro domingo da quaresma do ano de 1231. Uma multidão de gente se precipitava para fora das portas da cidade para ir a um campo vizinho, onde se erguera um púlpito de verdade. A multidão estava

impaciente por ver subir aí o ilustre e bem-amado pregador. Com efeito, Santo Antônio fora diretamente da solidão do monte Della Verna a Pádua, mas sem estar decidido a pregar ali a quaresma, naquele ano. Ele tinha então inúmeras ocupações; acabava mesmo de empreender, a pedido do cardeal Rinaldo,⁹³ a composição de sermões para as festas dos santos. Porém, à aproximação dos quarenta dias de penitência prescritos pela Igreja, seu zelo tornou-se tão ardente, e as instâncias dos bons habitantes de Pádua tão prementes, que ele se deixou convencer a repartir – pela última vez, infelizmente! – o pão da palavra divina com os fiéis e a exortar os pecadores ao arrependimento de seus pecados. Fora preciso colocar, como acabamos de ver, um púlpito de verdade em um vasto campo, porque a afluência incessante de gente, tanto da cidade quanto de fora, formava um auditório infinitamente numeroso, demasiado para que alguma igreja de Pádua fosse suficientemente grande para contê-lo.

Nosso Santo pregou cada dia, não obstante o enfraquecimento de suas forças: ele dava, além disso, após seus sermões, instruções particulares a toda sorte de pessoas acorridas para consultá-lo; depois passava o resto do dia no confessionário onde ficava às vezes até muito tarde da noite, sem ingerir nenhum alimento.

⁹³ Esse cardeal era o protetor dos frades menores e tornou-se mais tarde papa com o nome de Alexandre IV.

Tão logo os habitantes das cidades vizinhas de Pádua souberam que Santo Antônio pregava lá, foram em multidão para ouvi-lo. Muitos deles, diz Wadding, levantavam-se à meia-noite para serem os primeiros a chegar ao local onde se encontrava o púlpito de verdade, a fim de escolher um lugar de onde pudessem compreender bem o pregador. Munidos, na maioria, de uma lanterna, pareciam errar pelos campos como fogos-fátuos; soldados, mulheres nobres, crianças, todos enfim, acorriam a Pádua; mesmo aqueles que passavam as mais belas horas do dia na cama, que nunca se tinham levantado antes da aurora, arrastados pelo exemplo, estavam de pé bem cedo para ir aos sermões do santo pregador.

Esses inúmeros ouvintes faziam-se notar pela simplicidade de suas roupas, pois sabendo que a riqueza das vestes desagradava ao Santo, sobretudo no santo tempo da quaresma, tinham-se vestido com simplicidade e como o exigia a natureza dessa circunstância.

O bispo de Pádua assistia, com seu clero, aos sermões de Antônio, pois esse digno pastor plenamente convencido do bem que o Santo operava no seu rebanho, quisera preceder aqui suas ovelhas para incitá-las, por seu exemplo, a perseverar na assiduidade a assistir aos sermões do Santo.

Um profundo silêncio, que nenhum rumor interrompia, reinava constantemente no auditório de

Santo Antônio, que contava às vezes até trinta mil pessoas.⁹⁴ As lojas e os armazéns permaneciam fechados durante os sermões, e as ruas de Pádua estavam solitárias e desertas, como as de uma cidade abandonada. Uma multidão se comprimia atrás dele quando ele voltava para casa; cada qual queria ver o orador de perto e tocá-lo; as pessoas que conseguiam chegar mais próximas dele, cortavam pedacinhos de sua roupa, e ficavam felizes de levar e de conservar em suas casas como um precioso tesouro.

Talvez nosso Santo não tivesse até então obtido semelhante vitória sobre o inferno. Era porém de recear que a graça, que parecia apegar-se aos passos de Antônio, encontrasse grandes obstáculos numa cidade tão corrompida quanto Pádua. Mas esse temor não se realizou: todos aqueles que ouviram o pregador se submeteram à sua poderosa palavra, que fizera tremer os príncipes em seu trono e que agora consternava as consciências e ribombava como um trovão sobre a cabeça dos pecadores empedernidos.

No entanto, o inimigo da salvação dos homens não podia suportar esses maravilhosos efeitos do zelo apostólico; seu furor era sem limites contra esse pobre frade menor, que arrancava todo dia novas almas das suas garras; assim, fez uso de tudo para fazer sucumbir esse zeloso missionário sob o peso esmagador de seus santos labores.

⁹⁴ Wadding ad a.1231.

O espírito das trevas escolheu para montar uma armadilha a Antônio, o momento em que ele, cansado e esgotado por uma jornada de fadiga, voltava, à noite, para sua cela, para aí repousar e recuperar as forças, por algumas horas de sono. Mal ele acabava de estender seus membros cansados, sobre sua miserável cama, que foi assaltado pelo espírito maligno e sentiu-se como sufocar. Antônio não teve outro meio de acalmar sua angústia senão recorrer à prece; assim, armando-se com o sinal da santa cruz, invoca a Mãe de Deus, saudando-a com estas palavras de um hino sagrado: O gloriosa Domina! Essa invocação pôs o demônio em fuga e tranquilizou completamente Antônio. Este, olhando então à sua volta, viu, como ele mesmo contou a um dos seus irmãos, sua cela milagrosamente iluminada.

Antônio manteve seus trabalhos apostólicos até à aproximação da festa do Pentecostes. O enfraquecimento incessante e rápido de sua saúde obrigou-o, em breve, a renunciar à pregação; ele renunciou a isso com tanto mais razão, quanto a época das colheitas estava muito próxima. Aliás, a sociedade dos homens tinha-se tornado para ele penosa e cansativa; ele aspirava, mais do que nunca, à solidão. Embora os Santos nem sempre tenham a presciência de sua libertação deste mundo, eles têm porém um certo pressentimento, que não os engana, do dia de sua morte. Sua união com Deus torna-se mais íntima no fim

da vida; estão desgostosos do mundo e não encontram a paz a não ser na solidão. No fervor da prece eles parecem às vezes abraçar a própria divindade, e os piedosos transportes de sua alma são mais frequentes do que nunca. Seu zelo pela salvação das almas parece ter esfriado, pois Deus desvia toda a atenção deles das coisas terrestres, dá ao espírito deles uma calma perfeita, e prepara-os, por comunicações mais doces e mais íntimas, para a passagem desta vida passageira a uma vida bem-aventurada.

Ora, tais eram já os efeitos da misericórdia divina em Antônio, e seus irmãos não duvidavam mais de que ele chegava ao termo de seus dias; nosso Santo conhecia, por revelação, a hora de sua morte, mas o temor de entristecer despropositadamente seus irmãos, determinou-o a não os deixar sabê-la.

Para escapar ao tumulto da cidade, ele tinha a intenção de ir para um pequeno convento situado nos arredores de Pádua e terminar ali seus dias. Embora lhe fosse permitido fixar sua residência onde quisesse, ele escreveu ao provincial para obter dele a autorização para mudar de residência, pois preferia obedecer como simples religioso a agir segundo seu próprio gosto. Quando sua carta estava escrita, foi à cela do guardião para lhe pedir permissão para servir-se de um mensageiro. Após ter obtido o consentimento, retornou à sua cela para aí pegar a carta a expedir; mas, coisa estranha! não a encontrou. Após um momento de

reflexão, inferiu desse singular desaparecimento que Deus queria que ele permanecesse no convento de Pádua, e que abandonasse o projeto de deixá-lo. Porém, alguns dias mais tarde, o provincial respondeu-lhe que ele podia fixar-se num convento de sua escolha. É de crer que um mensageiro celeste entregou a carta de Antônio a esse superior: prodígio pelo qual Deus quis sem dúvida manifestar quão agradável lhe era a obediência de seu servidor Antônio. Nosso Santo agradeceu ao Senhor, com sentimentos de humildade e de amor, o benefício que acabava de receber dele e escolheu para última residência a pacífica e tranquila habitação que os frades menores possuíam em Campo san Pietro. Era um vilarejo situado a cerca de três léguas de Pádua, formando, com várias aldeolas, uma pequena senhoria colocada sob a jurisdição do cavaleiro Tiso, homem de uma moralidade exemplar e muito devotado aos frades menores.

Tão logo o cavaleiro soube que Antônio vinha habitar em seu domínio, foi ao seu encontro com alguns de seus domésticos, abordou-o com os sinais do mais profundo respeito e conduziu-o, ele próprio, ao vilarejo onde habitavam seus irmãos. Antônio, temendo que viessem com demasiada frequência perturbar aí a sua solidão, perguntou ao cavaleiro se ele não conhecia dentro de uma ou outra de suas florestas um local solitário e abandonado onde ele pudesse conversar tranquilamente com seu Deus. Tiso respondeu-lhe que,

se ele aceitasse segui-lo, lhe indicaria um lugar que lhe conviria perfeitamente, e que fariam aí um eremitério que ele habitaria tanto tempo quanto lhe agradasse. Essa resposta satisfez completamente o Santo; ele fez então seus adeuses aos irmãos, e pôs-se a caminho com o cavaleiro e seus companheiros habituais: Lucas Belludino e Ruggiero.

Quando nossos viajantes chegaram a duas milhas da residência dos frades, entraram num pequeno bosquezinho onde notaram um local coberto de grama, que apresentava a morada mais encantadora que se possa imaginar. Esse risonho lugar achava-se no meio do arvoredo; era sombreado por altas árvores que o defendiam dos ardores do sol. Via-se aí uma imensa noqueira que tinha seis grossos galhos carregados de espessa folhagem, estendendo-se horizontalmente e cujo topo formava uma coroa verde que deixava um vazio notavelmente grande. Antônio pediu que lhe fizessem uma pequena cela nesse vazio onde desejava abismar-se na contemplação de seu Deus, longe dos homens e no repouso da alma e do coração. Tiso cumpriu logo o desejo do Santo; mandou mesmo construir à sombra da noqueira duas outras celas, uma para o irmão Lucas e a outra para o irmão Ruggiero.

Antônio passou nessa pobre guarida várias semanas no seio do repouso e das mais santas volúpias, preparando-se para fazer a grande viagem rumo ao outro mundo. Como era de uma constituição saudável e

forte, seus irmãos esperavam que o repouso de que ele gozava não tardaria a devolver-lhe a saúde; mas sua esperança ia logo esvanecer-se, pois o fim de Antônio estava menos distante do que se acreditava. Tendo descido de sua árvore para almoçar com seus irmãos, como era seu hábito, acabava de se pôr à mesa, quando de repente caiu desfalecido. Ao voltar a si, sentiu-se tão fraco que lhe foi impossível reerguer-se. Entretanto, fez grandes esforços para se pôr ao ar livre, mas logo vergando-se sobre si mesmo deixou-se cair numa cama de palha estendida num canto da cela.

Então Antônio, não duvidando mais de que ia deixar o mundo, dirigiu-se nestes termos a seu irmão Ruggiero:

– “Querido irmão, se não vos opuserdes, desejo ir para o convento de Santa Maria, em Pádua, para não ser um fardo para os irmãos que habitam aqui perto.”

Frei Ruggiero, que não podia reter as lágrimas, consentiu em tudo, e foi buscar uma carriola para transportar o doente. Porém, quando os frades da vizinhança souberam que Antônio ia deixá-los, reuniram-se todos em volta de seu leito e conjuraram-no, lágrimas nos olhos, a aceitar permanecer entre eles, assegurando-lhe mil vezes que ele não podia ser um fardo para eles, que lhe dariam todos os cuidados que seu estado exigia, e que não lhe deixariam faltar nada.

No entanto, persistindo em sua primeira resolução, Antônio disse um último adeus a seus irmãos;

depois disso os irmãos Lucas e Ruggiero puseram-no na carriola e partiram com ele.

Encontraram nas proximidades da cidade de Pádua um frade menor, que ia a Campo San Pietro para aí visitar nosso Santo. Esse frade, impressionado pela magreza e fraqueza de Antônio, desaconselhou-o a ir para Pádua onde, importunado por visitas, não poderia gozar um instante do repouso de que tinha uma necessidade indispensável em seu estado atual. Aconselhou-o a se deixar transportar para o convento das Pobres Clarissas, situado na vizinhança, acrescentando que os frades encarregados da direção espiritual das religiosas, os quais tinham aí uma cela, não deixariam de lhe prestar todos os cuidados desejáveis e possíveis.

Apreciando Antônio esse conselho, pediu aos seus dois companheiros para aceitarem conduzi-lo a Arceli. O Santo foi ali recebido como um precioso testemunho do céu e trataram-no com a maior solicitude.

Mesmo recebendo todos os cuidados, a doença do Santo agravara-se tanto que nenhum remédio humano podia doravante curá-lo. Antônio não desejava a cura, pois estava impaciente por poder soltar-se de todos os vínculos terrestres para ir coabitar com Jesus Cristo. Rezava sem interrupção e viam-no frequentemente transportado de alegria e de admiração pela contemplação e posse antecipada de seu Deus.

Na sexta-feira, 13 de junho, ele se confessou e comungou de manhã cedo; entoou em seguida com uma voz enfraquecida e trêmula seu hino favorito *O gloriosa Domina*; depois disso, permaneceu alguns momentos imóvel, olhos erguidos para o céu e o rosto irradiante como o de um serafim. Perguntaram-lhe o que ele contemplava com tanta atenção.

– “Irmãos, respondeu ele, eu vejo meu Senhor!”

Essas palavras fizeram os irmãos compreender que sua última hora ia soar. Um deles, padre, foi pegar os santos óleos no oratório, a fim de dar a extrema unção ao doente. Antônio, compreendendo a intenção desse padre, disse-lhe:

– “Eu carrego essa unção no fundo de minha alma. Mas, embora não seja necessário que eu a receba exteriormente, desejo que me deem mesmo assim, visto que a coisa é útil.”

Antônio recebeu portanto os santos óleos. Após a recepção do Sacramento da extrema Unção, ele levantou os olhos para o céu, e também as mãos que o padre acabava de ungir, e recitou com profunda atenção e ímpetos de amor os sete salmos da penitência, unindo assim sua voz à voz trêmula e aos soluços dos irmãos ajoelhados em volta de seu leito. Em seguida, rezou ainda durante uma meia hora. Acabada a oração, entregou, sem nenhuma agonia, a alma a seu divino Salvador.

Santo Antônio morreu aos trinta e seis anos de idade; passou dez anos com os frades menores e onze com os agostinianos. Sua morte foi seguida pela de Santa Elisabete de Turíngia, jovem viúva do magnânimo príncipe Luís, que morreu na Itália de onde devia ir a Jerusalém como cruzado. No mesmo ano, dois frades menores selaram com seu sangue a verdade evangélica, em Valência, na Espanha.

No mesmo dia em que Santo Antônio morreu, o abade de Vercelli, outrora seu mestre, entregava-se à leitura das santas letras em sua cela. De repente a porta se abre e ele vê aparecer à sua frente seu bem-amado Antônio. Este, saudando o abade, diz-lhe:

– “Vede, senhor abade, deixei meu burro perto de Pádua, e apresso-me a chegar à minha pátria.”

O Santo se aproximara do abade dirigindo-lhe essas palavras, e em seguida tocou-o na garganta da qual ele sofria muito há alguns dias, depois desapareceu.

O abade sentiu que o toque do Santo fizera cessar instantaneamente sua dor de garganta, e ficou espantado por não mais perceber o frade menor. Acreditou que Antônio, a caminho de Portugal, viera dizer-lhe, ao passar, um último adeus. Deixando então sua cela, foi ao convento e percorreu em todos os sentidos perguntando a todos os irmãos que lá encontrava se não viram Antônio. Estes lhe responderam todos que não. – Essa resposta surpreendeu e afligiu

singularmente o abade; porém, depois de ter regressado à sua cela e refletido um instante sobre o que acabava de lhe acontecer, compreendeu que o Santo viera anunciar-lhe sua morte, o que na sequência as notícias que recebeu de Pádua lhe confirmaram.

Nesse momento, os frades menores mantinham a morte de Antônio em segredo para prevenir um demasiado grande concurso de povo, mas essa precaução foi inútil; bandos de crianças já percorriam as ruas de Pádua, gritando a plenos pulmões: o Santo morreu! Santo Antônio já não existe! Essa notícia espalhou-se por toda a cidade; um grande número de burgueses apressou-se a deixá-la para ir venerar o corpo do Santo. Os habitantes de Capo del Ponte, lugar vizinho do convento de Arceli, foram para lá armados e cercaram-no para impedir que se transportasse para outro local o corpo do Santo; desejavam vivamente que o enterrassem em sua vizinhança. A morte de Antônio causou um luto geral. As religiosas de Santa Clara sobretudo deploravam a perda daquele homem, pois haviam recebido dele tantas salutares instruções e tinham-se fortalecido, sob sua hábil direção, no caminho da perfeição evangélica. Assim, essas santas mulheres empregaram todos os meios a fim de poder guardar os restos mortais do diretor de suas consciências. Porém, os frades do convento de Santa Maria, em Pádua, fizeram valer seus títulos a esse favor, alegando sobretudo a vontade última do Santo, segundo a qual

era preciso transportar o corpo de Antônio para sua igreja. Não se teve nada a objetar contra esse argumento e os frades do convento de Santa Maria transportaram-se a Arceli para levar de lá o corpo do Santo.

No entanto, tão logo os burgueses de Capo del Ponte souberam desse projeto, enviaram a toda a pressa a guarda que haviam formado, à residência dos frades e ao seu convento, com ordem de cercar uma e outro e de impedir seu acesso aos frades menores. Estes fizeram queixa ao bispo, que reuniu seu capítulo para deliberar sobre a conduta a manter nessa deplorável circunstância. Os cônegos tiveram opiniões um pouco divididas: segundo uns, devia-se deixar o corpo do Santo onde ele se encontrava naquele momento; segundo os outros, ao contrário, não se podia fazer melhor do que seguir a opinião do bispo que achava as razões alegadas pelos frades demasiado sólidas para não as aceitar. Por conseguinte o digno prelado pediu à magistratura para dar aos frades menores o auxílio necessário para fazer respeitar suas justas pretensões.

Os burgueses de Capo del Ponte já tinham combinado de enterrar o corpo de Antônio e impedir, à mão armada, o seu rapto pelas tropas da cidade. Eles estavam demasiadamente descontentes; assim, era de se temer fortemente que, em caso de agressão eles fossem levados a atos de violência. Os frades menores, tanto os da cidade quanto os de fora, estavam

profundamente aflitos, temendo que o desejo de possuir os restos mortais do Santo, que deviam ser para cada um uma garantia de paz, fizesse nascer tanta animosidade e discórdia que se esperava, com razão, a efusão de sangue. Por isso pediram aos burgueses armados que não agissem antes da chegada do provincial, que decidiria o partido a tomar. Foram unânimes em querer temporizar um pouco.

À noite, os frades fizeram a multidão, que aí viera para venerar o corpo do Santo, desocupar a igreja; fecharam a porta com ferrolhos e velaram toda a noite para prevenir toda tentativa de arrombamento. À meia-noite ocorreu um viva alerta: a população de Capo del Ponte, quase toda ela, precipitava-se para Arceli, para ir ver os últimos e preciosos restos de Antônio; isso porque, desconfiando dos frades, temia provavelmente que durante a noite lhe tirassem esse tesouro. Essa multidão insensata fez saltar sem dificuldade os ferrolhos da porta, cuja queda foi instantânea; mas seus esforços foram vãos para penetrar no convento. A causa desse estranho fato? – Não se podia descobrir a entrada: três vezes eles tentaram tomar a casa de assalto; três vezes foram repelidos por invisível mão; e, embora ela estivesse perfeitamente iluminada, eles não conseguiram encontrar-lhe a entrada.

No dia seguinte, desde o raiar do dia, o povo afluiu ao convento. Santo Antônio parecia dormir pacificamente. Não se via nenhuma alteração em seus

traços, cuja doce e nobre expressão era sublinhada por uma leve tonalidade de encarnado; seus membros haviam conservado toda a sua flexibilidade. A afluência do povo crescia de minuto a minuto desde que se soubera em Pádua e nos seus arredores, que o corpo de nosso Santo estava exposto aos olhares do público; cada qual queria contemplá-lo e tocá-lo; e aqueles que, não conseguindo penetrar entre a multidão não podiam aproximar-se dele, faziam passar pelas janelas, aos que estavam no interior, cordões, anéis, moedas e chaves, para fazê-los tocar o corpo do Santo com esses diferentes objetos.

Entretanto, os frades menores inquietavam-se vivamente com a longa ausência do provincial. Temendo que o calor, que era então excessivo, tivesse uma ação demasiado forte sobre o corpo do Santo, eles encerraram-no num caixão de madeira que enterraram, recobrando-o porém apenas com uma fina camada de terra. Por mais secretamente que se fizesse esse enterro, não se pôde impedir que o povo fosse logo informado. Os habitantes acorreram a Arceli, armados de gládios e de bastões; arrombaram uma segunda vez a porta do convento e ficaram assim capazes de descobrir, sem muitas buscas, o tesouro que se enterrara; mas eles estavam tão persuadidos de que o tinham tirado deles que não acreditavam que o corpo do Santo repousasse num caixão, apesar da afirmação contrária do frade que o pusera lá.

Os frades estavam no limite de expedientes para fazer cessar essa desordem; mas sentiram que por vezes se escapa ao perigo no momento mesmo em que se acredita perecer. Assim, enquanto se faziam inúteis esforços para se pôr de acordo, apareceu o provincial, ao qual convinha conciliar os interesses e os espíritos.

Os frades retomaram coragem à vista de seu superior; no entanto, os habitantes do local designado, inabaláveis em sua resolução, contavam pô-lo a favor de seus interesses, senão pela doçura, ao menos pelas ameaças. Expuseram-lhe seu desejo, dizendo que convinha que o Santo fosse enterrado ali onde morrera; que, aliás, eles exigiam que o fizessem, e que saberiam, em caso de necessidade, defender seu direito pela força das armas. O provincial viu que tinha de se haver com pessoas apaixonadas, capazes por conseguinte de se entregar aos maiores excessos antes de renunciar a seu desígnio; por isso, falou-lhes em um tom de autoridade, em uma linguagem nobre e firme:

– “ Irmãos, disse ele, vós não podeis fazer valer aqui vossos direitos, ou o que chamais vossos direitos; porém, se pedis para conservar entre vós o corpo do Santo, como um favor, nós examinaremos com nossos irmãos o que nos resta a fazer e veremos o que Deus se dignará a nos inspirar. Enquanto isso, aceito permitir-vos guardar o lugar onde repousa o corpo do Padre Antônio, a fim de que cesseis de desconfiar de nós.”

O provincial partiu em seguida para Pádua, onde no dia seguinte ao de sua chegada foi logo falar ao podestade, que convocara seu conselho. O superior expôs seus motivos de inquietação e pediu aos magistrados proteção e socorro. O podestade e seus conselheiros compreenderam os motivos do provincial; enviaram então um número imponente de burgueses armados para guardar a casa de Arceli e fizeram anunciar publicamente que ninguém podia importunar os frades, nem aproximar-se do convento com armas, antes que o bispo, de concerto com seu clero, tivesse tomado um partido definitivo; que aquele que transgredisse essa proibição seria punido com uma multa de cem libras.

No dia seguinte, o bispo reuniu-se em sessão e fez comparecer diante dele os frades menores de Pádua e os deputados de Capo del Ponte, para que, por seu órgão, cada partido defendesse sua causa. Quando o prelado ouvira e pesara as razões alegadas de cada parte, julgou que era preciso render-se às do provincial, e ordenou que no dia seguinte de manhã, o clero da cidade assim como o povo se reuniriam, para assistir ao enterro de Santo Antônio.

Ele ordenou aos membros da administração velar para que nenhuma desordem ocorresse durante a solenidade e que os frades não tivessem nada a sofrer por parte dos habitantes do campo.

A administração encarregou-se de bom grado desse cuidado e julgou necessário formar imediatamente uma ponte de barcos sobre o Astico, a fim de que o cortejo fúnebre não precisasse atravessar o bairro de Capo del Ponte, pelo qual se ia habitualmente de Arceli a Pádua.

Os habitantes desse bairro ficaram furiosos; resolveram vingar-se do provincial, por quem se acreditavam enganados. Assim viu-se a ponte rompida e as barcas que a formavam carregadas pela correnteza, antes mesmo que se tivesse podido prever esse ato audacioso. Os burgueses e os estudantes de Pádua irritaram-se por sua vez; pegaram nas armas, e como sua irritação era tão profunda quanto a dos habitantes de Capo del Ponte, previa-se um sangrento combate. Todavia, o podestade não esperou que se chegasse às vias de fato para enviar arautos aos combatentes, a fim de os convocar todos, da sua parte, a ir para a frente da sede do conselho. Essa medida acalmou a animosidade dos dois partidos; fez mesmo esperar ao de Capo del Ponte que se ia reconhecer seu direito. Foram então para Pádua.

Os habitantes de Capo del Ponte compreenderam logo à chegada diante da sede do conselho, na praça principal, que se tinham deixado pôr à discrição dos de Pádua. Mesmo a fuga não lhes era mais possível, pois os burgueses e os soldados da cidade, bem mais numerosos do que eles, os cercavam de todos os lados.

O podestade declarou então aos habitantes de Capo del Ponte que, não reconhecendo seus pretensos direitos, não seriam levados absolutamente em conta; que, de resto, a solenidade ocorreria, apesar de suas oposições, e que os aconselhava vivamente a não a perturbar. Feita e ouvida essa declaração, ele ordenou fazer reféns os principais provocadores da desordem e dispersar, nos diferentes bairros da cidade, os outros amotinadores aos quais se proibira que regressassem às suas casas naquele dia.

Quando a ordem foi restabelecida, o cortejo foi a Arceli para buscar o corpo de Santo Antônio. Os frades menores iam à frente; eram seguidos pelo caixão carregado pelo podestade e os membros do conselho; o bispo e todo o seu clero seguiam atrás dele; uma coorte de soldados fechava a marcha e era pressionada de perto por uma multidão inumerável de pessoas tanto do estrangeiro quanto do país acorrida a essa cerimônia fúnebre. Partiu-se assim de Arceli, ao canto dos hinos sagrados e à luz das tochas; após ter atravessado, nessa ordem, o bairro de Capo del Ponte e as principais ruas de Pádua, chegou-se à igreja de Santa Maria; o bispo cantou aí uma missa solene de Requiem, depois da qual se inumou o corpo de Santo Antônio, já morto há cinco dias.

Vários milagres ocorreram nesse dia, no túmulo do Santo; os doentes que conseguiam tocar a pedra que cobria o santo corpo ficavam instantaneamente curados;

aqueles que a multidão mantinha afastados dali, não tinham senão que invocar o nome do Santo para obter a libertação de suas enfermidades; os cegos recuperavam a vista, os surdos a audição, os paráliticos e os estropiados o uso de todos os seus membros; ouviam-se os mudos cantar os louvores a Deus e a Santo Antônio.

Os habitantes de Capo del Ponte, que tinham rompido a ponte de barcos, conduzidos por seu clero e precedidos das bandeiras de suas confrarias, vieram, de pés descalços e gemendo, ao glorioso túmulo onde pediram humildemente perdão a Deus e a Santo Antônio, seu protetor, dos graves excessos de que se tinham tornado culpados.

Nos dias seguintes, os cavaleiros e as mulheres nobres vieram ajoelhar-se diante do túmulo do bem-aventurado frade menor e aí depositar suas oferendas. A Igreja de Santa Maria estava sempre cheia de gente. Via-se entrar, ora o bispo de Pádua seguido pelo clero da cidade e uma multidão, para honrar o túmulo do Santo, após uma curta oração diante do santo Sacramento; ora os universitários, descalços e sob a condução de seus mestres, para oferecer um círio em honra do bem-aventurado defunto; ora, por fim, o podestade e seus conselheiros, que longe de julgar indigno deles oferecer suas respeitadas homenagens aos restos mortais daquele pobre frade menor que Deus honrava de uma

maneira tão esplendorosa, vinham igualmente depositar dons e oferendas.

O túmulo de Santo Antônio tornou-se em pouco tempo célebre em toda a Europa católica, e um dos principais lugares de peregrinação daquele tempo. Viram-se logo acorrer aí, além dos italianos que afluíam das cidades e dos lugarejos, espanhóis, portugueses, franceses, alemães e mesmo eslavos, povo conhecido em nossos dias pelo nome de poloneses e de húngaros. As oferendas consistiam sobretudo em círios; segundo os cronistas, ofereceram-se círios que eram artisticamente trabalhados e de tão grande dimensão que não se podia colocá-los retos, nem introduzi-los na igreja sem os diminuir um pouco; alguns mesmo eram tão pesados que era preciso transportá-los em carriolas. O concurso de gente foi frequentemente tão grande que uma multidão devia estacionar diante da igreja antes de poder lá penetrar; então colocaram-se em volta da igreja e mesmo nas paredes os círios ofertados em honra do Santo; e, quando se acendiam, a igreja sempre tão tranquila e tão grave, apresentava o mais risonho espetáculo que se pudesse ver. Os habitantes de Pádua choravam de alegria, estimando-se felizes por possuir um tesouro que levaria ao ápice a celebridade de sua cidade, e que faria aumentar cada dia sua prosperidade.⁹⁵

⁹⁵ Leg. ant. ap. Surium. cap. XXVI et seqq.

CAPÍTULO XXIII

Canonização de Santo Antônio. – Milagres que serviram para estabelecer sua santidade. – Publicação da bula de sua canonização.

Deus honrava cada dia o túmulo do Santo por novos milagres operados habitualmente em proveito daqueles que se tinham confessado com um coração verdadeiramente contrito e arrependido. Como esses milagres se sucediam sem interrupção havia cerca de um ano, os habitantes de Pádua pensaram seriamente em solicitar, junto à corte de Roma, a canonização de seu glorioso benfeitor.

O bispo de Pádua enviou para isso dois cônegos e dois frades menores, em deputação a Roma. O podestade juntou-lhes quatro notáveis da cidade, encarregados de entregar ao Soberano Pontífice as súplicas dos doutores da universidade. Enquanto esses deputados terminavam seus preparativos de partida, soube-se da chegada imprevista a Pádua de dois cardeais, acompanhados por um grande séquito. Eram Otho Bianchi di Alerano, cardeal-diácono, e Giacomo de Pecoraja, cardeal-bispo de Preneste: ambos haviam recebido ordem do papa de ir à Lombardia para trabalhar na reconciliação de seus habitantes com o imperador. Quando esses veneráveis personagens souberam o motivo da próxima partida dos deputados

para Roma, pediram ao bispo e aos magistrados para aceitar adiar essa diligência, e examinaram eles mesmos, enquanto isso, os milagres que se exaltavam para obter a canonização de nosso Santo. Ora, esse exame os satisfiz a tal ponto que eles entregaram à deputação de Pádua um certificado e apresentaram uma súplica ao papa para que este fizesse proceder, prontamente, e com toda a celeridade possível, à canonização de Antônio.

O papa encontrava-se naquele momento em Spoleto. Após ter ouvido os deputados de Pádua, respondeu-lhes que já se tinham ocupado do objeto de sua missão, em uma primeira assembleia de cardeais, e que fariam, o mais cedo possível, um segundo exame.

Gregório encarregou desse exame o cardeal-bispo de Abbéville, monge da congregação de Cluny, e convocou uma segunda assembleia de cardeais para a época em que esse trabalho estaria terminado.

O processo de canonização foi prontamente terminado; alguns cardeais opuseram-se de início à solicitude empregada para fazer canonizar nosso Santo; mas, cessando logo de fazer oposição, eles adotaram a opinião de seus colegas e disseram ao santo Padre:

“Como seríamos culpado de não prestar, aqui embaixo, às eminentes virtudes do bem-aventurado Antônio, as honras que lhe são devida, enquanto o Deus de majestade e de grandeza o coroa de glória no reino dos céus! Pois, negar milagres provados é um ato de

injustiça, e recusar-se a reconhecer publicamente os méritos de um Santo seria uma espécie de ciúme.”

Essa linguagem dos cardeais, assim como as circunstâncias que a tinham inspirado, fizeram grande prazer ao Soberano Pontífice que marcou a solenidade da canonização para 30 de maio, dia de Pentecostes. Naquele dia uma multidão extraordinária de peregrinos, de todos os países, ocorreu a Spoleto.

O papa foi de manhã cedo, acompanhado por seus cardeais, à igreja catedral, e ordenou que antes de começar a cerimônia religiosa fossem lidos no púlpito os milagres que deviam servir à canonização do Santo.

Essa leitura informou ao povo que sete pessoas, em sua maioria tornadas horrivelmente disformes em consequência de incuráveis enfermidades, haviam recuperado, junto ao túmulo de Santo Antônio, a saúde e o uso de todos os membros.

Contou-se longamente um milagre análogo operado em proveito de quatorze outras pessoas, entre as quais se encontravam vários mudos.

Relataram-se vários outros milagres acontecidos perto do túmulo do Santo: sete cegos aí recuperaram a visão; três surdos a audição; e dois rapazes foram curados do mal caduco.⁹⁶

Três pessoas foram chamadas de volta à vida pela intercessão do Santo.

⁹⁶ Epilepsia. (N.T.)

Um cavaleiro de Salvaterra, de nome Aleardino, mais católico de nome que de conduta, foi a Pádua à casa de um pequeno comerciante de vinho. Falou-se aí, à mesa, dos milagres de Santo Antônio, que constituíam então o assunto habitual de todas as conversas; esses maravilhosos relatos fizeram sorrir maliciosamente Aleardino, que disse aos convivas:

– “ Vós contaís coisas bem admiráveis, bem extraordinárias, mas devo dizer-vos francamente que não tenho a fé suficientemente robusta para crer no que quer que seja. Não acreditaria senão se eu jogasse no chão, sem o quebrar, o copo que tenho à minha frente.”

Acabando essas palavras ele pega o copo de vinho, colocado diante dele, e lança-o violentamente contra o chão; o copo pula como uma bola de goma elástica, sem ficar rachado.

Aleardino não estava mais incrédulo: ele se arrependeu de seus desvios, fez uma confissão geral e levou dali em diante uma vida edificante.

Estava sempre munido desse copo que gostava de mostrar como testemunho palpável do milagre ao qual servira de ocasião e de instrumento. Almoçando, um dia, numa outra estalagem, ele contava o que lhe acontecera em Pádua, mostrando esse copo como prova do que apresentava. Um dos convivas um tanto incrédulo e que acreditava talvez poder contar também com um milagre, disse ao cavaleiro:

– “ Não acreditarei em vosso relato a não ser que este galho de vinha, que tenho na mão, se cubra instantaneamente de folhas e produza uvas cujo suco sirva para encher minha taça.

Mal nosso homem acabara essas palavras, que viu o galho de vinha coberto de folhas e de cachos de uvas; não se podia então mais pôr em dúvida o poder de Antônio.⁹⁷

Um homem prestador de serviços ao bispo de Pádua, que zombara dos milagres de Santo Antônio, foi de repente violentamente atingido por uma doença maligna: só conseguia gemer e se queixar, lamentando amargamente ter falado com escárnio dos milagres de Santo Antônio. E, como se achava indigno de se aproximar de seu túmulo, pediu à mãe para ir lá a fim de lhe obter a cura. A oração que ela fez pelo seu filho, na igreja de Santa Maria, foi imediatamente atendida, pois este ficou completamente curado.

Um navio, tendo a bordo vinte e seis pessoas, e soltando velas rumo a San Hilario, foi assaltado por uma violenta tempestade nas lagunas de San Georgio em Alga. Todos os viajantes já se acreditavam perdidos, pois o navio parecia a cada instante ser engolido pelas ondas irritadas. Prepararam-se portanto para a morte; e para isso confessaram-se a um padre que, felizmente,

⁹⁷ O abade Gaume diz, em sua *Viagem à Itália*, que viu o copo de Aleardino entre os tesouros que possui a igreja // Santo. Vede *Les trois Rome* [As três Roma], tomo III, p. 275.

se encontrava entre eles, e imploraram a assistência do Altíssimo pela intercessão de Antônio; essa confiança em Deus e na poderosa proteção de nosso Santo salvou-os do naufrágio, pois o vento amainou, o mar se acalmou e uma luz miraculosa que apareceu no alto do mastro guiou-os até o porto no seio das trevas de uma profunda noite.

Uma irmã leiga, da ordem de Santa Clara, foi a Arceli enquanto o corpo de Santo Antônio ainda se encontrava lá; ela beijou-o respeitosamente e pediu ao Santo que lhe obtivesse, da misericórdia divina, a graça de poder sofrer no próprio corpo todos os tormentos de que ela se tornara merecedora por seus pecados. Sua prece foi ouvida. No entanto, seus sofrimentos a tornaram tão insuportável às suas confradeiras e a ela mesma, que ela desejou logo ser libertada deles. Lembrando-se então de que tinha em sua posse um pedaço do hábito do Santo, pediu que o trouxessem e, tendo-o posto sobre si, cessou de sofrer.

Foram ainda mencionados três outros milagres do mesmo gênero daqueles que precedem, após o que, o papa pronunciou solenemente o decreto de canonização. A cerimônia terminou pelo canto do *Te Deum laudamus*, e da antífona *O Doctor optime!* que o bispo entoou e que os padres acabaram.

O papa publicou em 1º de junho a bula de canonização endereçada unicamente aos habitantes de

Pádua;⁹⁸ em 29 do mesmo mês a que fez conhecer a glória de Antônio ao mundo inteiro.⁹⁹

Damos abaixo a primeira dessas duas bulas.

GREGÓRIO,

Bispo, servidor dos servidores de Deus, a seus dignos irmãos, aos arcebispos e bispos; ao podestade e aos habitantes de Pádua

SAUDAÇÃO E BÊNÇÃO APOSTÓLICA!

Recebemos com uma benevolência paterna as cartas que vossa piedade nos fez entregar por vossos delegados: nossos caros filhos G. Cura de *Santa Maria de Monte-Crucis*, arqui-diácono e cônego, frei Gérard, frei Spinabellus, e os nobres condes Schinela e Robert, Pascal e Charles, habitantes de Pádua; nós compreendemos bem seu teor assim como as sábias

⁹⁸ Wadding não pôde descobrir essa bula; ela se encontra em Saviolus cit. ap. Bolland. Tom. II junii, p. 723.

⁹⁹ Wadding pretende que essa bula foi publicada anteriormente a essa data; admitindo porém que ela tenha sido assinada apenas a 29 de junho, visto que foi preciso fazer várias cópias para espalhá-la pelo mundo inteiro. Provavelmente Wadding terá visto a cópia expedida em 29 de junho.

comunicações que vossos delegados nos fizeram oralmente em vosso nome. De resto, como vossas cartas, assim como vossos delegados, nos informam que vós tendes intenção de nos pedir humildemente que, visto que Deus cumulou Antônio de santa memória, de tanta glória e que (para dar um testemunho de sua imortalidade na lembrança dos homens, e uma prova certa de sua imortalidade futura) ele honrou seu túmulo com tão grandes e tão numerosos milagres que seria pouco sábio não recorrer à sua proteção como à dos outros santos; nós queríamos apressar-nos a fazê-lo inscrever no número dos santos.

Nós julgamos conveniente, não obstante o antigo hábito da Igreja Romana de proceder em semelhante assunto sem nenhuma precipitação, mas com lentidão e madura deliberação, e por consideração por vosso verdadeiro zelo pela fé, por vosso afeto por nós e pela mencionada igreja, inscrevê-lo no catálogo dos santos, a fim de confundir a maldade dos heréticos e fortalecer a fé católica. Fizemos isso após ter previamente consultado os irmãos e todos os prelados que se encontram na corte de Roma. Querendo portanto que a cidade de Pádua, brilhando como uma tocha posta num candelabro ilumine as outras pelo exemplo, nós vos pedimos e vos exortamos a todos vivamente, e isto nós vo-lo impomos para merecer o perdão de vossos pecados, a perseverar inabalavelmente no temor do

santo nome e no amor e devotamento pela sé apostólica.

Pelo que nos concerne, como nós vos carregamos nas entranhas de Jesus Cristo, zelaremos pela vossa honra e pelo vosso adiantamento na medida de nosso poder junto a Deus.

Dado em Spoleto, nas Calendas de Junho, no sexto ano de nosso pontificado.

CAPÍTULO XXIV

*Santo Antônio liberta Pádua da tirania de Ezzelino.
– Primeira translação dos restos mortais do Santo. –
Estado de perfeita conservação de sua língua. – Segunda
translação. – Il Santo.*

Pádua caíra finalmente em poder do sanguinário Ezzelino; os acontecimentos de 1239 consumaram a sua desgraça. Muitos nobres foram condenados à morte; o podestade e seus conselheiros foram banidos; e o guardião dos frades menores, Lucas Belludino, que o leitor já conhece, foi expulso da cidade. Ezzelino deu em seguida a superintendência a seu sobrinho Encelino, homem perverso como ele. A tirania de Ezzelino, em Pádua, não durou menos de dezenove anos. Esse tirano, irritado contra essa desgraçada cidade, por causa de sua longa e heróica resistência, fez pesar sobre ela sua mão de ferro da maneira mais terrível. Sua inqualificável

conduta foi funesta à universidade; outrora tão florescente, Pádua agora perecia; deixou-se mesmo inacabada a bela igreja dedicada a Santo Antônio, cuja construção o célebre arquiteto Nicolas de Pisa começara no fim da administração precedente.

Entretanto, Lucas Belludino regressara secretamente à cidade onde se mantinha cuidadosamente escondido no convento de Santa Maria. Depois do ofício da noite, permanecia frequentemente em prece com o guardião Bartolomeo Coradino, junto ao túmulo de Santo Antônio, invocando-o a vir em auxílio da boa cidade de Pádua. Um dia, em que esses veneráveis personagens rezavam, como habitualmente, na capela dedicada ao nosso Santo, uma voz saiu de repente do fundo de seu caixão e lhes disse que a cidade seria libertada do jugo que a esmagava, em 19 de junho, oito dias após a festa de Santo Antônio. Essa predição regozijou os irmãos que a espalharam com as precauções requeridas para que não chegasse aos ouvidos do tirano.

A essa boa notícia os bons burgueses de Pádua voltaram a ganhar coragem, pois depositavam uma confiança ilimitada em Antônio, seu poderoso protetor. Eles celebraram a festa de 13 de junho o mais solenemente possível e com um ar de felicidade que não se via há vários anos.

Viu-se logo que a promessa de Antônio ia cumprir-se, pois Alexandre IV, papa então reinante,

anatematizou Ezzelino, declarou-o herético e reforçou o exército dos aliados guelfos com suas próprias tropas postas sob as ordens de seu legado, Octaviano Ubaldini.

O exército guelfo apareceu diante dos muros de Pádua enquanto se celebrava aí a oitava da festa de Santo Antônio. Padres e seculares, todos redobravam de fervor na oração. Deus escutou-os. Um terrível pânico apoderou-se de repente do governador, embora sua cidade estivesse abundantemente provida de víveres e defendida por sólidas e numerosas muralhas; ele a deixou seguido por algumas tropas. Pouco após sua partida, em 20 de junho, os aliados guelfos tornaram-se senhores de Pádua sem dificuldade.¹⁰⁰

Que se julgue a alegria dos habitantes de Pádua! Que se julgue seu reconhecimento para com Santo Antônio pelo benefício que ele acabava de lhes obter do céu! Em sua felicidade, eles não sabiam o que inventar para revelar aos olhos de todos seus sentimentos de afeição e reconhecimento para com seu poderoso protetor.

Decidiu-se logo continuar a construção da igreja dos frades menores. No ano seguinte (1257), o conselho administrativo escolheu Antônio para patrono da cidade e ordenou que se retirasse anualmente, do tesouro público, uma quantia de 4.000 libras de prata para o acabamento da igreja. Além disso, decidiu-se que o bispo e seu clero, o podestade e seus conselheiros, os

¹⁰⁰ *Biografia Universal*, art. Romano.

professores da universidade e seus alunos e, por fim, as diversas congregações da cidade, iriam ao túmulo de Antônio às primeiras vésperas do dia de sua festa, para aí oferecer em sua homenagem círios, óleo para as lâmpadas e outros dons.¹⁰¹

Em 1263 resolveu-se transportar o corpo do Santo para a nova igreja, que estava quase inteiramente acabada. São Boaventura, então Geral dos frades menores, chegou em 6 de abril a Pádua, e foi no dia seguinte à sua chegada que se fez a exumação do santo corpo de Antônio. A ossada foi encontrada intacta, mas a carne estava reduzida a cinzas. No entanto, após um minucioso exame desses santos restos mortais, descobriu-se que a língua, perfeitamente conservada, permanecera vermelha e fresca como a de um homem vivo. São Boaventura, profundamente comovido por esse prodígio, pegou a língua na mão e disse:

– Ó língua bendita! Tu que louvaste tanto tempo Deus e ensinaste aos outros a louvá-lo! Tu nos mostras agora quão grandes foram os méritos de Santo Antônio diante de Deus!” Depois disso, ele beijou-a com o mais profundo respeito.

Em seguida, ele deu esse precioso resto de nosso Santo ao podestade; este o fez encerrar num relicário de cristal, guarnecido de placas de ouro, e colocar

¹⁰¹ *Chron. ant.* ap. P. De la Haye. Cap. XXX.

cuidadosamente entre os tesouros da igreja.¹⁰² A ossada foi depositada num rico túmulo, que se diz ser obra dos quatro mártires conhecidos pelo nome dos *quatro Coroados* e mortos sob o imperador Diocleciano. Pareceria que uma revelação divina fez descobrir esse túmulo na época da morte de Santo Antônio. Em nossos dias, com efeito a ordem canta, no dia de aniversário da translação dos restos mortais de nosso Santo:

– Regozija-te, feliz Pádua, que possúis o tesouro que uma revelação fez descobrir sobre o altar dentro de uma preciosa caixa!¹⁰³

Os frades menores reuniram seu Capítulo Geral em Pádua, no ano de 1310, e nessa ocasião deslocaram o caixão contendo a ossada do Santo do altar-mor para um outro altar recém-construído no meio da igreja.

Em 15 de fevereiro do ano de 1350, o cardeal Gui de Montfort, salvo de um grande perigo pela intercessão do Santo, veio a Pádua e fez aí depositar, por

¹⁰² Ver a imagem desse relicário e dos outros nas Acta SS. Tom. II junii ad diem 13; ou então no Álbum reunido ao *Manual de Devoção* para com Santo Antônio de Pádua, em Bruxelas ed. por H. Goemaere.

¹⁰³ Gaude felix Padua,
Quae thesaurum possides,
Cujus in altario,
Dignum fore loculum
Visio monstravit!

reconhecimento, sua ossada num relicário de prata, que se recolocou em seguida dentro do túmulo.

Ele mandou pôr também a cabeça do Santo num relicário do mesmo metal, e fê-lo guardar na sacristia. Foi no Capítulo Geral, reunido em Lyon em 1351, que se decidiu celebrar, no dia 15 de fevereiro de cada ano, a translação dos santos restos mortais de Antônio. Essa decisão foi aprovada por Martinho V, que concedeu, além disso, uma indulgência de cinquenta anos a todos os fiéis que visitassem, na data indicada acima, uma ou outra igreja dos frades menores.

Eis o que um piedosos peregrino¹⁰⁴ nos conta da igreja de Santo Antônio, *Il Santo*:

“Essa igreja, diz ele, é a mais admirável e a mais rica maravilha de Pádua. Esse suntuoso monumento, visto da colina, aparece como um diadema oriental com suas seis cúpulas, suas vastas galerias e seus elegantes campanários.¹⁰⁵ Começado em 1259 pelo arquiteto Nicolas Pisano, ele foi continuado, decorado e embelezado sucessivamente de século em século. Os maiores artistas se orgulhavam de concorrer à sua decoração, que a universidade de Pádua e todos os seus habitantes encorajavam ao desafio com seus dons generosos.

¹⁰⁴ Maxime de Mont-Rond, *La Vierge et les Saints en Italie* [A Virgem e os Santos na Itália], p. 326.

¹⁰⁵ Ver a gravura da igreja *Il Santo* e a da capela de Santo Antônio nas obras indicadas acima.

Il Santo encerra várias de suas obras-primas. O célebre escultor florentino Donatello decorou o altar-mor com estátuas dos quatro protetores da velha cidade, e admiráveis baixos-relevos em bronze. Alguns anos mais tarde, Bellano de Pádua decorava o coro com outros preciosos baixos-relevos, representando cenas proféticas da história judia; e o veneziano Andrea Riccio esculpia um magnífico candelabro de bronze, o mais belo que há no mundo, e que lhe custou, diz-se, dez anos de trabalho. A maravilhosa capela onde está o túmulo de Santo Antônio talvez não deixa a dever a nenhuma outra do mundo cristão em riqueza e em magnificência. Sob cada um dos deliciosos arcos que o cercam e o engastam como um tesouro em seu cinturão misterioso, Antonio Minello de Pádua, Hieronymo Campagna de Verona, Jacopo Sansovino de Florença, Tullio e Antonio Lombardo, retrataram em requintados baixos-relevos de mármore assuntos diversos e vários milagres do Santo. Elegantes ornamentos de estuque cobrem a abóbada. Admira-se em seguida o Redentor e os doze Apóstolos, obra do célebre Tiziano Minio, de Pádua; um majestoso altar, quatro anjos suportando os candelabros, as soberbas estátuas de São Boaventura, São Luís e Santo Antônio, obras de Tiziano Aspetti. Assim, rodeado de todas essas maravilhas da arte e da veneração, o túmulo de Antônio brilha radioso: dir-se-ia uma pérola de um preço inestimável, guardada,

protegida, num santuário de honra, por outros diamantes preciosos que formam sua coroa.

Após ter atravessado a praça Salone, saudado a grande, magnífica igreja de *Santa Giustina*, e lançado ao passar um olhar ao *Prato della Valle*, espécie de Panteão ao ar livre, onde estão reunidas as estátuas dos grandes homens de Pádua, o peregrino cheio de uma doce e piedosa emoção entra na igreja do *Santo*, e subitamente vem ajoelhar-se e rezar nessa esplêndida capela do Santo cuja lembrança, após seis séculos, anima, fecunda e vivifica toda a região. Ali, prosternado diante de seus restos mortais, ele oferece a esse bem-amado do Cristo seu tributo de orações e de votos; e, pensando no prodígio da onipotência divina que conservou intacta sua língua eloquente, humilde instrumento de sua palavra tão fértil em benefícios, ele diz em seu coração, com São Boaventura: “Ó língua bem-aventurada que sempre louvou a Deus e o fizeste abençoar pelos homens, quão preciosa és diante de Deus! – É assim que a eterna sabedoria multiplica as maravilhas para glorificar diante dos homens aqueles cuja voz aqui embaixo glorificou seu nome!

“Santo Antônio de Pádua, diz em outra parte o mesmo escritor, é um dos santos mais populares na Itália. O reconhecimento dos povos honra sua memória com homenagens extraordinárias. Os pintores cristãos, ao adotar para sua imagem esse tipo puro e gracioso que o representa segurando em seus braços o menino

Jesus, contribuíram ainda mais para popularizar seu nome, para redobrar para com ele a devoção singular dos fiéis. Como esses braços que carregaram o Salvador não seriam eles como os da sua divina mãe, poderosos para suplicar e para abençoar? O fiel invoca-o então com confiança, com amor, como invoca a madona, tendo ao seio o Menino-Deus, o Redentor do mundo.¹⁰⁶

II Santo contém vários outros túmulos muito suntuosos dentre os quais se distingue sobretudo o monumento erguido à memória do ilustre e sábio cardeal Pietro Bembo assim como o que evoca a lembrança do almirante Alessandro Contareni, que defendeu a república contra os turcos. Todavia, o túmulo cuja visão regozija sobretudo os admiradores de Santo Antônio é o do corajoso Lucas Belludino, seu amigo e companheiro inseparável, que foi tão bom cidadão quanto religioso fervoroso. Esse túmulo encontra-se na capela erigida pela nobre família de Conti, é de pedra talhada e repousa sobre quatro colunas.

Não entra no plano de nossa obra estendermos mais longamente sobre essa magnífica igreja de Pádua. Se o leitor desejar mais amplos detalhes sobre esse edifício religioso, nós o aconselhamos a consultar

¹⁰⁶ Ver a obra citada. P. 312.

seja Wadding,¹⁰⁷ seja De la Haye,¹⁰⁸ seja, enfim, o abade Gaume em sua bela obra *Les trois Rome*,¹⁰⁹ onde esse piedoso viajante faz uma descrição detalhada e de bom gosto da igreja // Santo.

CAPÍTULO XXV

Antônio, o Santo bem-amado pelos povos.

Nada nos resta a não ser mencionar os benefícios mais notáveis com os quais diversas nações da Europa foram favorecidas pela intercessão de Santo Antônio, assim como as práticas de piedade pelas quais se honra em toda parte esse grande Taumaturgo de Pádua. Ser-nos-ia impossível enumerar os milagres que ele operou em todos os países e em todas as cidades: Antônio é do número desses santos que não cessam de operar milagres e que o Senhor deu ao mundo por anjos protetores e por depositários de sua misericórdia infinita que estejam sempre prontos a ir depositar ao pé de seu trono de graça e de clemência os suspiros e as lágrimas da humanidade sofredora.

¹⁰⁷ Annales, tom. II. ad a. 1263.

¹⁰⁸ Opera omnia S. Francisci et S. Antonii Patavini, in vita S. Antonii, cap. XXX.

¹⁰⁹ Tomo III, p. 270.

Itália

Na volta de uma missão, Antônio parou numa colina situada nos arredores de Pádua para onde se dirigia; dessa altura, ele contemplava a seus pés essa antiga e florescente cidade: seus elegantes campanários bizantinos, suas majestosas fortificações e sua graciosa localização às margens do Astico e do Brenta davam-lhe um aspecto ao mesmo tempo risonho e severo. Essa cidade que partilhava com a orgulhosa Veneza o império dos mares, parecia com prazer-se no espetáculo tão animado das gôndolas entrecruzando-se no Brenta e embalar-se na esperança do mais brilhante porvir.

A essa visão, Antônio entrou em santo arrebatamento; em seu olhar extático, penetrando as trevas do porvir, ele viu o quadro deslumbrante das futuras grandezas de Pádua desenhar-se no seio das névoas que planavam acima dela. Lucas Belludino e Ruggiero fixavam o olhar sobre seu irmão com surpresa e respeito.

Antônio, respirando de repente, com esforço, como para aliviar o peito oprimido sob o peso da admiração, fez ressoar esse sentimento num sublime canto lírico:

– “Pádua! feliz Pádua, exclamou ele, como és bela! Como és grande! Mas olha o futuro, pois o dia está próximo em que, ultrapassando tua grandeza atual, te exaltarão até às nuvens. Multidões incontáveis de estrangeiros afluirão de todas as regiões do mundo para

dentro de teus muros e as nações ficarão felizes de poder pisar teu solo!”

Essa profecia cumpriu-se ao pé da letra: a partir de então a antiga cidade troiana, a pátria de Tito Lívio ultrapassava Veneza, senão por suas riquezas e seu poderio, ao menos por seus progressos na via das ciências e das letras. Todavia, ela precisou gemer muito tempo sob o despotismo dos doges de Veneza. No entanto, Pádua era rica e poderosa, mas seus tesouros e sua força eram em muito inferiores aos de Veneza: esta não partilhava com Pádua, sua irmã rival, senão o excedente de suas riquezas.

Entretanto, Pádua não tardou muito a elevar-se a um alto grau de esplendor e de prosperidade. O glorioso túmulo de um pobre frade menor atraiu peregrinos de todos os países e enriqueceu-a com magníficos presentes que os príncipes pareciam dar-lhe a título de imposto. A universidade, que contribuía para imortalizar a lembrança do Santo, teve uma ampla parte nos benefícios do céu, pois permaneceu florescente e pôde contar entre os seus doutores os mais ilustres eruditos da Europa. Foi na universidade de Pádua que São Francisco de Sales foi iniciado nas ciências por eruditos tais como Possevino e Pancirola; foi lá que ensinou com tanto brilho a jovem Helena Cornaro Piscopia que, morta aos trinta e oito anos de idade, foi lamentada como um prodígio de saber e de devoção; lá que Galileu percorreu com seus discípulos o vasto

domínio da filosofia; foi lá, por fim, que Forcellini fez seu dicionário, que é visto pelos homens de letras como um notável monumento literário dessa época. Essa universidade era frequentada, no tempo de Santo Antônio, por seis mil estudantes.

Agora, a orgulhosa Veneza decaída, vê as gôndolas carregadas das riquezas de Pádua seguir o curso do Brenta, percorrer seus canais e atracar nos portos vizinhos; precisou até, ela, outrora a rainha dos mares, receber os tesouros de sua antiga rival.

A cidade de Pádua foi então, acima de tudo, devedora de sua prosperidade a Santo Antônio, seu ilustre patrono. Assim, ela não negligenciou, desde o século treze, nenhuma ocasião de se mostrar reconhecida para com seu poderoso protetor. A igreja // *Santo* é um monumento de seu reconhecimento por ele.

Santo Antônio, não contente de velar pela felicidade pública, escutava favoravelmente as queixas e as preces de qualquer um que recorria a ele. A população inteira, tendo parte nos benefícios particulares obtidos pela intercessão do Santo, encontrava em cada um deles um novo motivo de reconhecimento. Uma espécie de luta de generosidade por um lado, e de reconhecimento pelo outro, parecia ter-se iniciado entre Antônio e os habitantes de Pádua. A administração da cidade quis perpetuar a recordação da sua feliz libertação do jugo despótico de Ezzelino; para isso, decidiu que a oitava da festa do Santo ocorreria

com tanta solenidade quanto a celebração da própria festa, e que haveria feira na praça chamada *di san Antonio*, durante os oito dias que precedem e durante os oito que seguem imediatamente à festa do Santo.

Decidiu-se em 1275 que em 12 de junho, véspera da festa de Antônio, se levariam os brasões da cidade, assim como suas bandeiras e seus estandartes, à igreja *Il Santo*, para os consagrar ao Santo; que, à noite, um capitão seguido de vinte soldados montariam guarda perto do túmulo; que, no dia seguinte, no próprio dia da festa do Santo, um cortejo geral de que fariam parte o bispo e seu clero, o podestade e seu conselho, os corpos de mesteres, as congregações e, por fim, os professores da universidade e seus discípulos, iriam ao túmulo do Santo para aí depositar círios e outras oferendas; que essa solenidade ocorreria uma segunda vez, no próprio dia da oitava e, finalmente, que jogos públicos ocorreriam durante oito dias consecutivos às expensas da cidade.¹¹⁰

Esse apego dos habitantes de Pádua ao seu santo protetor manteve-se nos séculos subsequentes? Que se julgue pelo fato seguinte.

No ano de 1797, Pádua foi tomada pelas tropas da república francesa. Uma vez em poder do estrangeiro, espalhou-se logo o boato de que o governador dera ordem de tirar das igrejas seus tesouros e de mandar vender, entre outros objetos

¹¹⁰ P. Fremaut, *Palmier Céleste*, II Parte, p. 438.

preciosos, o rico relicário que continha a língua de Santo Antônio. O povo se sublevou a essa terrível notícia. Porém, o que podiam fracos burgueses contra um exército aguerrido? Essa impotência fez renunciar a toda oposição, mas recorreu-se a este expediente: organizou-se uma subscrição voluntária para a qual todos os habitantes da cidade contribuíram na medida de sua fortuna respectiva. Ela produziu a quantia necessária para comprar de volta esse magnífico relicário.

Eis certamente um nobre exemplo de fé viva, em um tempo de incredulidade e de irreligião, e sob o reinado dos falsos filósofos! Também, os habitantes de Pádua estavam convencidos de que seu Santo fazia, como se diz, trinta milagres por dia.

A cidade de Pádua não foi a única a sentir os felizes efeitos do poder de Antônio; toda a Itália foi favorecida por seus benefícios. Assim, nosso Santo tornou-se o santo bem-amado do povo após ter sido, enquanto vivo, o bem-amado pregador. O italiano invoca sua *Madona* e Antônio no perigo e na adversidade, pois sabe por experiência que jamais se roga a eles em vão. Para saber com que pompa se celebra fora de Pádua a festa do Santo frade menor, basta ler na obra

mencionada anteriormente de Maxime de Mont-Rond,¹¹¹ a bela descrição da festa que se celebra na igreja de *Ara-Coeli*, situada no Capitólio, em Roma; ela prova que a capital do mundo cristão não é menos zelosa pela glória de Santo Antônio do que a própria cidade de Pádua.

Portugal e Espanha

O papa Sixto V publicou, em 1º de fevereiro do ano de 1587, uma bula pela qual ordenou ao mundo católico solenizar a festa do Santo com o rito duplo (*ritu duplici*). Porém, anteriormente a essa data, Portugal, assim como a ordem dos frades menores, haviam obtido celebrar sua festa com o brilho devido à de um doutor da Igreja e honrá-lo com o título de “grande doutor”, *Doctor Maximus*. Essa permissão lhes foi dada por vários papas.

¹¹¹ *La Vierge et les Saints en Italie*, Récits d'un Pèlerin, p. 311. – É um nobre e piedoso pensamento empreender uma viagem para se inquirir das práticas de devoção de um país. Aquele que fizesse com esse objetivo a volta de nossa Bélgica encontraria aí não menos objetos dignos de toda sua atenção do que em outros países católicos. Semelhantes relatos de viagem nos fazem esquecer os relatos enfadonhos e insípidos e as pretensas considerações filosóficas de *Turistas*, que não admirando senão o luxo e o vício imaginam nos recrear por longas e difusas descrições de espetáculos e de festins.

Os portugueses veneravam e amavam profundamente seu santo compatriota, porque ele veio à luz no país deles e favorecia-os com os maiores benefícios.

Sancha, filha de Afonso IX, rei de Leão, e de Teresa, filha de Sancho I, rei de Portugal, morreu no ano de 1240. A morte atingiu essa jovem princesa na idade de treze anos. Sua inconsolável mãe não podia arrancar-se dos restos mortais queridos. Quando o rei queria enterrar a criança, ela se jogava aos pés de seu real esposo e suplicava-lhe, desfazendo-se em lágrimas, que adiasse o enterro por três dias. O rei, profundamente enternecido pelas preces e lamentações de sua esposa, consentiu nesse prazo. Teresa, recorrendo então a Santo Antônio, lembrou-lhe que ele tinha na Terra a mesma pátria que ela, e suplicou-lhe instantemente que trouxesse sua filha de volta à vida. O fervor de sua prece e sua extrema confiança em Deus não podiam permanecer estéreis: a criança ressuscitou, mas somente para dar algumas consolações à mãe. Os dias de Sancha estavam contados: ela devia morrer e morreu com efeito quarenta dias mais tarde, para não mais ressuscitar a não ser no derradeiro dia.¹¹²

Um jovem rapaz, chamado Paris, filho da irmã de Santo Antônio, divertia-se um dia com seus camaradas à beira do Tejo. Veio-lhe o pensamento de embarcar com eles em uma ou outra das barcas de pescador

¹¹² Mich. Pacheco, fol. 54.

amarradas perto da margem e fazer um pequeno passeio no rio. Soltar a pequena embarcação, precipitar-se nela e virar de bordo, foi para nossos jovens levianos assunto de alguns minutos.

Eles se divertiram algum tempo às mil maravilhas em sua aventura de deslizar sobre o rio levemente ondulado, mas esse prazer ia logo custar-lhes caro. O tempo ficou escuro pouco a pouco, o vento torna-se impetuoso e logo a pequena barca, carregada pela força da corrente, fende a onda com a rapidez de uma flecha. Os pequenos desgraçados não podiam manobrar o leme; viam-se sucessivamente aparecer na crista das ondas e desaparecer em seus largos e profundos sulcos: imagine-se o terror dessas imprudentes crianças! Finalmente uma violenta borrasca lançou a barquinha à deriva e a fez virar e os infelizes caíram todos na água.

Nossos pequenos náufragos não estavam longe da margem; e, sabendo todos nadar, logo foram vistos de novo na areia. No entanto, não estavam todos: esperaram em vão por Paris, o mais novo deles; o desafortunado menino, que não sabia nadar, acabava de ser engolido pelas ondas, pois seus camaradas tinham-no perdido de vista enquanto faziam os últimos esforços para se salvarem eles próprios.

Estes retornaram sombrios e tristes a Lisboa e, de lágrimas nos olhos, anunciaram aos pais de Paris a desgraça de seu filho. Concebe-se quanto essa lúgubre

notícia consternou essas excelentes pessoas; a mãe sobretudo estava desolada e não se continha de dor.

O pai, desejando mandar enterrar seu filho em terra abençoada, encarregou alguns pescadores de procurar o cadáver. Embora estes não acreditassem poder encontrá-lo, arriscaram buscas, inúteis aos olhos deles, para satisfazer o pai. Porém, não procuraram em vão, pois encontraram em breve o corpo do pequeno afogado e o levaram a Lisboa.

Desde esse momento foi impossível arrancar a inconsolável mãe de perto do corpo de seu terno filho. Ela se opunha energeticamente à sua inumação, e dizia, soluçando, àqueles que queriam tirar a criança para levá-la ao cemitério, que ela se deixaria antes enterrar viva, do que consentir em se separar desse objeto de seu amor e de suas lágrimas.

No entanto, o corpo de Paris começava a corromper-se: enchia já o quarto em que estava depositado de um fedor insuportável. Era preciso portanto enfrentar a resistência da mãe para tirá-lo dali o mais cedo possível.

Então a infeliz mulher põe-se de joelhos. Ergue as mãos ao céu e exclama, numa voz entrecortada de soluços:

– “Santo Antônio! Voai em meu auxílio! Provai-me vossa amizade fraterna! Vós que operais tantos milagres em benefício de pessoas estrangeiras, recusaríeis então operar um em benefício de vossa desgraçada irmã?

Antônio! Devolvi-me meu filho! Devolvi-me Paris, e eu vos prometo consagrá-lo a Deus na ordem dos frades menores!”

Mal ela invocou Santo Antônio que seu filho recuperou a vida e se pôs de pé como se nenhum acidente lhe tivesse acontecido. Paris cumpriu na sequência o voto de sua mãe: tornou-se frade menor e seguiu tão fielmente os passos de seu santo tio que, após uma vida extraordinariamente edificante, adormeceu como bem-aventurado na paz do Senhor.¹¹³

Esse benefício e muitos outros do mesmo gênero, obtidos pela intercessão de Santo Antônio, consolidaram para sempre o reconhecimento dos portugueses para com ele. Afonso III venerava tanto esse grande Taumaturgo que deu à filha, no dia de seu batismo, o nome de Helena de Santo Antônio.

O rei Dénys, partilhando essa veneração de Afonso, falava com grande elogio das virtudes e da potência de seu santo compatriota.

D. João II deu provas maiores e mais numerosas ainda de zelo pela glória de Santo Antônio; construiu, em Lisboa, uma grande e magnífica igreja em honra de nosso Santo, no mesmo lugar onde foi a primeira residência da família Bulhões; e fez expor aí em vários locais os brasões das casas de Bulhões e de Taveira, para perpetuar a lembrança dessas duas ilustres cepas que deram à Igreja um espírito tão vasto e tão

¹¹³ Marcos de Lisboa l. 5, c. 32.

esclarecido e ao reino de Portugal um tão poderoso e tão ilustre protetor.

D. Sebastião, esse príncipe tão infeliz na guerra contra os mouros, não era menos devotado a Santo Antônio do que seus predecessores. No ano de 1579, Matteo Zani, embaixador de Veneza, entregou de sua parte uma carta ao doge, Nicolo di Ponte, para pedir a este que lhe concedesse uma parte da ossada de Santo Antônio.¹¹⁴

A república concedeu-lhe uma parte do ombro do Santo. Essa relíquia foi recebida com alegria pelos habitantes de Portugal e foi colocada, encerrada num precioso relicário, na igreja de Santo Antônio, em Lisboa.

A devoção dos portugueses foi constante e Santo Antônio continuou na sequência a operar inúmeros milagres. Portugal elegeu, em 1706, nosso Santo para generalíssimo e assegurou-lhe a esse título uma robusta pensão. Essa ação de simplicidade cristã deu lugar a muitas brincadeiras maldosas e serviu de matéria a uma quantidade de absurdas historietas; e, no entanto, será assim tão novo e tão espantoso ver um país católico colocar-se sob a proteção de um Santo? A mesma coisa se viu, em nossos dias, no reino de Espanha. Mas nós não inferimos da confiança de um povo no poder de um

¹¹⁴ Pierre Saviolus cita esta carta completa em sua obra: in *Appendice ad Thesaurum Paduanum*, e os bolandistas dão um fragmento dela. Tom. II junii. fol. 745.

Santo, que ele deva ser invencível; Deus sabe melhor do que nós o que é preferível para uma nação: vencer ou ser vencida; sua providência às vezes conduz os povos à vitória pela derrota, ao passo que ele rebaixa outras após lhes ter concedido esplendorosas vitórias; a história, sobretudo a dos tempos posteriores, atesta essa verdade.

Os fatos seguintes farão apreciar os profundos sentimentos de veneração que os espanhóis devotavam a Santo Antônio. No ano de 1259 foi decidido, entre outras coisas, no Capítulo Geral da ordem de *Cîteaux*,¹¹⁵ reunido em Aragão, celebrar, em todas as igrejas, a festa de Santo Antônio com tanta solenidade quanto a de São Jerônimo; decisão que tomaram também na sequência – como já notamos – a ordem de São Francisco de Assis e Portugal.¹¹⁶

Margarida da Áustria, esposa de Felipe III, rei da Espanha, pediu e obteve uma parte das relíquias de Santo Antônio. O doge Leonardo Donatello enviou à sua majestade uma parte do crânio. A piedosa rainha fez colocar esse precioso tesouro na capela de seu palácio, entre suas outras relíquias.¹¹⁷

¹¹⁵ Deve-se à Ordem de Cîteaux a instituição dos Capítulos Gerais: o primeiro Capítulo Geral foi dirigido por Santo Estêvão Harding. – Ver Dalgairus, *The Life of S. Stephen Harding*.

¹¹⁶ Wadding, ad a. 1239.

¹¹⁷ Papenbroek comprova esse fato. Tom. II junii, p. 745.

O povo espanhol, tão zeloso pelos interesses da religião, permaneceu estreitamente apegado ao serviço de Santo Antônio do qual recebe, ainda hoje, contínuos e numerosos benefícios. Cristoval Suarez de Figueroa conta em seu *Viajante, ou considerações sobre a vida humana*, que em seu tempo, tendo sido prometido um prêmio ao autor do mais belo hino em honra de Santo Antônio, compuseram-se nessa ocasião mais de cinco mil hinos.

Esse respeito extraordinário dos espanhóis pelo nosso Santo não cessou de animá-los até aos tempos atuais. Não se vê igreja na Espanha que não tenha seu altar de Santo Antônio; celebra-se aí em toda parte sua festa com muita pompa e solenidade, e o povo manifesta-lhe sua confiança por promessas e novenas.

Bélgica

Nossa pátria pode vangloriar-se também de ter mostrado, em todo tempo, muito zelo pela glória de Santo Antônio. De acordo com Wadding, os frades menores chegaram às nossas paragens antes do ano de 1220. Em 1221, veem-se já estabelecidos em Bruges, como comprova um manuscrito – essa peça histórica repousa entre os arquivos de nosso convento de St-Trond – dado aos frades menores pela condessa Jeanne, filha do imperador Baudoin. Sua ordem possuía vários conventos na parte meridional dos Países Baixos

desde o ano de 1232, época em que se trabalhava na canonização de Santo Antônio. Antes de 1230 existiam já os conventos de Bruxelas, de Anvers [Antuérpia], de Louvain, de Tournay, de Maestricht e o de St-Trond, a crer em Wadding¹¹⁸ e Fisen;¹¹⁹ pois parece, segundo velhos arquivos da abadia de St-Trond, que este último convento foi primitivamente fundado em 1230.¹²⁰ Quando os milagres de Santo Antônio foram conhecidos ao longe, os frades menores belgas se apressaram a fazer conhecer o ilustre Taumaturgo a seus concidadãos e a estabelecer sua devoção entre eles. Esse piedoso empreendimento teve sucesso tanto mais que Santo Antônio a secundou por inúmeros prodígios. Não seria possível enumerar todos os milagres que Deus operou na Bélgica pela intercessão de Santo Antônio: o Padre Vander Borgh, escrevendo na segunda metade do século dezessete, diz que se empreendesse relatar os milagres que ocorreram na maior parte das cidades da Bélgica, “não poderia terminar a longa série, tão numerosos eles foram e são, como a experiência o prova suficientemente.”¹²¹ A maioria dos milagres que

¹¹⁸ Wadding. ad a. 12. [sic]

¹¹⁹ Fisen, *Sacra Legia*. I. XII. ad a. 1220. n. 27.

¹²⁰ Ver, entre outros, um manuscrito de 1676, tendo por título: *Conventus Trudonensis FF. Minorum Recollectorum brevi chronographia concinnatus* per Fr. Petrum Vaele etc.

¹²¹ Curto relato, etc. Pág. 146.

esse autor menciona tinha por fim seja fazer reencontrar objetos perdidos, seja salvar de um perigo iminente. Ele conta em detalhe aqueles que o Santo obteve do Senhor em benefício de Nicolas Vernuleus, Doutor da universidade de Louvain, de Don Juan Gomez, Cano de Bruxelas, de Laurent Jacob, cura de Neder-Heylissem e muitos outros que foram admitidos pelos bolandistas.

A devoção a Santo Antônio manteve-se vivaz e sólida, na Bélgica, até os tempos modernos; é talvez o país onde a novena em honra desse Santo é a mais praticada, e aquele que lhe deve mais benefícios. Antes da Revolução Francesa de 1789, enquanto os frades menores estavam solidamente estabelecidos em nossas cidades, estas tinham todas uma igreja onde os fiéis podiam receber uma indulgência plenária no dia 13 de junho de cada ano. Então cantava-se cada terça-feira uma missa solene em todas as nossas igrejas em honra do Santo, durante a qual se podia igualmente ganhar uma indulgência plenária: privilégio que foi conservado aos frades menores após a Revolução.

Não podemos passar em silêncio um benefício, notável entre tantos outros, obtido pela intercessão de nosso Santo.

Quando em 1731, se ia abater, em St-Trond, a antiga igreja dos frades menores para construir uma outra que se tornou uma das mais belas que essa ordem já possuiu na Bélgica, o Guardião do convento mandou cantar uma missa em honra de Santo Antônio e fazer no

interior do convento uma procissão solene, na qual se carregaria o santo Sacramento e a estátua de nosso Santo, a fim de conjurar toda desgraça.

Na demolição da igreja, um operário foi soterrado sob os escombros de uma parede. Foi preciso tempo para retirar esse desgraçado debaixo de um monte de pedras; assim, acreditava-se que ele cessara de viver. Porém, ele voltou à vida são e salvo, para grande espanto e alegria de todos. Esse fato tão surpreendente não se podia explicar, a não ser pelos méritos e pela proteção de Santo Antônio.¹²²

Uma pompa sempre crescente realça em nossos dias a devoção pelo nosso Santo. A cidade de Gand parece ter escolhido Santo Antônio para patrono e querer, se possível, rivalizar em zelo com a cidade de Pádua para louvá-lo e exaltá-lo. A devoção pessoal e os incentivos do venerável pastor da Flandres-Oriental, Monsenhor Delebecque, contribuem singularmente para a propagação do culto de Santo Antônio. Uma outra causa do ardor dos habitantes de Gand ao se dirigirem a Santo Antônio em todas as suas necessidades, é a notável devoção de uma beguina da grande Beguinaria de sua cidade; falamos da senhorita Thérèse Verhaeghe, morta em santidade no mês de janeiro do ano de 1853. Tendo essa piedosa beguina obtido em sua juventude várias graças pela intercessão de nosso Santo, contraiu desde então o hábito de recorrer a Santo Antônio em

¹²² *Chronographia conventos Trudonensis* M. S.

todas as suas necessidades, nas suas menores carências.

Quando, mais tarde, ela entrou na Beguinaria, encarregou-se frequentemente de fazer por outros a novena em honra de Santo Antônio. Ora, sua confiança simples e amável fazia-a obter tudo o que pedia. A eficácia de suas preces tornou-se célebre. Desde então, quem quer que fosse que se encontrasse numa necessidade, da alma ou do corpo, recorria a Santo Antônio por intermédio da senhorita Verhaeghe. A afluência de pessoas à grande Beguinaria e a devoção para com Santo Antônio também cresceram tanto que o bispo permitiu, em 1851, que se construísse uma bonita capelinha, perto da casa de Thérèse que estava sempre cheia de fiéis que vinham ali honrar Santo Antônio.¹²³

É de se esperar que a Bélgica, perseverando nessa devoção e em outras ainda, enfrentará os esforços da irreligião e da imoralidade. Então ela merecerá conservar o glorioso título de Católica e atravessará com sucesso as tormentas políticas; um país onde a religião é venerada e que se abriga sob a proteção dos Santos não poderia cair em decadência.

Terminaremos aqui este capítulo, já demasiado extenso. Teríamos ainda muito a dizer da Itália, da Polônia, da Alemanha, da França, das Índias Orientais etc., mas temeríamos, como o P. Van der Borght, nunca

¹²³ Ver a biografia dessa piedosa moça, impressa em Gand por Rousseau-Warrie.

chegar ao último milagre, se quiséssemos não omitir nenhum. Que nos baste assegurar que Santo Antônio continua a ser em toda a parte o Santo bem-amado do povo e que ele jamais estará em dívida de generosidade para recompensar a devoção dos povos por inumeráveis benefícios.

CAPÍTULO XXVI

Hinos em honra de Santo Antônio de Pádua.

É natural que os prodigiosos méritos do ilustre Antônio, manifestando-se no mundo por toda sorte de benefícios, fossem cantados pelos poetas, tão numerosos nos séculos treze e quatorze. A vivacidade de sentimento e de imaginação caracterizava então a poesia. Os poetas, e sobretudo aqueles que cantavam em latim, faziam pouco caso da harmonia do estilo; limitavam-se a exprimir, numa prosa cadenciada e às vezes rimada, sentimentos de uma profunda admiração ou orações cheias de fé e ardor. Acreditamos agradar ao piedoso leitor pondo-lhe sob os olhos alguns hinos que conseguimos descobrir aqui e ali. Acrescentaremos o texto latino na sequência deste capítulo.

I

“Exaltemos neste dia, com alegria, Jesus Cristo, nosso Rei, pois Antônio entoava um cântico de felicidade em sua brilhante corte!

“Glorioso êmulo de seu pai Francisco, ele soube imitar seus nobres exemplos e, como ele, semelhante a uma fonte de onde jorra uma água abundante, espalhar ao longe águas regeneradoras e vivificantes.

“Essas águas salutares refrescavam o mundo, pois Antônio saciava de vida as almas que secavam de sede e reanimava-as com o orvalho do céu.

“Enquanto ele, digno filho de um pai cujo corpo carrega os santos estigmas, desenvolve a inscrição do cadafalso da cruz, ele contempla seu Pai que aí foi pregado.

“Combatendo sob um tão glorioso chefe, ele permanece invencível porque é senhor de si; a tentação não o combate mais, pois, soldado corajoso, seu augusto chefe admitiu-o em seus divinos tabernáculos.

“Intrépidos no campo de batalha, para igualar a glória militar de nossos antepassados; saibamos, por um nome puro e sem mácula, vencer a ignomínia!

“Que o Pai todo-poderoso faça que assim seja! Que Deus Filho, que Deus Espírito Santo, o Espírito criador semelhante a ambos, nos conceda essa felicidade! Assim seja.

II

“Glória e louvor ao nosso Rei, a recompensa dos combatentes; ele se dá a Antônio em recompensa de sua bravura!

“Antônio, homem sublime, que recebestes, no gozo da visão divina, o penhor de glória que entrevistes desde este mundo;

“Vossos filhos têm mil motivos de se afligir por vossa morte; no entanto, vós não sois para aqueles que possuem vossos restos mortais, um corpo morto, mas uma preciosa joia.

“Vós predissestes essa glória, em Pádua; essa glória tão rica em dons celestes.

“Que, pela vossa intercessão, Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo, o divino consolador, nos preservem de toda mácula do pecado! Assim seja.

III

“Jesus, verdadeira luz das almas, iluminai-nos ao amanhecer; vós, que fazeis brilhar Antônio, por milagres, no meio das trevas deste mundo.

“Com o sinal da redenção humana, vós socorreis os viajantes prestes a naufragar e, iluminando-os por um raio de luz, vós os reconduzís ao porto.

“A luz da fé ilumina a alma de um herético no momento em que um copo lançado com força contra o

chão, salta em vez de se quebrar, apesar de sua extrema fragilidade.

“Um clérigo, que zombou da luz da graça e dos milagres do Onipotente, é atingido por dores mortais; ele faz uma promessa, levanta-se e torna-se ele próprio a testemunha da glória do Santo.

“Que por ele o Pai das luzes nos arme com a luz daquele que esclarece os homens, e com a força do Espírito Santo! Assim seja.¹²⁴

IV

“Cantemos em coro cânticos de glória e de louvor em honra do Deus que faz pelo ministério de Antônio milagres semelhantes aos que ele próprio fez outrora!

“Com as águas da torrente da Ibéria ele cicatrizou os corações feridos; com a força divina, ele curou os corpos enfermos e sofredores.

“Regozijai-vos, feliz Espanha, com vosso ilustre cidadão, que tornou toda a Itália célebre por seus deslumbrantes méritos!

“E vós, Pádua, levantai-vos e cantai vosso hino, visto que, mais feliz do que as outras cidades, pudestes melhor do que elas, aprender com Antônio a andar no caminho da virtude!

¹²⁴ Este hino foi composto por São Boaventura, frade menor, cardeal e doutor da Igreja.

“Aquele que saciava outrora vossos habitantes com as águas santificantes da vida, mostra por seus milagres o quanto é grande.

“Enriquecida, ó Pádua, de sua ossada, por um favor de Deus, aprendei de vosso pobre mestre a desprezar as coisas perecíveis.

“Jesus Cristo, nascido de uma Virgem, pobre e amigo dos pobres, enriquece aqui embaixo e no outro mundo, os pobres que são sem mácula.

“Obtende, ó bem-aventurado Antônio, aos vossos servidores que não cessam de cantar vossos louvores, a paz eterna!

“Concedei-nos, ó adorável Trindade, o que vos pedimos muito humildemente, e revesti-nos do traje nupcial nos adros celestes que vós habitais! Assim seja.

V

Hino das alegrias de Santo Antônio.

“Cantemos as alegrias de Santo Antônio de Pádua que foi introduzido durante sua juventude, nas moradas celestes.

“Regozijai-vos, ó Antônio! porque cheio de graça divina desde vossa tenra idade, pudestes desde então vos elevar acima do mundo terrestre.

“Regozijai-vos, porque suspirastes com um inflamado ardor pelo martírio, e mudastes de regra para levar uma vida mais austera.

“Regozijai-vos, porque vossa espantosa sabedoria vos deu o mérito de ser nomeado pelo soberano Pontífice a Arca da aliança.

“Regozijai-vos, porque ardente de zelo pela justiça fazíeis corajosas reprimendas que vos atraíram numerosas perseguições.

“Regozijai-vos, porque vos distinguistes tanto por vossos milagres que são atestados pelos corações que enchestes de arrependimento.

“Regozijai-vos, porque fostes dotado do espírito de profecia pelo qual, e com o auxílio do Espírito Santo, predissestes as coisas futuras.

“Regozijai-vos, porque chamado ao céu pelo Senhor, podeis reinar aí com Jesus Cristo, durante todos os séculos, coroado pelas palmas da vitória! Assim seja.

Terminamos esta série de hinos por uma Ode que o nobre Antonio Querengi dedicou à sua cidade natal. Ela foi conservada por Ambrosio Bzovio e é citada por Wadding.¹²⁵

¹²⁵ Ad a. 1232, XV.

VI

“Exaltemos até às nuvens, por nobres acentos, os maravilhosos méritos do ilustre Antônio, e cantemos a esplendorosa glória de nossa cidade.

“Nascido na extremidade das margens do Tejo, de ilustres pais, ele preferiu o bastão do pobre peregrino às comodidades do lar paterno.

“Tocado até ao fundo da alma pelo amor de Jesus Cristo, ele se lançou em mil perigos, para merecer entrar no glorioso coro dos mártires.

“Dotado de uma espantosa eloquência, ele banuiu a corrupção dos costumes de todas as cidades em que morou.

“Pôs em fuga legiões de príncipes infernais, deu um vigor benfazejo a membros doentes, e devolveu a paz ao mundo.

“Ó, que feliz é a nossa cidade onde sua voz ressoou pela última vez, e onde repousa sua sagrada ossada!

“Glória à adorável Trindade, ao Pai supremo, ao Filho e ao Espírito Santo, durante os séculos dos séculos! Assim seja.

VII

Não poderíamos omitir aqui o célebre *Responsorium*, composto por São Boaventura. É um

canto sublime que recorda sucintamente todos os milagres de Santo Antônio. O santo doutor, após ter meditado sobre os méritos e sobre a glória de seu glorioso confrade, sentiu um vivo desejo de poder descrever, em poucas palavras, os feitos maravilhosos do Santo a fim de espalhar rapidamente o conhecimento deles entre o povo. Exaltado em seu espírito por essa meditação, ele tomou da pena e escreveu, em santo transporte este *Responsorium* que não é senão um ardente ímpeto do coração que se tornou a ocasião de muitos milagres. Damos aqui uma antiga tradução da *collecte*:

Se quereis espetáculos,
Que declaram a santidade:
Se pedis milagres,
Ei-los em grande quantidade.

O grande Antônio de Pádua,
O poderoso favorito dos céus,
A quem todo mundo se devota,
Produz mil efeitos maravilhosos.

Ele sabe banir a morte pavorosa,
O erro e a calamidade,
Os demônios e a lepra hedionda;
Em toda parte ele dá a saúde.

O mar apazigua sua cólera,
E cede ao seu comando:
Ele parte a corrente severa
De um deplorável aprisionamento.

Alguma coisa está perdida,
Encontra-se com seu concurso:
De todo mundo é bem conhecida,
A verdade deste discurso.

Os perigos do corpo e da alma
São felizmente evitados
Pelo mortal que o chama
Em todas suas necessidades.

Que em toda parte cada qual o louve:
Visto que em sua calamidade,
Tanto quanto os de Pádua,
Ele pode ser assistido.

ORAÇÃO

Ó Deus, permiti que a intercessão de Santo Antônio regozije vossa Igreja, a fim de que não cessemos de ser protegidos por auxílios espirituais, e que mereçamos saborear um dia as alegrias eternas. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim seja.

APPENDICE.



Hymni in honorem S. Antonii.

(Voir le vingt-sixième chapitre.)

I.

En gratulemur hodie
Christo regi jucundius,
In cujus aula gloriae
Jam jubilat Antonius.

Francisci patris aemulus,
Sic ille se contemperat,
Ut fonte manans rivulus,
Aquaſ vitae circumferat.

Longe, lateque diffluit,
Sitique mortis aridos
Verbo salutis imbuit,
Daus rore sacro vividos.

Hic stigmatum qui bajulo
Patri natus innititur,

Dum prædicat de titulo,
Confixus ille cernitur.

Sub tanto duce militans,
Vincendo se non vincitur,
Duci miles cohabitans
Jam bello non concutitur.

Nos in campo certaminis.
Patrum zelantes gloriam,
Hic sub re nostri nominis,
Vincamus ignominiam.

Praestet hoc Nati Genitor.
Hoc genitoris genitus,
Ac par utrique conditor,
Paraclitus hoc Spiritus. Am.

II.

Laus regi plena gaudio,
Qui merces militantium
Seipsum dat Antonio
Militiae stipendium.

Antoni vir egregie,
Qui tuae, quam praenoveras
Hic vivens arrhas gloriae
Christum videns acceperas.

Pro te digna, dum moreris,
Natorum fit commotio,
Margaritae, non funeris,
Cujus fias possessio.

Hujus honorem gloriae
Praedixeras in Padua,
Quae tantis in te gratiae
Manet donis irrigua.

Per te Pater cum Filio
Consolatorque Spiritus
A criminis contagio
Nos hic emundet funditus. Am.

III.

Jesu lux vera mentium,
Nos illustra diluculo,
Tot signis per Antonium,
Opaco fulgens saeculo.

Hic nautis in naufragio
Signo salutis adfuit,
Quibus sub lucis radio
Vitae ducatum praebuit.

Hereticum lux fidei
Signo purgat dum jacitur
Ab alto vasis vitrei
Fragilitas non frangitur.

Irrisor lucis gratiae
Signorum languet clericus:
Post votum surgens gloriae
Sapientis fit testis publicus.

Per hunc nos Pater luminum
Signet et lux de lumine
Illustratoris hominum,
Cum Spiritus munimine. Amen.

IV.

Chori nostri praecònum,
Laudes resultet Domino,
Miranda per Antonium
More patranti pristino.

Yberi potu fluminis,
Aegra sanavit pectora,
Superni virtus numinis
Per idem sanans corpora.

Alumno felix inelyto
Congaudeat Hispania
Ex cujus tota merito
Fit celebris Italia.

Sed Paduana potius
In laudem surge civitas
Per hunc instructa plenius
Rectas tenere semitas.

Qui tuo quondam populo
Vitae fundebat pocula,
Quo sit insignis titulo,
Declarat per miracula.

Membris ejus mirificis
Ditata Dei munere
Rebus elabi lubricis
Magistro disce paupere.

Pauper natus de virgine,
Christus dilector pauperum
Egentes sine crimine
Ditat hic et in posterum.

In tua laude sedulis,
Antoni beatissime,
Tuis acquire famulis
Dei pacem hic ultime.

Praesta beata Trinitas,
Quod postulamus supplices

In domo quar in habitas
Da nobis stolas duplices. Amen.

V.

HYMNUS

de gaudiis S. Antonii.

Sancti Antonii Paduensis
Celebremus gaudia,
Qui aetate juvenili
Coeli scandit palatia.

Gaude Antoni serve Christi,
Quod aetate tenera
Plenus gratia fuisti,
Ut ires ad aethera.

Gaude quod martyrium
Tanto ardore flagitasti,
Et regulam tuam mutasti
Ut ires ad supplicium.

Gaude quod in sapientia
Eras tanti momenti,
Ut a Papa dicereris
Arca novi Testamenti.

Gaude quod zelo succensus
Justitiae, redarguebas
Omnes, et propter hoc eras
Multis vitiosis offensus.

Gaude quod miraculorum
Fulges virtute praecelsa :
Hoc testantur conversorum
Corda per te conversa.

Gaude quod prophetizandi
Dona plene possedisti,
Et futura praedixisti
Dono Spiritus praegrandi.

Gaude quod a Deo sublatus
Tandem ad sublimia
Apud Christum laureatus
Sedebis in Saecula. Amen.

VI.

DIVO ANTONIO PATAVINO.

Confess. Sacrum.

Dignis ad astra vocibus
Laudes feramus Maximi
Antonii, et urbis inclitam
Nostrae canamus gloriam.

Hic ille natus ultimas
Tagi qui ad undas nobili
Domo, paternis commodis
Mendicitates praetulit.

Qui Christi amore saucius
In mille se discrimina
Conjecit, ut caelestium
Choro adderetur martyrum.

Hic singulari praeditus
Linguae eloquentis munere
Quaecumque adivit urbium
Mores fugavit improbos.

Orci fugavit agmina
Infanda, et aegris artubus
Salubre robur indidit
Pacemque in orbem retulit.

O nostra felix civitas
In qua supremis vocibus
Confessor almus claruit
Et sancta membra condidit.

Sit Trinitati gloria,
Summoque Patri et Filio
Simulque sancto flamine
In Saeculorum Saecula. Am.

VII.

Responsorium in honorem S. An-
tonii a S. Bonaventura con-
cinnatum.

Si quaeris miracula:
Mors, error, calamitas,
Daemon, lepra fugiant,
Aegri surgunt sani.

†. Cedunt mare, vincula;
Membra, resque perditas
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.

℞. Pereunt pericula,
Cessat et necessitas,
Narrent hi qui sentiunt,
Dicant Paduani!

ŷ. Cedunt, etc.

℞. Gloria Patri, etc.

ŷ. Cedunt, etc.

ŷ. Ora pro nobis, beate An-
toni,

℞. Ut digni efficiamur pro-
missionibus Christi.

OREMUS.

Ecclesiam tuam, Deus B. An-
tonii, Confessoris tui, depreca-
tio votiva laetificet; ut spiri-
tualibus semper muniatur aux-
iliis et gaudiis perfrui mereatur
aeternis. Per Christum Domi-
num nostrum. Amen.



Aprovações

Como a devoção a Santo Antônio, que data de tantos séculos, cresce ainda diariamente, parece-nos útil trazer à luz uma vida detalhada desse Santo. Após ter lido esta obra, constatamos que ela não contém nada contrário à fé ou aos bons costumes, mas que, ao contrário, é muito própria a aumentar ainda a mencionada devoção.

St-Trond, 25 de março de 1853.

FR. GABRIEL MILIS S. T. LECTOR.
FR. PIUS VAN DER VELDEN S. T.
LECTOR JUB.

Nós permitimos que esta obra, examinada e aprovada por dois Teólogos de nossa Província, seja trazida à luz para aumentar a devoção a Santo Antônio.

Dado em St-Trond, em nosso Convento dos frades menores recoletos, em 26 de março de 1853.

F. ARCHANGE VENDRICKX,
Ministro-provincial.

Vidi Gandae, 8 aprilis 1853.

J. TOLLENAERE, CAN. LIB. CENS.